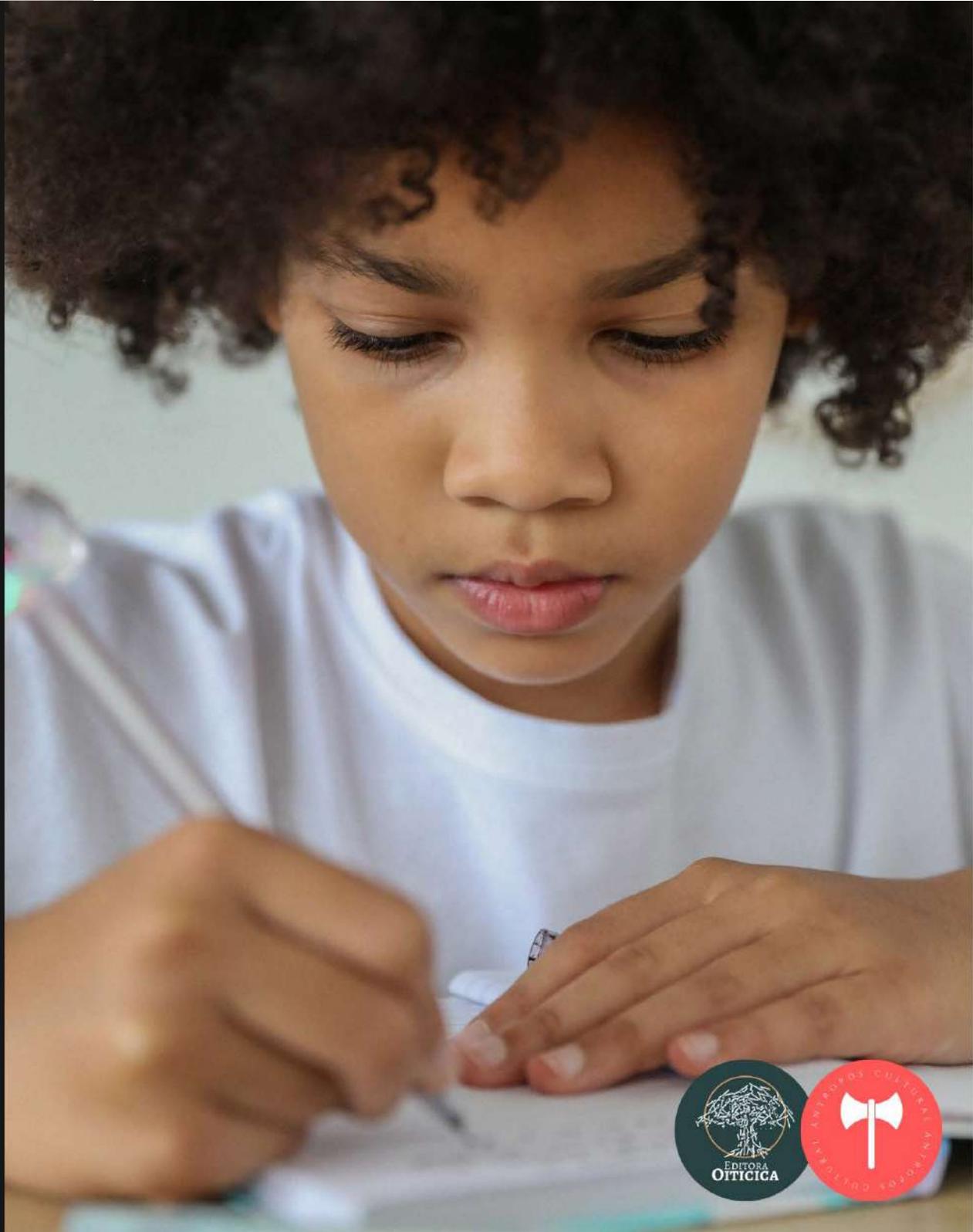


Geraldo Barboza de
Oliveira Junior (Org.)

NEGRITUDE POTIGUAR

VOL. 7 - EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: TEXTOS, EXPERIÊNCIAS & CARTILHAS PEDAGÓGICAS



Copyright © 2023, Editora Oititica, alguns direitos reservados

Copyright do texto © 2023, os autores

Copyright da edição © 2023, Editora Oititica



Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição-NãoComercialSemDerivações 4.0 Internacional - CC BY-NC (CC BY-NC-ND). Os termos desta licença estão disponíveis em: <<https://creativecommons.org/licenses/>>. Direitos para esta edição cedidos à Editora Oititica pelos autores e organizadores desta obra. O conteúdo publicado é de inteira responsabilidade dos seus autores, não representando a posição oficial da Editora Oititica.

contato@editoraoititica.com.br | www.editoraoititica.com.br
João Pessoa, PB

CONSELHO EDITORIAL

Ana Karine Farias da Trindade Coelho Pereira (UFPB)

Danielle Fernandes Rodrigues (UFPB)

Geraldo Barboza de Oliveira Junior (IFRN)

Hieny Quezzia de Oliveira Bezerra (FCU)

José Gláucio Ferreira de Figueiredo (UFCC)

José Moacir Soares da Costa Filho (IFPB)

José Nikácio Junior Lopes Vieira (UFPB)

Julyana de Lira Fernandes Gentile (FCU)

Larissa Jacheta Riberti (UFRN)

Luiz Gonzaga Firmino Junior (UFRN)

Mayara de Fátima Martins de Souza (PUC/SP)

Wendel Alves Sales Macedo (UFPB)

SELO EDITORIAL

ANTROPOS CULTURAL

– O selo editorial ANTROPOS CULTURAL traz como proposta a publicação de livros sob uma ótica da difusão do conhecimento, respeitando tanto o saber acadêmico como o popular.





NEGRITUDE POTIGUAR, vol. VII: Educação Antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Organizador:

Geraldo Barboza de Oliveira Junior

Editor:

Heitor Augusto de Farias Oliveira

Capa:

Pexels

Autores:

Geraldo Barboza de Oliveira Junior

Daniel Luiz Sousa de Lima

Francisca Ramos-Lopes

José Lucena de Medeiros

Luiza Marte Ferreira

Thaísa R. de Freitas Revorêdo Cardoso

Cássia de Fátima Matos dos Santos

Felipe Alves Paulo Cavalcanti

João Maria de Sousa Fraga

Josué Rocha Silva de Oliveira

Maria Dilza de Medeiros Vieira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Negritude Potiguar, vol. 7 [livro eletrônico] : educação antirracista : textos, experiências & cartilhas pedagógicas / Geraldo Barboza de Oliveira Junior, (org.). -- João Pessoa, PB : Antropos Cultural, 2023. -- (Negritude Potiguar ; 7)

PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-996510-7-6

1. Antirracismo - Brasil 2. Cultura negra 3. Educação 4. Negros - Identidade étnica 5. Negros - Identidade racial - Brasil 6. Práticas educacionais 7. Racismo - Aspectos sociais 8. Relações étnico-raciais 9. Sociologia educacional - Brasil I. Oliveira Junior, Geraldo Barboza de. II. Série.

23-161435

CDD-306.43

Índices para catálogo sistemático:

1. Relações étnico-raciais : Sociologia educacional 306.43

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



A tão conhecida e perpetuada frase de Ângela Davis que afirma que não *basta não ser racista, é necessário ser antirracista*, é de fundamental importância e reflexão quando falamos de educação.

.....

O racismo no Brasil está na música, no nosso vocabulário, nas piadas, nos nossos livros, na televisão, nos filmes e até nos nossos livros didáticos. Então, se nós, enquanto educadores, não pensarmos em uma educação para transgredir, dificilmente mudanças acontecerão.

NATÁLIA DELAMARTE FRANÇA

(pedagoga)



Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados. Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade.

Cheguei à conclusão de que não necessitamos perguntar nada a ninguém. Com o decorrer do tempo vamos tomando conhecimento de tudo.

CAROLINA MARIA DE JESUS



AUTA HENRIQUETA DE SOUZA nasceu em Macaíba, em 12 de setembro de 1876, filha de Elói Castriciano de Souza e Henriqueta Leopoldina Rodrigues e irmã dos políticos norte-rio-grandenses Elói de Sousa e Henrique Castriciano.

Ficou órfã aos três anos, com a morte de sua mãe por tuberculose, e no ano seguinte perdeu também o pai, pela mesma doença. Sua mãe morreu aos 27 anos e seu pai aos 38 anos.

Durante a infância, foi criada por sua avó materna, Silvina Maria da Conceição de Paula Rodrigues, conhecida como Dindinha, em uma chácara no Recife, onde foi alfabetizada por professores particulares. Sua avó, embora analfabeta, conseguiu proporcionar boa educação aos netos.



APRESENTAÇÃO

É consensual o reconhecimento do papel da educação na formação política e social das sociedades. Os lucros, em termos de cidadania, são incontáveis. Todos ganham quando se coloca a informação e a formação como elemento de importância maior na construção de uma sociedade mais justa e solidária. Nesse sentido, uma educação que reconheça a existência do racismo como um dos grandes entraves desse objetivo. Ao mesmo tempo, que os dados colhidos e replicados sejam utilizados com construção de políticas públicas de combate às práticas racistas e de demais intolerâncias.

Nesse contexto, podemos lembrar de duas situações na história brasileira que mostram processos educacionais e políticas públicas que exemplificam o racismo estrutural da sociedade brasileira.

Em 14 de janeiro de 1837, o Brasil publica a Lei nº 1 sobre educação pública no Brasil: *“São proibidos de frequentar as escolas públicas: primeiro: pessoas que padecem de moléstias contagiosas. Segundo: os escravos e os pretos africanos, ainda que sejam livres ou libertos”*. Em 1859 a Lei de Terra financiou uma reforma agrária para os imigrantes e foi estruturante para a consolidação de uma elite agrária no Brasil. Em 1890 a Lei dos vadios e capoeiras:

Art. 402. Fazer nas ruas e praças publicas exercícios de agilidade e destreza corporal conhecidos pela denominação capoeiragem; andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumultos ou desordens,



ameaçando pessoa certa ou incerta, ou inculcando temor de algum mal: Pena – de prisão celular por dous a seis mezes. [...] Paragrapho unico. E' considerado circunstancia agravante pertencer o capoeira a alguma banda ou malta.

Por fim, chegamos ao ano de 1968, com a Lei Federal nº 5.465, conhecida como Lei do Boi. Tratava-se de uma lei com validade de 1964 até 1985 que dispunha sobre reserva de vagas (cotas) para agricultores e filhos de agricultores no ensino público federal. Na prática, essa lei beneficiou os fazendeiros que podiam manter seus filhos estudando em escolas técnicas e universidade. Esse sistema de cotas não dava apoio financeiro à manutenção dos estudantes. Essa prática, mais uma vez, excluiu filhos de pequenos agricultores.

A história brasileira deve mostrar esses exemplos de políticas públicas que beneficiaram somente uma classe social. Talvez, com essa informação sendo divulgada e discutida, se discuta de maneira séria a questão as cotas educacionais e sociais necessárias à construção de uma sociedade mais justa.

Os capítulos aqui apresentados estão divididos em duas categorias: textos e relatos de experiência. Mostramos, assim, aspectos teóricos e práticos de uma educação antirracista. O público de alunos que motivaram os textos a seguir vai desde o 5º no Ensino Fundamental até cursos de pós-graduação em escolas e universidade do Rio Grande do Norte.

O primeiro capítulo, “Política de cotas para negros” do professor (e Bacharel em Direito) João Maria Fraga, sobre a política de cotas no Brasil. Com uma larga experiência como historiador e professor de história em consonância com argumentos jurídicos, somos levados a uma reflexão contemporânea sobre essa questão.



O segundo capítulo, “A história de vida de Carolina como ressignificação: literatura e etnicidade na EJA”, do professor Jufran Alves Tomaz, é um texto sobre Carolina de Jesus que é utilizado com as turmas de educação de jovens e adultos. A presença de alunos negros levou o professor a aperfeiçoar metodologias que resultem na discussão sobre etnicidade, racismo e literatura.

O terceiro capítulo, “As Imagens nos livros didáticos e as relações étnico-raciais”, da professora Luíza Ferreira Marte, com uma reflexão sobre as imagens nos livros didáticos e sua relação com questões étnico-raciais. A professora Luíza traz também a experiência de ter nascido e morado em uma das comunidades quilombolas de sua região.

O quarto capítulo, “Oficinas de leitura e a ressignificação de práticas racistas que circulam na escola”, da professora Francisca Lopes Ramos que atua no ensino superior na área de literatura e escreve sobre sua metodologia de Oficinas de leitura e a ressignificação de práticas racistas no ambiente escolar.

O quinto capítulo, “Práticas educacionais antirracistas em sala de aula: “macumba é instrumento musical”, do professor (de História, arte e cultura afro-brasileira) Josué Rocha Silva de Oliveira, é sobre sua prática pedagógica de mostrar elementos afro-brasileiros nas disciplinas de arte e história em uma escola cristã. Conseguir juntar arte, história e pesquisa sobre instrumentos musicais relacionados à capoeira e às religiões de matriz africana e afro-ameríndia a partir de sua atuação como luthier é a experiência colocada aqui como prática de educação antirracista. Além da experiência no ambiente escolar, Josué mostra uma ação de extensão da prática da capoeira em uma área de preservação de Natal,

O sexto texto, “A história e cultura do RN em sala de aula: caminhos e possibilidades para uma educação antirracista”, do professor Daniel Luiz Sousa de Lima, mostra a relação da produção historiográfica do Rio Grande



do Norte e a invisibilidade e o viés racista como base dessa literatura. As inúmeras manifestações culturais de origem negra são ignoradas e/ou folclorizadas. Na sala de aula esse processo histórico tem reflexos nas relações entre alunos brancos e negros. O texto mostra dados que corroboram essa condição obtidos por uma pesquisa do autor.

O sétimo texto, “Educação, inclusão e antirracismo: um relato de experiências do NEABI no IFRN/Campus Lajes (2018-2021)”, dos professores Cássia de Fátima Matos dos Santos e Felipe Alves Paulo Cavalcanti, mostra a atuação deles enquanto professores do Instituto Federal e participantes do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas -NEABI/IFRN. Temos um relato sobre as atividades desenvolvidas pelos professores com alunos e comunidades quilombolas da região circunvizinha à escola. Detalhe: atividades, também, desenvolvidas na pandemia em formato remoto.

O oitavo texto, “Letramentos na comunidade quilombola de Coqueiros”, da professora Thaísa Raphaela de Freitas Revorêdo Cardoso, mostra, além de sua experiência, seu olhar de sensibilidade e envolvimento com uma comunidade quilombola. Uma experiência rica em detalhes que foram construídos no cotidiano escolar e social.

O nono texto, “Identidade negra: Um novo olhar antropológico na desconstrução do preconceito”, da professora Maria Dilza de Medeiros Vieira, é resultado de sua experiência pedagógica em uma escola da zona rural de sertão potiguar que entre seus alunos tinham vários de uma comunidade quilombola. É um relato denso de uma experiência que levou alunos, pais e professores a uma reflexão sobre racismo e identidade no ambiente escolar e na sociedade.

O texto de José Lucena mostra um exemplo de uma práxis através da Amostra Afro-Brasil: sou negro, sim! Realizada na cidade de Caicó com as turmas dos segundos anos do Ensino Médio. Mostra, ainda mais, de forma metodológica os passos, os percalços e as conquistas com esse momento.



Enfim, a publicação de mais um volume da série Negritude potiguar, agora abordando reflexões e práticas pedagógicas antirracistas é, além de mais uma conquista, um presente aos professores, alunos, pesquisadores e à sociedade em geral. Os textos que compõem esse volume revelam a importância do professor na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Laroyê!

Kaô Kabiesile!

GERALDO BARBOZA DE OLIVEIRA JUNIOR



PREFÁCIO

Em um país que ensina a esquecer e esquece para ensinar, uma educação antirracista é urgente. Não resolvemos nossos problemas no 13 de maio de 1888, tampouco os solucionamos com o mito da democracia racial no pós-abolição. Criamos novos imbrólios. E só teremos condições de superá-los quando tivermos a tão sonhada máquina da democracia de Anísio Teixeira, uma escola pública forte, e a educação como Paulo Freire e Bell Hooks entendiam, como prática de liberdade.

Não haverá justiça social enquanto a escola não for vista como um espaço diverso e multifacetado que tem como propósito ser resistência a uma disputa de poder secular. Educar indivíduos críticos é inadiável para que emergam novas possibilidades de sociedade; mais equânime e verdadeiramente antirracista.

É diante disso que uma obra como esta se faz tão relevante para a educação brasileira. O que está sendo proposto pelos autores envolve colocar o dedo na ferida, destrinchar a História, remexer estruturas e trazer à luz o que foi suprimido nos Quartos de Despejo do país.

Abra as leis “abolicionistas” – com aspas, com ironia, com ultraje –, abra os livros didáticos, abra as portas da sala de aula, abra as sequências



didáticas, abra os conceitos e os pré-conceitos. Abra tudo. Escancare. Veja e demova todo o eurocentrismo impregnado ali. É esse o chamado dessas palavras.

Venham, educadores, me abram seus braços e a gente faz um país. Um país radicalmente antirracista capaz de construir a máquina da democracia.

LAVÍNIA ROCHA

Escritora, palestrante e professora de História da educação básica, vencedora do prêmio *Perestroika* para professores criativos.



SUMÁRIO

POLÍTICA DE COTAS PARA NEGROS NO BRASIL

João Maria de Sousa Fraga | 22

AS IMAGENS NOS LIVROS DIDÁTICOS E AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA CONSTRUÇÃO DO CURRÍCULO ESCOLAR

Luiza Marte Ferreira | 59

OFICINAS DE LEITURA E A RESSIGNIFICAÇÃO DE PRÁTICAS RACISTAS QUE CIRCULAM NA ESCOLA

Francisca Ramos-Lopes | 83

PRÁTICAS EDUCACIONAIS ANTIRRACISTAS EM SALA DE AULA: “MACUMBA É INSTRUMENTO MUSICAL”

Josué Rocha Silva de Oliveira | 104

A HISTÓRIA E CULTURA DO RN EM SALA DE AULA: CAMINHOS E POSSIBILIDADES PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Daniel Luiz Sousa de Lima | 144



EDUCAÇÃO, INCLUSÃO E ANTIRRACISMO:
UM RELATÓ DE EXPERIÊNCIAS DO NEABI NO IFRN/CAMPUS LAJES (2018-2021)

Cássia de Fátima Matos dos Santos
Felipe Alves Paulo Cavalcanti | 161

IDENTIDADE NEGRA:
UM NOVO OLHAR ANTROPOLÓGICO NA DESCONSTRUÇÃO DO PRECONCEITO

Maria Dilza de Medeiros Vieira | 194

LETRAMENTOS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE COQUEIROS

Thaísa Raphaela de Freitas Revorêdo Cardoso | 264

**UMA PRAXIS NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM NA
EDUCAÇÃO BÁSICA [NÍVEL MÉDIO]:**
AMOSTRA ÁFRO-BRASIL: SOU NEGRO, SIM [memórias, registros e apontamentos]

José Lucena de Medeiros | 333

ANEXO

Autor desconhecido | 345



AUTORES

Geraldo Barboza de OLIVEIRA JUNIOR (Org.). Antropólogo. Bacharel em Ciências Sociais (UFRN) e Mestrado em Antropologia Social (UFSC). Doutorando em Desenvolvimento e Meio Ambiente (UFPI-PRODEMA). Cursou também Economia (UFRN), Direito (UNP) e Doutorado em Demografia, mas não concluiu. Professor em faculdades privadas e pesquisador voluntário no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte-IFRN no Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas – NEABI e Núcleo de Estudos de Gênero, Educação e Identidade – NEGEDI). Consultor em Programas de Desenvolvimento: Banco Mundial, Governos Estaduais e Municipais. Assessor voluntário em Comunidades Quilombolas no RN e Ogã no Ilê Axé Ojisé Olodumare (Casa do Mensageiro), Bahia.

João Maria FRAGA. Professor e advogado. Bacharel e licenciado em História. Especialista em História da América Latina e Mestre em Ensino da História (UFRN). Bacharel em Direito (UNP). Especialista em Direito Penal e Processual (UNI/RN), tem publicação na área de História do RN. Autor do livro Tecedores de sonhos ao aluar. Pesquisa O Ensino e História, com a dissertação “O uso da música como recurso didático e documento no ensino da história sobre os governos militares no Brasil.

Jufrán Alves TOMAZ. Nasceu em Santana do Matos, RN, 1978. Atualmente mestrando em Estudos da Linguagem (UFRN), especialista em História e Cultura Afro-brasileira (UNIASSELVI); graduado em História pela UNINTER



(2020) e em pedagogia pela UERN (2005). Atua como professor integrado à rede municipal de Ensino do município de Arês-RN, desde 2009. Tem interesse em pesquisas relacionadas à “loucura” termo clássico utilizado por Michel Foucault em diversas áreas do conhecimento.

Luiza Marte FERREIRA. Quilombola Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA (2009) e especialização em Orientação Educacional pela Faculdade Integrada de PATOS(2010). Mestrado em Andamento em docência em educação UNASUR (2013). Atualmente é Professora da Escola Municipal Professor Osvágrio Rodrigues de Carvalho. Tem experiência na área de Educação.

Francisca Ramos LOPES. Graduação e Especialização em Letras (UERN), Mestrado e Doutorado em Estudos da Linguagem (UFRN). Lecionou por mais de 20 anos na Educação Básica. Concursada da UERN (2002), Campus de Açu, Departamento de Letras/Língua Portuguesa. Ensina na Graduação e no Mestrado Profissional em Letras. Desenvolve e orienta atividades de pesquisa e extensão, com foco em práticas discursivas na escola e na sociedade, destacando-se temáticas referentes à leitura; às identidades e à diversidade étnico-racial.

Josué Rocha Silva de OLIVEIRA. Licenciado em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Contramestre de capoeira, membro titular do comitê gestor da salvaguarda capoeira do Rio Grande do Norte, luthier dos instrumentos musicais tradicionais da capoeira, fundador do projeto cultural capoeira no parque juntamente com Dr.^a Ana Carmem do Nascimento Silva de Lima e Prof. Marcos Felipe de Lima e Silva, professor da rede privada de ensino médio na cidade de Natal-RN desde 2017.



Daniel Luiz Sousa de LIMA. Licenciado em História. Especialização em História e cultura africana e afro-brasileira. Mestrado em Ensino da História com o tema Cultura negra em sala de aula (UFRN). Nesse mestrado foi possibilitada a construção de narrativas positivas sobre manifestações culturais afro-brasileiras, além de questionamentos sobre historiografia oficial do estado que invisibilizam outras matrizes étnicas que não a europeia.

Cássia de Fátima Matos dos SANTOS. Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1990), possui Mestrado (2002) e Doutorado (2010) em Estudos da Linguagem pelo PPgEL/UFRN. Foi professora da educação básica na rede pública e privada de Natal durante 14 anos. Foi docente da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), no período de 2004 a 2017, onde lecionou Literatura brasileira, Luso-brasileira e Teoria literária. Atualmente é professora de Língua Portuguesa do IFRN – Campus São Paulo do Potengi.

Felipe Alves Paulo CAVALCANTI. Licenciado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2013) e possui mestrado em História (2016) pelo Programa de Pós-Graduação em História mesma instituição. Lecionou como professor substituto de História no IFRN entre 2015 e 2016. Desde 2017 é professor da Rede Federal de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, atuando como professor de História do IFRN – Campus Lajes desde 2018. Neste mesmo campus, foi coordenador do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) entre 2019 e 2021.

Tháisa Raphaela de Freitas Revorêdo CARDOSO. Graduada em Letras (UNP), Especialização em Linguística-UFRN, Teorias da Linguagem – UFRN e



em Psicologia Educacional - UNIASSELVI. Escritora. Artigos Publicados na revista Conhecimento Prático de Língua Portuguesa.

Maria Dilza de Medeiros VIEIRA. É professora licenciada em Letras, pós-graduada em Processos Educacionais, História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, Alfabetização e Neurociências: Interfaces na Educação Integral, pela UFRN. _Tenho uma profunda afeição pela história do município de Currais Novos (RN) e uma eterna gratidão pelas comunidades Totoró e Queimadas, berço primordial do meu trabalho. A Literatura de Cordel é minha grande paixão para brincar com a sonoridade das palavras.

José Lucena de MEDEIROS. Professor efetivo do Estado do Rio grande do Norte; Bacharel em História [UFRN], e Mestre em Ciências Sociais [UFRN].



Capítulo 1

POLÍTICA DE COTAS PARA NEGROS NO BRASIL

João Maria de Sousa Fraga

POLÍTICA DE COTAS PARA NEGROS NO BRASIL

João Maria de Sousa Fraga

INTRODUÇÃO

O debate sobre as cotas raciais no Brasil passa por uma discussão que está relacionada ao processo histórico da abolição da escravidão no país e, sobretudo, à ausência de uma proposta de inclusão social para os negros alforriados quando promulgada tal lei. Essa lacuna constituiu-se numa enorme dívida social que, atualmente, o Estado diz pagar com as chamadas políticas afirmativas, ações que buscam fazer uma discriminação positiva e oportunizar aos afrodescendentes o ingresso nas universidades públicas.

As leis abolicionistas, sobre as quais trataremos adiante, foram editadas pelo Estado na segunda metade do século XIX e tiveram como objetivo prorrogar ao máximo a escravidão no Brasil, o último país a aniquilar com o trabalho compulsório nas Américas. O abolicionismo brasileiro fez com que essas leis fossem positivadas sob o pretexto de que estava sendo exterminada a escravidão no país, mas o escopo real era a sua manutenção. Essas leis se restringiam apenas à formalidade, mas, objetivamente, possuíam problemas quanto a sua eficácia e eficiência jurídica (FONSECA, 2009).

Essa conjuntura terminou por manter os ex-escravos marginalizados, após a abolição da escravidão e com a República, recém-iniciada. Cabe ressaltar, no entanto, que essa situação se estende até os dias



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

de hoje, sendo os negros ainda excluídos e segregados socialmente, o que justifica após cem anos da lei “libertadora” as políticas de afirmações sociais. Assim, buscaremos demonstrar a relevância da Constituição de 1988 e de seus princípios fundantes, tais como a dignidade da pessoa humana e a igualdade, na medida em que esses embasam a lei das cotas raciais e a transformam num instrumento de seleção para o ingresso nas universidades públicas brasileiras. Essa prática constitui uma ponte entre a exclusão social dos negros e a inclusão destes, oportunizando sua formação acadêmica e, em perspectiva, inserção no mercado do trabalho. Entretanto, apesar dos elogios, muitas são as críticas a essa opção estatal. Nesse sentido, buscaremos ponderar as principais reflexões sobre o tema, com o propósito de observar os avanços obtidos com tal política, mas também seus possíveis equívocos (FONSECA, 2009).

Este artigo tem o propósito de promover uma reflexão sobre a política afirmativa da cota racial no Brasil com base na Constituição de 1988; Nesse sentido, analisaremos sua constitucionalidade com fulcro no princípio da igualdade e, por último, avaliaremos alguns pontos de vista sobre o tema, tanto dos que a compreendem como avanço na luta pela inclusão dos negros nas universidades públicas quanto daqueles que a percebem como uma discriminação às avessas.

A AUSÊNCIA DE UMA POLÍTICA VOLTADA PARA O NEGRO NO CONTEXTO DAS CONSTITUIÇÕES BRASILEIRAS

A Constituição de 1824, em seu Artigo 1º, declarou que o Estado imperial brasileiro forma uma nação livre e independente e não admite outro laço de união ou federação que se oponha a sua independência. Quanto ao seu território, fica prevista a sua divisão em províncias, as quais eram herdadas das antigas capitanias hereditárias da época da colônia. O

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

governo seria monárquico, hereditário, constitucional e também representativo. Os poderes se norteavam com base no princípio da divisão dos poderes, os quais deveriam ser harmônicos. Entretanto, adotou-se na formulação desses poderes a quadripartição, como propôs Benjamim Constant: Executivo, Legislativo, Judiciário e Moderador. O Poder Legislativo era bicameral; a câmara dos deputados era eletiva e temporária e a câmara dos senadores era composta por membros vitalícios nomeados pelo imperador, usando-se as prerrogativas do poder moderador, que era um poder exclusivo do rei, que se sobrepunha, na prática, aos outros poderes, quebrando assim a ideia de harmonia entre eles (SILVA, 2011).

No Império, a democracia brasileira era baseada em eleições indiretas, havendo o eleitor de paróquia, que elegia o eleitor de província. Este, por sua vez, elegia deputados e senadores. O voto era obrigatório e censitário: votavam apenas os homens com mais de 25 anos de idade e com uma renda anual mínima de cem mil réis. Estavam excluídos da vida política nacional os que estivessem abaixo da idade limite, as mulheres, os assalariados em geral, os soldados, os índios e - evidentemente - os escravos. O poder moderador era exercido pelo imperador, o poder executivo, por ministros de estados sob o comando do imperador, e o poder judiciário era composto por juízes. A Constituição dispõe, ainda, no seu artigo 179, de vários direitos individuais e garantias cujos fundamentos permaneceram em outras constituições na República (SILVA, 2011).

O processo abolicionista brasileiro está inserido nesse contexto de formação e consolidação do jovem estado emergente. Nesse sentido, compreender a ordem constitucional é imprescindível para um melhor entendimento da real dimensão das forças políticas que darão sustentação a essa ordem e a partir dela serão sustentadas.

A abolição tardia e as raízes da dívida social do estado brasileiro para com os negros vinculam-se à maneira como foi introduzido o liberalismo no



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Brasil, ainda no final do século XVIII e início do século XIX, fruto das Revoluções Francesa e Inglesa. Entretanto, a elite agrária rural formada a partir do latifúndio, da agroexportação e da escravidão negra, com o discurso supostamente baseado nos ideais da Revolução Francesa – liberdade, igualdade e fraternidade – paradoxalmente, mantém a prática do tráfico intercontinental de escravos, desobedecendo aos interesses britânicos, sobretudo após a regulamentação da Lei Bill Aberdeen, promulgada pelo parlamento Inglês em 1845, o que terminou obrigando as autoridades locais a editar também a Lei Eusébio de Queirós, de 1850. Essa medida interna inflamou os ânimos da campanha abolicionista no Brasil (FONSECA, 2009). Ainda conforme esse autor:

“Os Caifazes”, liderados pelo advogado Antônio Bento, entre as estratégias do grupo estava a facilitar fugas das fazendas de café, conduzir os fugitivos para a capital paulista e então encaminhá-los para o litoral santista, permitindo que eles se embrenhassem na mata atlântica e chegassem ao quilombo do Jabaquara, que ficava na Baixada Santista (FONSECA, 2009, p. 56).

Essa lei não foi, em seu todo ou em parte, aplicada ou respeitada, sendo, portanto, ineficaz, não sendo considerada como lei válida ou vigente.

Para que se tenha ideia, uma estimativa feita entre os anos de 1831 e 1850, quando uma nova lei foi aprovada reiterando a proibição do tráfico, mais de meio milhão de escravos foram introduzidos No Brasil, demonstrando assim um total desrespeito à lei de 1831 (COSTA, 2001. p. 27).



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Com a lei Bill Aberdeen de 1845, como destaca Fonseca (2009), os ingleses, além de proibir o comércio de escravos, ameaçavam aprisionar navios negreiros brasileiros, traficantes seriam presos e submetidos a um julgamento mediante um tribunal britânico. Tal força coercitiva do Estado Inglês, maior potência capitalista da época, fez com que os mercadores de escravos diversificassem seus capitais em outras atividades, o tráfico passou a ser um negócio de risco.

A luta política foi dura, forte e em 1831 foi aprovada uma lei que proibia o tráfico e tornava livre todo escravo africano desembarcado no Brasil, lei que só foi aplicada após a promulgação de outra, em 1850, pelo gabinete Eusébio de Queirós. Essas leis foram aprovadas devido, em grande parte, à pressão da Inglaterra, uma vez que este país, possuidor da mais importante esquadra do mundo, vinha abordando navios com a bandeira brasileira, confiscando cargas de escravos e prendendo súditos nos país. E seu aço era feita tanto em alto-mar com na costa, pouco distante dos portos principais. Não tendo forças para enfrentar a poderosa potência imperialista e evitando maiores desrespeitos à soberania brasileira, restava o governo abolir o tráfico (ANDRADE, 1987, p. 16 apud SILVA, 2015).

Nesse cenário, a política fundiária desenvolvida pelo império deve ser analisada, visto que a Lei de Terras de 1850, tem grande relação com esse processo, sendo uma ação legislativa realizada com o objetivo de preparar o Brasil para inviabilizar o acesso à propriedade da terra aos negros futuramente “livres” e aos imigrantes que começavam a chegar no país para substituir o trabalho compulsório (FONSECA, 2009). Se num primeiro momento, o rei decidia a quem seriam doadas a propriedade da terra, como

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

exemplo podemos citar as capitânicas hereditárias, as sesmarias, a data da terra, nesse momento era a junta do Imperador que decidia a quem vender uma propriedade e qual o preço cobrado por ela. Assim, o Estado permaneceu controlando a estrutura fundiária do país.

A Lei de Terras de 1850 determinava formalmente a democratização do acesso à propriedade da terra, entretanto, na prática isso não ocorria, na medida em que os negros já alforriados, ou a serem libertos, não possuíam recursos financeiros para fazer aquisição da terra através da compra e ainda não conseguiam adquiri-la por meio de posse ou usucapião, visto que os cartórios eram controlados pela aristocracia rural (FONSECA, 2009).

Para os defensores da escravidão, o envolvimento do Estado brasileiro com a questão da escravidão era um despropósito, visto que a Constituição de 1824 garantia a eles o direito à propriedade privada, e não cabia ao Estado intervir nessa esfera. O mesmo argumento será usado por proprietários de escravos para se opor à Lei do Ventre Livre, pois, emancipar essas crianças nascidas a partir da lei, poderia gerar uma luta de escravos nos países, já que os mesmos reivindicariam também a sua liberdade. A Lei nº 2040 ou Lei do Ventre Livre, após aprovada, “acalmou” o movimento abolicionista, porém não alterou absolutamente em nada a estrutura escravagista. A redação dessa lei mostra concretamente a dubiedade de intenções dos seus autores (FONSECA, 2009). Segundo esse autor,

[...] um grande número de mulheres foi obrigado a abortar. As crianças que chegaram a nascer após a Lei do Ventre Livre foram colocadas na roda dos expostos de congregações religiosas e das Santas Casas de Misericórdia, ou deixadas ao léu nas ruas (FONSECA, 2009, p. 61).



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Os filhos de mulheres escravas que nasceram no Brasil após a Lei nº 2040 foram considerados livres.

LEI Nº 2040 de 28.09.1871 - LEI DO VENTRE LIVRE

A Princesa Imperial Regente, em nome de S. M. o Imperador e Sr. D. Pedro II, faz saber a todos os cidadãos do Império que a Assembleia Geral decretou e ela sancionou a lei seguinte:

Art. 1.º - Os filhos de mulher escrava que nascerem no Império desde a data desta lei serão considerados de condição livre.

§ 1.º - Os ditos filhos menores ficarão em poder o sob a autoridade dos senhores de suas mães, os quais terão a obrigação de criá-los e tratá-los até a idade de oito anos completos. Chegando o filho da escrava a esta idade, o senhor da mãe terá opção, ou de receber do Estado a indenização de 600\$000, ou de utilizar-se dos serviços do menor até a idade de 21 anos completos. No primeiro caso, o Governo receberá o menor e lhe dará destino, em conformidade da presente lei¹.

A mesma prerrogativa estava presente na Lei Sexagenária de 1885 ou Lei Saraiva Cotegipe, pois os escravos eram libertos ao atingir a idade de 65 anos, sendo condicionados a esses o cumprimento de mais cinco anos de trabalho de caráter indenizatório para o seu proprietário. Na verdade, essa lei, assim como a Lei do Ventre Livre, não altera a estrutura escravagista,

¹ Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/lei_ventre_livre.htm>. Acesso em: 15 maio 2016.



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

visto que não era comum o negro chegar aos 65 anos de idade. E quando isso ocorria, não tinha as condições físicas que o tornassem produtivo, sendo para o seu dono muito mais vantajoso livrar-se dele, pois era muito mais oneroso que lucrativo. Muitos foram os casos de negros alforriados pela lei que preferiram permanecer em cativeiro. Afinal, não sabiam qual seria a sorte que teriam em função da idade avançada e das doenças próprias da velhice. Vítimas de condições adversas e sem a tutela estatal, terminavam por engrossar o número crescente de mendigos que perambulavam pelas ruas das grandes cidades. A lei não concedia, portanto, uma manutenção digna, exceto um ou outro que era acolhido em irmandades ou confrarias negras (FONSECA, 2009).

A Lei Áurea foi a última lei sancionada nesse processo de abolição gradual.

Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888

A Princesa Imperial, Regente em Nome de Sua Majestade o Imperador o Senhor D. Pedro II, faz saber a todos os súditos do Império que a Assembleia Geral decretou e ela sancionou a Lei seguinte:

Art. 1º É declarada extinta desde a data desta Lei a escravidão no Brasil.

Art. 2º Revogam-se as disposições em contrário.

Manda, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução da referida Lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como nela se contém.

O Secretário de Estado dos Negócios d'Agricultura, Comércio e Obras Públicas e Interinas dos Negócios Estrangeiros, Bacharel Rodrigo Augusto da Silva, do Conselho de sua Majestade o Imperador, o faça imprimir, publicar e correr.

Dada no palácio do Rio de Janeiro, em 13 de maio de 1888, 67º da Independência e do Império.

Princesa Imperial Regente (FONSECA, 2009, p. 68).

Como podemos observar, a Lei Áurea, apesar de sua repercussão na sociedade brasileira, deixa bastante a desejar, na medida em que se resume tão somente a pôr fim à escravidão sem que trate ou possibilite que sejam traçadas possíveis políticas públicas a serem implementadas pelo Estado, tendo como propósito garantir, de fato, a liberdade do negro por meio da sua inclusão política, econômica e social. Isso não ocorreu em razão da estrutura conservadora que prevalecia no país no final do século XIX, quando da edição da referida lei (FONSECA, 2009).

A Constituição de 1891 deu origem ao governo republicano, os Estados Unidos do Brasil possuíam, a partir daquele momento, um Distrito Federal, o Rio de Janeiro, a capital da União. O país optou por um regime representativo, o sistema presidencialista. Dividiu-se o poder em três e eliminou-se, portanto, o poder moderador, adotando-se o modelo de Montesquieu, baseado na tripartição, segundo a qual os poderes deveriam atuar de maneira harmônica e independente entre si. Outro aspecto importante dessa Constituição é o fato de ela conceder autonomia aos estados e municípios. Esse paradigma constitucional tinha uma forte inspiração norte-americana, suíça e argentina, em seus aspectos formais. Entretanto, não se coadunava com a realidade do Brasil, tal constatação justificará a distorção entre o texto constitucional e as relações políticas e sociais conflitantes no país. Foi a Mais Concisa, possuía 91 artigos e outros 8 inseridos nas disposições transitórias (MENDES, 2012).

A condição dos negros brasileiros não se modificou e este continuará à margem do Estado durante a Primeira República, dominada pelas oligarquias do Café com Leite. O Estado brasileiro negligenciou uma solução para transformar a condição de exclusão do negro pós-Lei Áurea, não promovendo a inclusão dos afrodescendentes para que estes pudessem ser integrados no mercado de trabalho formal e absolvidos como mão de obra



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

assalariada, ou pudessem ter acesso à educação, saúde, moradia e viver em condições de igualdade em relação aos brancos. Nada disso foi garantido na Constituição de 1891, a primeira da república (FONSECA, 2009).

A vinda de imigrantes europeus e asiáticos teve relevante papel na substituição os negros nos cafezais do Oeste paulista e posteriormente suas contratações nas incipientes fábricas que surgiam em meio aos grandes centros urbanos.

No governo de Floriano Peixoto foi aprovado a Lei n. 97, que permitia a entrada de chineses e japoneses no Brasil. A elite nacional não queria a presença negra em nossas ruas, vilas e lavouras. Apesar de considerar os orientais inferiores aos brancos, acreditava que eram superiores aos negros (FONSECA, 2009, p. 76).

A tese da Eugenia, do Darwinismo social, fundamentou a política de imigração realizada pelo Estado na substituição do negro como mão de obra escrava pelo trabalho assalariado dos imigrantes. Esse processo exclui social e economicamente a população negra, que termina sendo condenada ao subemprego, à mendicância, às favelas, aos pequenos furtos, à “vadiagem”, à delinquência em geral e ao estigma que passou a carregar mesmo na condição de ex-escravo.

Durante a República Velha, a sociedade e governo articularam diversas medidas para acelerar o processo de apagamento e silenciamento da população negra no país após a abolição. Tanto que os deputados federais Andrade Bezerra e Cincinato Braga apresentaram o Projeto de Lei n. 209, de 1921, que visava proibir o ingresso de imigrantes negros no Brasil, independentemente de sua nacionalidade. Entretanto, tal projeto não foi acatado; se o fosse, o

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Brasil admitiria ser um país racista, o que não era desejável para o Estado (FONSECA, 2009, p. 77).

Mesmo após a promulgação da Constituição de 1891, permanece negado ao negro o direito à cidadania. O voto, por exemplo, que ocorria com fulcro na renda, agora terá como critério a escolaridade, sendo negado aos analfabetos, grupo no qual estavam inseridos os negros, além de brancos pobres. Nesse contexto de exclusão, estavam as mulheres, pela sua condição de gênero (FONSECA, 2009).

Mesmo depois de tanto tempo decorrido da promulgação da Lei Áurea, a igualdade entre os brancos e negros no Brasil continua sendo apenas formal, não existe uma igualdade jurídica material. Durante décadas após a abolição da escravidão, fomos obrigados a conviver com o mito da “democracia racial” construído por Gilberto Freyre em sua obra *Casa-grande e Senzala*.

A música, o canto e a dança dos escravos tornavam a casa-grande mais alegre. A risada do negro quebrava a melancolia e o silêncio infinito do senhor de engenho. As mães negras e as mucamas, aliadas aos meninos, às moças das casas-grandes e aos moleques, modificavam o português arcaico ensinado pelos jesuítas aos filhos do senhor. A nova fala brasileira não se conservava fechada nas salas de aula das casas-grandes, nem se entregava de todo à maior espontaneidade de expressão da senzala. Entretanto, o modo carinhoso do brasileiro colocar os pronomes: me diga, me espere... provém do africano. Bem como do seu modo de falar ficaram as formas diminutivas: benzinho, nézinho, inhozinho (FREYRE apud FAINELLO, s/d, p. 10).

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

A Constituição de 1934, mesmo não sendo tão bem estruturada quanto a de 1891, trouxe aspectos inovadores ao país, pois ampliou o poder da União, dispôs sobre os poderes concorrentes entre os entes federativos da União e dos estados, rompeu com o bicameralismo rígido, transformando o senado em um órgão de colaboração da câmara, definiu também o sistema eleitoral e admitiu o voto feminino, criou a Justiça Eleitoral como órgão do judiciário e adotou a representação corporativa de influência fascista. Ao lado de tudo isso estava a clássica declaração de direitos e garantias individuais, havendo ainda o título sobre a ordem econômica e social, outro sobre família, educação e cultura numa perspectiva programática. Esses institutos estavam sob forte influência do ordenamento jurídico alemão (A constituição da República de Weimar). Esse novo ordenamento pretendia conciliar compromissos liberais com o intervencionismo estatal, entretanto, de longe se via, no texto normativo, a preocupação de apontar soluções para promover a inclusão do negro na sociedade em fase de industrialização (SILVA, 2011).

A Constituição de 1937 tinha como principal preocupação o fortalecimento do Poder Executivo, a titularidade autocrática do poder constituinte originário foi usurpada por Vargas, que a outorgou para que ele, o chefe de governo e de estado, intervisse na elaboração das leis, expedindo decretos, reduzindo o papel do parlamento e também colocando o estado como coordenador da economia, delegando assim um papel secundário à iniciativa privada (BONAVIDES, 2011).

Essa Constituição não tinha aplicação regular, vários de seus dispositivos não possuíam praticidade. Na verdade, o país estava mergulhado num regime totalitário, com um presidente que governava com o Poder Executivo e Legislativo concentrado em suas mãos. Nesse clima de profunda exceção, não havia espaço para debate político, tampouco para a inclusão social dos negros.

O Estado se voltou para a educação de base como meio de integrar social e culturalmente o país, mas a educação de qualidade era dada nos bairros centrais, não em outras zonas nas cidades brasileiras. Assim, a educação esteve vinculada à cidade e aos interesses de quem estava no meio urbano. Obviamente, a grande maioria dos negros brasileiros não estava nos bairros centrais, e sim nas periferias e nos subúrbios. Situava-se, assim, no vácuo das políticas sociais e econômicas do país (FONSECA, 2009, p. 89-90).

A Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), promulgada em 1º de Maio de 1943, através do Decreto-lei nº 5.452, remete a uma preocupação especial com o trabalhador urbano em detrimento do trabalhador rural. O Art. 358, por sua vez, enfatiza a valorização da mão de obra brasileira em detrimento dos imigrantes, que terão mais dificuldades entrar no país a partir de então. Assim, permitia-se, pela CLT, o acesso de uma massa de trabalhadores brasileiros ao mercado formal nas grandes cidades. Entretanto, tais medidas não atingem a população negra, mesmo dando a ela uma esperança de empregabilidade e acesso aos direitos trabalhistas, como por exemplo, a carteira profissional, o salário-mínimo e outros, bastante divulgados pela propaganda do Estado varguista.

Como podemos perceber, a exclusão do negro, assim como o racismo, permanecem mesmo após tantas mudanças na legislação brasileira e continuam a se reproduzir, seja por meio de atitudes escrachadas, como por exemplo as discriminações racistas aos atletas e árbitros de futebol xingados de “macaco” nas arenas ou estádios, como foi o caso do goleiro do Santos Futebol Clube, Aranha, hostilizado por torcida adversária, ou ainda as formas silenciosas de racismo, que se escondem por trás das aparentes brincadeiras, piadas e congêneres. Observemos, por

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

exemplo, a estrofe da marchinha carnavalesca *O teu Cabelo não Nega*, de Lamartine Babo:

*O teu cabelo não nega, mulata
Porque és mulata na cor
Mas como a cor não pega, mulata
Mulata, eu quero o teu amor².*

Na frase “A cor não pega”, sugere-se a ideia de uma patologia que, em não sendo contagiosa, libera o rapaz para desfrutar do amor da mulata. Existem muitas outras composições preconceituosas que passaram a integrar o cotidiano social brasileiro, sendo assimiladas e difundidas sem maiores reflexões.

Em outras composições, no entanto, podemos observar um contraponto em relação às permanências históricas da discriminação racial na sociedade brasileira. Observemos o que nos diz a letra da canção “A mão da limpeza”, de Gilberto Gil:

*O branco inventou que o negro
Quando não suja na entrada
Vai sujar na saída, ê
Imagina só
Vai sujar na saída, ê
Imagina só
Que mentira danada, ê*

*Na verdade, a mão escrava
Passava a vida limpando
O que o branco sujava, ê*

² Disponível em: < <https://www.lettras.mus.br/marchinhas-de-carnaval/473883/>>. Acesso em: 12 maio 2016.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

*Imagina só
O que o branco sujava, ê
Imagina só
O que o negro pensava, ê*

*Mesmo depois de abolida a escravidão
Negra é a mão
De quem faz a limpeza
Lavando a roupa encardida, esfregando o chão
Negra é a mão
É a mão da pureza*

*Negra é a vida consumida ao pé do fogão
Negra é a mão
Nos preparando a mesa
Limpendo as manchas do mundo com água e sabão
Negra é a mão
De imaculada nobreza*

*Na verdade, a mão escrava
Passava a vida limpando
O que o branco sujava, ê
Imagina só
O que o branco sujava, ê
Imagina só
Eta branco sujão³*

A Constituição de 1946 está inserida no contexto do pós-guerra. Terminada a Segunda Guerra Mundial, inicia-se a Guerra Fria, e o presidente Eurico Gaspar Dutra, que acabara de ser eleito, pondo fim ao Estado Novo, recompõe o quadro constitucional no país e instala a Constituinte que

³ Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/gilberto-gil/a-mao-da-limpeza.html#ixzz46hp9FiZ>>.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

elaborou a Constituição democrática de 1946, que nasce, segundo o Constitucionalista José Afonso da Silva, “de costas para o futuro”. Sob sua égide, um período de liberal é iniciado e será marcado por diversas crises políticas que ficam evidenciadas pelo suicídio do presidente Vargas, em 1954, pela renúncia de Jânio Quadros, em 1961 e, por último, a deposição de João Goulart, em 1964 (SILVA, 2011).

Nesses tempos de efervescência política com o Populismo no Brasil e na América Latina em alta, está inserida a bossa-nova dos anos 1950, os chamados Anos Dourados, dos “50 anos em 5” de JK, que permitiu à classe média urbana o consumo de automóveis, eletrodomésticos, cosméticos, a população negra não teve acesso a tais modernidades.

Em 1964, é interrompida a República liberal e populista. Com a deposição do Presidente Jango, uma junta militar assume o comando do país, em nome das Forças Armadas, e implanta o Ato Institucional Número 1 (AI-1). Assim, promovem-se as prisões políticas de adversários do novo regime, efetuam-se demissões de funcionários públicos e retiradas de direitos políticos dos ex-presidentes Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros e João Goulart. Nesse contexto, Castelo Branco dá sequência à edição de outros Atos Institucionais: AI-2; AI-3 e AI-4 (SILVA, 2011).

A Constituição de 1967 e sua Emenda nº 1 passam a vigorar com o governo do General Costa e Silva. Essa Constituição tinha profunda inspiração na Constituição de 1937. Logo depois, viria o AI-5, que rompeu com a ordem constitucional, com a Emenda Constitucional nº 1, e a Constituição de 1967 passa a entrar em vigor em 1968 (SILVA, 2011).

Os governos civis-militares que se estabeleceram no Brasil em abril de 1964, estendendo-se até 1985, por incrível que pareça, chegaram a discutir internamente a possibilidade de promover políticas de inclusão dos negros (FONSECA, 2009). Diz ainda o autor:

[...] no auge da ditadura militar, em 1968, técnicos do Ministério do Trabalho sugeriram ao ministro Jarbas Passarinho a adoção de políticas de cotas a fim de diminuir as disparidades entre negros e brancos no mercado de trabalho (Guimarães, 1999). À época propunha-se uma lei que obrigasse as empresas a terem 20% de empregados negros; dependendo da atividade, esse percentual variava entre 10% e 15%. No entanto o projeto foi “engavetado” após diversas pressões, tais como a realizada pela escritora Rachel de Queiroz em carta aberta dirigida ao ministro, em 11 de novembro de 1968, nos Diários Associados [...] (FONSECA, 2009, p. 91-92, grifos do autor).

Esse debate realizado pela burocracia estatal durante governo militar, é inusitado, pois geralmente tem-se uma ideia de que tais direitos não eram sequer cogitados nessa época, visto que o pensamento hegemônico que se tem desse período está relacionado à perda de direitos e não à conquista destes. Torna-se difícil, portanto, imaginar tal fato em razão das limitações dos movimentos sociais, em especial os que debatiam a necessidade de políticas de inclusão de inclusão social dos negros no país.

Diferentemente do que ocorria no Brasil, existia um debate sobre a afirmação positiva nos Estados Unidos da América, nesse contexto se evidenciava a liderança de Martin Luther King e a pauta de reivindicações de direitos civis aos negros norte-americanos. Essa pauta só será efetivamente discutida em nosso país durante a chamada Nova República, quando da reconstrução do estado democrático de direito, após o fim do regime militar e o advento da “Constituição Cidadã” de 1988, expressão popularizada por Ulisses Guimarães. De acordo com Fonseca (2009, p. 94):

[...] as discussões sobre ações afirmativas e políticas públicas só começaram a ocorrer na década de 1990,

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

após intensos debates, inicialmente promovidos por diversas agremiações do movimento negro paulista, entre as quais: Associação Afro-Brasileira de Educação Produtiva, Cultura e Preservação da Vida (Abrevida), Movimento Negro Unificado (MNU); Núcleo de Consciência Negra da Universidade de São Paulo (NCN); e Movimento Reparações Já (MRJ).

Esses movimentos estão inseridos na conjuntura de retomada do panafricanismo e sofreram a influência da teologia da libertação, movimento teológico organizado no seio da igreja católica latino-americana, que no Brasil tem como principais representantes os teólogos Leonardo Boff e Frei Beto.

A IMPORTÂNCIA DA CONSTITUIÇÃO CIDADÃ, O PRINCÍPIO DA IGUALDADE E A CONSTITUCIONALIDADE DA POLÍTICA DE COTAS RACIAIS NO BRASIL

Quero ver direito brotar como fonte e correr a justiça qual riacho que não seca.

(Am 5.24).

A Constituição Cidadã, cuja estrutura a difere das anteriores, compreende nove títulos, que cuidam: Dos princípios fundamentais; Dos direitos e garantias fundamentais; Dos direitos sociais dos trabalhadores, da nacionalidade, dos direitos políticos e dos partidos políticos; Da organização dos poderes; Da defesa do Estado; Da tributação e do orçamento; Da ordem econômica e financeira; Da ordem social; e Das disposições gerais. Tal estrutura, como nos diz J. J. Gomes Canotilho, pretende dirigir a ação governamental e busca a adoção de um programa no sentido de estabelecer uma perspectiva política (BULOS, 2011).

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Essa Constituição contou com uma Assembleia Nacional Constituinte eleita num clima de grande expectativa nacional, com o fim do regime de exceção que perdurou 21 anos no Brasil. A Constituição contou com inúmeras propostas de emenda, algumas das quais com mais de um milhão de assinaturas. Essa conjuntura contribuiu decisivamente para que os movimentos sociais rearticulados durante a luta contra os governos dos militares pudessem se mobilizar para construir uma Constituição o mais avançada possível. É nesse bojo que se dá uma intensa luta por direitos e, dentre esses, os direitos dos negros. Tal processo traz como consequência as políticas afirmativas que serão implantadas nos governos pós-Constituição, tema central deste artigo (BULOS, 2011).

É importante lembrar que em 1988 estávamos no centenário da Lei Áurea, o país escrevia uma nova página de sua história, uma nova Constituição, a qual trouxe para o epicentro do debate político a situação dos afrodescendentes brasileiros e a sua urgente e tardia inclusão. Como pode ser visto em nossa Constituição, em diversos de seus artigos, o preconceito, a discriminação racial e temas afins, foram alvo de formulações no texto normativo, o poder originário tratou de criminalizar o racismo. Vejamos o que está disposto no Art. 5º da CF/88:

TÍTULO II
DOS DIREITOS E GARANTIAS FUNDAMENTAIS
CAPÍTULO I
DOS DIREITOS E DEVERES INDIVIDUAIS E
COLETIVOS

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: XLII

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

- a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei⁴.

A preocupação para com os negros tinha bases na realidade objetiva visto que,

Nessa mesma década de 1980, os dados do IBGE, mostravam que apenas 1,1 % dos negros concluíram o segundo grau (atual ensino médio) e que, enquanto 20% dos brancos apareciam na categoria dos “sem instrução ou com menos de um ano de estudo, para a população negra esse percentual chegava a 80% (39% para pardos e 41% para pretos). Na outra ponta, 16% dos brancos, 6% dos pardos, 4% dos “pretos” tinham nove ou mais anos de estudo. Assim, mesmo somados, “pardos” e “pretos” não atingiam o índice de “brancos” com condições de estar no ensino superior [...] (FONSECA, 2009, p. 98).

Observemos ainda na Constituição/1988, o que dispõe o Título I, sobre os princípios fundamentais:

Artigo 3º, constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

IV – Promover o bem de todos sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e qualquer outras formas de discriminação⁵.

4 Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 15 maio 2016.

5 Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 15 maio 2016.

O Sociólogo Boaventura de Souza Santos nos diz que:

Temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, aliante ou reproduza as desigualdades (SANTOS apud ALMEIDA, 2011⁶).

O processo de debate ocorrido em 1988 abriu espaço para a realização de ações afirmativas no Brasil, sendo tais políticas entendidas como uma tentativa de se pagar uma dívida histórica aos afrodescendentes. Essas medidas de discriminação positiva ou de ações afirmativas, foram inspiradas na luta dos negros norte-americanos. A Constituição de 1988 tem como elemento fundamente o princípio da igualdade, embora ainda careça de efetividade. Assim, faz-necessário promover a ampliação do princípio da igualdade para além do aspecto formal. Ampliá-lo, significa, portanto, aplicá-lo à realidade material, razão essa pela qual foram criadas, em governos recentes, secretarias especiais com status de ministério. Recentemente dissolvidas, essas pastas visavam realizar políticas públicas para equacionar as diferenças sociais entre brancos e negros no Brasil.

Esse processo aprofundou-se com a lei que determinou as cotas raciais como instrumento de inclusão dos negros nas universidades públicas brasileiras. Apesar dessa garantia de acesso às universidades, a implementação desse direito, inicialmente, ficava a critério de cada instituição, baseando-se na autonomia que essas autarquias federais

⁶ O texto foi citado foi citada como epígrafe por Almeida (2011). Vide Referências.



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

possuem. Porém, o que se viu na prática, foi uma forte pressão do governo para a adesão de tal medida. O mesmo ocorreu em relação ao ingresso dos alunos nas universidades públicas por meio do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), sendo essa mais uma imposição do governo, que pressionou tais instituições usando como “moeda de troca” o repasse de verbas federais para as mesmas. Em ambos os casos, é notória a ausência de um debate profundo como forma de convencimento da real necessidade dessas mudanças.

É uma previsão constitucional em nossa Carta vigente “Promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (Art. 3º, IV). Essa prerrogativa faz com que a igualdade ganhe um significado muito especial, pois, trata-se não só de não discriminar, mas também de discriminar em busca de construir uma maior igualização. Ou seja, discriminar positivamente, isso tem o escopo de corrigir possíveis injustiças cometidas no passado, como foi o caso da escravidão e da abolição gradativa, que manteve tal exclusão, e, ao mesmo tempo, reforçar a importância da natureza distributiva para que se possa repartir no tempo presente uma igualdade de oportunidade também para todos.

A Ação afirmativa é um dos instrumentos possibilitadores da superação do problema do não cidadão, daquele que não participa política e democraticamente como lhe é na letra da lei fundamental assegurado, porque não se lhes reconhecem os meios efetivos para se igualar com os demais. Cidadania não combina com desigualdade.

República não combina com preconceito. Democracia não combina com discriminação⁷.

A Igualdade na nossa Constituição ganha uma força normativa e tem uma natureza principiológica, pois deve ser entendida como uma proposição *sine qua non*, elemento condicionador do ordenamento jurídico. Vejamos o que define por princípio o jurista Bandeira de Melo (apud ALMEIDA, 2011, p. 19):

Princípio “é – por definição – mandamento nuclear de um sistema, verdadeiro alicerce dele, disposição fundamental que se irradia sobre diferentes normas compondo-lhes o espírito e servindo de critério para a sua exata compreensão e inteligência exatamente por definir a lógica e racionalidade do sistema normativo, no que lhe confere a tônica e lhe dá sentido harmônico”.

Um dos mais significativos princípios da nossa Constituição é o princípio da igualdade, o qual foi basilar para que o Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA), durante o governo Fernando Henrique Cardoso, com base no IBGE, nos índices de desenvolvimento humano (IDH) nacional, concluísse que a desigualdade na sociedade brasileira atinge principalmente os afrodescendentes, que apresentam IDH mais baixo. As origens desse fenômeno social estão no passado brasileiro, e as cotas foram introduzidas em virtude dessa dívida histórica, assim, as cotas são vistas por alguns como um instrumento de proteção de vulneráveis. Entretanto, mesmo com o advento das ações afirmativas, permanece ainda o racismo, a

7 ROCHA, Cármem Lúcia Antunes. In: ALMEIDA, Luciana Dayoub Ranieri de. *Ações afirmativas e a concretização do princípio da igualdade no direito brasileiro*. Belo Horizonte: Fórum, 2011. p. 82.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

violência com o negro e a sua discriminação, agora dentro do espaço acadêmico, a partir de um novo elemento, o chamado discurso meritocrático.

Outros veem as cotas como um novo pacto social para minimizar as diferenças entre brancos e negros. Tal ação, para esses, poderá provocar uma maior distribuição de renda, através do acesso ao ensino de terceiro grau e da sua conseqüente absorção no mercado de trabalho.

Uma outra preocupação está relacionada à constitucionalidade das ações afirmativas. Trata-se de uma questão bastante controversa, pois há juristas que defendem a tese da não existência expressa da possibilidade de adoção dessas medidas com base na Constituição, visto que isso não é previsto taxativamente, o que representa, portanto, uma inconstitucionalidade pela ausência normativa. Entretanto, de acordo com outros juristas, podemos perceber que:

Não se quer dizer com isso que o legislador ordinário se torna um legislador constitucional, ou mesmo que possui o condão de derrogar ou de substituir as normas editadas por eles, mas sim que deve ser dada nova interpretação á igualdades prevista nas mais diversas constituições, com vistas a adequá-las às novas necessidades sociais. Pretende-se, portanto, através da adoção dessas medidas, realizar o escopo precípua, visualizado pelo legislador constitucional, qual seja, o da realização da igualdade real, por meio de mecanismo que à época da redação do texto constitucional, não foram por eles vislumbrado como os únicos capazes de concretizar esse ideal (BELLINTANI, 2006).

Esse segundo ponto de vista nos parece mais razoável. É preciso promover a efetividade do princípio da dignidade da pessoa humana,



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

fazendo com que deixe de ser apenas uma norma programática para que seja verdadeiramente concretizado enquanto elemento fundante do constitucionalismo contemporâneo.

O Estado brasileiro tem firmado acordos e compromissos internacionais visando à implementação de ações afirmativas, um deles é a Convenção da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que trata do combate a práticas discriminatórias e racistas nas relações entre capital/trabalho. Nessa oportunidade, o Brasil condenou o racismo como crime contra a humanidade e defendeu a proposta de que os países presentes deveriam promover ações afirmativas que visem erradicar a desigualdade social.

Mas, o que vem a ser Ações afirmativas? De acordo com Flávia Piovesan (apud ALMEIDA, 2011, p. 82):

Cumprem uma finalidade pública decisiva para o projeto democrático: assegurar a diversidade e a pluralidade social. Constituem medidas concretas que viabilizam o direito à igualdade, com a crença de que a igualdade deve moldar-se no respeito à diferença e a à diversidade.

A Lei das cotas, de nº 12.711/2012, tem fundamentação num viés sociológico, assim, buscou-se arguir com base nas desigualdades oriundas do passado escravista, que dá origem à parte das mazelas sociais que atingem especialmente os negros, como, por exemplo, o alto índice de analfabetismo, a desigualdade salarial entre brancos e negros, a grande incidência de negros nas favelas ou comunidades, o elevado índice de desemprego entre os negros, o grande contingente de negros no sistema prisional, a inserção dos negros no subemprego e no trabalho informal, o



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

reduzido número de negros nas universidades públicas e, conseqüentemente, no mercado de trabalho.

É fato que o Brasil está longe de proporcionar uma educação pública de qualidade, sendo grande o déficit educacional tanto no aspecto quantitativo como qualitativo dos alunos. Os estudantes de escolas públicas concluem o ensino médio quase sempre sem condições de competir com os alunos de colégios particulares, exceto em uma ou outra escola pública que foge a essa regra, como é o caso dos Institutos Federais (IFs). Estes reúnem um conjunto de condições discrepantes quanto às escolas das redes públicas municipais e estaduais. Em virtude disso, muitos dos alunos oriundos da rede de ensino público acabam desistindo de entrar na universidade pública e buscam o mercado de trabalho precocemente a fim de complementar sua renda familiar, trabalhando muitas vezes na informalidade ou no subemprego.

É necessário refletir o sistema de cotas raciais no Brasil, pois, mesmo sabendo que, apesar de o país não ter vivenciado uma experiência similar à dos EUA ou da África do Sul, com seus modelos de segregação racial, é fato a existência de uma discriminação velada. Trata-se do mito da democracia racial, construído na obra *Casa-grande e Senzala*, do sociólogo Gilberto Freyre, ou ainda o mito do homem cordial, apresentado na obra *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda.

Ao considerarmos a significativa miscigenação racial ocorrida durante o processo de formação étnica do povo brasileiro, haveremos de questionar a dificuldade em se definir em nosso país quem é ou quem não é negro. Tal dificuldade, em termos práticos, terminou gerando fraudes ou equívocos quando do momento de se estabelecer critério para o julgamento dos candidatos aptos a alcançar o direito à cota racial. Lembremos do famoso caso dos gêmeos na Universidade de Brasília (UNB) em que um dos

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

irmãos foi selecionado pelas cotas e o outro teve seu pedido indeferido. Segundo Madruga (2005, p. 231):

A identidade negra, portanto, deverá ser aferida pelo critério subjetivo [...]. Isto é, o critério de autodeclaração, o qual tem sido adotado na Administração Pública Federal. [...] o Decreto 4.887, de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação e reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades de quilombos, é muito mais abrangente e minucioso que o Decreto nº 3.912/2001. [...].

O critério da autodeclaração é passível de fraudes e facilita os casos que desvirtuam dos objetivos preliminares da política afirmativa. Afinal, muitas foram as falsas declarações e outros meios ilícitos usados para se ter acesso às universidades públicas por meio de cotas raciais. Uma outra problemática está relacionada ao debate quanto à origem dos cotistas que são provenientes das escolas públicas e apresentam grande deficiência na sua formação intelectual, enfrentando dificuldades para acompanhar o curso numa turma com alunos oriundos da rede particular de ensino. Estes, geralmente, possuem melhor desempenho nas provas de seleção do ENEM, salvo os alunos dos IFs, que mesmo sendo oriundos da escola pública, vivenciam uma outra realidade de ensino-aprendizagem, em função do padrão de ensino dessas instituições, realidade distinta das escolas estaduais que se encontram, em regra, bastante sucateadas.

Observemos que os argumentos apresentados estão relacionados a uma possível degradação do ensino superior em razão da entrada de alunos oriundos do sistema de cotas e que, segundo esses, apresentam um grande déficit na sua formação. Tal situação tem levado as universidades a oferecer

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

ao aluno cotista um suplemento de carga horária, buscando fornecer a esses alunos um equilíbrio para que possa acompanhar as aulas.

Por último, são muitos os que defendem a tese de que o sistema de cotas termina por reforçar o racismo, sendo essa política afirmativa uma discriminação às avessas, pois o próprio negro se vê em condição de inferioridade, em função das razões citadas.

Os fragmentos textuais que apresentaremos a seguir foram extraídos de uma pesquisa com alunos cotistas de universidades públicas realizada por Natalia Fernandes Garcia de Carvalho⁸. Observemos o que dizem os estudantes entrevistados, analisemos suas respectivas falas e o que estas apresentam de significativo para esta pesquisa.

Eu tenho uma opinião que vem do seguinte pressuposto, o Negro quando subiu à favela, ele não teve a mesma oportunidade que os imigrantes tiveram. Nós ficamos com as piores escolas, com os piores professores, com a falta de Saneamento básico, de luz [...] (Estudante do Curso de Letras). Ela corrige uma desigualdade entre as pessoas, no caso da Universidade (Estudante do Curso de Direito)⁹.

Os discentes entrevistados veem a política afirmativa das cotas raciais como uma reparação pelas injustiças sofridas ao longo do processo de formação do povo brasileiro, em especial os negros. Assim sendo,

8 CARVALHO, Natalia Fernandes Garcia de. *A política de cotas sob o olhar dos cotistas*. Monografia (Licenciatura em Ciências Biológicas) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2010.

9 Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Cursos/Ciencias_Biologicas/10_2012/Biblioteca_TCC_Lic/2010/10_2010/Natalia_F._G._de_Carvalho.pdf>. Acesso em: 16 maio 2016.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

consideram a discriminação positiva como um direito que os pertence, uma oportunidade, uma dívida social paga depois de anos de mora, uma ponte importante para o acesso ao ensino superior.

Uma outra questão que as entrevistas nos remetem é o preconceito que aflorou no espaço acadêmico após a adoção das cotas raciais como critério utilizado para o ingresso nas universidades brasileiras, um tema que esteve em pauta durante esse processo foi a autodeclaração, como vimos anteriormente. Tal discussão terminou por ressignificar uma velha celeuma presente em outros contextos da história nacional, a miscigenação. Nessa oportunidade, é pertinente indagarmos: Quem é negro ou quem não é negro, em um país miscigenado como o Brasil? Como impedir o famoso jeitinho brasileiro para os que, em nome da esperteza, realizam “falsas” declarações raciais para garantir uma vaga nas universidades públicas por meio das cotas?

Observemos outras opiniões de alunos entrevistados por Natalia Carvalho sobre o sistema de cota racial:

Eu acho que a principal questão levantada com relação ao sistema de cotas foi: Quem é o negro no Brasil? Como você vai definir quem é negro neste país que é mestiço e que tem uma diversidade cultural tão grande? (Estudante do Curso de Direito).

Eu já vi gente branca de olho azul se declarando parda ou negra para poder entrar na faculdade por causa das cotas. Tem muita gente que não visualiza isto, essa relação cotas, negros e desigualdade, veem só um jeito de entrar na faculdade (Estudante do Curso de Enfermagem).

Em parte, porque a gente entra pelas cotas de negros, de certa forma nós estamos prejudicando alguém que

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

passou fora das Cotas. Então, fica esta coisa de que estamos tomando a vaga de quem precisa é uma coisa muito complicada (Estudante do Curso de Pedagogia).

A verdade é que, para uma parte dos entrevistados, muito embora as políticas das cotas raciais permitam ao negro ingressar nas universidades públicas, é importante perceber que por outro lado o seu ingresso ocorre concomitantemente à exclusão de jovens brancos pobres, que continuam excluídos do ensino superior. Assim, talvez o ingresso na universidade pública hoje realizado meio da cota racial, se justificaria muito mais se realizado pelas cotas sociais.

Por último, precisamos considerar dois aspectos de grande relevância quando se debate a temática. O primeiro diz respeito à discriminação relativa ao instrumento da política de cota racial, que ocorre tanto no interior das UFs e IFs como também no ambiente externo das universidades, quer seja na forma como a mídia trata o assunto, nas relações entre os alunos em suas convivências acadêmicas, divididos entre cotistas x não cotistas, e também com relação aos seus professores, quando da explicação dos assuntos e os conhecimentos prévios necessários para a assimilação de tais conteúdos. Essa situação fez surgir nas universidades a figura de professores tutores, que ficaram responsáveis por propiciar o nivelamento dos alunos cotistas, para que estes pudessem acompanhar as discussões acadêmicas.

Vejamos mais alguns comentários de alunos cotistas entrevistados na referida pesquisa:

Antes de começar o curso estavam dizendo que estava tendo discriminação, que o pessoal que estava entrando por cotas não iria ter o mesmo



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

desenvolvimento, não conseguiria terminar o curso. Estavam falando que o nível iria baixar (Estudante do Curso de Enfermagem).

Alguns professores falam que não têm discriminação nenhuma, mas outros não mostram que têm alguma discriminação sim. É a maneira de agirem, eles falam de outros anos e comparam com este ano (Estudante do Curso de Medicina).

Logo quando começaram as aulas, ninguém sabia quem era cotista e quem não era... os professores não perguntavam sobre isso, acho que até é proibido, mas ficava aquela coisa... Eu não sabia quem era cotista, mas fui me aproximando mais das pessoas que tinham aquele mesmo perfil que eu, que vestiam roupa mais simples... também que ficavam no intervalo na faculdade (Bruna, 21 anos).

Por último, compartilho uma consideração publicada em redes sociais (facebook) por uma mãe cujo filho está matriculado, desde criança, em uma escola particular, e está prestes a se submeter ao ENEM. Sua preocupação, relacionada ao sistema de cotas sociais e a uma suposta injustiça que este representa para ela, reside na incerteza quanto ao ingresso de seu filho em uma universidade pública, já que ela sempre investiu na educação privada e não acha justo continuar arcando com os custos do ensino superior. Essa fala, na realidade, não é algo individual, certamente tem ressonância com uma parcela significativa da classe média, o que demonstra a não unanimidade por parte da sociedade em relação à política de cota racial. Assim sendo, é de vital necessidade o debate sobre o tema. Vejamos o depoimento:

Se no ENEM o filho (a) de alguém aqui se sentir injustiçado, porque fez uma pontuação superior a um cotista, e esse cotista conseguiu uma vaga na universidade e seu filho não, lute pelo direito de seu filho, vá à justiça, a lei é muito clara quanto a isso. Todos os direitos são iguais, não admitam que seu filho pague por erros do governo, a obrigação do Governo é dar educação de base para todos, e passamos a vida inteira nos sacrificando para pagar colégios supercaros, para nossos filhos serem injustiçados no ENEM ou em um concurso público.

Segue a lei: O Artigo 7º da Declaração Universal dos Direitos Humanos afirma que "Todos são iguais perante a lei e têm direito, sem qualquer distinção, a igual proteção da lei".

Assim, a lei e os juízes devem tratar a todos igualmente perante a lei, independentemente da sua raça, gênero, identidade de gênero, orientação sexual, nacionalidade, cor da pele, etnia, religião, deficiência ou outras características, sem qualquer tipo de privilégio, discriminação ou preconceito.

A igualdade perante a lei é um dos princípios básicos do liberalismo.

CONCLUSÃO

Diante de tudo que foi exposto ao longo deste artigo, podemos finalizar nossa reflexão afirmando que a política de cota racial, enquanto política pública realizada pelo Estado, buscou reparar uma dívida histórica para com os negros brasileiros, oriunda de seu passado escravista, e promover a sua inclusão tardia nas universidades públicas do país. É verdade que tais ações afirmativas trouxeram uma efetiva contribuição para esse segmento da sociedade, após mais de um século que os separam da Lei



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Áurea, promulgada em fins do século XIX, e a sociedade atual, nesse início do século XXI. No entanto, os estudos aqui realizados também evidenciam as suas limitações e contradições, as quais precisam ser analisadas em profundidade para que esses direitos possam ser garantidos e ampliados e não se apresentem como uma solução definitiva, visando resolver o problema em suas raízes. Ou seja, é necessário enfrentar as deficiências do sistema educacional em sua base, qualificando o ensino básico no país, pois o acesso de negros e pobres às universidades brasileiras poderia perfeitamente ocorrer sem a necessidade de cotas, caso existisse uma eficiente escola pública que oportunizasse a esses um ensino de qualidade.

Portanto, acreditamos na eficiência desse instrumento como algo temporário, mas não como acomodação para os negros, um atalho para chegar à universidade ou coisa que valha. Consideramos as ações afirmativas como um meio de promover a equidade, no sentido de garantir não apenas aos negros, mas também aos índios, aos brancos pobres, às mulheres, aos portadores de necessidades especiais, a garantia de uma isonomia, uma igualdade que não permaneça apenas no plano formal, mas também que não signifique um atestado de discriminação às avessas, que reconhece a incompetência do Estado e ao mesmo tempo a incapacidade dos negros. Precisamos efetivar a inclusão dos negros promovendo, junto com a igualdade material, a dignidade da pessoa humana, que passa pela garantia dos direitos fundamentais previstos na Constituição, dentre eles a educação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Luciana Dayoub Ranieri de. Ações afirmativas e a concretização do princípio da igualdade no direito brasileiro. Belo Horizonte: Fórum, 2011.

ANDRADE, Manuel Correia de. Abolição e reforma agrária. São Paulo: Ática, 1987. In: SILVA, Leonardo Santana da. O processo abolicionista no Brasil na visão de dois afrodescentes engajados na causa: André Rebouças e José do Patrocínio. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015.

AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. Abolicionismo: Estados Unidos e Brasil, uma história comparada: século XIX. São Paulo: Annablume, 2003.

BELLINTANI, Pinheiro Silva. “Ação afirmativa” e os princípios do direito: a questão das quotas raciais para ingresso no ensino superior no Brasil. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006.

BONAVIDES, Paulo. Curso de Direito Constitucional. São Paulo: Malheiros, 2011.

BULOS, Uadi Lammêgo. Curso de Direito Constitucional. São Paulo: Saraiva, 2011.

CARVALHO, Natalia Fernandes Garcia de. A política de cotas sob o olhar dos cotistas. Monografia (Licenciatura em Ciências Biológicas) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2010.

CHALHOUB, Sidney. Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CONRAD, Robert. Os últimos anos da escravatura no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 15 maio 2016.

COSTA, Emília Viotti Da. A abolição. São Paulo: Global, 2001.

COSTA, Emília Viotti da. Da Monarquia à República: momentos decisivos. São Paulo: Edusp, 1992.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

CONSOLIDAÇÃO DAS LEIS TRABALHISTAS. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-5452-1-maio-1943-415500-norma-pe.html>>. Acesso em 12 maio 2016.

FAINELLO, Claudia et al. Aspectos políticos na obra “Casa-grande e Senzala”. Disponível em: <<http://www.unioeste.br/cursos/cascavel/pedagogia/eventos/2007/Simp%C3%B3sio%20Academico%202007/Trabalhos%20Completos/Trabalhos/PDF/Casa%20Grande%20e%20Senzala.pdf>>. Acesso em: 13 maio 2016. p. 10

FREYRE, Gilberto. Casa-grande & senzala. São Paulo: Global, 2004. In: FAINELLO, Claudia et al. Aspectos políticos na obra “Casa-grande e Senzala”.

Disponível em: <<http://www.unioeste.br/cursos/cascavel/pedagogia/eventos/2007/Simp%C3%B3sio%20Academico%202007/Trabalhos%20Completos/Trabalhos/PDF/Casa%20Grande%20e%20Senzala.pdf>>. Acesso em: 14 maio 2016.

FONSECA, José Dagoberto. Políticas públicas e ações afirmativas. São Paulo: Selo Negro, 2009.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GRINBERG, Keila. Liberata. A lei da ambiguidade: as ações de liberdade da corte de apelação do Rio de Janeiro no século XIX. Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 1994.

LEI ÁUREA. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/lei_ventre_livre.htm>. Acesso em: 15 maio 2016.

LEI DAS COTAS. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12711.htm>. Acesso em: 15 maio 2016.

LEI DO VENTRE LIVRE. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/lei_ventre_livre.htm>. Acesso em: 15 maio 2016.

MACHADO, Maria Helena. O plano e o pânico: os movimentos sociais na década da abolição. Rio de Janeiro: UFRJ/EDUSP, 1994.



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

MADRUGA, Sidney. Discriminação positiva: ações afirmativas na realidade brasileira. Brasília: Brasília Jurídica, 2005.

MELLO, Celso Antônio de. O conteúdo jurídico do princípio da igualdade. Malheiros.

MENDES, Gilmar Ferreira e BRANCO, Paulo Gustavo Gonet. Curso de Direito Constitucional, São Paulo: Editora Saraiva 2012.

MENDONÇA, Joseli Nunes. Cenas da abolição: escravos e senhores no parlamento e na justiça. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

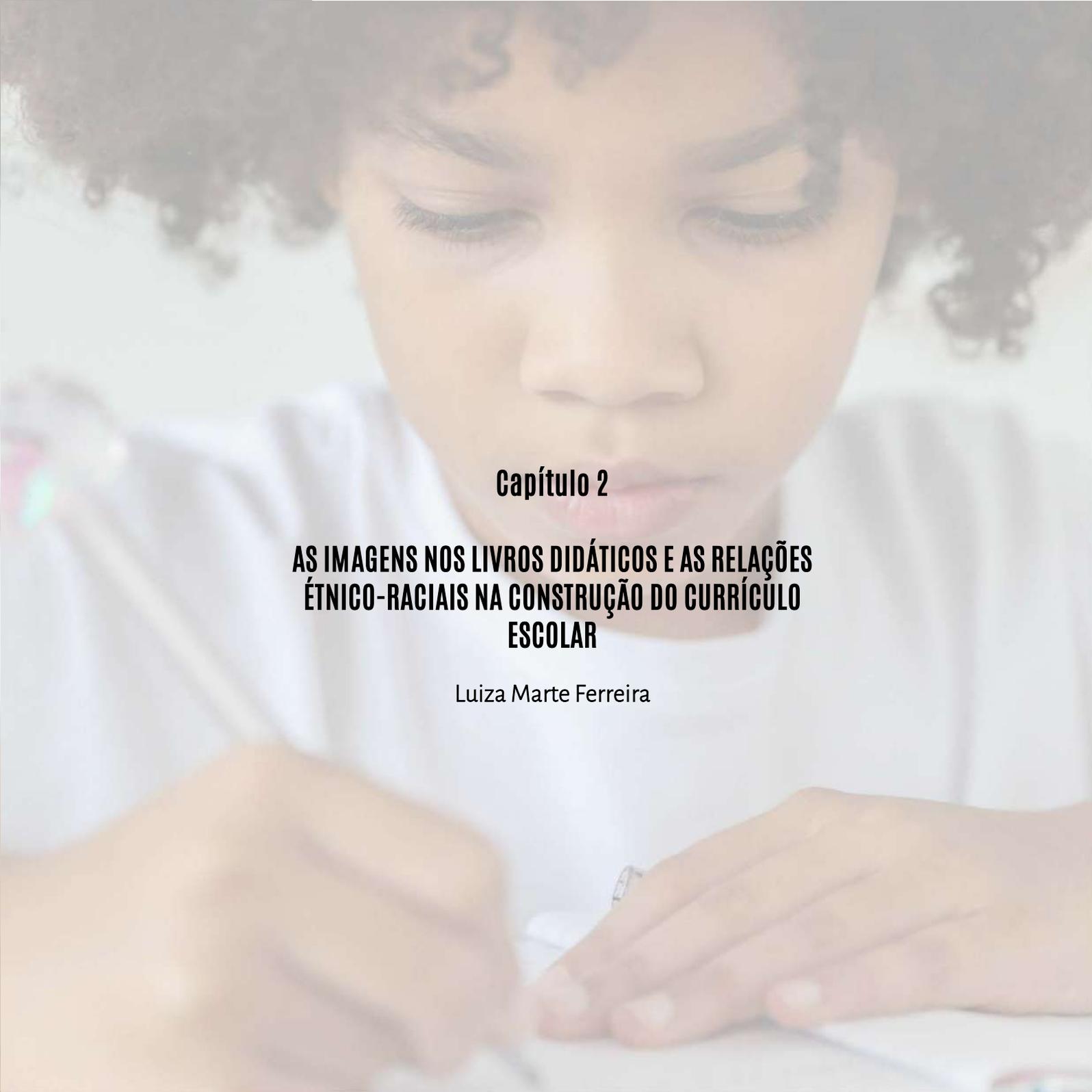
MONTENEGRO, Antônio Torres. Abolição. São Paulo: Ática, 1988.

MOURA, Clóvis. Dicionário da escravidão negra no Brasil. São Paulo: Edusp, 2004.

PESSANHA, Andrea dos Santos. Da abolição da escravatura à abolição da miséria: a vida e as ideias de André Rebouças. Rio de Janeiro: Quartet: UNIABEU, 2005. p. 57.

SILVA, José Afonso da. Curso de Direito Constitucional Positivo. São Paulo: Malheiros Editores LTDA, 2011.

VAINFAS, Ronaldo (Org.). Dicionário do Brasil Imperial: 1822-1889. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.



Capítulo 2

**AS IMAGENS NOS LIVROS DIDÁTICOS E AS RELAÇÕES
ÉTNICO-RACIAIS NA CONSTRUÇÃO DO CURRÍCULO
ESCOLAR**

Luiza Marte Ferreira

AS IMAGENS NOS LIVROS DIDÁTICOS E AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA CONSTRUÇÃO DO CURRÍCULO ESCOLAR

Luiza Marte Ferreira

INTRODUÇÃO

Pretende-se com esse artigo identificar as relações constituídas nas reflexões dos construtos étnicos raciais quanto, os saberes e marcações culturais concretas que as interfaces permeiam nas discussões como os sujeitos constrói essas identidades na produção das imagens, e na organização dos currículos escolares interpretando a forma que são desenvolvidas no contexto dos conteúdos como são elaborados os conceitos, mediante a problematização que interfere no direcionamento da cultura escolar brasileira. No entanto, é necessário expor as diferentes formas de relações entre disciplinas e como são pensadas as imagens na organização do trabalho pedagógico sobre os condicionantes legais extraídos do Livro Didático nas instâncias em que as Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais se concretizam no construto das imagens e identidades positivas. Nesse contexto, o pertencimento que objetiva se concretizar para a extensão e construção de sentidos, são constituídos pela produção de um currículo inovador com condições de assumir as tendências pedagógicas.

Nas décadas de 1970 e 1980 o tema da ideologia no livro didático preponderava, a partir dos anos 1990, outros temas foram incorporados,



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

contando para isso, com o aporte da história do currículo e das disciplinas escolares assim, como estudos históricos sobre o livro e as práticas de leituras exigidas na construção de significados. Dentre contextos, sobre o desenvolvimento das comunidades educacionais ocorreram por décadas em que os estudos começaram a pontuar e ter importância de maneira que conceberam questões referentes às relações raciais, gênero, sexualidade, práticas culturais, entre outros elementos presentes nos livros didáticos, observamos como composição de normas e com direcionamentos e os conteúdos como práticas legais no currículo escolar.

Nessa perspectiva buscaremos compreender e socializar a importância das imagens nos livros didáticos, quais são os campos assistidos na fundamentação teórica, como se postulam as identidades e os conceitos na construção dos conhecimentos culturais e sociais nas áreas diversas da proposta curricular, sendo que a utilidade dessa convergência nos faz compreender os fenômenos e as relações que são acessíveis através das disciplinas existentes no campo educacional e sobretudo nos livros didáticos, identificando onde são alocados os elementos que queremos instigar numa perspectiva interdisciplinar. Ressaltamos a importância de compreender os condicionantes que a temática e os autores buscam assegurar nas configurações das imagens, suscitando dos educandos a forma assertiva que poderá ser explorada nas ações em que os docentes proporcionam no ensino aprendizagem mediante a pertinência da construção de significados.

Os estudos culturais possibilitam observar as diferenças nas discursivas e a resistência na produção de produtos colaborativos sobre a eficácia desses recursos didáticos no Ensino da História e Cultura Étnico brasileiro nos currículos escolares. Nesse contexto, compreende-se a função teórica como a busca de significados, dos múltiplos elementos que constituem os materiais didáticos pedagógicos. Problematizar a temática



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas configura nas implicações e os desafios decorrentes das relações de poder, que são expostos nas condições das imagens em função das ações não verbais instituídas na composição da figura linguística do terreno privilegiado das políticas de afirmativas e cultural das escolas e seus currículos como territórios de produção, circulação e consolidação de significados, como espaços privilegiados de concretização da política de identidade. Assim, pensamos como são utilizados esses materiais didáticos, quais condicionantes legais asseguram a cultura étnica nas imagens existentes nos livros didáticos ou produzidas de forma colaborativa em sala de aula para complementar o plano didático pedagógico.

Desse modo, é necessário compreender os aspectos históricos e sociais que ao longo dos tempos fez do negro no Brasil um ser excluído e negligenciado pelas autoridades, dessa forma apresentar aos alunos, negros ou não, uma imagem não mais do “negro no tronco”. Porém, de um ser que rompeu as correntes de ferro, e principalmente as correntes do preconceito que o deixaram invisível por centenas de anos. No entanto, é fato percebermos ou ouvirmos falar em atos de discriminação e racismo, em diversos segmentos da sociedade.

A CONSTITUIÇÃO DAS IDENTIDADES ÉTNICAS E AS DIFERENTES CONCEPÇÕES NO LIVRO DIDÁTICO

A constituição discursiva das identidades étnico raciais e as abordagens territoriais que norteiam o contexto em que as questões educacionais estão relacionadas aos campos assistidos pelas as imagens iconográficas, mediante as ações que interferem na constituição de sentidos. A pluralidade cultural e a construção dos indivíduos numa extensão das suas imagens identitárias, que são colaborativas nas diferentes vertentes das relações étnico raciais, na escolarização de sujeitos capazes de



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

refletirem uma nova prática motivadora e ativa que se debruçam sob crítica, híbrida, mestiça, indisciplinar e transgressiva. Dessa forma, possibilita a construção de novas práticas linguísticas para a reestruturação na forma de produção dos conhecimentos sendo referenda pela a temática da pluralidade cultural, proposta pelos PCN (1996) e a criação da Lei Federal antirracista, 10.639/2003 e a criação dos DCNE-Para o Ensino de Relações Étnico -Raciais e para o Ensino de História de Cultura Afro- Brasileira e Africana (2004), como também que considera obrigatória a inclusão dessa temática no currículo escolar, alterada pela lei 11645/2008 que acresce obrigatoriedade do estudo da história e cultura indígena, a partir da Educação Básica

Bittencourt (2009, p. 299), analisando o livro didático como um objeto cultural complexo, que envolve a dimensão material suporte de conhecimento pedagógico, que propõe compreender a dimensão técnica “um veículo de um sistema de valores, de ideologias, de uma cultura de determinada época”. Mediante a análise do autor a busca pelos conhecimentos nos permite traçar diálogos entre os saberes nas ações dos fazeres acumulados oriundos de diversas fontes bibliográficas ou pessoais no fazer pedagógico, permitindo não apenas o processo de constatação de uma memória estanque presa ao passado, mas, tratar dos conhecimentos adquiridos nas figuras das identidades constituídas por meio do ensino aprendizagem. Vale salientar que as imagens produzem efeitos verbais na fundamentação etnográfica que permite a construção das ideias sistematizadas no currículo da educação básica.

Desta forma, a invisibilidade e a negação dos valores histórico-culturais de um povo, ainda são conduzidos a diferentes comportamentos de negativos da sua própria história tendo em vista, na configuração dos pressupostos que mantém a cultura de repressão. Na relação com a prática educativa e os livros no ensino da História, onde estão atrelados às



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

características das várias pesquisas, nas quais tem sido um dos principais alvos das críticas, ao que diz respeito à função que exerce as imagens e os sentimentos de valores nas ações elaborados na pertinência do contexto linguístico, histórico, cultural e social. Uma educação baseada na equidade deverá promover a valorização das diferenças que possa ser entendida e estimulada como imperativo para as Identidades das Relações Étnico-raciais (RAWLS, 2008). No entanto, são essas construções que permite as reduções e ausências no foco a educação o ensino e suas interfaces sobre a diversidade étnico-racial que constitui os pontos instáveis das políticas públicas, a (des) colonialidade das relações raciais e a existência das imagens no LD como também a funcionalidade na prática educacional.

A tendência de identificar as lacunas relativas aos determinados temas ou sujeitos históricos nos livros didáticos propõe a construção de significados que estão relacionados aos discursos nos diferentes contextos didáticos pedagógicos, sobretudo, para identificar estereótipos sobre grupos étnicos. “A história das populações negras tal como aparece nos livros didáticos é igualmente objeto de investigação dos pesquisadores”. Nesse contexto o livro didático é, um artefato impresso em papel, que veicula imagens e textos em formato linear e sequencial, planejado, organizado e produzido especialmente para uso em situações didáticas, envolvendo predominantemente alunos e professores, e que tem a função de transmitir saberes circunscritos a uma disciplina escolar. Para Freitas (2009) o livro didático é uma fórmula de reprodução uma ideologia aliada ao currículo oficial tem sido umas das mais debatidas e criticadas em um ambiente funcional. Compreendemos as imagens como algo de críticas para com o uso didático pela forma que são aplicadas no contexto do currículo escolar.

Descolonizar os currículos é mais um desafio para a educação escolar muito se denuncia sobre a rigidez das grades curriculares, mas principalmente como os professores observam a imagem do negro nos



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

materiais que os mesmos utilizam, sentimos a necessidade do diálogo entre escola, currículo e realidade social, a necessidade de formar professores/as reflexivos e sobre as culturas negadas e silenciadas nos currículos. “No entanto, é importante considerar que em meio ao preconceito há alguma mudança no horizonte”. Dessa forma, a força das culturas consideradas negadas e silenciadas tende a aumentar cada vez mais nos últimos anos, ou seja, as mudanças sociais e os processos hegemônicos ou seja, os aspectos de globalização sobre as tensões políticas em torno do conhecimento e os efeitos sobre a sociedade e o meio que introduzem a dinâmica cultural e societária que está a exigir uma nova relação entre desigualdade, diversidade cultural e os conhecimentos perante os diferentes padrões sociais.

Dentre tais argumentos a esse respeito é possível identificar a função do livro didático na função dos conteúdos escolares, ou seja, a maneira como é encarado nos currículos escolares contudo isso, tem um saber inquestionável pois é, concebido como um veículo de verdades absolutas corretas e definidas. A esse respeito, o professor se limita ao papel de simples transmissor do saber estabelecido e materializado nos manuais. Segundo Freitag (1993, p.108), “o livro didático não serve aos professores como simples fio condutor de seus trabalhos perpassa nessa dimensão a assumir o caráter de critério de verdade”. É nesse contexto que percebemos as atribuições necessárias para a formação e construção dos paradigmas dos conhecimentos adquiridos na diversidade das práticas do cotidiano e os impactos negativos provocados nas referências das imagens, desenhos, cartografia e nos diferentes espaços sociais.

Nessa percepção de ideias é visto, que a análise ou aceção do livro didático feito por Rojo (2005, p. 39) e Bunzen & Rojo (no prelo) são concebidos como “um conjunto de textos ‘migrados’ de outros campos da vida social”, e, sobretudo, como um discurso do autor, dirigido a



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

determinado tipo de professor, alunado e projeto de ensino preponderando afirmações que atualmente servirá como análise do livro didático apresentando acepções construtivas: a de um suporte de textos e a do gênero de discurso, das quais decorrem diferenças sobre sua escolha em sala de aula. Entendem o que faz os autores criticarem e excluírem os valores agregados nos livros didáticos sobre as questões étnico raciais, alegando que não tem uma fundamentação teórica, ou seja, argumentos suscetíveis para contribuir de forma ativa dentre contexto literário. É nessa percepção que os mesmos são traduzidos como um objeto sem importância na construção de saberes, dessa forma, usando termos preconceituosos na figura das identidades constituídas, elevando um sentimento que os discursos não têm determinantes assertivos no campo da cognição nem de interação com a prática no que envolve um processo interativo para que os professores possam dialogar com os próprios textos e os alinhamentos na construção dos significados.

Aracy Martins, nas suas ideias afirma que pensar na identidade cultural e os conceitos das imagens nos diferentes “Discursos sobre as relações étnico-raciais, nos manuais escolares em Países de Língua oficial Portuguesa como também sobre o uso de recursos das imagens na função na decoração ou ilustração natural”, são aspectos desenvolvidos nas diferentes fontes bibliográficas ou abordagens em que determina o currículo escolar. Nesse contexto, a construção da dinâmica e os recursos colaborativos perpassa os espaços de sala de aula constituindo um fazer autônomo e objetivo, condicionando e desenvolvendo uma metodologia capaz de constituir paradigmas que possa aproximar o leitor das funções didáticas que envolve todos os elementos que são fundamentais na construção dos saberes. Assim, prioritariamente cabe, ao docente, tecer um olhar crítico ao livro que trabalhará em sala. Ler, analisar, rever, excluir,



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

incluir e levar seu aluno/a sobre uma visão crítica e aprofundada dos temas propostos pelo material didático.

Nessa perspectiva, identificamos os elementos que direcionam em função da pertinência dos estudos que estão fundamentados nos livros didáticos no Brasil e principalmente, no campo da Educação, especificamente na área de formação docente como presenças significativas nas diferentes formas de pensá-los, seja sob o aspecto da sua estrutura e organização, a exemplo de Batista (2001), ou seja da relação entre o currículo e os livros didáticos. Em justaposição afirma, que os professores são os primeiros a apontar os vícios e virtudes do livro didático, quando o maior deles é o de não respeitar a realidade do aluno ou o padrão em que a escola está inserida, e o inverso é sua principal virtude. A essa comparação buscaremos analisar de qual forma e quais as condições são necessários para romper com determinada prática, pois, concordamos como realidade que é preciso proporcionar que seja feito uma análise com base na proposta curricular reforçando a importância sobre as imagens dos livros didáticos como são desenvolvidas, quais elementos constituintes para o estudo das figuras que complementam o material de referência pedagógica.

Partindo da concepção contemporânea na dimensão que configura a linguística mediante aos aspectos que se insere a tendência pedagógica como referência para os livros didáticos e paradidáticos que estabelece as diferentes relações sobre as ações verbais ou não verbais que consiste a função dos materiais didáticos nos currículos escolares materializado pelas narrativas dos discursos nos textos e a forma que têm sido analisado sobretudo, para identificar estereótipos dos grupos étnicos. A análise não se restringe às questões internas das instituições educacionais, visto que as aprendizagens realizadas nesses espaços não ocorrem no vazio, além de constituir competências esse processo se dá pela ideologia e as relações sociais diante das situações em que determinadas condições concretas estão



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas inseridas. (SACRISTÁN, 2000b). A percepção e os elementos discursivos perante os desafios são pertinentes na ação colaborativa em que esses apontamentos nos possibilita compreendermos a função imagética quanto aos recursos didáticos para a realidade educativa das escolas brasileiras, às normas dos documentos oficiais que garantem e asseguram as legalidades da educação.

A proposta que emerge a função do livro didático se insere no contexto de produção técnica dos conhecimentos mais amplos na Europa, como analisa (Buriti de Oliveira 2007, p. 68 apud Foucault) o autor ganha visibilidade na Idade Moderna, com o nascimento da palavra impressa. Neste contexto, a noção do autor constitui diante do momento forte da individualização na história das ideias, dos conhecimentos das literaturas africanas, na história da filosofia e na das ciências” (FOUCAULT, 1994, p. 33). Diante dos conceitos são relevantes as ideias que estabelecem os conteúdos constituídos nas páginas dos livros, quanto ao contexto das imagens apropriando-se da fórmula e dos desenhos que são produzidos para que sirva de mecanismo admirado, pelas fontes da linguagem e a busca de significados. É necessário compreender que estes preconceitos são tão evidentes nas escolas brasileiras, quando temos como referências primárias os materiais didáticos, os livros nos apresenta uma imagem precisa de interpretações positivas, retirando das crianças o que elas tem em mente logo cedo, quando ingressam na vida escolar a fazer uma leitura negativa.

Conforme Lopes (2005, p.73); “ O livro didático é um texto curricular cuja autoria é sujeita a uma ambiguidade tensa, na medida em que envolve profundos interesses econômicos, mas também em virtude das relações culturais complexas e conflituosas assumidas pelo autor com as instâncias de influência do texto curricular”. É nessa percepção que emerge a dimensão dos textos nos livros didáticos e os pressupostos teóricos que são relevantes para subsidiar a forma de constituir os principais veículos de

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

informações de forma colaborativa nas interfaces dos currículos escolares. As abordagens temáticas que proporcionam os desafios são alterações necessárias a serem mantidas no contexto escolar, de tal forma, servindo na função estabelecidas e nas substâncias necessárias para que possa contemplar efetivamente a diversidade étnico racial. No entanto, os livros didáticos continuam de um modo geral representando a população negra como minoria no Brasil, imerso na perspectiva do universalismo abstrato a partir dos valores eurocêntricos e com a homogeneização de sua situação na sociedade atual.

A história das populações negras tal como aparece nos livros didáticos tem comparação com os objetos de investigação dos pesquisadores na busca de constituir as identidades, sobre a existência nas análises recentes e a temática do racismo em livros didáticos brasileiros. A pesquisa de Marco Antônio de Oliveira, por exemplo, mostra as renovações de temas e abordagens da história da população de origem africana ocorridas nos livros didáticos a partir da mobilização dos movimentos negros e de sua atuação política, concluindo que a produção historiográfica continua insistindo sobre o período da escravidão e pouco se dedicando à época posterior pós abolição e à atuação e lutas dessa população na história do século XX do Brasil. (BITTENCOUT, 2004, p. 300-304- 305-306). Assim, os fundamentos teóricos conceituais são relevantes para a construção de representações positivas que exerce nas políticas das desigualdades sociais, o que perpassa na exclusão das imagens dos livros que sobrecarrega a identificação atribuídas nas narrativas dos discursos com referência a prática curricular a maneira como essas questões são tratadas esporadicamente, como se não fizessem parte da História do Brasil, como também das Políticas de Afirmativas que possibilita a construção dos significados.

Nas práticas curriculares são constantes a alusão sobre à condição desfavorável do étnico na perspectiva de menor valor atribuída ao negro/a



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas em relação ao branco na construção da sociedade brasileira. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004, p. 14), no caso dos livros didáticos de história utilizados nas escolas públicas brasileiras, a partir do PNLD – Programa Nacional do Livro Didático - observamos que os mesmos são aprovados para serem utilizados e estão de acordo com as legislações vigentes porém, segundo o Guia do PNLD (2012), mantendo em sua maioria a opção didática pela linearidade factual dos acontecimentos históricos. É com base nessa concepção que construiremos aportes teóricos no sentido de estabelecer relações cognitivas a fim de conceber dinâmica com o uso das imagens constituídas nos livros didáticos e as contribuições atribuídas na função que cada uma delas representa os significados que tem para a identidade brasileira.

A formação permanente dos docentes frente às mudanças teórico-práticas dos paradigmas de ensino é fator preponderante para a maior autonomia dos professores(as) para escolha de livros didáticos. A contribuição da política pública do PNLD, são relativas às práticas das avaliações periódicas e a publicação dos Guias dos Livros Didáticos, faz-se necessária a realização de cursos sistemáticos sobre os conteúdos das legislações que incluam o ensino de história e cultura Africana, Afro-Brasileira e Indígena, pois o livro didático deve ser um dos instrumentos da prática docente e não o único, para não reduzirmos o conhecimento escolar à reprodução de conteúdos dos livros quanto a função do ensino aprendizagem. Diante das prerrogativas dos Parâmetros Curriculares Nacionais PCNs e a abordagem com a temática transversal da diversidade cultural que contribuem para a ideia de “acomodação” de discursos conflitantes, a defesa do “respeito” à diversidade oculta os problemas da hierarquização de culturas, na qual, o mito da democracia racial permanece,



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas sem permitir a mediação de conflitos entre as diversas identidades brasileiras.

OS DESAFIOS DAS IMAGENS DOS RECURSOS DIDÁTICOS E A ETNICIDADE COMO OBJETO DE ESTUDO NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR

Conforme os teóricos, a relação entre o campo do conhecimento produzido pela historiografia e o campo do conhecimento histórico elaborado para aprendizagem na escola encontra-se num processo de aproximação dos conceitos elaborados na prática educativa. Freitas (2009), nas suas afirmações busca uma definição sobre o livro didático, a inter-relação baseada nos conceitos de texto impresso, apontando várias características sobre o livro didático que tem a função de veicular as matérias ou disciplinas escolares, com seus princípios constituindo o núcleo sobre o qual a natureza temática e as limitações com as demais disciplinas são pertinentes para a construção dos afazeres linguísticos. Nesse contexto, destacamos a função dos recursos didáticos no ensino aprendizagem e a mediação do currículo na percepção da interatividade . Guia de Livros Didáticos do PNLD:

Assim, em seu bojo, os avanços e permanências encontradas permitem afirmar que ainda é necessária uma intensificação do compromisso das obras didáticas com a abordagem dos conteúdos previstos na legislação vigente, para consolidar definitivamente a promoção positiva da História africana, afro-brasileira e indígena, dando visibilidade aos seus valores, tradições, organizações e saberes sócio científicos, considerando seus direitos e sua participação em diferentes constituintes.



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Pensar na relação entre os campos dos conhecimentos adquiridos e os conteúdos abordados na prática de ensino, significa que os processos elaborados se aproximam da aceção das leituras que consiste no livro didático, podendo ser usado como um dos instrumentos da ação docente e discente, com o objetivo de fundamentá-lo para uma prática pedagógica com as condições necessárias de identificar e corrigir os estereótipos que tem caráter não conteudista, articulada por meio dessa invisibilidade constatados nos materiais pedagógicos, para que não reduzimos o conhecimento escolar ou seja, a produção das imagens sejam compreendidas como os desafios da mediação dos educadores e educandos, especificamente nos textos e ilustrações do livro didático.

Partindo dos elementos simbólicos e o contexto da percepção do discurso constituído, Rojo (2005), afirma que os recursos devem ser representados em outra concepção retratando a importância sobre o tratamento do livro didático, encarando como um discurso autoral se dá de forma contrária, pois leva em consideração desde a escolha do livro, o projeto do autor quanto à seleção dos conteúdos e, ao mesmo tempo, a metodologia de ensino utilizada, comparando o próprio projeto de ensino designando na subjetividade da proposta curricular as ordens e os critérios de referência de ensino como também às possibilidades de aprendizagem. No entanto, percebemos a autoridade ofuscando a prática de ensino e as relações com os recursos didáticos, nessas implicações o planejamento não teve nenhum pertencimento colaborativo com a importância das imagens iconográficas e outros elementos constituintes da proposta curricular.

Nessa perspectiva, observa-se que o livro didático vem obtendo grande importância como objeto de pesquisa, por se tratar de uma das fontes de cultura dos alunos de escolas públicas. A educação das relações étnico-raciais tem por alvo a formação de cidadãos, mulheres e homens empenhados em promover condições de igualdade no exercício de direitos



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

sociais, políticos, econômicos, de ser, viver, pensar, próprios aos diferentes pertencimentos étnico-raciais e sociais, na existência de uma diversidade dos recursos pedagógicos nas escolas possibilitando a construção de conhecimentos adquiridos no contexto do livro impresso que muitas vezes permanece como único recurso de leitura para vários educandos carentes, haja vista a realidade, das escolas que possuem suas estruturas diversificadas quando se trata dos materiais escolares. (BITTENCOURT, 1993) (CORRÊA, 2000). Nesse sentido, as imagens são constituintes da construção de significados no contexto da formação de textos verbais ou não-verbais alguns de forma interativa se fundamentando e adquirindo espaço no processo das possíveis práticas dos discursos, inserindo uma linguagem de compreensão e diálogos com outros leitores.

Dessa maneira, a utilização dos livros didáticos de história para o Ensino Fundamental I, provoca reflexões nas implicações do que concerne o pedagogo/a desenvolver no papel de educador/a, ideologia que tenha o posicionamento no espaço profissional e a relevância que cada sujeito proporciona de acordo com a formação. Nesse sentido, observa-se a crítica quando se propaga que o profissional não é especialista da disciplina. Essa é uma das preocupações de Stuart Hall de que a ideia de culturas diferentes possa reforçar o “essencialismo” cultural, ou seja, acabe por fixar modelos com os quais não se dialoga, apenas constata-se as diferenças, reforçando o paradigma hegemônico da cultura europeia. Partindo desse pressuposto, em que as negatividades das ideologias e a relevância dos conhecimentos afetam o campo afetivo profissional, no que diz respeito, às tendências pedagógicas curriculares, refletimos ainda sobre as condições inovadoras para que haja intervenção, valorização e produtividade a esse respeito. Portanto, a materialidade que desenvolve a leitura nos oportunizando para a interpretação de textos, nos livros didáticos têm objetivos pertinentes para o desenvolvimento intelectual do educando/a, com conteúdos pautados por

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

problemas situados no tempo presente, reflexões para construção de respostas, às problematizações cotidianas, obras didáticas adequadas para o ensino de textos com as imagens e ações das pessoas comuns não exclusivamente com os personagens heroicos dos fatos políticos de determinadas sociedade.

Em decorrência com a lei 10.639/13, os Parâmetros Curriculares Nacionais de História (PCNs) (BRASIL, 1998) já mostravam o significado do processo de construção da identidade brasileira no ensino. Os PCNs, propondo a ênfase da pluralidade cultural étnica da população brasileira para a busca do respeito sobre a diversidade. Nessa construção de sentido, buscaremos compreender a função das leis nos currículos escolares no processo de ascensão social. Diante da problematização das questões identitárias no que refletem as imagens étnicas constituídas pelas diferentes formas que as mesmas se revelam nas escolas, com determinadas funções ou contribuições que se faz necessárias para as mudanças das relações desiguais que são produzidas ou reproduzidas cotidianamente. No entanto, essas práticas preconceituosas estão presentes e se associam ao modo como as relações étnico-raciais ocorrem no cotidiano da sociedade brasileira.

A análise dos materiais didáticos, são decorrentes das temáticas que as políticas de afirmativas apresentam nos currículos escolares no nível e modalidade da Educação Básica na rede pública ou privada como função determinantes de outros elementos linguísticos do qual, a cultura étnico-racial situa-se sobre os cuidados ou observância das relações de poder subjacentes em função dos diferentes agentes envolvidos em sua produção, no que envolve a prática educativa. Bittencourt (2004) afirma que o pensamento interacionista existe nas práticas sociais possibilitando a construção das imagens produzidas pelos os educandos/as ou pelo próprio educador/a. Nessa perspectiva as tendências pedagógicas constituem-se

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

pela dinâmica e equidade de identificar as lacunas relativas a determinados temas ou sujeitos históricos nos livros didáticos. (...) Os discursos nos textos didáticos também têm sido analisados, sobretudo para identificar estereótipos sobre grupos étnicos.

Bittencourt (2004, p. 298) afirma que:

A escolha dos materiais depende, portanto, de nossas concepções sobre o conhecimento, de como o aluno vai aprendê-lo e do tipo de formação que lhe estamos oferecendo. O método para a utilização dos diversos materiais didáticos decorre de tais concepções e não pode ser confundido com o simples domínio de determinadas técnicas para a obtenção de resultados (id., p. 299).

Diante dessa ruptura entre currículo e culturas negadas e silenciadas que ainda têm inspirado também nas nossas opiniões pedagógicas e práticas do trato da questão racial na escola são detrimientos dentre as possibilidades que enfatizamos sobre a importância das escolas como espaços que oportunizam o convívio com a diversidade social e os livros didáticos que por sua vez, são auxiliares fundamentais no processo de ensino-aprendizagem, contudo isso, são adventos que permitem o acesso à leitura verbal ou não verbal dando ênfase e flexibilidade para os padrões de informações fornecendo subsídios para o trabalho coerente com temáticas específicas. Em outro contexto é oportuno construir esforços profissionais com fundamentos metodológicos, e os diferentes aspectos que possam colaborar com as atitudes e os ideais absorvidos pelas experiências dos conhecimentos da linguagem dialógica e a construção das imagens nos livros didáticos. É nesse cenário da educação em que a construção de sentido vem se constituir dentro do espaço da escola, tornando o ambiente de



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

leitores capazes de identificar os elementos da linguagem escrita e a ação que o sujeito expressa no meio das diversas línguas e os diferentes contextos que regem em nossa sociedade.

Desta forma, o livro didático como um veículo de informação, é um “artefato cultural” que pode reforçar preconceitos e estereótipos ou ser estrategicamente utilizado como veículo promotor de identidades em contextos com aspectos diferentes para a construção de uma sociedade plural étnico-raciais, mediante (re)apropriação e ressignificação da cultura hegemônica na sociedade brasileira, na busca e superação de um quase inevitável impasse pedagógico que as escolas e professores/as enfrentam, mesmo com práticas pedagógicas antirracistas, e a constatação que até uma reinvenção do conhecimento humano se faz necessário para desenvolver as competências e habilidades positivas no campo assistidos pela construção de sentidos.

EXPERIÊNCIAS DE DISCUSSÃO ACERCA DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E SOBRE O ENSINO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRICANAS E DOS NEGROS BRASILEIROS NOS CURRÍCULOS ESCOLARES

A partir da sistematização e análise das pesquisas sobre as relações étnico-raciais nos currículos escolares, percebemos que as investigações apontam alguns desafios para que as práticas de ensino e aprendizagem acerca da História e Cultura dos africanos e dos negros brasileiros não sejam efetuadas de forma isolada e à margem do currículo hegemônico, mas que sejam realizadas em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004) para efetivar uma educação que contemple efetivamente a diversidade étnico-racial. São nesses contextos teóricos que refletimos sobre os consensos linguísticos na fundamentação



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

teóricas dos conteúdos contidas pelas as experiências do qual seremos possíveis compreendermos as críticas que se acentuam nas políticas de afirmativas sobre a resistência pelos direitos constituídos por cada indivíduo, para atingir o pertencimento dos materiais afrodescendentes exibidos para serem aplicados nos currículos escolares, com o uso da língua oral e escrita diante de variadas formas e usos das variantes linguísticas.

Mediante dos sentidos em que os componentes iconográficos se insere nas imagens dos diversos elementos de uma história na qual as figuras estão relacionados a cada um desses grupos nos livros didáticos e o material para socializar a determinada exposição não respeitadas como merecidas, percebemos que ainda hoje na nossa sociedade após a Lei 10.639/03 e a sua obrigatoriedade nos livros didáticos, existe o comportamento explícito para externar a negação nos currículos escolares visto como, uma composição submetida ao preconceito na visão de muitos educadores não deixando de ser uma representação do negros/as como ser cidadão participativo quando os livros didáticos com aquelas imagens negativas que foram marcas pelo passado que são destituídas em um novo cenário. Entendemos a prática racista enraizada nas raízes da sociedade que sempre buscam interromper o crescimento dos negros/as. Ressaltamos que não pode ser negada as imagens dos negros/as nos livros didáticos sistematizando essas abordagens nos currículos escolares para que tenham um olhar crítico, se revista de novos aspectos que possam proporcionar significados através dos diálogos consciente na construção dos conhecimentos e na flexibilidade dos paradigmas sim, realçando os acontecimentos sociais.

Considerando os limites do alcance dos livros didáticos e a problematização da temática que configura os desafios postulado frente à propagação e a desconstrução destes estereótipos racistas e as relações nos



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

planos e nas representações do imaginário social, sabemos da abrangência da utilização dos livros num universo de milhões de crianças e adolescentes estudantes da Educação Básica. Entendemos que após mais de uma década da existência da Lei 10.639/03, é necessário seja, implementada uma educação para propagar sobre a importância de construir buscas no sentido de reeducar as relações étnico-raciais no país, bem afirmam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações étnico-raciais (DCNERER). Contudo isso, compreendemos que de fato que as imagens são representadas nos livros didáticos, como reprodução sistemática, no consenso que ressignifica os dados conceitos sobre a concepção dessas imagens, trazendo a simbologia das telas dos pintores europeus, por todo o percurso dos nove anos de formação do estudante do Ensino Fundamental, sobre a construção de sentido e o que perpassa no cotidiano da sociedade escravocrata às ações do grupo dominante, sem destacar as ações coletivas e individuais da população excluída no contexto das culturas diversas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É na perspectiva exposta que acreditamos na relevância que essa pesquisa nos permite compreender o quanto é importante a representação das imagens nos livros didáticos como poderão ser utilizadas as metodologias, nas práticas educativas e os elementos linguísticos que norteiam o currículo escolar. Ressaltando os traços que são produtores dos efeitos que postula e constrói uma nova identidade em que o preconceito seja negado no que se acentua nas ideias dos leitores mas, que proporcione desafios consistentes otimizando e definindo o que permeia a produção de sentidos no processo da constituição identitária étnico racial da nossa sociedade. Algo visto, que através de ações preconceituosas e de desconforto possa causar morte social, intelectual, profissional entre outras,



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

principalmente entre crianças e adolescentes que ainda estão em fase de desenvolvimento. É nessa perspectiva que se torna necessário um novo olhar sobre a percepção de comportamento, que a sociedade entenda que todos têm o direito de existir, independente da classe social, gênero ou etnia. O respeito ao outro deve ser incentivado, de acordo com que os constituintes legais nos orientam em função das políticas de afirmativas e a convivência social. Entretanto, as ideias sobre as abordagens das imagens no livro didático e as funções exercidas no contexto da educação, são os desafios que nos deparamos é o processo educativo quando a escola entra como protagonista do ensino aprendizagem, levando as informações e os debates sobre esse tema que é de total relevância, quando o educador deve selecionar material de apoio, tecnológicos ou não, referentes ao assunto preconceito/discriminação. Nesse contexto, o educando/a deve estar envolvido na construção do currículo como também, nas teorias das imagens deturpadas postas nos livros didáticos, é necessário fazer a análise crítica ao mesmo, a partir dos textos e imagens inseridas no livro. O tema preconceito/racismo deve fazer parte do planejamento do professor, articulando as noções produtivas de fazer enxergar a beleza nas diferenças e que o papel de todos, que fazem a comunidade escolar.

Diante dos pressupostos teóricos mencionados e das pesquisas realizadas, observamos que o livro didático seja, como instrumento para orientar o trabalho, o conteúdo e a sequência didática dos mesmos, seja para orientar as atividades de aprendizagem e a avaliação do ensino ou determinada função linguística. Nesse contexto, exerce grande influência na atuação dos docentes, é comum nas escolas brasileiras ser a única ferramenta disponível para a aprendizagem dos educandos, quando apresentada uma proposta de interação não convincente na prática educativa mas, a sugestão são postas pela realidade escolar quanto ao



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

diálogo e a função didática nas abordagens dos conteúdos em que a flexibilidade faz parte dos currículos escolares.

Pensar na proposta curricular para uma educação de equidade sintonizada nas condições legais para o que consiste as relações étnico-raciais mais produtiva mediante as implicações para à formação docente tanto nos conteúdos curriculares pautados pela diversidade, quanto à militância para o combate ao racismo, com o compromisso ético e político no sentido de identificar, medir e superar as discriminações, ações e modelos racistas que permeiam o imaginário e o cotidiano das relações sociais, tanto nos espaços públicos como na vida privada. Nesse contexto, os livros didáticos se constituem em um dos principais veículos dos currículos escolares, de tal forma, são necessárias as alterações substanciais para que possam contemplar efetivamente a diversidade étnico-racial.

Contudo isso, analisamos nos livros didáticos em sua totalidade a quantidade de imagens e os expostos didáticos na dimensão que os estudos apontam pela necessidade de um maior investimento na formação de professores, de forma que os levem a se comprometerem efetivamente com uma educação antirracista, e que essa formação deverá propiciar suporte teórico que lhes permitam escolher de modo mais criterioso os livros didáticos e outros textos auxiliares na aquisição dos conhecimentos científicos; a serem trabalhados no advento das questões das relações étnico-raciais no espaço escolar de modo mais permanente a minorar e denunciar situações e eventos explícitos de preconceito, discriminação e violência instalados nas escolas, aumentando o índice de permanência e sucesso escolar da população negra na construção da autoestima e da identidade étnico-racial dos educandos na elevação da sociedade.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, C. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Parâmetros curriculares de Língua Portuguesa 10 e 20 ciclos. Brasília: 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CASTRO, Fernanda. **Políticas Públicas**. Disponível em: . Acesso em: 15 jun. 2013

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC/SEPPPIR, 2004.
Educação Antirracista: Caminhos Abertos pela Lei Federal nº 10.639/03, Volume 2;

FREITAG, B. et al. **O livro didático em questão**. São Paulo: Cortez, 1993.

FREITAS, I. **História regional para a escolarização básica no Brasil: o livro didático em questão**. São Cristóvão: UFS, 2009.

HALL, S. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Minas Gerais: UFMG, 2003.
Livro e em sala de aula: modo de usar. In: Materiais didáticos: escolhas e uso. BOLETIM 14. Programa Salto para o Futuro, TV Escola, Agosto, 2005.

LOPES, A.R.C. **O livro didático nas políticas de currículo**. In: PEREIRA, M.Z.C.;

MOURA, A.P. (Org.). Políticas e práticas curriculares: impasses, tendências e perspectivas. João Pessoa: Ideia, 2005.

RANGEL, Egon de Oliveira. **Material adequado, escolha qualificada e uso crítico**. In: Materiais didáticos: escolhas e uso. BOLETIM 14. Programa 2 Salto para o Futuro, TV Escola, Agosto, 2005.

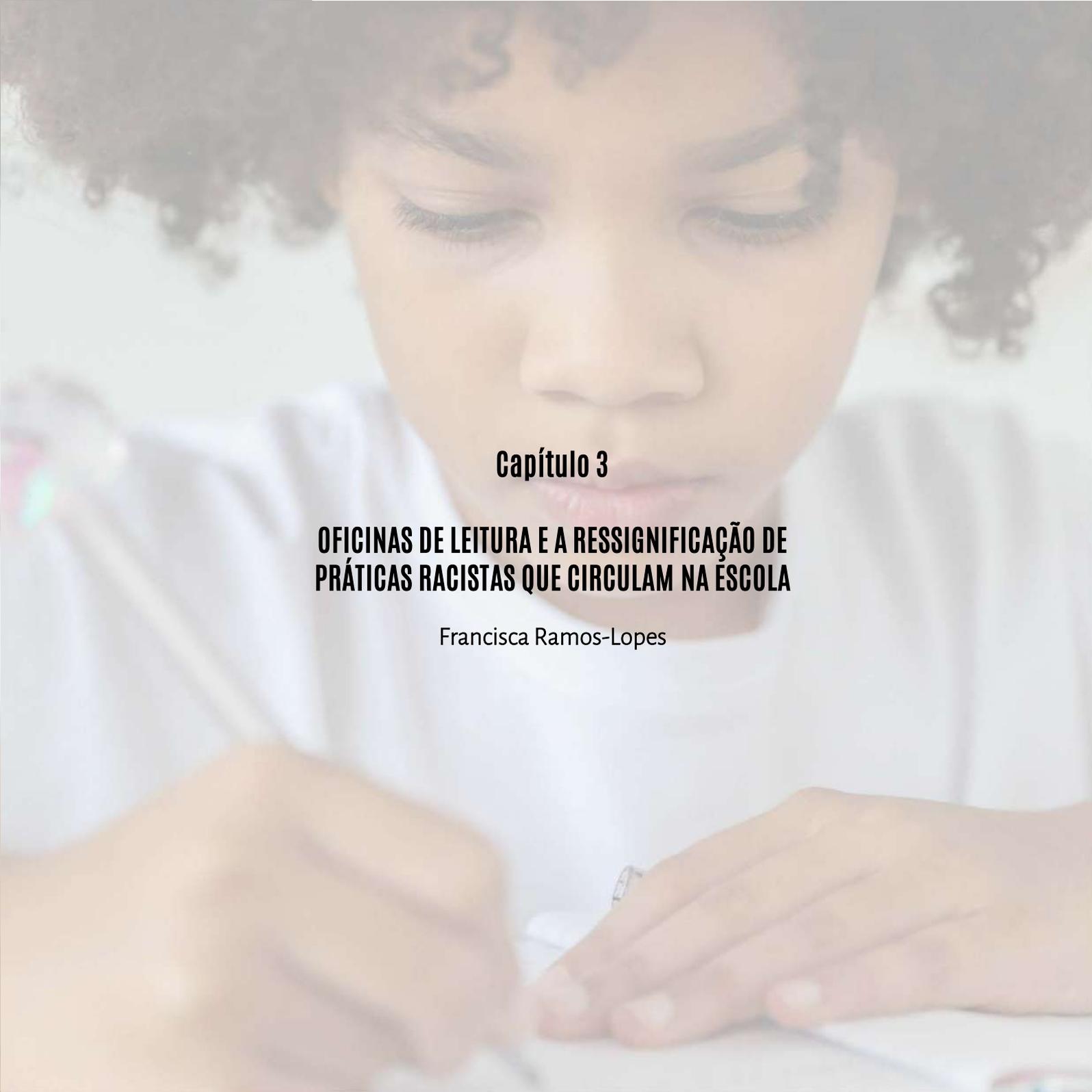
ROJO, Roxane. **Materiais didáticos: escolha e uso**. In: Materiais didáticos: escolhas e uso.



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

BOLETIM 14. Programa Salto para o Futuro, TV Escola, Agosto, 2005.

SILVA, A. C. A discriminação do negro no livro didático. Salvador: EdUFBA, 2005.

A young girl with curly hair is shown from the chest up, wearing a white shirt. She is looking down and writing in a notebook with a pen. The background is a soft, out-of-focus light color. The text is overlaid on the center of the image.

Capítulo 3

OFICINAS DE LEITURA E A RESSIGNIFICAÇÃO DE PRÁTICAS RACISTAS QUE CIRCULAM NA ESCOLA

Francisca Ramos-Lopes

OFICINAS DE LEITURA E A RESSIGNIFICAÇÃO DE PRÁTICAS RACISTAS QUE CIRCULAM NA ESCOLA¹⁰

Francisca Ramos-Lopes

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nos dias atuais, discursos relacionados em torno da temática da diversidade e suas variantes estão perpassando os estudos e debates que até então eram restritos aos meios acadêmicos, estão fazendo parte da atual sociedade de uma maneira mais significativa adentrando aos espaços de convívio social. A (re) construção de anos segregados a uma grande parcela da população, veem trazendo à tona discursos de afirmações sobre as formas de diversidade, incluindo-se a diversidade cultural e racial, questões de gênero, sexualidade, religiosidade, etc.

Assim o sendo, nessa produção pensamos a diversidade a partir de contexto cultural e racial, com foco em possíveis caminhos para se trabalhar a desnaturalização do preconceito na escola. Quando nos referimos à cultura, de imediato entrelaçamos aos costumes de uma determinada população. Desde as suas comidas, vestimentas, educação, rituais religiosos até a forma como demonstram suas relações afetivas a um grupo desconhecido. No continente Europeu, por exemplo, a cor da pele e os tons

¹⁰ Trabalho, com algumas atualizações, publicado como artigo, na revista *Phylogus*, 2020, sob o título: A desnaturalização do preconceito étnico-racial na escola: caminhos possíveis



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

claros dos olhos é uma marca cultural, uma presença. É comum ouvirmos pessoas de outras nacionalidades ao chegarem aos países pertencentes ao continente europeu fazerem afirmações do tipo; “a comida é ótima” “a cultura é riquíssima e todo mundo tem a pele branca e olhos claros” “são todos belíssimos”. O fenótipo europeu é cultura tanto para os seus habitantes quanto para os seus visitantes. Mas, quando passamos aos demais continentes, a história já não é a mesma.

Para os povos pertencentes ao continente africano e América do sul, a sua identificação do seu lugar no mundo, já não é a sua identidade e ao entrelaçarmos a sua localização geográfica ao espaço do convívio social que é a escola, nos deparamos a um modelo inexistente de educação, o modelo de educação eurocêntrico, um modelo que não respeita as multiplicidades dos sujeitos nos mais diversos meios sociais, sejam eles educacionais ou não. Nesse sentido, comungamos com o posicionamento de Cunha Jr (2006) quando diz que a história do Brasil ensinada nas nossas escolas é eurocêntrica, por partir de uma visão de mundo do europeu e não combinar esta com outras matrizes de conhecimento e experiência históricas.

Nossa compreensão é de que mesmo sendo o Brasil, um país multicultural, com várias etnias e das mais diversas pluralidades, quase nunca entrelaçamos o pertencimento da identificação da cor como forma de enriquecimento de uma cultura. E, ainda, é negado a população negra o direito de existir e de se identificar como tal, como consequência, prevalece a fortificação de uma cultura segregacionista, uma cultura que impõe como devemos agir perante a sociedade.

Ao questionarmos situações como as expostas, confrontamos às ideias que há anos estão enraizadas na cultura da sociedade. É comum, ouvirmos em nossa prática laboral discursos de negação a existência de práticas racistas na escola e na sociedade. Motivo, dentre os quais consideramos vital levarmos as questões da diversidade étnico-racial ao



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

âmbito escolar. Assim, estaremos, de maneira geral, desconstruindo padrões estéticos e construindo uma sociedade que aprenda a respeitar a diversidade, destruindo o estigma de uma sociedade igualitária, a qual há anos faz uso do termo “igual” na busca de uma ideologia de supremacia racial.

Os estudos étnico-raciais já vêm sendo discutidos há muitos anos, mas, quando se trata da diversidade seja ela qual for, debatemos com retrocesso. A diversidade é um tabu. Nas escolas não é diferente, mesmo elas sendo um ambiente de formadores de opiniões, de sujeitos capazes de se posicionar, ainda não é o suficiente o número de sujeitos donos da sua autonomia.

O racismo dentro das escolas traz à tona o modelo de educação eurocêntrico, que está longe de ser um modelo de educação inclusiva. Ao invés de uma educação libertadora, no sentido de desenvolver os alunos para agentes de ações políticas sociais, a escola vem sendo um ambiente invisível diante de uma formação que se posicione perante as questões de discriminação. A esse respeito, Ramos-Lopes (2010) afirma que em âmbito escolar, as práticas discriminatórias, em algumas situações, são ocultadas e silenciadas, pois não se constituem em discussões que “denunciem” a complexidade atinente às relações raciais.

A abordagem teórica /metodológica advém dos estudos de Cavalleiro (2005), Cunha Jr. (2006), Guimarães (2004 e 2008), Hall (2005), Munanga (2005), Ramos-Lopes (2010) dentre outros que refletem positivamente a respeito da temática da diversidade étnico-racial na escola e na sociedade. Textualmente, a produção está organizada, além das considerações iniciais e finais em mais quatro tópicos: Diferentes tipos de racismo; Práticas racistas; O caminho trilhado e Diálogo com os discentes

DIFERENTES TIPOS DE RACISMO

No cenário brasileiro, o “racismo” surge como uma doutrina científica que mantém proximidade com a abolição da escravidão, e, por conseguinte, a igualdade política e formal entre todos os brasileiros. No entanto, o racismo no Brasil foi mais que uma reação à igualdade legal entre os novos cidadãos que surgiam com o fim do regime escravista. Ele foi, também, o modo como as elites intelectuais, localizadas em Salvador e Recife, reagiram às desigualdades regionais que se acentuavam entre o Norte e o Sul do País, em decorrência da decadência da cana de açúcar e a prosperidade advinda dos cafezais (GUIMARÃES, 2008).

O racismo brasileiro é concreto nas situações históricas impostas aos africanos e aos seus descendentes, fazendo parte de uma constante imposição de dominação econômica, cultural, social e política. Não se restringe apenas a um problema de classe social clássico, da relação entre possuidores de capitais e despossuídos. Este racismo se executa, então, de forma e aparência silenciosa, sem as sistemáticas explicitadas de outros países com rígidos padrões raciais (CUNHA JR., 2009).

Durante todo o século XIX e meados do século XX, o racismo ganhou espaço doutrinário e foi bastante difundido pela ciência, fato que contribuiu para que o mundo assistisse à perseguição e ao massacre de judeus e ciganos durante a Segunda Guerra Mundial. Os pesquisadores Borges, Medeiros e D’Adesky (2002) afirmam que a permanência do racismo na história da humanidade, configura-se nas práticas discursivas de modo individual, institucional e cultural. (BORGES, MEDEIROS E D’ADESKY, 2002)

No concernente ao racismo individual sua manifestação ocorre por meio de atos discriminatórios de um indivíduo contra o outro, chegando a atingir níveis variados de violência, como agressões físicas ou verbais, destruição de bens e até mesmo assassinatos, conforme ocorreu com o



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

regime do Apartheid, na África do Sul ou os conflitos raciais nos Estados Unidos, nas décadas de 60 a 80. O “racismo individual” apresenta duas subdivisões: “dominador” e “aversivo”. Esse é designativo daquele sujeito que não usa um tipo de comportamento explícito para externar seu preconceito, mas, pode referir-se a um negro que se destaca pela sua intelectualidade como uma exceção a raça, ou então, não quer proximidade sejam amigáveis ou afetivas com negros. O outro se refere ao indivíduo preconceituoso fazer uso de atitudes negativas, demonstrando aversão ou ódio, em relação aos sujeitos negros (GOMES, 1995).

No Brasil, esse tipo de racismo também se fez presente, mas foi camuflado pelos meios de comunicação e por alguns setores estatais (MUNANGA, 2006). No entanto, na sociedade atual, cotidianamente as redes sociais tem divulgado práticas racistas. Destaque-se que no Brasil a exposição da população à possibilidade de morte violenta já é grande, ser negro corresponde a pertencer a um grupo de risco, pois a cada três assassinatos, dois são de negros. Somando-se a população residente nos 226 municípios brasileiros com mais de 100 mil habitantes, calcula-se que a possibilidade de um adolescente negro ser vítima de homicídio é 3,7 vezes maior em comparação com os brancos. (IPEA, 2020)

Outra forma de racismo é a institucional. Esse pode se caracterizar pelas práticas, as leis e os costumes estabelecidos socialmente os quais refletem e provocam as desigualdades raciais entre determinados grupos da sociedade. Geralmente, se manifestam por meio da economia, o sistema jurídico e a educação. As práticas racistas também se efetivam por meio do isolamento dos negros em determinados bairros, escolas e empregos. Elas, nos livros didáticos, apresentam seus efeitos de sentidos pela ausência de personagens negros ou pela presença de teorias e imagens deturpadas e estereotipadas sobre a história desse povo. Manifestam-se também na propaganda, publicidade, novelas etc., retratando o negro e outros grupos

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

étnico-raciais de forma equivocada, por exemplo, submissos, preguiçosos, malandros, dentre outros (GOMES, 1995; MUNANGA, 2006). Os estudos recentes sobre relações raciais têm constatado práticas racistas nas diversas instituições de nossa sociedade, por exemplo, o ambiente escolar (GOMES, 1995).

Além do racismo individual, institucional, Borges, Medeiros e D' Adesky (2002) apresentam o racismo cultural. Esse está estritamente ligado ao etnocentrismo, ou seja, ao sentimento de superioridade que uma cultura tem em relação as outras, perseguindo a ideia de que seus valores são os melhores e os mais corretos, por isso devem se sobrepor a todas as outras culturas (MUNANGA, 2006). Nesse sentido, a hierarquização em relação aos grupos não se apresenta por meio de critérios raciais e sim, pelas singularidades culturais expressas por meio das diversas línguas, religião, sistema político etc. Essa é uma nova forma de racismo que, ao postular a intransponibilidade das diferenças culturais e negar a existência de valores universais, inviabiliza a cooperação entre as diferentes nações (BORGES, MEDEIROS & D' ADESKY, 2002).

A esse respeito, Jones (1973, p 139) afirma: “a capacidade para controlar, pelo exercício do poder, as vidas e os destinos do povo negro, se torna racismo cultural quando tais destinos estão encadeados a padrões etnocêntricos brancos”. Na cultura, o racismo propaga o relativismo cultural e o multiculturalismo como forma de domesticação de corpos, determinando a superioridade, o valor e o significado da cultura dominante em detrimento de outros grupos dos quais a branquitude produz a inferiorização desses (PRADO, 2020).

Acrescemos as formas de racismo citada a que consideramos matriarca das demais: o racismo estrutural. Este segundo Almeida (2018) não se resume a fenômenos localizados. Está atrelado a um processo histórico, econômico e político em que as condições de subalternidades são



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas reproduzidas para grupos específicos da sociedade. Ele é sistêmico, se apresenta como consequência da estrutura social. Está emaranhado nas estruturas de poder por isso atinge somente grupos étnico-raciais considerados inferiores. Fato que torna inviável o argumento do racismo reverso. Nessa mesma seara discursiva, o autor acresce que a solidificação do racismo é mantida pela ordem jurídica, política e econômica, posto que criam condições para evolução de um grupo específico da sociedade.

Guimarães (2005, p. 32) esclarece “o racismo é uma tentativa de redução do cultural ao biológico, uma tentativa de explicar um determinado status social como se fosse uma característica natural”. Entenda-se, um comportamento hostil relacionado ao outro, com base em suas características físicas, cognitivas, intelectuais, de nacionalidade, sexo etc. Racismo é algo maior do que discriminação ou preconceito. Diz respeito a formas nem sempre conscientes e também coletivas de desfavorecer negros e indígenas e privilegiar os brancos. Em sociedades como a brasileira, o racismo determina a forma como pensamos. Assim, a cor da pele significa muito mais do que um traço da aparência. Ela é associada a capacidades intelectuais, sexuais e físicas. É como se ser negro estivesse associado a qualidades físicas apenas (a dança, os esportes, o trabalho pesado) e não intelectuais (FORTE, 2020).

COMBATE ÀS PRÁTICAS RACISTAS

No universo escolar, ainda se propaga uma versão alienada do escravismo. Esse é discutido em muitas práticas docentes como um fato natural, sem apresentar nenhum indício de condenação ética e moral. Tais posições atribuem a população africana a predestinação do escravismo por, supostamente, ser intelectualmente inferior ou culturalmente menos evoluída. Desse modo, a escola introduz de forma negativa os discursos que

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

produzem sentidos em torno da discussão étnico-racial. Elas repetem outras experiências que os discentes já tiveram fora da escola, onde conviveram ou convivem com formas variadas de como desqualificar socialmente a figura dos negros. O racismo é um problema social que se aprende na rua e na escola (CUNHA JR., 2006).

Postulo que as práticas racistas “discriminação e preconceito”, dentro ou fora da escola, apresentam semelhanças entre si. Elas centram-se em ideias, sentimentos e atitudes negativas contra o outro. A diferença é que a “discriminação” consiste em um ato de uma pessoa ou grupo em relação ao outro, enquanto o “preconceito” fica mais no nível da concepção. O preconceito se resume a um julgamento pré-estabelecido a respeito de uma pessoa, grupos de indivíduos ou uma nação que se desconhece. É uma opinião fechada que os sujeitos adotam sobre si ou sobre os outros, sem nenhuma razão concreta.

Considerar uma pessoa preguiçosa por causa de seu pertencimento étnico-racial; dizer que alguém dirige mal porque é mulher; que os japoneses são mais inteligentes e que todo brasileiro gosta de samba etc., são concepções preconceituosas que não nascem com o sujeito, elas são construídas ao longo da vida. Consideramos que os primeiros sinais demonstrados na infância, em que algumas crianças não querem contato com crianças de outro pertencimento étnico-racial ou de classe social diferenciada, são oriundos de seu contato com o mundo adulto.

A erradicação de práticas racistas é algo que tem sido muito discutido em âmbito social, mas que permanece nas práticas discursivas individuais, institucionais e culturais, posto que elas se constituem durante o processo de socialização iniciado na família, na vizinhança, na escola, na igreja, no círculo de amizades, na inserção profissional, nas relações afetivas, nos movimentos comunitários e políticos, dentre outros. Em muitas dessas situações, parece mais cômoda a aceitação e reprodução de falsas ideias a



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

respeito de determinados grupos, do que um posicionamento crítico referente às concepções pré-estabelecidas (MUNANGA, 2006).

Na tentativa de erradicar com práticas racistas na sociedade, os movimentos sociais têm lutado por ações afirmativas em nossa sociedade. Uma dessas conquistas está na criação da lei nº10.639/2003 que altera a lei nº 9.394. que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira.

A aludida lei foi uma vitória para a sociedade brasileira, especialmente a negra, que viu a partir da sanção desta lei as seguintes possibilidades:

Art. 26-A.- Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 10 - O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 20 - Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. (BRASIL, 2003, p. 01)

Observando a supracitada lei compreendemos:



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

O grande desafio da escola é investir na superação da discriminação e dar a conhecer a riqueza representada pela diversidade étnico-racial e cultural que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro, valorizando a trajetória particular dos grupos que compõem a sociedade, como também respeitar e valorizar as diferenças étnicas e culturais não significa aderir aos valores do outro, mas, sim, respeitá-los como expressão da diversidade, respeito que é, em si, devido a todo ser humano, por sua dignidade intrínseca, sem qualquer discriminação (BRASIL, 1997, p. 117-121).

A pesquisa realizada pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE, 2009) sobre Preconceito e Discriminação no Ambiente Escolar – a pedido do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), comenta que o preconceito e a discriminação estão fortemente presentes entre estudantes, pais, professores, diretores e funcionários das escolas brasileiras e que 94,2% das pessoas entrevistadas na referida pesquisa tem preconceito racial. A pesquisa foi realizada com o objetivo de dar subsídios para a criação de ações que transformem a escola em um ambiente de promoção da diversidade e do respeito às diferenças.

Outro dado significativo que o estudo revela é que quanto mais preconceito e práticas discriminatórias existem em uma escola pública, pior é o desempenho de seus estudantes. Dessa forma, faz-se necessário um trabalho muito consistente na escola para que a discriminação se reduza nesse espaço de ensino e aprendizagem.

No Brasil, a Constituição Federativa proíbe qualquer tipo de “discriminação”, seja de idade, sexo, cor, religião, classe social etc. Ainda assim somente a legislação não parece suficiente. As mulheres, os negros, os homossexuais, algumas crenças religiosas, dentre outros, sofrem processos discriminatórios, mesmo que de maneira informal e velada. Assim é



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

interessante saber que para o combate à “discriminação racial” se faz necessário, além da lei, políticas de promoção de igualdade de oportunidades para todos, independentes do pertencimento étnico-racial.

O CAMINHO TRILHADO

A pesquisa é de base qualitativa/interpretativista, (MOITA LOPES, 1996), efetuada por uma docente e uma estudante do curso de Letras, ambas tiveram como principal foco discussões teóricas advindas das ciências humanas e sociais, com foco na Linguística Aplicada (LA).

Na perspectiva exposta, Ramos-Lopes (2010) compreende que trazer a discussão da construção de identidades étnico-raciais para a área de LA é procurar lançar, através dos múltiplos sentidos provenientes da linguagem, um novo olhar sobre as práticas discursivas em uso, adentrando em discussões que dizem respeito a uma realidade social em que as verdades absolutas, muitos valores, éticas, ideologias e percepções de vida social, entendidos como naturalizados, estão sendo questionados (MOITA LOPES, 2003). Ou seja, a linguagem, por meio de sua capacidade de multiplicar sentidos, se alastrará por outros arcabouços teóricos, ampliando as possibilidades de investigação tanto em questões de linguagem quanto educacional (SIGNORINI, 1998).

Os dados são oriundos de um projeto PIBIC (RAMOS-LOPES & SANTOS, 2016). Estes foram construídos por meio de visitas a escola NF, no município de Açu, RN. Fizemos a aplicação de uma oficina intitulada: Da musicalidade à identidade negra. No primeiro dia as atividades foram divididas em dois momentos equivalentes a três horas aulas de 50 minutos cada. No primeiro momento, apresentamos uma predição com o enunciado Racismo, com seguintes pontos: se os mesmos já ouviram falar em racismo, o que entendem, se já leram, conheciam alguma música o tema e o que eles



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

entendiam por diversidade. No segundo momento foi apresentada aos alunos uma letra de música, Racismo é burrice de Gabriel Pensador. Ouviram a letra da música, cantaram, realizaram leitura silenciosa, para em seguida, destacarem alguns dos enunciados que mais chamou atenção e dialogarmos sobre o porquê do destaque.

No segundo dia, uma semana depois, retornamos à escola para a continuidade do trabalho. Também fizemos uso de três horas-aula de 50 minutos cada. Inicialmente fizemos uma retomada da discussão anterior, foram hora reafirmados, hora refutados conceitos relacionados à temática da diversidade étnico-racial e a importância dessa discussão no ambiente escolar. Posteriormente, fizemos a apresentação em vídeo de uma segunda música intitulada.

A Cor da Pele, Bruno Leão, juntamente com o acompanhamento da letra impressa, para que todos pudessem fazer a sua própria leitura, e por último, a realização de um questionário com quatro perguntas relacionadas à temática da diversidade étnico-racial. A saber: você conhece alguém que já vivenciou algum tipo de preconceito? Em sua escola, você acha que os colegas tratam todos por igual? Explique. O que você acha das pessoas que tratam as outras mal por causa da cor? Comente. Em sua escola, há apelidos entre os colegas? Fale sobre. Escreva um enunciado/texto contra as práticas discriminatórias.

DIÁLOGO COM OS DISCENTES

A escola que deve ser espaço de construção e formação de sujeitos pensantes e modificadores sociais, ainda que tenha em suas regras de conduta e se apresente de modo democrático a sociedade, está longe da construção de um espaço protagonista de projetos que atuem como fomentadores das diversidades que ali se fazem ocupantes. Ela é o principal



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

ambiente responsável para formar seres humanos capazes de refletirem e se alto conhecerem enquanto sujeitos das suas próprias práticas. A este respeito, Gomes (2005, p.146). nos remete a seguinte reflexão: “Não há como negar que a educação é um processo amplo e complexo de construção de saberes culturais e sociais que fazem parte do acontecer humano”.

Os alunos que contribuíram para as reflexões propostas demonstraram o desconhecimento que tinham acerca da temática. Alguns revelaram que não lembravam se já haviam estudado algo sobre racismo, outros disseram que estudaram sobre escravidão, outros que já sabiam não poder falar mal da cor das pessoas, pois poderiam ir presos. Ainda assim, disseram que todos os anos faziam apresentações na escola para comemorarem o dia da libertação dos escravos e o Dia da Consciência Negra. Essas eram atividades sempre organizadas pelos docentes de história e de artes.

Deprendemos que a aplicação da oficina foi de fundamental importância para que, mesmo sem acesso ao conteúdo programático preconizado pela lei 10.639/2003, isso faria com que tivessem seus conhecimentos aprimorados acerca do racismo, suas consequências e a importância de repensarmos nas práticas racistas que circulam na escola e no convívio externo ao ambiente escolar, eles se envolveram com a temática, demonstraram interesse e citaram ações praticadas, no entanto, afirmaram não saber que estavam sendo racistas.

Seguindo essa compreensão, Sousa (2005, p. 112) afirma:

Nesse sentido, a sala de aula e a escola como um todo tem se caracterizado como um espaço de conflito no qual as crianças e adolescentes, negras e negros, sentem dificuldade de consolidar, positivamente, sua identidade e sua autoestima. Isto dá-se, principalmente, pela costumeira vinculação do negro

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

com situações ou coisas pejorativas, através de apelidos e comparações grosseiras e desagradáveis.

A realidade exposta só pode ser revertida quando o empoderamento negro for fortalecido. Essa é uma corrente que depende de um conjunto de ações, nas quais a escola seja uma das bases ativas atuando para que o respeito à diversidade se consolide no processo de identidade e na autoestima dos alunos negros.

Com base na oficina aplicada em sala aos alunos do 8º ano do ensino fundamental, ressaltamos algumas afirmações dos discentes ao serem indagados se já haviam vivenciado algum tipo de preconceito ou se conheciam alguém que tinha vivenciado. As respostas foram elaboradas no individual e em grupos, intitulamos os Alunos da seguinte forma (A) para quem respondia individual e para as repostas em grupos (G). Vejamos:

Sim. Eu tenho um amigo que é gay, ele sofre muito preconceito, discriminação nas ruas, às vezes, os meninos batem nele. (A4)

Sim. Um adolescente foi preso injustamente, por ser negro, foi culpado por furto. (A8)

Sim. Eu sou um que já sofreu preconceito, e também algumas pessoas que são próximas a mim por serem gordas, negra, entre outras. (G1)

Sim. Sai com meu namorado para ir a um aniversário e rolou bastantes olhares preconceituosos. Primeiro porque ele é negro. Segundo por ter tatuagens. Terceiro pelo fato de eu namorar ele e nós dois não termos a mesma idade. (G3)

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Podemos observar o quão visível são as atitudes racistas e preconceituosas que os alunos vivenciam nas mais diversas situações. O aluno A4 identifica o preconceito vivenciado por um amigo relacionado à sua sexualidade, e ao mesmo tempo em que ele fala sobre preconceito, também cita ações discriminatórias: amigo é vítima de agressões. É notável o quanto uma prática interliga a outra, o quanto uma pessoa tem sua identidade arrancada por não fazer parte dos padrões impostos pela sociedade, pelo modelo do que é certo e errado. A sociedade cria um estereótipo e esteriliza uma parcela que não se enquadra no tipo de modelo imposto, força o que é diferente a viver sobre os moldes do imaginário socialmente correto.

O aluno A8 retrata uma das situações das quais o negro vivencia diariamente a violência contra sua integridade física e moral. Uma marca que está no sujeito negro desde o período colonial. Período que retratava o negro como preguiçoso e bandido. As marcas do período colonial adentram a todos os espaços nos dias de hoje, e o pior deles, é espaço que ocupa nas mentes humanas. São evidentes as marcas que o período colonial deixou: aos negros a herança de uma sociedade escravocrata que finge não ver quão suas práticas racistas e preconceituosas perpassam de geração a geração; aos brancos vozes que silenciam e silenciaram em nome da razão e ainda ecoam nos lares, nas escolas, nas universidades, nos hospitais, dentre outros, que o racismo não existe.

O grupo G1 afirma o que já tinha sido relatado anteriormente. As diversas formas que a sociedade usa para enquadrar o que lhe foge do padrão. A caracterização da normatividade classifica o adequado como branco, heterossexual e magro. O diferente foge dos padrões impostos pela sociedade. Assim, cria-se diante desses padrões um escudo invisível para justificar a farsa da inexistência dos preconceitos, das práticas racistas e das agressões, que são bastante visíveis. A sociedade com intuito de não quebrar



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

a capa protetora adjetivou o vitimismo para justificar suas ações. Ou seja, o negro é quem cria seu racismo, o homossexual apanhou porque não anda como homem, é afeminado. E pessoas com sobre peso sofrem com as pressões psicológicas, mas, engordou porque quis.

O grupo G3 revela uma das situações vivenciadas por uma garota de seu grupo, que vive no dia a dia situações conflituosas de um relacionamento amoroso. No discurso acima, retrata uma situação que aconteceu em um aniversário no qual ela e o namorado estavam presentes, e, segundo a aluna, ao chegar ao aniversário notou olhares preconceituosos direcionados aos dois porque o seu namorado é negro, tem tatuagens e os dois tem uma diferença considerável de idade.

As marcas dos relacionamentos amorosos interraciais perpassam aos anos e muitas são as ideias pré-construídas a esse respeito. É sabido que muitas dessas relações ocorriam como uma forma de sobrevalorização do branco e a estigmatização do negro durante muitos anos da história, contribuindo para que as marcas da negação da cor, do sentimento de inferioridade, advindas da chamada melhorias da raça, estejam bastante vivas no pensamento de uma sociedade culturalmente racista.

Dessa forma, podemos perceber que parte dos alunos entendeu as diversas maneiras que o racismo estruturado atravessa as suas relações sociais e a importância de atitudes que possam combater as formas de preconceitos e discriminação no ambiente escolar e no convívio social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na sociedade atual ainda há muitas marcas da desigualdade histórica quando se trata de negros no Brasil e no mundo. Muitos negros ainda sofrem com o racismo e a discriminação e não encontram condições sociais de educação e desenvolvimento profissional. É importante ressaltar



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

que as diferenças culturais não podem, nem devem ser vistas como sinônimo de inferioridade. Elas precisam ser respeitadas.

É sabido que os alunos negros no Brasil, durante muito tempo passaram, e ainda passam, por situações desagradáveis devido ao preconceito de pessoas ignorantes. Grande parte desses alunos tem dificuldades, ou medo, talvez, de se afirmar como negro, como afrodescendente. Essa dificuldade se dá pelo fato deles não terem um estudo adequado sobre a história da cultura afro-brasileira e africana, para assim, terem como referência e orgulho pessoas que contribuíram para a história tanto no Brasil como na África.

A discussão em torno das práticas racistas aparece diversas vezes de maneira naturalizada, e por isso, muitos dos alunos e professores não apresentam sinais de indignação perante atitudes negativas que circulam na escola. Assim, muitos casos de discriminação vivenciada pelos alunos negros na escola são silenciados. Fazendo com que as piadas, apelidos e xingamentos criem uma espécie de fortificação de ideias preconceituosas e racistas naturalizadas.

Na escola onde foram aplicadas a oficina, observamos que ainda existia uma interligação entre os tipos de preconceitos, já que muitos deles apresentavam seus conceitos sobre o que era o racismo de diversas formas: social, gênero, sexualidade, sobrepeso, bullying e pessoas que usavam tatuagens. E quando falavam sobre a questão da diversidade usavam exemplos que tinham visto nos livros e aulas de história e apenas alguns alunos relataram uma cena do meio midiático. O que retrata ainda mais o desconhecimento acerca da temática da diversidade étnico-racial no processo de identidade dos alunos, fazendo com que a cultura de um povo seja renegada e vista como algo sem valor histórico.

A oficina acerca da temática da diversidade étnico-racial foi bastante proveitosa para que os alunos tivessem seus conhecimentos ampliados



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas sobre as mais diversas formas de diferenças, em especial, a diversidade étnico-racial. No entanto, ficou visível a necessidade das instituições, a começar pelas universidades, inserirem em seus currículos disciplinas as quais proporcionem aos docentes conhecimentos referentes à temática do racismo, contribuindo para no cotidiano de sala de aula, eles se percebam mais preparados para a efetivação da 10.639/03.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

BRASIL. **Lei n.10.639**, de 9 de janeiro de 2013. Diário Oficial da União, Brasília, DF Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso em 07/11/2020.

BORGES, Edson, MEDEIROS, Carlos Alberto e D'ADESKY, Jacques (orgs.). **Racismo, preconceito e intolerância**. São Paulo: Atual, 2002.

CAVALEIRO, Eliane dos Santos. Discriminação racial e pluralismo nas escolas públicas da cidade de São Paulo. In: **Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº. 10.639/03**. Brasília: Ministério da Educação–Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

CUNHA JR. Henrique. **História africana na formação dos educadores**. Resenha do curso. Disponível em: <http://www.mulheresnegras.org/cunhajr.html>. Acesso em 12/11/2020.

CUNHA JR. Henrique. Abolição inacabada e a educação dos afrodescendentes. In **Revista Espaço Acadêmico**, nº 89, outubro de 2008. Disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/089/89cunhajr.pdf>.

FORTE, Barbara. O que é racismo estrutural? Ainda hoje existe? Somos todos racistas? <https://www.uol.com.br/ecoa/listas/o-que-e-racismo-estrutural>. **Ecoa**. Acesso em 29.11.2020.

GOMES, Nilma Lino. A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da Lei 10.639/03. In: CANDAU, Vera Maria; MOREIRA, Antônio Flávio (Org.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Preconceito racial: modos, temas e tempos**. São Paulo: Cortez, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva 10. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

IPEA. Instituto de pesquisa econômica aplicada. **A cada três assassinados dois são negros**. <https://ipea.gov.br/portal/index>. Folha de São Paulo. Acesso em 20.12.2020.

LIMA, Cleber Luiz de Sousa & RAMOS-LOPES, Francisca. Diversidade cultural e relações étnico raciais: os gêneros discursivos e as ações afirmativas na escola. **Trabalho de qualificação de Mestrado**. UERN/DL/CAWSL, 2014.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Oficina de linguística aplicada**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

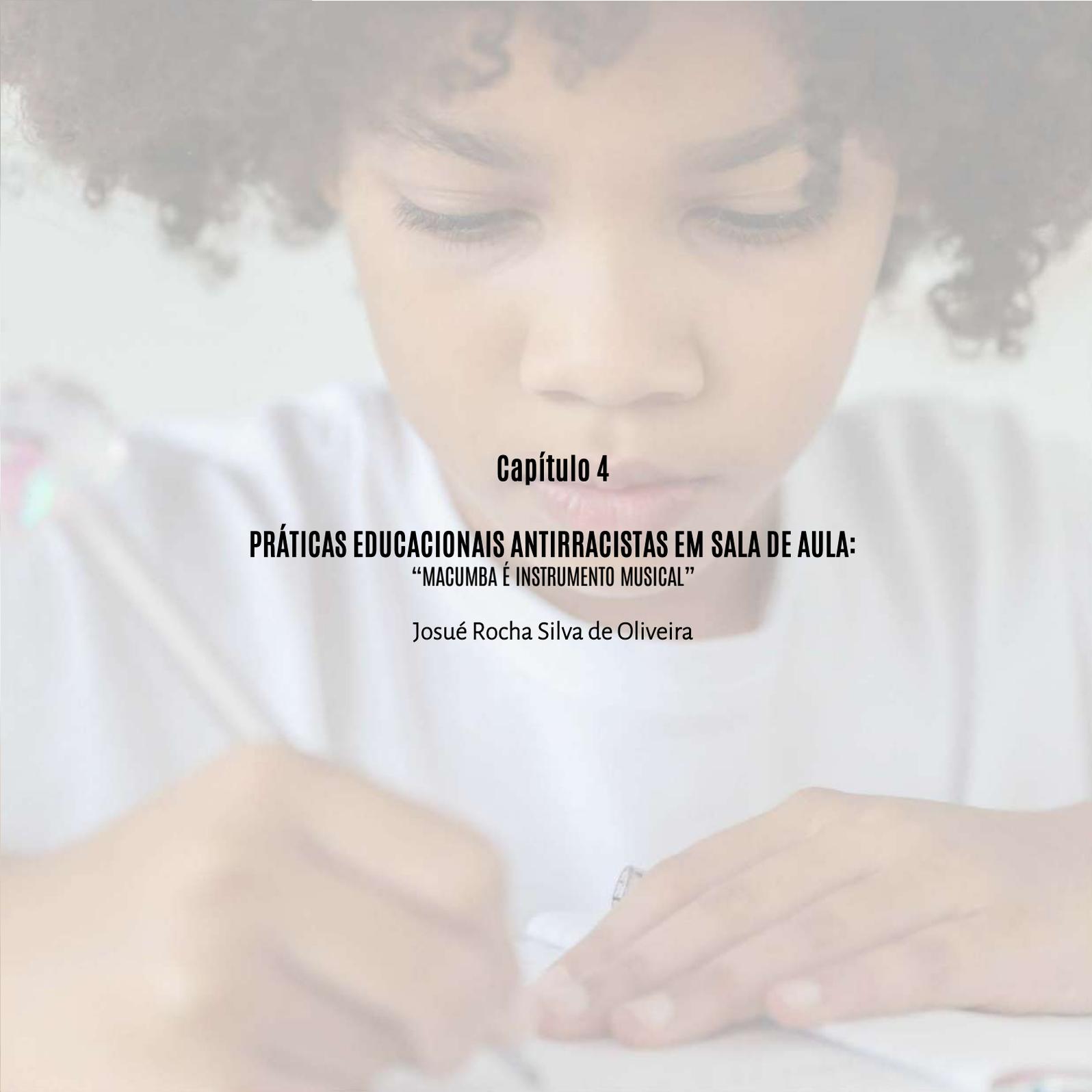
MUNANGA, Kabengele (org). **Superando o racismo na escola**. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

PRADO, Monique Rodrigues do <https://revistaafirmativa.com.br/racismo-estrutural-segundo-silvio-almeida>. **Revista Afirmativa**. Acesso em 29.11.2020

RAMOS-LOPES, Francisca Maria de Souza. A constituição discursiva de identidades étnico-raciais de docentes negros/as: silenciamentos, batalhas travadas e histórias (re) significadas. **Tese de doutorado**: PPGEL-UFRN, Natal, RN, 2010.

RAMOS-LOPES, Francisca Maria de Souza e SANTOS, Jessica Jainne. Posição discursiva de discentes do ensino fundamental, **Projeto PIBIC/ UERN**. 2016.

SOUSA, Francisca Maria do Nascimento. Linguagens escolares e reprodução do preconceito. In: **Educação antirracista**: caminhos abertos pela Lei Federal nº10.639/03. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização diversidade – Brasília: MEC, SEC, Alfabetização e Diversidade, 2005b. Coleção Ed. Para Todos.



Capítulo 4

**PRÁTICAS EDUCACIONAIS ANTIRRACISTAS EM SALA DE AULA:
“MACUMBA É INSTRUMENTO MUSICAL”**

Josué Rocha Silva de Oliveira

PRÁTICAS EDUCACIONAIS ANTIRRACISTAS EM SALA DE AULA: “MACUMBA É INSTRUMENTO MUSICAL”

Josué Rocha Silva de Oliveira

De acordo com a Lei Federal Nº 10.639/ 03, bem como a Lei Nº 11.645/08 que tem como proposta a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira nas instituições de redes educacionais municipais, estaduais, federais e privadas, tendo como princípio fundamental o despertar crítico em relação a importância das questões culturais, étnicas e sociais, nas discussões históricas sobre a diversidade, influência africana e indígena na nossa sociedade miscigenada que gera a identidade pluricultural do brasileira.

Uma forma de estimular o conhecimento dos alunos dos seguimentos educacionais do ensino infantil, fundamental e médio, para que eles possam entenderem o legado dos povos tradicionais como resistência cultural é referenciar essa ancestralidade através do samba, candomblé, afoxé, tambor de crioula, roda de toré, maracatu, samba de roda, coco, jongo, xandaro, maculelê, coco de zambê, capoeira e demais manifestações da nossa cultura.

A capoeira está intimamente ligada à história do Brasil, desde o período colonial, citada no art. 22 do Estatuto da Igualdade Racial, referência como história e cultura afro-brasileira, também pelo Instituto do Patrimônio



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), sendo registrada como patrimônio cultural imaterial brasileiro no ano de 2008 e patrimônio cultural imaterial da humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) no ano de 2014.

Partindo do princípio da oralidade, historicidade, musicalidade, confecção artesanal dos instrumentos musicais tradicionais, poesia, dança, luta, jogo, brincadeira, plasticidade, filosofia de vida e representativa que simboliza uma herança ancestral da resistência cultural do povo afro-brasileiro. A importância da capoeira ao ensino de história e nas práticas educativas antirracistas possui a essência de lutar pela liberdade, atualmente a capoeira está em mais de cento e sessenta países, contribuindo com a perpetuação do idioma português brasileiro no contexto de identidade de autoafirmação e pluriculturalidade.

Através das múltiplas inteligências que capoeira estimula como lógica-matemática, linguística, cinestésica-corporal, espacial, musical, intrapessoal, interrelacional e naturalista ecológica com dimensão espiritual, podemos despertar no aluno o reconhecimento de identidade étnica e o respeito pela diversidade. Dessa forma, ao trabalhar as competências que a temática propõe, projetamos um aporte para as várias possibilidades de desconstruir o eurocentrismo excedente no modelo curricular educacional formal.

A prática educacional antirracista em sala de aula permite uma ação transformadora no âmbito escolar, sendo também utilizado como proposta pedagógica de conscientização, possibilita os alunos uma compreensão da ancestralidade dos povos tradicionais, essa identidade nacional transita pelo âmbito educacional e comunitário, relacionando o saber popular com o conhecimento escolar, esses valores são importantíssimos para a formação do cidadão.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

A temática relaciona os diversos aspectos e formas de expressões das manifestações de identidade no modelo curricular educacional, incluindo ensino infantil, fundamental e médio, percebemos uma limitação aos referenciais da história africana e indígenas no nosso país, fato que motivou indagação “por que o eurocentrismo exerce influência excedente no nosso modelo curricular didático educacional, já que a identidade cultural da nossa sociedade é constituída pela miscigenação das três etnias que formam nossa identidade nacional, indígena brasileira, branca europeia e negra africana”?

A história oficial do Brasil vem sendo escrita com influências eurocêntricas excedentes, desde ano de 1838, com criação do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), mesmo que Capistrano de Abreu tenha sido o primeiro a citar a importância da miscigenação das três culturas na historiografia brasileira em sua obra Capítulos de História Colonial no ano de 1907, atualmente diante das condições educacionais do nosso país, podemos perceber que ainda existe invisibilização e silenciamento referente aos povos tradicionais no modelo curricular educacional brasileiro.

A dívida desta sequela histórica apresenta-se de forma explícita em nosso cotidiano, por exemplo, nos currículos educacionais básicos, cotas para afrodescendentes ingressarem às universidades, até mesmo nas universidades a disciplina “história da África” foi um movimento recente, que iniciou no ano de 1998. Para reparar essa condição histórica de desigualdade o governo Federal apresentou o seguinte Plano de Lei como decreto:

Presidente da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos
Lei nº. 10.639, de 09 de janeiro de 2003

Mensagem de veto Altera a Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º A Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

Art 26-A. Nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro- Brasileira. 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas sociais, econômica e política pertinente à História do Brasil. 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e Literatura e História Brasileira. 3º (VETADO) Art. 79-A. (VETADO) ART. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como ‘Dia da Consciência Negra’. Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação. Brasília, 9 de janeiro de 2003; 182º da Independência e 115º da República LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA Cristovam Ricardo Cavalcante Buarque. (BRASIL, 2001, p. 257).

MINHA EXPERIÊNCIA COMO ALUNO

Fato interessante quando eu ainda cursava licenciatura em história no ano de 2012, nesse período antes de assistir as aulas no horário da universidade eu ensinava capoeira em um projeto que atendia adolescentes de vulnerabilidade social, e todas as vezes que chegava vestido com uma camisa branca na universidade um colega de sala de aula do curso perguntava em tom de provocação:

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

-E então Josué, já tocou tambor hoje?

-Eu toco tambores todos os dias, sou percussionista e capoeirista, então faz parte de mim tocar tambor!

Ou então explanava em outros dias:

-Chegou o macumbeiro da sala... Já tocou macumba hoje?

-Claro, sou artesão também, então toco a macumba que faço!

Em todos esses momentos eu sempre aceitei essas provocações como uma brincadeira de quem não entende o que fala, pois naquela situação eu quem era o capoeirista, artesão dos instrumentos tradicionais afro-indígenas e percussionista, como agente cultural e o discernimento de educador tive que lhe ensinar, que o tambor foi uma das primeiras formas de comunicação a longa distância usada pelo homem, e que macumba é instrumento musical. Então, lhe orientei como ele poderia usar as expressões corretas para não cometer injúrias, pois outras pessoas da sala de aula e principalmente ativistas da militância afro poderiam se incomodarem de forma ofensiva.

Certa ocasião quando foi oferecida a disciplina história da África pela universidade, o professor responsável por ministrar a disciplina sorteou alguns temas para serem apresentados em um seminário para obtenção de nota a disciplina, a turma foi dividida em 04 grupos, os respectivos temas foram: confrarias, irmandades negras, lutas de resistência e candomblé, o grupo que eu fazia parte foi sorteado com o tema confrarias, já o grupo que era compostos por integrantes evangélicos foi sorteado com o tema candomblé, não gostaram do tema e pediram ao professor para trocar por outro, como se tratava de um sorteio o professor perguntou se a turma aceitava que os temas fossem trocados, imediatamente sem perguntar aos integrantes do grupo que eu fazia parte levantei a mão e disse que aceitava

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

ficar com o tema candomblé para apresentar, situação que gerou divergências por um participante do grupo que eu fazia parte e se retirou, dizendo ao professor que aplicasse a ele um trabalho extra, pois iria apresentar individualmente.

Chegando à data de apresentação levei alguns instrumentos musicais que eu confeccionava e também faziam parte do contexto do tema do seminário, os instrumentos foram o agbê, o gã, também conhecido como agogô, exemplifiquei que os instrumentos que apresentei junto com os atabaques ou ilús eram considerados instrumentos tradicionais sagrados de algumas nações do candomblé. Aproveitei o momento do seminário para desconstruir informações deturpadas de forma descontraída, também levei o reco-reco com essa finalidade, lembrei que em vários momentos durante as aulas um colega fazia provocações a respeito dos tambores e a macumba, então, saí do local onde estava apresentando o seminário, e no momento de finalização da minha fala fui em direção ao meu colega, fiquei ao lado dele e em alto e bom tom disse:

- Esse instrumento musical ancestralmente é chamado de macumba, e quem o toca recebe o nome de macumbeiro...

Entreguei a macumba ao meu colega e pedi para ele tocar, então perguntei:

- Turma, quem toca macumba é o quê?

- MACUMBEIRO!

- Pronto, agora vocês conheceram mais um macumbeiro da sala!



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Esse momento de descontração no seminário foi necessário, e importante para desconstruir informações descontextualizadas, preconceitos e radicalismos.

Esses acontecimentos ainda na universidade foram fatores que me motivaram a entender que a proposta que devemos nos engajar como educadores é evitar que predomínio do Darwinismo social permaneça nos currículos educacionais, o que deve ser ensinado além da referência dos povos tradicionais é a diversidade cultural de forma multidisciplinar, pois os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de linguagens e humanas, ministradas pelos professores das disciplinas de educação artística, literatura e história brasileira. O que não significa que a responsabilidade desse repertório seja exclusivamente dos profissionais de educação das áreas citadas.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular e os Parâmetros Curriculares Nacionais através dos eixos temáticos, competências e habilidades possibilitam várias formas de abordagens, qual o professor possa utilizar as múltiplas inteligências dos alunos nos processos de caráter de identidade, nas referências dos povos tradicionais, das comunidades indígenas com as artes plásticas, com as pinturas corporais conhecidas como arte Kusiwa, uma representação gráfica próprio dos povos indígenas Wajãpi, do Amapá sendo inscrita no livro de registro do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), como patrimônio cultural imaterial brasileiro. As heranças de resistências culturais, sendo uma das referências mais expressivas a capoeira, seu nome é oriundo do tronco linguístico Tupi “CAËPUÉRA”, e a ritualística da formação social circular que hoje conhecemos como “roda de capoeira”. A organizações e lutas de grupos sociais e étnicos, podemos citar a resistência do Quilombo dos Palmares, o dia da consciência negra, tendo como símbolo a

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

homenagem póstuma a luta pela liberdade do seu povo pelo mártir Zumbi dos Palmares, a Guarda Negra de Dom Pedro I, a participação dos capoeiras na Guerra do Paraguai, a formação do frevo nos blocos carnavalescos e até os dias atuais como patrimônio cultural imaterial brasileiro. Entender e valorizar essas abordagens envolvidas são integrar a escola tradicional do saber popular ao âmbito escolar como saberes e conhecimentos complementares.

O processo de desconstrução da ideia dos povos tradicionais serem descendentes de escravizados nos livros didáticos, deve ser ressignificado por sua origem, considerado a importância para a contemporaneidade e ressaltar que alguns dos povos africanos eram nobres, de dinastia étnica real, senhores de grandes impérios, a exemplo, a princesa Aqualtune, uma das fundadoras do Quilombo dos Palmares e filha do Rei do Congo, como também os Impérios Iorubás e Benin, com sociedade politicamente e economicamente organizada. Os povos indígenas de várias nações eram diversos, com sua sabedoria ancestral, agentes da medicina tradicional e harmonia de forma uno com a natureza.

A importância do legado ancestral dos povos tradicionais ascendido no Brasil no período colonial, talvez tenha sido o maior símbolo de resistência cultural no mundo. Pois, apesar de todas as tentativas de negar ou reprimir eugenicamente tal cultura, pelos colonizadores europeus, não tiveram êxito, pois ela resistiu durante os séculos de opressão, se misturando e influenciando culturas europeias, exemplo de civilização. Nessa perspectiva, não exista nenhuma cultura tão diversificada quanto a nossa, devido às influências dos povos africanos e indígenas na História do Brasil.

[...] Além disso a população africana trazida para o país sofreu uma contínua e profunda desculturação, consequência da política de dissolução dos grupos

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

regionais, cujo objetivo era garantir a segurança dos “senhores” brancos (isso não impediu que as noções negras fossem numerosas e uma delas elevada a consciência política por parte dos escravos). As reconstituições modernas das culturas negras depois desse processo de descaracterização, parecem indicar que o negro brasileiro se origina dos principais grupos africanos que são os sudaneses de Gambia, Serra da Leoa, Libéria, Costa do Marfim e do sul da Nigéria. Os guineanos- sudaneses, da Guiné e do Norte da Nigéria; e os bantos, abrangendo tribos de grupos angolano-congolês e do grupo da Contra Costa (Moçambique). Essa variedade de origem explica bem a diversidade de traços culturais encontrados entre os membros da raça negra no Brasil. (LIMA, 1988, p. 14).

Uma forma autêntica de proporcionar realidades interessantes, é trabalhar em parceria com personalidades que possuam propriedade de causa e fala, que sejam referências nessa perspectiva, líderes comunitários, folcloristas, músicos, brincantes, capoeiristas, agentes de moda, gestores culturais, militantes tradicionais, professores e outros.

MINHA EXPERIÊNCIA COMO PROFESSOR

No primeiro ano que comecei a ensinar na Escola Dom Marcolino Dantas, no ano de 2017, foi proposto uma atividade chamada: “sou de cor, sou pensante sou parte da sua história”, que tinha como finalidade uma ação multidisciplinar com caráter de identidade étnica, em que alguns professores externos foram convidados pelos educadores da escola para realizarem um momento de interação com os alunos, contando suas experiências de vida e também profissionais, a partir dessa perspectiva

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

norteando os alunos sobre projetos, vivências e as várias áreas de trabalho que eles poderiam atuar após ingressarem a universidade.

Minha relação de amizade com Ana Carmem e também com Marcos Felipe possibilitou trazeremos para essa atividade na escola um amigo em comum que foi Pingréwaoga Béma Abdoul-Hadi Savadogo, nascido no país de Burkina Faso, mas estava residindo em Natal por período de conclusão de seu doutorado na UFRN. Por nos encontramos algumas vezes em atividades culturais extracurriculares no Observatório Boa Ventura, logo surgiu a oportunidade de convidá-lo para ele participar do projeto que a escola estava proporcionando, e quando a coordenadora do segmento que eu ensinava Maria Nísia perguntou se eu conhecia alguém que teria uma participação importante para esse momento na escola, Abdoul-Hadi foi a primeira pessoa que convidei.

O Socioantropólogo, Dr. Pingréwaoga Béma Abdoul-Hadi Savadogo é membro e pesquisador do núcleo Amanar da Casa das Áfricas, Coletivo de pesquisa, formação e promoção de conhecimento, cultura e arte relacionados ao continente africano e Pesquisador Associado I do Instituto de Estudos da África da Universidade Federal de Pernambuco (IEAf-UFPE). É doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Mestre em Terapia Ocupacional Social pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR/SP), gradou-se em Antropologia Social e Cultural pela Universidade de Bamako (Mali – África do Oeste). Tem experiência de pesquisa nas áreas das Ciências Humanas e Sociais, notadamente em Antropologia Social (Cultura/indivíduo e Sociedade), com ênfase nos Estudos Africanos e na História da África, com uma démarche analítica firmando um diálogo com a África, a partir dela mesma, no sentido de, dialogar com a África para “conversar” com a alteridade, esse universal junto ao qual vive-se em humanidade. Atua principalmente nos seguintes temas: Pós-Colonialismo na África (em duas perspectivas: 1) A África em

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

diálogo com si (diálogo interno) e 2) a África em diálogo com as Alteridades; Juventude africana; Mobilidade estudantil de africanos; História da África; Religiosidade e Cidadania cultural; Islã: a) perspectiva sociocultural e histórica e b) dimensão espiritual em contextos africanos; Cultura e conflitos entre gêneros; Ética e Responsabilidade Social; Burkina Faso e Mali.



Figura 1 Projeto: sou de cor, sou pensante sou parte da sua história. Fonte: Arquivo da Escola Dom Marcolino Dantas.

Da esquerda para direita: Prof. Josué Rocha Silva de Oliveira, licenciado em história pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2017), com a monografia “A importância da capoeira ao ensino de história”. Contramestre de capoeira, membro titular do comitê gestor da salvaguarda capoeira do Rio Grande do Norte, luthier dos instrumentos musicais tradicionais da capoeira, fundador do “Projeto cultural capoeira no parque”, juntamente com Dr^a. Ana Carmem do Nascimento Silva de Lima e Prof. Marcos Felipe de Lima e Silva, professor da rede privada na cidade de Natal-RN desde 2017.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Maria do Socorro de Lima (irmã socorro), licenciada em pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), atuou na área da educação infantil ao ensino médio dos anos de 1976 a 2019, lecionou em Olinda/PE, Recife/PE, Pau do Ferros/RN, Caicó/RN. Professora de 1ª eucaristia do ensino vicentino da confraria São Vicente de Paula. Diretora da Escola Dom Marcolino Dantas no ano 2003 a 2019.

Dr. Pingréwaoga Béma Abdoul-Hadi Savadogo.

Maria Nísia R. de Souza Lima, especialista em psicopedagogia e neuropedagogia pelo Instituto (Imes). Especialista em docência e gestão do ensino superior pela (Estácio). Curso técnico em magistério, graduada em pedagogia, curso básico em técnica musical (coral) pela Escola de Música Santa Cecília, coordenadora pedagógica do segmento do ensino médio da Escola Dom Marcolino Dantas desde o ano 2015. 23 anos de experiência em Docência.



Figura 2 Projeto: sou de cor, sou pensante sou parte da sua história. Fonte: Arquivo da Escola Dom Marcolino Dantas.

Da esquerda para direita Prof. Marcos Felipe de Lima e Silva, Prof. Josué Rocha Silva de Oliveira, Dr. Pingréwaoga Béma Abdoul-Hadi Savadogo, Coord. Maria Nísia R. de Souza Lima e Dr^a Ana Carmem do Nascimento Silva de Lima.

Adoul-Hadi descreveu sua cultura partindo do princípio da essencialidade, compartilhou conosco uma lembrança íntima de quando saiu da sua comunidade em Burkina Faso para estudar em Mali, foi questionado por seus pais de forma metafórica:

*- Agora a tinta dos seus sábios são mais importantes
que o sangue dos nossos ancestrais?*

- Às vezes temos que sair para ver o elefante!

Abdoul-Hadi nos explicou que do ponto de vista dos seus pais, ele estudar outras culturas é romper com origem do seus ancestrais, e de acordo com a oralidade do seu povo “moaga” sair para ver o elefante” significa amadurecer como indivíduo, pois só pessoas com mais idades conseguiram ver os elefantes, já que eles vivem em seu habitat natural e não visitam as aldeias Mossé.

Quando perguntado por um aluno se ele já sofreu racismo, Abdoul-Hadi respondeu que sim, e por mais incrível que parece, essa discriminação foi mais intensa em seu país de origem do que no Brasil, a sua fala de resistência, ensinou aos alunos que o racismo existe, em seu testemunho resiliente disse que naquele momento qual foi vítima de racismos, só a ele cabia enfrentar essa situação, pois a hostilidade não partiu dele, mas sim do agressor, então ele explicou que enxergou essa situação de duas formas, poderia sofrer por causa do racismo, ou poderia continuar vivendo para desconstruir o racismo nas suas práticas cotidianas.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Em todas suas falas para com os alunos e os demais que estavam presentes naquele momento, Habdoul-Hadi dizia que nós estávamos conversando, essa oralidade é intrínseco da sua cultura, a ancestralidade Griots. Não podemos esquecer que de acordo com a Lei de 14 de dezembro de 1890, o então Ministro da Fazenda Rui Barbosa ordena incinerar todos os documentos referentes à escravidão negra sob a alegação que iria erradicar, para sempre, uma "mancha negra" da história do Brasil. Desta forma alguns ensinamentos históricos passaram a serem consideradas através de fontes orais e memória, devido à falta de registros.

A oralidade da cultura africana na nossa história é oriunda dos Griots ou Griô, sua pronuncia pode depender da localidade, esses são contadores de histórias africanas, originários de alguns países da região da África Ocidental e África Centro Ocidental estes são responsáveis por manter viva a ancestralidade da sua cultura através da contação de histórias cantadas, carregam consigo o poder da palavra e dom de invocar as lendas dos seus ancestrais de formas lúdicas.

A importância do Griô em manter a história do seu povo viva é tamanha, que quando esse orador morre seu corpo é sepultado dentro do tronco de baobá, pois é considerada uma árvore sagrada, esse ritual de sepultamento do corpo do Griô dentro do tronco da árvore baobá, permite acreditar que o espírito do Griô se eternalize.

Habdoul-Hadi nos fez entender que os ensinamentos dos professores em sala de aula partem do mesmo princípio da oralidade dos Griôs, assimilando a sabedoria e ensinando para a vivência cotidiana, pois a oralidade está presente em todos os momentos do nosso cotidiano.

Outra conversa interessante com Abdoul-Hadi foi sobre a religiosidade, a sua vivência com relação a sua fé islâmica, devoção a Alláh, e na interseção dos anjos e gênios como ensina o Alcorão. Seu testemunho serviu para desconstruir preconceitos, pois ele expressou que em todas as



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

culturas existem radicalismo, e que ele acreditar nos islamismos não o faz um radical fundamentalista islâmico, esses grupos extremistas são uma pequena parte do islamismo que não representa o todo.

DESCONSTRUINDO PARADIGMAS

Após a visita de Habidou-Hadi a escola, conversei com os alunos a respeito de diversidade religiosa ao ministrar o conteúdo em sala de aula sobre arte africana, e que entre as formas de estética apresentava-se a escarificação, marcas corporais que possuem vários significados, mas que devido a diáspora africana, aqui no Brasil a escarificação é uma identificação no legado das nações do candomblé.

Em um dos momentos de aula referente a esse assunto, fiz uma dinâmica de empatia para os alunos entenderem o que significa a expressão “pai de santo ou filho de santo” e assim desconstruírem o motivo que eles riam com ironia ao usar essa expressão. Eu pedi para eles fecharem os olhos e pensarem em alguém da família que eles mais amavam, em seguida pedi para eles imaginarem esse mesmo parente querido sendo arrancado do seu ciclo de convivência, e terem a certeza de que nunca mais em suas vidas iriam ver ou ter notícias desse familiar, então pedi para eles abrirem os olhos, e ouvirem atentamente o que eu estava falando, alguns com os olhos marejados emotivos pelo exemplo feito com o seu familiar ficaram em silêncio aguardando eu explicar, então lhes falei que foi assim como os vários africanos resignificaram suas vidas após a diáspora africana, a partir da religião eles formaram uma nova família, tiveram um pai pelo santo, uma mãe pelo santo, um irmão pelo santo, um filho pelo santo.

As marcas das escarificações que alguns carregam consigo é uma forma deles se identificarem de acordo com qual nação pertencem, seja Ketu, Jeje, Nagô ou Angola e que o candomblé é uma religião politeísta,



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

trazida pelos africanos que foram escravizados, em sua maioria sudaneses e bantus, que tinham como prática o culto aos Orixás. O termo orixá em iorubá significa: ori (cabeça), ixá: (incorporação), traduzindo “incorporação de cabeça”, pois o Orixá guia e orienta quem o cultua.

Em algumas formas de entendimento os Orixás são fragmentos da natureza que possuem o poder que regem o equilíbrio do mundo, qual o Deus supremo entre o panteão dos Orixás chama-se Olodumaré. Originalmente em alguns países africanos eram cultuados mais de duzentos Orixás, devido ao sincretismo religioso que foi a junção das religiões de matrizes africanas com o catolicismo cristão, são cultuados aproximadamente vinte Orixás no Brasil.

A partir desse entendimento aproveitei a oportunidade para também desconstruir outro preconceito com os alunos, o que eles entendiam por “macumba”, exercendo o meu ofício de luthier apresentei o instrumento a turma e expliquei que esse termo é o nome ancestral do instrumento musical que tradicionalmente possuía esse nome primitivo, pois de acordo com as versões orais, era o nome da árvore que era extraída a madeira para confeccionar tal instrumento, hoje é conhecido como “reco-reco”, é um instrumento idiofônico e onomatopéico, ou seja, seu próprio corpo produz o som, ao ser tocado o seu som produz um fonema sugere seu nome: reco-reco. Pejorativamente todas as manifestações de origem africana foram generalizadas como macumba pelas pessoas leigas.



Figura 3 Macumba/reco-reco. Fonte: Luthier Josué Rocha

O contato com os instrumentos musicais afro-indígenas permite que os alunos entendam e afirmem sua identidade através da história, por exemplo, a primeira aula do ano na escola que ensino acolhemos os alunos com dinâmicas diversas, nas disciplinas que ensino história e também artes, realizo uma atividade com caráter de identidade cultural, socialização e contexto histórico, levo alguns instrumentos musicais de percussão que confecciono, como por exemplo, berimbau; caxixi; pandeiro; agbê; maraca;



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

clava; agogô e como aos instrumentos da escola como cajon, timbau, panderola, triângulo e outros, ponho todos os instrumentos agrupados e peço para que os alunos formem um círculo em volta dos instrumentos, em seguida digo para eles escolherem o instrumento que mais se identificaram, então o aluno vai tocar o instrumento que escolheu, partindo da perspectiva do conhecimento prévio, deixo eles a vontade para tocarem da forma que eles entendem ou acreditam que seja a forma adequada. Nessa atividade sinestésica, cada aluno irá tocar todos os instrumentos, pois a dinâmica consiste em fazer com que os instrumentos passem por cada aluno dentro do círculo.

No segundo momento da dinâmica mostro a eles o som que cada instrumento pode emitir, então passamos a organizar o ritmo para que seja possível ouvir o som de cada instrumento em seu arranjo, assim alcançamos a “harmonia musical”. Após finalizarmos a dinâmica prática pergunto o que eles conhecem sobre os instrumentos, se eles sabem a origem de onde surgiu, o nome dos instrumentos e o contexto histórico. No final da dinâmica eu explico os nomes dos instrumentos, a origem, o contexto histórico e cultural. A partir de desse momento eles entenderão que cada instrumento tem um legado cultural de identidade, e também possuem formas, tamanhos e cores diferentes. Assim como as pessoas, só entendendo e respeitando as diversidades é que conseguiremos conviver em harmonia, assim como a harmonia musical que eles aprenderam com os instrumentos.

A abordagem da diversidade étnica vivenciamos continuamente em nosso cotidiano, e transcende o uso do material didático, porém existem alguns conteúdos específicos que podemos trabalhar essa identidade étnica de acordo com o calendário nacional e faz referência a essa importância cultural, através dos instrumentos musicais podemos contextualizar esse legado, por exemplo, ao comemorarmos 19 de abril dia do indígena, essa data nos permite entender nossa naturalidade e própria denominação

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

potiguar, ensinar e conscientizar os alunos sobre a essência de “mutirão”, semelhante a filosofia africana ubuntu. Essa essência pode ser representada através da simbologia do maraca, é um instrumento idiofônico, ou seja, seu próprio corpo produz, a maraca é um instrumento genuinamente brasileiro, do tupi mara= instrumento e ca= guerra, logo temos a denominação “instrumento de guerra”, pois até para se preparar para guerra existia um ritual de dança dos povos indígenas. A maraca possui o simbolismo do elemento uno, a cabaça representa a existência feminina e a haste representa a existência masculina, esse instrumento é constituído por uma cabaça com sementes ou pedras dentro, tendo uma haste de madeira como apoio de mão, ao agitar a maraca as pedras ou sementes contidas dentro da cabaça emite um som de chocalho, muito utilizado em cerimônias de curas espirituais e rituais de transição da fase infantil para adulta.



Figura 4 Maraca. Fonte: Arquivo de Luthier Josué Rocha.

22 de agosto, Dia do Folclore, nessa data podemos ensinar aos alunos a importância de salvar nossos patrimônios culturais imateriais no nosso cotidiano como, por exemplo, afoxé, maracatu, samba, samba de roda, capoeira e outras manifestações folclóricas juntamente com os instrumentos musicais que os acompanham no contexto histórico e as formas de expressões culturais dessas manifestações.

Uma das formas de referenciar a representatividade feminina usando um instrumento de percussão musical, podemos citar o agbê, é um instrumento idiofônico, ou seja, seu próprio corpo produz o som, é composto por uma cabaça revestida com uma rede semelhante a uma tarrafa de pesca trançada com contos de sementes ou búzios, ao agitar a cabaça os contos batem contra a superfície da cabaça e ecoa um som de “chocalho”. Nessa perspectiva podemos fazer uma relação de entendimento com os alunos, que para os povos de tradição de religião de matriz africana o agbê é um dos instrumentos sagrados nas suas ritualísticas litúrgicas do candomblé, mas também pode ser tocado no maracatu, porém tradicionalmente no afoxé esse instrumento é um símbolo feminino e só as mulheres podem toca-lo, de acordo com a oralidade o formato do agbê sugere as curvas do corpo feminino.



Figura 5 Agbê. Fonte: Arquivo de Luthier Josué Rocha.

O agogô é um instrumento é um instrumento idiofônico e onomatopeico, ou seja, seu próprio corpo produz o som, ao ser tocado o som produz um fonema que sugere seu nome: agogô. De origem africana de tradição nagô, em iorubá é chamado de gã, sua estrutura é metálica composto por duas campanas, uma de timbre agudo e outra de timbre grave unidas por uma haste curva em formato da vogal “u”, assim como o agbê para os povos de tradição de religião de matriz africana é considerado um

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas dos instrumentos sagrados nas ritualísticas litúrgicas do candomblé, mas também pode ser tocado do no maracatu, maculelê, afoxé, e capoeira.



Figura 6 Agogô. Fonte: Arquivo de Luthier Josué Rocha.

O pandeiro tem influência islâmica, originalmente seu formato era quadrado e coberto por pele animal caprina, ao passar do tempo adquiriu o formato circular, sua estrutura é feita de madeira e com platinelas em formato de disco nas laterais, ao tocar os pandeiros as platinelas emitem um som metálico. Trazido para o Brasil pelos africanos que transitaram pelas rotas de navegação da Península Ibérica e foram escravizados, a influência

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

cultural do pandeiro surge desde o *semba* que originou o samba e derivou o samba de roda, samba de partido alto, pagode entre outros ritmos musicais brasileiros. Um dos primeiros registros do pandeiro no Brasil data de 1682 na pintura de Joan Nieuwhof, no livro *Viagem marítima e terrestre ao Brasil*. Assim como afirma Ramos:

Foi essa embigada ou semba de onde provavelmente se originou o termo “samba”, de início tomado como sinônimo de batuque. Nos primeiros tempos da escravidão, a dança profana dos negros escravos era símile perfeito do primitivo batuque africano, descrito pelos viajantes e etnógrafos. De uma antiga descrição de Debret, vemos que, no Rio de Janeiro, os negros dançavam em círculo, fazendo pantomimas e batendo o ritmo no que encontravam: palmas das mãos, dois pequenos pedaços de ferro, fragmentos de louça, etc.; o ritmo, conclui Debret, era marcado “por dois tempos precipitados e um lento”. (RAMOS, 2007, p. 108).



Figura 7 Pandeiro. Fonte: Arquivo de Luthier Josué Rocha.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

O tambor é o primeiro recurso de comunicação a longa distância usado pelo homem, podemos considera-lo como o telefone primitivo. Em África todo tambor é “tam-tam”, pois assim como o “reco-reco” e o “agogô” também é um instrumento onomatopeico, ou seja, ao ser tocado seu som produz um fonema. De acordo com as tradições orais, a lenda ensina que certo dia alguns macacos de narizes brancos da região de Guiné Bissau, na África, planejaram trazer a lua até a terra, porém não sabiam como fazer para chegar até a lua, então subiram uns nos outros até a alcançarem, todos caíram, menos o macaco menor que ficou agarrado à lua, sem poder retornar a terra a lua deu um tambor branco ao macaquinho que aprendera tocar.

O tempo passou, e o pequeno macaco pediu à lua para que o ajudasse a voltar para a terra, atendendo ao pedido a lua disse que o ajudaria, mas que só tocasse o seu tambor quando ele chegasse lá embaixo. A lua começou a descer o macaquinho, sentado sobre o tambor amarrado numa corda, mas no meio do caminho, ele não resistiu e tocou de leve para que a lua não o ouvisse, mas mesmo que muito baixo, chegou até a lua, e ao ouvi-lo entendeu que macaquinho tinha chegado à terra, assim cortou a corda. Ao cair na terra o pequeno macaco foi encontrado por uma criança, em suas últimas palavras pediu que ela entregasse o tambor aos homens. A partir desse dia, os homens começaram a construir seus próprios tambores e o instrumento se espalhou por todo continente africano.

Em África, tradicionalmente todo tambor é escavado do tronco de uma árvore, no conteúdo didático neoclassicismo no Brasil na disciplina de artes, quanto em Brasil segundo império na disciplina de história, podemos mostrar aos alunos que um dos primeiros registros que temos de um tambor escavado no nosso país foi através do pintor Johann Moritz Rugendas, datada de 1835 com o título jogar capoeira. O mesmo padrão de tambor escavado na pintura de Rugendas podemos encontrar nas manifestações



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

folclóricas como tambor de crioula conhecidos como: tambor grande de timbre grave, meinhão de timbre médio e truvador de timbre agudo, também no coco de zambê dança tipicamente potiguar, podendo ser chamado de pau furado, zambê de timbre grave ou chama de timbre médio.

Como alguns africanos não podia ter em mãos ferramentas cortantes para confeccionar os tambores tradicionais, uma forma que os opressores escravagistas tinham de evitar que acontecesse motins, por exemplo, a revolta dos malês que aconteceu no ano de 1835, tiveram que substituir os tambores tradicionais por barris de aguardente. Essa influência pode ter surgido através do negros de ganhos, muito comum no século XIX, conhecidos carregadores de barris, originando então os tambores com técnicas de tanoaria, conhecidos como atabaques. A partir dessa contextualização, podemos relacionar o que os alunos entendem pela expressão “bater Xangô, bater tambor ou qualquer outra expressão pejorativa desconstruindo essa forma de expressão, e assim os alunos, irão entender que em algumas nações de candomblé os atabaques são considerados tambores sagrados nos rituais litúrgicos, classificados como run de timbre grave, rumpi de timbre intermediário e o le de timbre agudo. Os atabaques também são usados no maculelê, samba de roda e capoeira.



Figura 8 Atabaque. Fonte: Arquivo de Luthier Josué Rocha.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

O caxixi é um é um instrumento idiofônico e onomatopeico, ou seja, seu próprio corpo produz o som, ao ser tocado o seu som produz um fonema que sugere seu nome: caxixi. É um instrumento africano de origem bantu, tradicional dos povos do país do Congo e Angola, é confeccionado com a técnica de cestaria, sua estrutura é composta de três matérias primas, o junco, cipó que reveste a estrutura do caxixi, a cabaça que forma o fundo e as sementes, geralmente de acácia, que servem para ecoar o som de chocalho ao agitar o caxixi.



Figura 9 Caxixi. Fonte: Arquivo de Luthier Josué Rocha.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Outro importante instrumento que possui um contexto de identidade cultural é o berimbau, de acordo com as tradições orais, ensina a lenda que certa vez uma mulher que gostava de cantarolar foi tomar água em um córrego, quando foi atacada por um homem e golpeada na cabeça. Então os Deuses africanos em misericórdia das suas mortes a transformou em um berimbau, seu corpo tornou-se a vara, seus cabelos se tornou na corda, sua cabeça se tornou a cabaça e sua alma a melodia que ecoa o som do instrumento. Originalmente o berimbau é africano e possui vários nomes, por exemplo, hungu, bucumbumba, urucungo, jeguerê, klosbau entre outros, primitivamente a sua corda era feita de cipó ou vísceras de animais, o comprimento do arco era pequeno comparado ao berimbau contemporâneo que conhecemos hoje. É um instrumento de origem bantu, trazido da cultura dos povos quibundos. Como afirma Ramos:

O humbo é o tipo dos instrumentos de corda. Consta geralmente de metade de uma cabaça, oca e bem seca. Furam-na no centro em dois pontos próximos. À parte fazem um arco como de flecha, com a competente corda. Amarram a extremidade do arco, uma cordinha do mato, à cabaça, por via dos dois orifícios; então, encostam o instrumento à pele do peitoeque serve neste caso de caixa sonora, fazem vibrar a corda do arco, por meio de uma palhinha. (RAMOS, 2007, p. 121).

Partido desse entendimento, podemos ensinar aos alunos que o primeiro registro do berimbau no Brasil data 1826 através da pintura de Jean-Baptiste Debret, intitulada urucungo, fato interessante retratado por Debret foi o uso criativo do para o berimbau, originalmente era utilizado pelos ambulantes para chamar a atenção dos clientes para comprar quitutes nas feiras ao ar livre. Esse conteúdo pode ser acompanhado tanto no Brasil

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

segundo império na disciplina de história quando no neoclassicismo no Brasil na disciplina de artes.

Ao passar do tempo quando a capoeira foi decretada como crime de vadiagem pelo então Presidente Marechal Deodoro da Fonseca no ano de 1889, com o processo da repressão policial, a este instrumento foi atribuído uma função de mensageiro pelos capoeiristas, criaram um toque chamado “cavalaria”, esse imitava o som do galope do cavalo, quando a guarda montada se aproximava pelas mediações de uma roda de capoeira, estrategicamente, já existia um tocador de berimbau distante das rodas, para avisar aos capoeiristas, tocando cavalaria, caso à polícia montada se aproximasse assim a roda de capoeira era dispersa, após a polícia ir embora, os capoeiristas formavam a roda novamente. O tocador de berimbau também usa outro instrumento chamado caxixi na mão que bate a baqueta na corda. Entre todos os instrumentos utilizados na ritualística da roda de capoeira o berimbau foi o último a ser inserido.



Figura 10 Berimbau. Fonte: Arquivo de Luthier Josué Rocha.

A metodologia com os instrumentos musicais permite aos alunos terem o entendimento da condição de pertencimento identitário cultural e empatia, partindo do princípio que cada instrumento traz consigo a origem dos seus ancestrais.

Outra importante data a ser comemorada é 20 novembro, dia da consciência negra, como o simbolismo de resistência cultural enaltecendo a referência ao poliglota que falava crioulo, iorubá, bantu, latim e português, os europeus o batizaram pelo nome de Francisco, mas os meus ancestrais o chamam de “Zumbi”, líder do Quilombo dos Palmares, general de guerra e mártir da resistência afro-descendente no Brasil. Após três séculos da sua morte, é necessário uma data para que o legado da afro-ancestralidade não seja esquecida. Esse simbolismo da memória do herói nacional com as referências de Zumbi dos Palmares, a princesa Aquatune, Rainha Tereza de Benguela, Chico Rei, Anastácia, Luiz Gama, Machado de Assis, Aleijadinho entre outras personalidades afro. Alguns desses nomes citados foram mártires, portanto como educadores não podemos permitir que essa memória seja silenciada e invisibilizada e silenciada, pois quando duas mãos de etnias diferentes se cumprimentam, no chão forma uma sombra da mesma cor.

O PROJETO CAPOEIRA NO PARQUE – ALÉM DA SALA DE AULA

Outra possibilidade de trabalharmos essa prática educacional, é proporcionar um aprendizado além dos limites das paredes das salas de aula, visitando locais históricos, pontos de cultura, ou projetos que fomentem essa condição de identidade e pertencimento, em parceria com Dr^a Ana Carmem e Prof. Marcos Felipe fundamos o Projeto cultural capoeira no parque, pois considerando a importância da capoeira como patrimônio



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

imaterial e cultural da humanidade, as suas contribuições no âmbito da saúde física e mental, como também a interação social do indivíduo em um grupo por meio de sua prática, propomos o desenvolvimento do projeto, que visa explorar diversas formas de expressão desta, tendo em vista seu caráter de legado ancestral transmitido de geração em geração dessa arte, e um misto de luta, dança, música, jogo, esporte lazer e brincadeira, proporcionando dessa forma o desenvolvimento físico, motor, social, afetivo e artístico dos participantes através das aulas práticas expositivas, palestras, e oficinas.

Pensamos que os participantes além de desenvolverem o domínio das técnicas e fundamentos específicos da capoeira, reconheçam a importância da diversidade cultural presente nesta e a sua riqueza histórica diversificada, através da manifestação folclórica, partindo do princípio fundamental da prática da capoeira no seu aspecto cultural de bem-estar e multidisciplinar.

Acreditando na importância e necessidade da aplicação deste projeto, ser realizado no Parque das Dunas de Natal, tendo a vista que esse local oferece condições para o lazer, a realização de atividades educativas, de conscientização ecológica, e valoriza a produção local potiguar e consequentemente nacional.

Nos encontros do projeto realizamos as atividades intimamente vinculada ao meio ambiente, logo, o ensino desta pode ser extremamente vantajoso, propício à saúde do corpo e mente. Além disso, ressaltamos que esta arte, dança e luta pode ser ensinada sem distinção de etnia, idade, gênero, biótipo, religiosidade ou classe social, qualificando a capoeira como atividade essencialmente democrática. A experiência da participação dos alunos da escola no projeto e também visitantes é gratificante, pois nos momentos de fala dos participantes como alunos, pais e visitantes

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas
percebemos o quanto essa ação possui o poder transformador de interação social. Assim como afirma D'amorim:

A capoeira deve ser descoberta, seja pelos capoeiristas seja pelos educadores, como uma manifestação cultural preñe de valores humanos e espirituais. Mas ela deve ser descoberta, sobretudo, como uma escola de educação. E escola de educação a mais atual possível, fundamentada, em sua filosofia fundante e sua forma didática, nos mais renomados educadores e escolas de educação aceitas nos dias de hoje. (D'AMORIM, 2007, p. 83).



Figura 11 Fundadores do projeto. Fonte: Arquivo do Projeto cultural capoeira no parque. Da esquerda para direita: Prof. Marcos, Dr^a. Ana Carmem do Nascimento Silva de Lima Doutora em ciências sociais e Prof. Josué Rocha Silva de Oliveira

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas essas abordagens podemos trabalhar como proposta pedagógica de práticas antirracista em sala de aula, pois diante dos problemas existentes com relação a esse repertório nos âmbitos educacionais, vários profissionais buscam solucionar está adversidade com sua experiência na vivência do sistema ensino, porém os obstáculos relacionados aos profissionais de educação que não tiveram a preparação necessária para lecionar essa importante disciplina, devido à limitação de referencial teórico para esse objetivo, mesmo com as ações continuadas nas especializações de profissionais de educação pela Secretaria de Educação do Governo Federal.

Não se trata apenas do resgate histórico, mas também o resgate da cultura, da alta estima dos alunos afro-indígenas-descendentes, um resgate de referência social, não apenas a forma como a sociedade o enxerga, mas a forma como esse indivíduo ao olhar para seu passado enxerga a sua história e cultura.

O objetivo proposto é fazer com que esses alunos não sejam tematizados diante daqueles que não possuem descendência dos povos tradicionais em sala de aula, mas sim, integrados como suas diversidades nas relações sociais dos ambientes escolares, pois se os alunos forem analisando como “temas” os esforços para reparar a desigualdade histórica e social terá sido em vão, e quando ambos estudarem suas histórias, teremos uma cultura dominante que foi hierarquicamente superior e outra que foi dominada. Pois, assim como afirma Laraia, lembrando um pensamento de Confúcio *“A natureza dos homens é a mesma, são seus hábitos que os mantêm separados”* (LARAIA,1986, p.10).

No entanto, não podemos deixar de analisar que a instituição educacional não é o único referencial social que os estudantes possuem, pois

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

de nada servirá os esforços dos educadores e Leis Federais, que tentam reverter essa desigualdade histórica, étnica e social, se o primeiro referencial social de educação que o aluno possui, o âmbito familiar, não se abster dessa mentalidade de eugenia, os preconceitos e discriminações étnicas que ainda estão arraigados na sociedade brasileira continuarão como adversidade presente na família, na escola e na sociedade, como afirma o autor D'amorim:

Não devemos esquecer, entretanto, que há duas categorias de educadores: os da escola e os de casa. Portanto, este diálogo extrapola os muros da escola, pois as crianças e jovens que chegam à instituição educacional são oriundos das mãos e mentalidades de um grupo de educadores de fora da escola, incluindo aí até a própria rua e os meios de comunicação social. Acresça-se a tudo isso a próprio, natureza humana que traz no seu bojo uma agressividade natural necessária a todo ser humano. Logo, uma criança se educa quando orienta sua agressividade natural. Uma criança se educa quando vai aos poucos modificando seu comportamento, quando tem condições de criar, inventar, ficar autônoma, quer dizer determinada de dentro para fora e não dependente de ordens exteriores. (D'AMORIM, 2007 p. 31).

Os recursos bibliográficos e pedagógicos não são as únicas ferramentas quais se pode desenvolver essa temática, pois a cultura do educando não está apenas relacionada à condição do determinismo biológico, mas também está relacionada à condição do determinismo geográfico, de acordo com as orientações de Laraia. Como a sua cultura foi desenvolvida na localidade onde esse aluno se encontra, será a condição que



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

proporcionará um leque de oportunidades para o profissional de educação, no caráter de professor de desenvolver o seu trabalho.

O homem é resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade. (LARAIA, 1986 p. 45).

Partindo da perspectiva de Paulo Freire que “não existe conhecimento inferior nem conhecimento superior, existem conhecimentos diferentes”, não se deve negar a importância do ensino da cultura oriunda da sabedoria popular, pois a sabedoria popular sendo integrada ao conhecimento escolar é um aporte para desconstruir a cultura dominante nas referências didáticas do ensino tradicional no modelo curricular educacional. No decorrer da formação dos estudantes durante sua vida no nível escolar fundamental e médio, a sabedoria popular e o conhecimento escolar devem ser complementares. Podemos agora afirmar que existem dois tipos de mudança cultural: uma que é interna, resultante da dinâmica do próprio sistema cultural, e a segunda que é o resultado do contato de um sistema cultural com o outro.

ANEXO: PLANO DE AULA

PLANO DE AULA	
PROFESSOR: JOSUÉ ROCHASILVADE OLIVEIRA	
SÉRIE: 7º ANO	TEMA: O LEGADO AFRICANO NO BRASIL
CARGA HORÁRIA: 2 AULAS/100 MIN.	
<p>A importância do legado ancestral africano ascendido no Brasil no período colonial, talvez tenha sido o maior símbolo de resistência cultural no mundo, pois apesar de todas as tentativas de negar ou reprimir eugenicamente tal cultura africana, pelos colonizadores europeus, não tiveram êxito, a cultura africana resistiu durante os séculos de opressão, se misturando e influenciando culturas europeias, consideradas como civilizatória e dominante. Nessa perspectiva, podemos entender a pluriculturalidade afro-brasileira, e às influências dos povos indígenas como um aporte para a autoafirmação de pertencimento identitário do Brasil.</p> <p>É importante ressaltar que antes dos povos africanos serem mencionados como mão de obra escravizada, eles eram nobres, de Dinastias reais, senhores de grandes impérios, a exemplo, a princesa Aquatirene, uma das fundadoras do Quilombo dos Palmares e filha do Rei do Congo, como também os Impérios Iorubás e Benin, com sociedade politicamente e economicamente organizada.</p> <p>Partindo da perspectiva das organizações e lutas de grupos sociais e étnicos podemos citar a capoeira que está intimamente ligada à história do Brasil, desde o período colonial até os dias atuais, seu poder e simbolismo como resistência cultural influenciou diversos acontecimentos na história do nosso país, por exemplo, na formação dos guerreiros que protegiam o Quilombo de Palmares, alusão em homenagem póstuma ao mártir Zumbi no dia da consciência negra, na proteção de Dom Pedro I com a Guarda Negra, na participação da Guerra do Paraguai como voluntários da pátria retornando os capoeiras da guerra como heróis nacionais, nas revoltas que</p>	

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

ascenderam os atos abolicionistas até alcançarem a Lei Áurea, na formação das maltas de capoeiras no período pós abolicionista, na proibição da capoeira sob o crime de vadiagem por ordens do Marechal Deodoro da Fonseca, na legitimação da capoeira como arte marcial brasileira no governo de Getúlio Vargas na década de 1930 até o reconhecimento da capoeira como patrimônio cultural imaterial brasileiro registrado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), no ano de 2008.

OBJETIVO GERAL:

Ressaltar a importância do legado cultural africano na história do Brasil.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Ressaltar a importância do dia da consciência negra 20 novembro como calendário comemorativo integrante a celebração de identidade nacional.

Ressaltar a importância da capoeira na participação nos acontecimentos da história do Brasil como o Quilombo dos Palmares, a Guerra do Paraguai e a ascensão da capoeira como resistência cultural Afro-brasileira na abolição da escravidão.

Conscientizar os alunos a importância que a capoeira possui como patrimônio cultural imaterial brasileiro, contribuindo na afirmação cultural afro-brasileira.

Conscientização da valorização do povos tradicionais como indígenas, quilombolas e povos de religião de matrizes africanas na formação da sociedade brasileira.

METODOLOGIA: A aula será realizada de forma bibliográfica, participativa, explicativa e aplicada. Serão utilizados instrumentos musicais de percussão como: agbê, agogô, reco-reco, pandeiro, maraca, caxixi, berimbau e outros instrumentos para contextualizar a ancestralidade das manifestações culturais e imateriais que representam o nosso patrimônio identitário étnico cultural como: samba, maracatu, afoxé,

capoeira e outras manifestações.

AVALIAÇÃO: A avaliação será realizada de forma escrita e oral, através de exercícios de acordo com os conteúdos apresentados em sala e aula.

BIBLIOGRAFIA

D'AMORIM, Eduardo; ANTIL, José. A Capoeira Uma Escola de Educação. Recife: Ed. do Autor, 2007.

FREYRE, Gilberto, 1900-1987. Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sobre o regime da economia patriarcal. 49. ed. São Paulo: Global, 2004.

LIMA, José Ayrton de. A Escravidão Negra no Rio Grande do Norte. Natal: Cooperativa dos jornalistas de Natal, 1988.

MATTOS, Regiane Augusto de. História e cultura-afro-brasileira. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

REFERÊNCIAS

D'AMORIM, Eduardo; ANTIL, José. A Capoeira Uma Escola de Educação. Recife: Ed. do Autor, 2007.

LARAIA, Roque de Barros, 1932 – Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

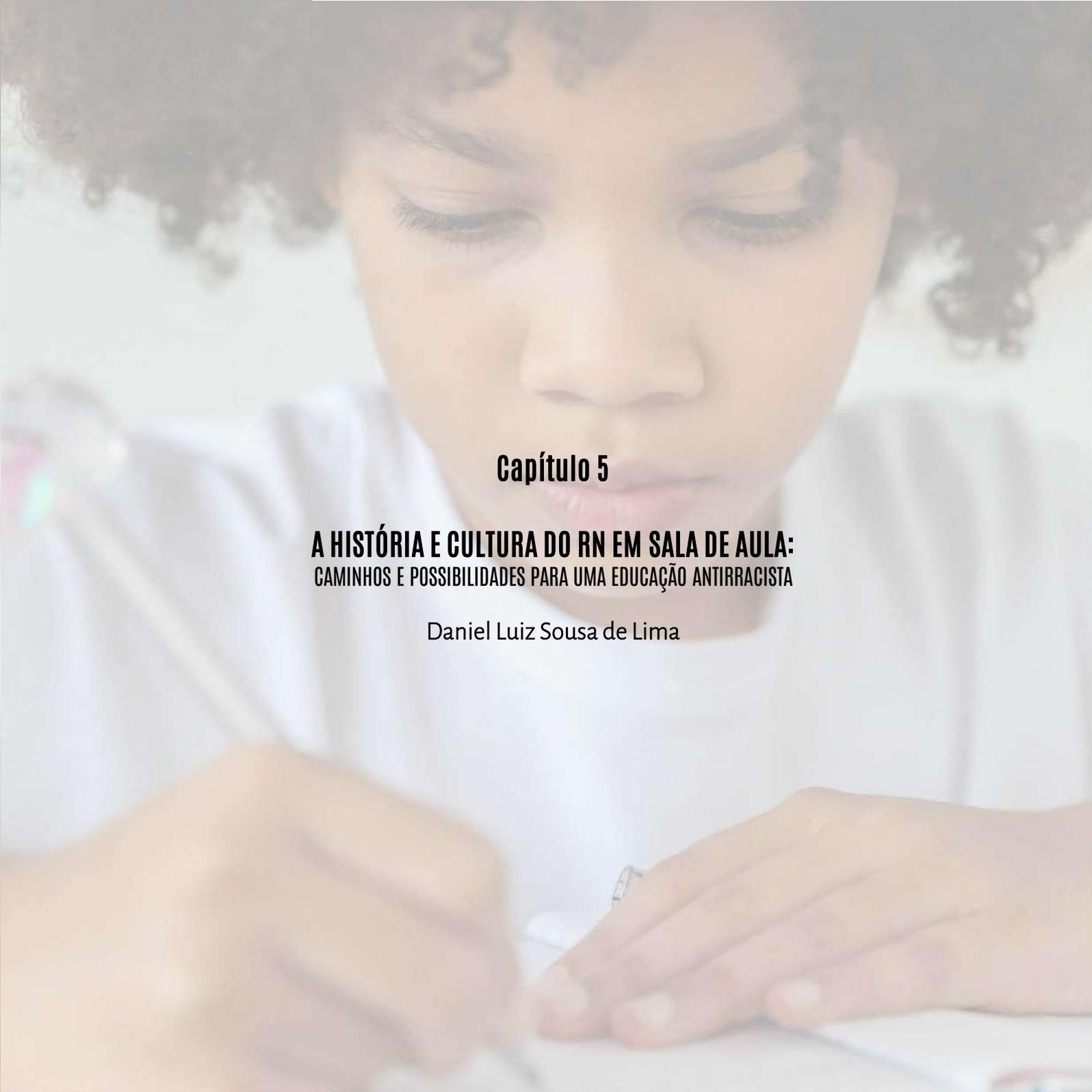
LIMA, José Ayrton de. A Escravidão Negra no Rio Grande do Norte. Natal: Cooperativa dos jornalistas de Natal, 1988.

RAMOS, Arthur, 1903-1949. O folclore negro do Brasil: demopsicologia e psicanálise. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

AUDIO-VISUAL

PROJETO CAPOEIRA VIVA. MEMÓRIAS DA CAPOEIRA - NATAL/RN. DIREÇÃO: DIAS, João Neves de Souza e Nunes. 60'30". Rio Grande do Norte: 2008.

SALTO PARA O FUTURO. REPERTÓRIO Afro-brasileiro na escola. Produção TVE Brasil.162'09". Rio de Janeiro: 2005.

A young girl with curly hair is shown from the chest up, looking down and writing in a notebook. She is wearing a white t-shirt. The background is a soft, out-of-focus light color. The text is overlaid on the center of the image.

Capítulo 5

A HISTÓRIA E CULTURA DO RN EM SALA DE AULA: CAMINHOS E POSSIBILIDADES PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Daniel Luiz Sousa de Lima

A HISTÓRIA E CULTURA DO RN EM SALA DE AULA: CAMINHOS E POSSIBILIDADES PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Daniel Luiz Sousa de Lima

No Rio Grande do Norte, o mito da mestiçagem, em que a democracia racial é uma verdade, teve grande impacto, aliando-se ao esforço da construção de uma memória que destaca os feitos de grupos oligárquicos ao mesmo tempo em que faz um esforço de invisibilização da presença e legado das comunidades étnicas de negros e índios, dentre outros grupos sociais considerados subalternos.

A historiografia do Rio Grande do Norte foi construída entre o início e meados do século XX, sendo até hoje essas produções consideradas referências pra quem decida se debruçar a estudar a história do estado. As produções são de Tavares de Lyra (1921), Rocha Pombo (1922) e Câmara Cascudo (1955). É compreensível que essas produções carreguem a marca das disputas políticas e culturais, frequentes na construção de uma história que pretendia privilegiar alguns aspectos ou grupos sociais em detrimento de outros, sendo ainda hoje, aporte teórico que sustenta boa parte das produções historiográficas no estado.

Portanto, neste contexto, há grupos sociais que foram deixados à margem de todas as narrativas oficiais sobre a história do RN, sendo relegadas ao esquecimento, e muitas vezes considerados inexpressivos ou inexistentes, caso específico dos indígenas e negros. Assim, a historiografia hegemônica do estado invisibilizou os grupos étnicos não europeus.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

A história do estado, construída a partir da visão de uma elite intelectual e econômica, nega e exclui, quase que sumariamente, a participação de outros grupos no processo de construção sociocultural do povo potiguar. O problema da invisibilidade se agrava ainda mais quando essa historiografia é repetida, mesmo tendo passado mais de um século e sob a luz de novas demandas, sem nenhuma análise crítica que possa ajudar a construir uma sociedade mais igualitária e livre de preconceito, potencializando o efeito negativo a partir do momento em que copia-se, de forma literal, em materiais que são voltados para a sala de aula do ensino básico de educação, tratando, historicamente, situações étnico-raciais como não sendo um problema a ser considerado na sociedade.

Portanto, é comum nos depararmos em materiais que tratam sobre a história do Rio Grande do Norte afirmações que tentam apagar a presença dos negros, diminuindo a sua participação na formação social do estado por meio de afirmações contundentes, tais como: “a presença do escravo negro foi uma constante nas atividades econômicas da capitania do Rio Grande, mas não uma determinante econômica” (MARIZ; SUASSUNA, 2005, p. 71). A afirmativa, cópia de Câmara Cascudo, não incute somente a ideia da inexpressividade da mão de obra escrava na vida econômica do estado, não podemos desvinculá-la de uma tentativa de apagamento da influência dos negros na composição demográfica da população. A saber, a obra de Cascudo traz a seguinte passagem que nos confirma a ideia intrínseca de inexpressividade étnica do povo negro: “economicamente o escravo não foi indispensável ao Rio Grande do Norte e, etnicamente, constituiu uma constante e jamais uma determinante” (CASCUDO, 1984, p. 47).

Obviamente a ideia da população diminuta de escravos e da inexpressividade destes na composição étnica e na vida econômica do RN tem a finalidade, também, de nos demonstrar que a pouca presença destes resultou em uma influência quase nula no que concerne as manifestações



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

culturais, diminuindo a importância ao legado cultural que não fosse advindo diretamente da África, O professor Tarcísio Medeiros, por exemplo afirma que “são autos brasileiros de assuntos africanos, apenas e tão somente: Os congos e o bambelô, este em comum com os nativos” (MEDEIROS, 1978, s.n.). Destarte, constrói no imaginário popular que os negros não contribuíram com a cultura e sociedade potiguar, proposta que também repercute a visão elitista de uma negritude considerada genérica, que perdeu sua originalidade, e dessa forma, refletem a ideia de que alguns povos ou cultura não podem ser considerados autênticos.

A história como posta, dificulta, e até inviabiliza, a formação de uma identidade positiva dos negros e negras no estado. Como é possível reconhecer ou valorizar algo que é negado?

Contrariando as afirmações de inexpressividade étnica e cultural dos negros, em 2009, o Centro de Estudos Afro-Orientais - CEAFFRO, da Bahia, esteve no Rio Grande do Norte com a finalidade de fazer um levantamento sobre políticas públicas e movimentos negro no estado. Após reuniões com lideranças e representantes de entidade e organizações negras, constatou que Câmara Cascudo é apontado como o responsável pelo fato do estado ser reconhecido no Brasil como aquele que tem uma presença insignificante de negros e índios, o que, obviamente, dificulta o processo de formação de identidade.

Apesar da tentativa de apagar a influência dos mais diversos grupos étnicos, o levantamento da CEAFFRO aponta a presença de diversas manifestações culturais afrodescendentes como “a capoeira, o boi calembá, o congo, assim como os quilombos e as religiões de matrizes africanas expressam uma cultura negra viva e pulsante, mesmo com a existência de uma ideologia que tenta negar a existência das influências afro- ameríndias” (CEAFFRO, 2009, p. 8). A partir dessa constatação, o que propomos nesse



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

projeto foi, por meio dessas manifestações culturais, construir conhecimento sobre relações étnico-raciais no espaço escolar.

Portanto, há uma dificuldade na historiografia do Rio Grande do Norte em reconhecer a questão étnica como um problema, o que ocasiona um obstáculo na formação identitária relacionada ao povo negro, porém, contrariando as afirmações sobre a história e cultura afro-brasileira no estado, há diversas manifestações culturais que são reconhecidamente de origem étnica negra, e seus praticantes reivindicam o reconhecimento da sua identidade em torno delas.

Os processos históricos vistos em sala de aula podem reforçar alguns estereótipos e preconceitos, e que se determinadas afirmações forem repercutidas na escola sem que haja uma problematização, elas podem prejudicar a construção de identidades positivas, isso ocorre principalmente se compreendermos que a população afro-brasileira é vista nos materiais didáticos principalmente sob a ótica da escravidão, e no contexto de pós-abolição somem de quase todas as narrativas.

No currículo de História comumente utilizado, os negros estão presentes nas narrativas referentes à História do Brasil, sobretudo, no período colonial e imperial, intrinsecamente ligados as questões de escravização, porém nos parece que não é suficiente discutir a temática da escravidão para que alunos compreendam que as consequências dessa experiência ainda estão presentes na sociedade. A forma de abordagem desse conteúdo é outro aspecto a ser considerado. Em certas ocasiões, é perceptível o desconforto dos alunos negros durante essas aulas, principalmente, com relação à forma que a escravidão é abordada nos materiais didáticos, em que se reforçam estereótipos de subalternidade. Algumas vezes, em aulas que falávamos da herança cultural dos povos africanos, os batuques e a religiosidade tornaram-se motivo de muitas

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

risadas ou de repúdio por parte de alguns alunos, sempre associando essas manifestações a algo ruim e de forma pejorativa.

Se considerarmos que no Rio Grande do Norte a História foi construída privilegiando narrativas que dão destaque a uma elite cultural, política e econômica, e em torno de uma memória da escravidão em que pressupunha um sistema dócil e benevolente, então se torna ainda mais prejudicial no imaginário da população e dos discentes.

Feito este panorama, e como esse texto foi produzido para apresentar uma experiência positiva produção de material didático no intuito de contribuir para a educação antirracista, é profícuo caracterizar o espaço para qual ele foi planejado. O projeto foi pensado, e aplicado, na Escola Estadual Zila Mamede – EEZM. A escola situa-se no conjunto Pajuçara 1 sendo a única instituição pública que oferece ensino médio em todo o bairro do Pajuçara. O bairro é o segundo mais populoso da Zona Norte da capital do estado, Natal, composto por diversos conjuntos habitacionais e loteamentos. Segundo dados do último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE, a renda per capita de 60% da população girava em torno de $\frac{1}{4}$ a 1 salário-mínimo (PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL, 2012). O Pajuçara, portanto é um bairro que se expandiu para atender a demanda da população trabalhadora por moradia a custo baixo, embora distantes de seus locais de trabalho, ainda na década de 1980.

No ano de 2017 e 2018, como supervisor do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, Subprojeto História/UFRN, orientei os bolsistas do programa na produção de um relatório diagnóstico da escola, para que alguns problemas enfrentados pela escola fossem levantados, por meio de dados, na tentativa de perceber quais eram as demandas decorrentes da própria escola para nortear o trabalho de planejamento das aulas de história.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Foram aplicados questionários com as turmas e os dados levantados foram significantes para a realização deste trabalho. Com eles descobrimos que o bullying é um problema central na escola, pois dos 149 alunos que responderam ao questionário, 42% disseram já ter presenciado alguma forma de bullying no ambiente escolar e 23% afirmaram ter sofrido ou presenciado algum caso de racismo, também na escola. Identitariamente 50% dos alunos se consideram pardos, 17% pretos e 23% se denominam brancos. Obviamente, no cotidiano escolar nós detectamos casos problemáticos em relação ao racismo, e o questionário diagnóstico evidenciaram que era preciso se dedicar com mais afinco às questões étnico-raciais na escola, principalmente ao respeito a diversidade.

É profícuo informar que pedimos para que os alunos nos apontassem o que eles estavam chamando violência, dessa forma, constatamos que alguns casos de bullying constituía-se na verdade como racismo, caracterizados por xingamentos como “macaco”, ou apelidos relacionados a cor da pele ou do cabelo. Os casos relatados de bullying estão relacionados à aspectos físicos como beleza, estatura, etc.

Outro dado relevante na caracterização do público escolar é quanto ao aspecto religioso, onde 46% dos alunos se denominam evangélicos, das mais diversas denominações, e 39% católicos. Partindo disto podemos afirmar que a escola está, como a realidade brasileira, inserida no seio de uma comunidade predominantemente cristã. Portanto é comum os professores relatarem, inclusive nas aulas de história, relatarem dificuldades em trabalhar temas ligados às questões de gênero ou à religiosidade de matriz africana.

No ano de 2016 a escola abrigava algumas festividades e celebrações religiosas. Em uma dessas ocasiões, um culto evangélico no intervalo das aulas, o gestor foi questionado quanto a laicidade do espaço escolar e se haveria espaço para outras correntes religiosas, como as de matrizes

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

africana. A resposta foi emblemática, pois afirmou enfaticamente que só seria possível a abertura da escola para qualquer igreja de vertente cristã. É importante notar como esses episódios demonstram o quanto a escola, enquanto instituição controlada por pessoas não comprometidas com o bem comum e com os direitos humanos, não contribuem para o reconhecimento da diversidade presente na sociedade brasileira, o que corrobora com a afirmação de Petronilha Silva:

O ocultamento da diversidade no Brasil vem reproduzindo, tem cultivado, entre índios, negros, empobrecidos, o sentimento de não pertencer à sociedade. Visão distorcida das relações étnico-raciais vem fomentando a ideia, de que vivemos harmoniosamente integrados, numa sociedade que não vê as diferenças. Considera-se democrático ignorar o outro na sua diferença (SILVA, 2011, p. 26).

Os dados levantados com o diagnóstico foram importantes para mostrar ao professor, de forma mais objetiva, os problemas enfrentados cotidianamente, tornando-se a realidade do aluno fundamental para estabelecermos um critério de seleção de conteúdos que possam ajudar a diminuir a distância entre o ensino de História e as experiências dos alunos, marcadas por problemas de infraestrutura, de intolerância ou racismo.

Diante do exposto, compreendemos que a tarefa do professor é bastante complexa, não se resume apenas a “passar a matéria” ou “explicar o conteúdo”, é necessário combater as situações travestidas de normalidade. Compreendemos que essas situações não constituem uma particularidade da EEZM, elas estão presentes em muitas salas de aulas no Brasil, e nem sempre estamos preparados para enfrentá-las. Destarte, para nossa realidade foi fundamental construirmos estratégias e ações que levassem



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

nossos alunos a entender a questão da diversidade como algo realmente existente e que deve ser respeitado.

Este trabalho foi pensado a partir da realidade da escola e das suas problemáticas, consideramos eficaz essa posição de pautar as demandas dos alunos e alunas no planejamento para que consigamos atingir os objetivos de um ensino que realmente seja significativo. Neste caso, como ocorre muitas vezes, não partimos da metodologia na construção de jogos ou outros formatos que pudessem apenas serem atraentes e os fizessem decorar ou adquirir determinados tipos de conhecimento para a produção ou execução de uma tarefa. Muito embora, a elaboração do material tenha pensado nas interações com os alunos que vão além da leitura e análise de fontes e documentos escritos ou enfadonhos, eles foram apresentados a inúmeras possibilidades como vídeos, fotos, imagens, desenhos, etc. Destarte, neste projeto buscamos o atrativo por meio dos problemas enfrentados por eles cotidianamente.

Na EEZM, e em diversos locais, as questões do racismo muitas vezes são travestidas de brincadeiras, por apelidos depreciativos que desfavorecem a imagem dos negros e negras. Compreendemos que é na adolescência o período em que as identidades são construídas, as questões de beleza, corpo, cabelo, entre outras, acabam assumindo um papel importante na autoestima, quando essas características se tornam alvo de depreciação, pode haver um afastamento ou negação.

Obviamente a produção do material didático, aqui relatado, não é algo pontual na EEZM vêm se enfrentando alguns problemas referente às relações étnico-raciais, que ao contrário do que ainda hoje tentam pregar, nem sempre são amistosas. Já foram desenvolvidas palestras com africanos para desconstruir as ideias difundidas no senso comum sobre o continente, roda de conversa com pessoas que participam do movimento negro e



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

discutem sobre identidade negra e sua representatividade nos mais diferentes espaços, dentre outras ações.

Cotidianamente em sala de aula, há um esforço para que seja demonstrada outras visões de História onde os negros não apareçam sempre como vítimas passivas da elite branca, mas como sujeitos que sempre resistiram, de diversas formas, como sujeitos determinantes no processo histórico. É nesse contexto que o projeto da exposição e sequência didática foi construído e aplicado.

Portanto, o projeto foi aplicado no sentido de problematizar o apagamento da população negra na construção da História do Rio Grande do Norte, dar visibilidade às suas manifestações culturais, bem como tentar diminuir os estereótipos associados às manifestações culturais afro-brasileiras.

O material didático disponibilizado nas escolas do estado para subsidiar as discussões sobre cultura no RN, mostrou-se insuficiente na abordagem dessa temática, sobretudo se considerarmos que ele repercute um discurso de negação sobre a participação dos negros na construção histórica e formação cultural do Rio Grande do Norte, dificultando, além de se afastar da visão de uma sociedade plural e diversa, impactando diretamente na sala de aula, pela forma como a questão étnica é abordada, ou silenciada. Entendemos que as narrativas históricas podem reforçar estereótipos e preconceitos, e que se determinadas ideias forem repercutidas na escola sem que houvesse uma problematização crítica, são perspectivas que podem prejudicar a construção de identidades positivas.

Os livros de História regulares também têm fragilidades, pois a população afro-brasileira é vista nos materiais didáticos principalmente sob a ótica da escravidão, e no contexto de pós-abolição somem de quase todas as narrativas. Por isso, é importante que profissionais de história reformulem suas abordagens, principalmente tentando compreender e

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

mapeando quais as contribuições da população negra, fugindo, dessa forma, das situações pitorescas, onde o negro é sempre colocado a partir de uma visão exótica.

Compreendemos que na escola os currículos determinados pelos livros didáticos são permeadas pelo etnocentrismo e Segundo Maria Telvira é marcada “pelos pressupostos de uma ideia de História universalizante, cronológica e eurocentrada” (CONCEIÇÃO, 2015, p. 24). Portanto, não se trata somente de inserir conteúdos que falem dos povos africanos, é necessário que se tenha uma nova visão sobre como se escreve e sobre qual visão é perpetuada.

Trabalhamos neste projeto com material didático produzido pelo próprio professor no âmbito do Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA, o trabalho intitulado **Cultura e educação: contribuição à valorização do patrimônio afro-brasileiro na cultura potiguar**¹¹ traz, como todo trabalho do programa, uma parte propositiva, neste caso uma exposição fotográfica aliada a uma sequência didática, chamada de **Cultura Negra no RN: diversidade e etnicidade** (o material didático está disponível na dissertação).

A sequência didática traz uma exposição fotográfica sobre as manifestações culturais afro-brasileiras presentes no Rio Grande do Norte, com o intuito de desconstruir estereótipos e preconceitos criados não só sobre essas expressões culturais, mas sobre os negros e a cultura afro-brasileira em geral. Dessa forma, também é uma preocupação da atividade construir uma imagem positivada do negro na sociedade potiguar, apresentando outras matrizes culturais que se fazem presente na construção da sociedade nordestino-grandense.

¹¹ Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/27051>

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

O material é composto por uma exposição fotográfica de manifestações culturais afro-brasileiras, dos grupos que as praticam e dos locais de culto, de suas apresentações ou comunidade. Além das fotos, compõem a sequência didática fontes escritas, de autores e tempos diversos. Os grupos que foram escolhidos para compor o trabalho são: Terreiro Ilê Axé Olorum Malé, que representa o Candomblé; os Congos de Combate de São Gonçalo do Amarante; o grupo de Capoeira Cordão de Ouro e o Memorial da Capoeira; e por fim, a dança do pau furado, também chamada de coco zambê, da comunidade quilombola de Capoeiras/Macaíba.

A escolha se deu pela proximidade geográfica (todos os grupos são de Natal e da Grande Natal), além dos grupos utilizarem suas atividades como forma de fortalecimento da cultura negra, além da própria cultura ser uma forma de construir identidades positiva.

Apesar de todas as manifestações, e dos grupos, estarem presentes no território potiguar, é profícuo lembrar que a escolha foi feita também levando em consideração que duas delas são conhecidas nacionalmente, e internacionalmente, como pontos chave de resistência e tomadas como fortalecimento de identidades como o Candomblé e a Capoeira. As outras duas, mesmo não sendo manifestações surgidas no RN, e encontrar manifestações culturais criadas no estado não era um objetivo seus grupos construíram formas de produção que marcam a cultura potiguar e se organizam em torno delas para construir a identidade dos praticantes e de seus grupos.

Todo o material é acompanhado de um caderno com as orientações para os professores e professoras, além de um roteiro de análise para cada fonte. Como esse material é parte integrante de uma dissertação do PROFHISTÓRIA, a exposição e o caderno estão disponíveis nos repositórios da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, e no repositório da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes.



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Portanto, ela está acessível para que outros discentes utilizem- nas e façam as adaptações para suas realidades, bem como reproduza-a em formatos diversos.

As fontes escritas apresentadas para os alunos, juntamente a exposição, são trazidas no intuito de confrontar diferentes perspectivas sobre as práticas que estão sendo estudadas, levando os docentes a questionar e trazendo uma complexidade às possibilidades analíticas desses documentos. Com isso, é possível a problematização dos significados sociais e culturais atribuídos a essas manifestações em diferentes temporalidades e em diferentes sujeitos.

Todo o material sobre as manifestações (imagens e fontes escritas), são acompanhados de roteiro de análise, na tentativa de orientá-los a perceber algumas particularidades das imagens e fragmentos de texto, confrontando-os e problematizando seus significados.

Ao final de todas as análises, o material também traz algumas propostas de atividades, tornando o resultado da experiência apresentáveis para a escola. As propostas são facilmente adaptáveis a cada realidade, os professores e professoras que irão utilizar o material pode sugerir atividades diferentes daquelas que estão na sequência, isso depende dos objetivos e das realidades de cada um. Em geral essas propostas são de caráter interdisciplinar, trabalhando diversos aspectos dessas manifestações, além disso a produção dos alunos ao final do projeto pode assumir diversos produtos, como criação de vídeos, exposição de fotos, revistas em quadrinhos, exposição de desenhos dentre inúmeras possibilidades que dependem da orientação do discente ou mesmo das habilidades dos próprios docentes. A intenção com essas propostas é que os alunos possam desenvolver pensamento crítico e construir, coletivamente, conhecimento histórico.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

As fontes escritas têm características distintas, mostrando diversas perspectivas e que geralmente se confrontam. Em todas as manifestações temos três sequência de fontes escritas para serem analisadas. A primeira, onde trazemos algum trecho escrito onde a manifestação é demonstrada de forma estereotipada, para os casos do Pau furado e dos Congos de Combate são apresentadas afirmativas de folcloristas do estado, Câmara Cascudo e Deífilo Gurgel; e para o Candomblé e a Capoeira, trechos do Código Penal de 1890 que proibia as práticas dessas duas manifestações, além de uma afirmativa de Nina Rodrigues, no caso da religião. Destarte, a primeira fonte é apresentada no sentido de levá-los a pensar como essas manifestações foram vistas de forma estereotipada, o que justifica os preconceitos que envolvem essas práticas culturais.

A segunda, onde supostamente elas são neutras, são as definições dessas manifestações retiradas do dicionário Michaelis online, trazidas para serem analisadas no intuito de promover questionamentos sobre essas definições que se mostram objetivas e sem nenhuma intencionalidade, mas que cristaliza significados. Dessa forma, as informações que supostamente seriam neutras trazem em si ideias que podem ser contextualizadas e confrontadas com outras visões.

A terceira, e última perspectiva, são apresentadas trechos de entrevistas que foram realizadas com mestres dessas expressões culturais para a composição do trabalho. Essa última fonte era imprescindível que estivessem no trabalho, pois elas aparecem na tentativa de trazer a visão dos próprios sujeitos acerca das suas expressões, demonstrando quais os significados que essas pessoas atribuem às suas práticas, qual sua importância na comunidade em que estão inseridos, e em que medida são construídos a partir de suas experiências e lutas.

Portanto, as fontes são trazidas para investigação como recursos didáticos, levando os alunos a compreenderem como se constrói



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

conhecimento, além de ser um ótimo exercício para que em tempos de fake news eles possam compreender como fazer pesquisas e saber identificar e filtrar informações por meio de análise de fontes. A ideia com é também mostrar como as interpretações acerca das manifestações culturais estudadas podem mudar ao longo do tempo, de acordo com o lugar de fala de quem está enunciando e, principalmente, de acordo com os objetivos de cada sujeito.

Acompanhando a exposição fotográfica e as fontes escritas, o material também traz um caderno com orientações para os discentes que forem utilizar, nele serão encontradas todas as fontes fotográficas e as fontes escritas como também uma sequência didática e um roteiro de análise de cada uma das fontes, onde são feitos questionamentos acerca dos documentos que estão sendo analisados. Dessa forma, o intuito não é que o professor ou professora aponte quais são os significados, mas que indique os caminhos, fazendo com que eles cheguem as próprias conclusões, obviamente já pensada previamente pelo professor. Além disso, como já foi dito, após todo o trabalho de análise, o material traz uma atividade final para que as turmas possam apresentar o resultado das suas investigações. Em geral essas sugestões são para trabalhos interdisciplinares e também para que eles possam produzir livremente, com a supervisão do discente, seja desenhos, outra exposição fotográfica, quadrinhos, etc.

Compreendemos que cada sala de aula é única e contém diversas particularidades, mesmo que consideremos as situações comuns, as demandas que decorrem a partir destas são diferentes. Apesar do objetivo da produção deste material ter sido trabalhar com a história local e o confronto das afirmativas excludentes sobre a população negra, ela pode ser utilizada em outras experiências, desde que o professor sinta a necessidade ou queira pautar as discussões a partir da cultura africana e afro-brasileira. Destarte, os conteúdos a que essa experiência possa ser vinculada



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas dependerá da abordagem de quem a aplicará, não sendo necessário interromper o conteúdo programado para inserir a temática local. Por isso, o material didático, e esta experiência em específico, pode ser replicada e ajustada de acordo com as realidades mais diversas, indo além da história local do RN.



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

REFERÊNCIAS

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, DISEI, 2013.

CASCUDO, Luis da Câmara. História do Rio Grande do Norte. 2 ed. Natal/Rio de Janeiro: Fundação José Augusto/Achiamé, 1984.

CEAFRO, CEAO-UFBA. Informe sobre políticas e movimentos negros no Rio Grande do Norte. Disponível em:

<http://www.cefro.ufba.br/web/arquivos/publicacoes/Informe_Rio_Grande_do_Norte.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2016.

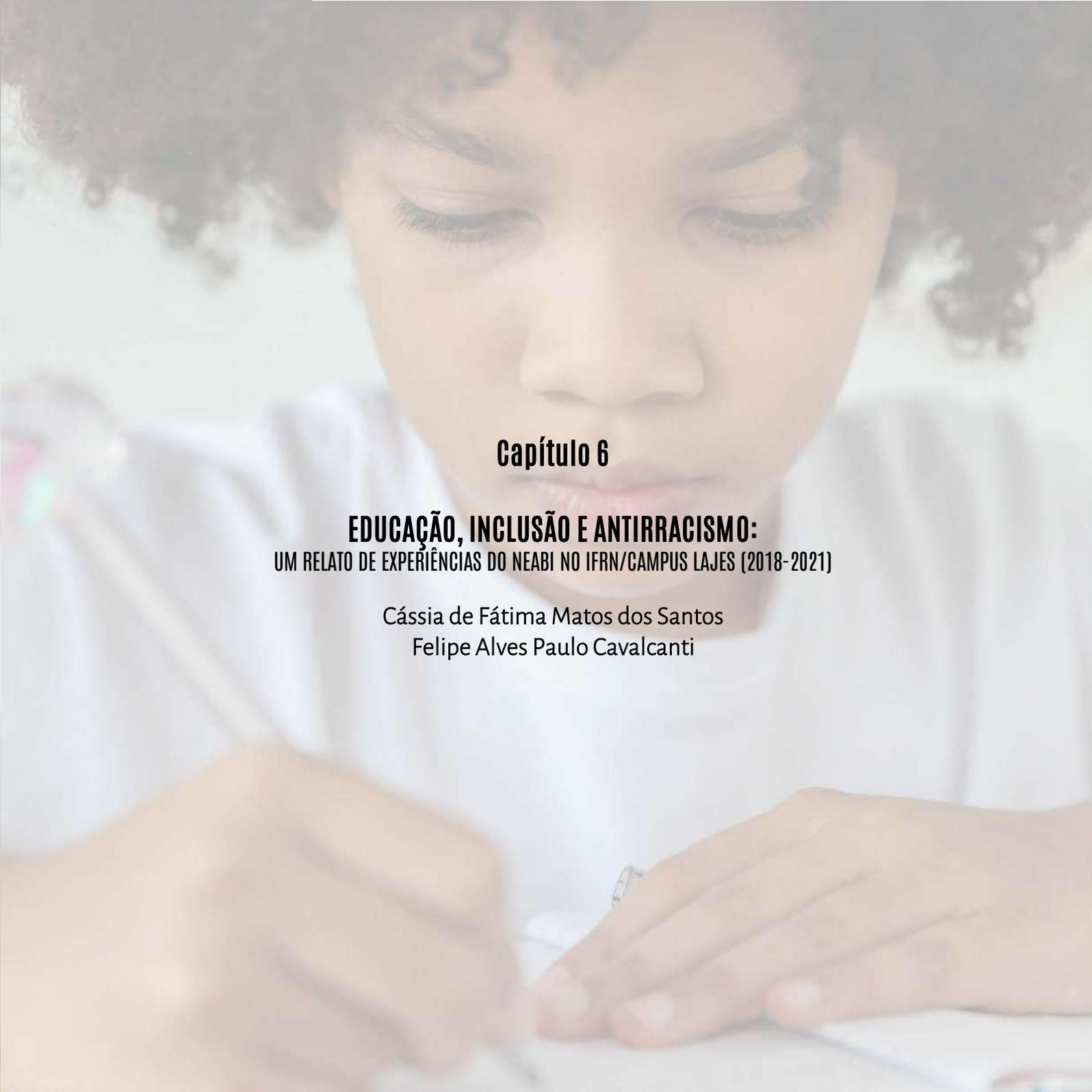
CONCEIÇÃO, Maria Telvira. Interrogando discursos raciais em livros didáticos de História: entre Brasil e Moçambique -1950-1995. 2015. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2015, 271fls.

MARIZ, Marlene da Silva; SUASSUNA, Luiz Eduardo Brandão. História do Rio Grande do Norte. 2 ed. Natal: Sebo Vermelho, 2005.

MEDEIROS, Tarcísio. O negro na etnia do Rio Grande do Norte. Separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Editora Universitária, nº 70, Natal, 1978.

PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL. Conhecendo melhor seu bairro. Secretária Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo. Novembro, 2012.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. In: FERNANDES, Alexandra Borges. FONSECA, Marcus Vinícius. SILVA, Carolina Mostaro Neves da. (org.) Relações étnico-raciais e educação no Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.



Capítulo 6

EDUCAÇÃO, INCLUSÃO E ANTIRRACISMO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIAS DO NEABI NO IFRN/CAMPUS LAJES (2018-2021)

Cássia de Fátima Matos dos Santos
Felipe Alves Paulo Cavalcanti

EDUCAÇÃO, INCLUSÃO E ANTIRRACISMO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIAS DO NEABI NO IFRN/CAMPUS LAJES (2018-2021)

Cássia de Fátima Matos dos Santos
Felipe Alves Paulo Cavalcanti

INTRODUÇÃO: OS NEABI NO ÂMBITO DO IFRN E A IMPLANTAÇÃO DO NEABI NO IFRN CAMPUS LAJES

A partir da Deliberação n. 17/2011 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão do IFRN (CONSEPEX), foi aprovado o primeiro regimento interno do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), bem como estabelecida sua atuação de forma sistêmica junto à Diretoria Pedagógica da Pró-Reitoria de Ensino (PROEN). Como nos informa o artigo primeiro deste regimento, no âmbito do IFRN, o NEABI:

É um grupo de trabalho responsável por fomentar ações, de natureza sistêmica, no âmbito do ensino, pesquisa e extensão, que promovam o cumprimento efetivo das leis n. 10.639/2003 e 11.645/2008 e os demais instrumentos legais correlatos (IFRN, 2011, p. 2)

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Ainda segundo esta resolução, o NEABI possui as seguintes finalidades:

- I. *propor, fomentar e realizar ações de ensino, pesquisa, extensão sobre as várias dimensões das relações étnico-raciais, atendendo às Leis 10.639/03 e 11.645/08 e à legislação correlata.*
- II. *sensibilizar e reunir pesquisadores, professores, técnico-administrativos, estudantes, representantes de entidades afins e demais interessados na temática das relações étnico-raciais;*
- III. *colaborar e promover, por meio de parcerias, ações estratégicas no âmbito da formação inicial e continuada dos profissionais do Sistema de Educação do Rio Grande do Norte;*
- IV. *contribuir para a ampliação do debate e da abrangência das políticas de ações afirmativas e de promoção da igualdade racial;*
- V. *produzir e divulgar conhecimentos sobre relações étnico-raciais junto às instituições educacionais, sociedade civil organizada e população em geral (idem, p. 2)*

Nesse sentido, a implantação do NEABI no âmbito do IFRN ocorre de modo a atender às leis referidas acima, as quais estabelecem a obrigatoriedade do ensino de História e cultura afro-brasileira e indígena no currículo escolar do ensino básico. Essas leis, por sua vez, atendem a demandas históricas dos movimentos negro e indígena IFRN (DOMINGUES, 2008; FANELLI, 2018), notadamente a reivindicação por uma educação que não apenas insira mais alunos negros, indígenas e quilombolas em seus bancos escolares, mas que busque repensar as suas práticas educativas de modo a contemplar e, de fato, incluir identidades e as referências de mundo



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

de grupos sociais que foram invisibilizados durante décadas nos currículos escolares.

A versão atual do Projeto Político Pedagógico (PPP) do IFRN, publicada em 2012, reafirma o seu compromisso com a inclusão e com o combate às diversas formas de discriminação racial. Assim, o NEABI consta como um dos princípios orientadores do currículo do Ensino Médio Integrado ofertado pela instituição e da práxis pedagógica do instituto. No item 3.4.3, intitulado “Respeito à diversidade” deste PPP, afirma-se que:

Assim, o respeito à diversidade é um dos princípios fundamentais da concepção do currículo integrado. A convivência saudável e participativa, numa comunidade educativa, possibilita, a educadores, educandos, funcionários dos diversos setores, gestores e familiares, um aprendizado que vai muito além dos conteúdos escolares e do currículo oficial. Possibilita o aprendizado da vida social.” (IFRN, 2012, p. 65),

Além da reiteração das linhas da deliberação e do regimento já citadas acima, o NEABI é definido no mesmo PPP como uma forma de “ampliar o atendimento às diversidades” (IFRN, 2012, p. 66), e tem como prioridade, “[...] sobretudo, ações que visem à superação da desigualdade racial existente no Brasil, nos mais diversos campos de atuação” (idem). Cumpre notar, portanto, que o NEABI é considerado como parte importante na concretização de um dos pilares da prática pedagógica do IFRN e de um princípio estruturante do currículo do Ensino Médio Integrado oferecido por esta instituição.

Contudo, entre os princípios manifestados acima até a concretude do fazer pedagógico, há uma longa distância que é preciso percorrer. Essa distância passa pela implantação dos núcleos locais do NEABI em cada um



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas dos campi do IFRN e pelo exercício de suas atividades, de modo a assegurar a inclusão e o combate às práticas de discriminação racial tanto nos bancos escolares como no currículo da instituição. É, pois, embasado nestas premissas institucionais, que o núcleo local do NEABI é implantado no IFRN Campus Lajes (NEABI/LAJ) no ano de 2018, visando o cumprimento dos preceitos legais e institucionais mencionados acima nos âmbitos do ensino, pesquisa e extensão preconizados pelo IFRN.

Neste artigo, visamos a compartilhar algumas das ações realizadas pelo NEABI/LAJ ao longo de seus pouco mais de três anos de existência, tanto em atividades direcionadas para o público interno deste campus como em iniciativas que visam o diálogo com o público externo e com as comunidades tradicionais presentes na área de atuação do campus, a Microrregião de Angicos. Faremos também um balanço entre aquilo que foi possível de ser implementado e os entraves encontrados ao longo deste percurso, na tentativa de traçar direcionamentos para a atuação do núcleo.

O PROJETO DE PESQUISA “IDENTIFICAÇÃO, MAPEAMENTO E PRESERVAÇÃO: MAPEAMENTO DO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE ORIGEM AFRICANA E INDÍGENA NA MICRORREGIÃO DE ANGICOS-RN”

O projeto de pesquisa em questão, coordenado pela professora SINTIA HELPES e vinculado ao NEABI/LAJ, teve como objetivo a realização do mapeamento do patrimônio cultural imaterial de origem africana e indígena na microrregião de Angicos, RN, que engloba oito municípios: Afonso Bezerra, Angicos, Caiçara do Rio do Vento; Fernando Pedroza; Jardim de Angicos; Lajes, Pedra Preta e Pedro Avelino. Durante muitas décadas os patrimônios culturais materiais, como edifícios, bibliotecas, museus e igrejas, foram alvo de políticas de identificação, promoção e preservação,



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

enquanto patrimônios culturais imateriais, tais como danças, músicas, religiões, tradições, modo de fazer, ficaram, muitas vezes, negligenciados. Isto nos levou à construção de uma memória predominantemente embranquecida e europeizada, enquanto as raízes indígenas e africanas, tão determinantes para a construção da identidade brasileira, foram marginalizadas.

A partir desta perspectiva crítica, instituições de pesquisas como universidades e a UNESCO vêm promovendo estudos em que o objeto analisado seja o patrimônio cultural imaterial das comunidades, visando, assim, o resgate das heranças não europeias e reconstrução da história e identidade presente nas diversas localidades. Este projeto, realizado no âmbito do Edital nº 12/2018 - PROPI/RE/IFRN - Programa Interinstitucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio (PIBIC-EM/CNPq), envolveu cinco estudantes do Ensino Médio Integrado do Campus Lajes e foi desenvolvido no período de agosto de 2018 a julho de 2019. Como resultados, se aponta que, a partir desta pesquisa, a equipe pôde ampliar seu conhecimento sobre a região na qual o campus Lajes encontra-se inserido, especialmente sobre seu patrimônio cultural imaterial de origem não-europeia. Através do estudo dos contos e mitos, percebeu-se o quanto a região é rica em história oral, especialmente àquelas com características fantásticas, como as histórias de assombração, identificando-se diversos escritores locais que registraram estas histórias em livros. Observou-se que, embora as histórias sejam de domínio popular, a maior parte dos jovens não as conheciam. Outro resultado importante foi obtido por meio das visitas às regiões, em que se conseguiu estabelecer parceria com o Quilombo Aroeira, no município de Pedro Avelino, com a realização de ações na comunidade entre os anos de 2017 e 2018.



Figura 12 Apresentação de projeto de pesquisa “Identificação, Mapeamento e Preservação” feita por alunos participantes do projeto.

Desta forma, o IFRN pôde atuar como parceiro do Quilombo. A região possui uma economia ainda muito frágil, baseada na agricultura familiar e criação de animais de pequeno porte. A intervenção pública é praticamente nula, de forma que a comunidade é carente de atendimento médico, educacional e demais serviços. Identificar a existência desta comunidade quilombola e estabelecer a parceria é o primeiro passo para elaborarmos propostas de divulgação e promoção, bem como projetos que possam se transformar em políticas públicas. Os resultados parciais do trabalho foram apresentados em dois eventos: na Semana de ciência, tecnologia e extensão do IFRN (SECITEX 2018) e na 1ª Mostra científica do Campus Lajes - EXPOTEC Lajes 2018. Ademais, o projeto serviu como tema de Relatório de Prática Profissional de duas participantes deste projeto - Ramila Maiara e Alexia Karolainy -, o qual será publicado em breve no repositório de produções acadêmicas do IFRN, o Memoria.

O EVENTO “SEMINÁRIO DE DIREITOS HUMANOS”

Na semana do Dia Nacional da Consciência Negra (20 de novembro), o NEABI/LAJ organiza anualmente, desde 2018, o evento “Seminário de Direitos Humanos” (SEDH), o qual em 2021 realizou a sua quarta edição. Este seminário, realizado em parceria com a Assessoria de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas do mesmo *campus* (ASAPNE/LAJ) desde a sua primeira edição, tem como objetivo proporcionar ao público interno e externo ao IFRN *Campus* Lajes debates, oficinas, minicursos e outras atividades que visem à construção de uma educação inclusiva, tanto no que diz respeito às relações étnico-raciais como no que tange à inclusão de pessoas com deficiência (PcD).

A primeira edição do seminário, cujo tema foi “Direitos Humanos e Políticas de Inclusão” obteve uma expressiva participação da comunidade interna e externa ao IFRN. Esse foi um dos pontos importantes a serem destacados, pois este evento funcionou como um momento importante de apresentação do NEABI do *campus* Lajes à comunidade. As ações do evento foram cadastradas no projeto de extensão na plataforma SUAP, com o mesmo nome, uma vez que se tratava de o Núcleo oportunizar-se do Edital 012/2018-PROEX/IFRN, cujo objetivo foi “selecionar 01 (um) projeto de extensão, por Campi, oriundo dos NEABI-Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Indígenas, NAPNE- Núcleo de Apoio as Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas e NUARTE- Núcleo de Arte, para realizar ações no âmbito do pacto universitário pela promoção do respeito à diversidade, cultura da paz e direitos humanos, conforme tema definido naquele edital, a ser executado no exercício de 2018, por intermédio dos seus Campi”. Como o prazo de realização do projeto era três meses, este foi um tempo adequado para a organização e realização do evento.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

A programação incluiu conferências, mesas-redondas, rodas de conversa e oficinas. Entre os convidados, destaca-se a presença do cacique da aldeia indígena Catu, Luíz Catu, que pôde compartilhar sua história e contextualizou a situação indígena no Rio Grande do Norte. Houve ainda a participação de professores de universidades vizinhas, como UERN e UFRN, debatendo temas voltados para a cultura e história africanas, além da participação de docentes e estudantes do próprio IFRN *campus* Lajes, os quais dialogaram sobre temas da negritude por meio dos estudos de obras literárias, a exemplo de obras da escritora Conceição Evaristo e do músico Criolo, realizados em sala de aula e compartilhados no contexto do evento. Outra atividade que envolveu fortemente os estudantes foi a “Oficina de música africana” e a apresentação do grupo de jovens da comunidade de Picadas, do município de Açú/RN.

No ano seguinte, o II Seminário de Direitos Humanos (SEDH) foi realizado como parte da programação da II Semana de Artes, Desporto e Cultura (II SEMADEC) do IFRN *Campus* Lajes, intitulado “Diversidade, Inclusão e Sustentabilidade em tempos de crise”. Mesmo inserido em um evento de maior amplitude, seminário também contou com minicursos, mesas redondas e oficinas voltadas à temática da diversidade étnico-racial, das pessoas com deficiência e da inclusão no ambiente escolar, sendo realizado entre os dias 18 e 19 de novembro de 2019.

Desta forma, a programação do evento contou com uma mesa-redonda com a participação das professoras doutoras Francisca Ramos (UERN/Assú), Débora Nunes (UFRN/Natal) e Kátia Regina (UFRN/ Caicó) sobre o tema da inclusão social e escolar da diversidade. As oficinas, por sua vez, buscaram proporcionar ao alunado e à comunidade escolar possibilidades diversas no que tange à diversidade e à inclusão, abordando o tema seja por meio das histórias em quadrinhos, do hip-hop, do grafitti, do ensino de Linguagem Brasileira de Sinais (LIBRAS) ou mesmo de diálogos

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

voltados à inclusão de alunos com baixa visão. Além disso, o seminário contou também com a exibição do filme “Corra”, de Jordan Peele, acompanhado de uma discussão realizada pelo servidor André Bezerra, professor de artes visuais do IFRN *Campus* Lajes, e também com a realização de um recital poético intitulado “La Diversidad Hispanoablante”, que buscou trazer, por meio da poesia e da música, a diversidade étnico-racial espanhola com poemas como “Me Gritaron Negra”, da poeta peruana Victoria Santa Cruz.

A experiência do II SEDH não veio sem aprendizados: por um lado, a manutenção do evento ocorreu ante mudanças na coordenação do núcleo e a sua reorganização, fazendo com que a continuidade fosse, por si só, um fator positivo, contribuindo assim para a consolidação do seminário junto à comunidade escolar. Além disso, a integração do evento com a SEMADEC trouxe uma maior participação dos alunos, tendo em vista a suspensão das aulas para a participação no evento, e também foi visto como positiva a diversidade de atividades oferecidas ao alunado. Contudo, esta mesma integração trouxe à tona problemas relativos à identidade própria do SEDH, bem como a diluição da atenção às questões e temas que normalmente visa trazer. Desta feita, a realização do seminário de forma exclusiva mostrou-se um caminho mais efetivo para o debate da diversidade e da inclusão dentro e fora do ambiente escolar.

Já a terceira edição do SEDH, intitulada “O que seremos começa agora: AFROntando as desigualdades e construindo a inclusão” realizada em novembro de 2020, impôs um grande desafio aos membros do NEABI e ASAPNE/LAJ: como realizar o evento de forma *on-line*, durante o momento mais crítico da pandemia SarsCov-2 e do isolamento social por ela imposto? Até então, todas as edições do SEDH haviam sido realizadas de forma presencial, e a *expertise* da comissão organizadora com eventos virtuais ainda era quase nula. No entanto, a suspensão das atividades letivas no

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

momento permitiu aos docentes e técnicos administrativos envolvidos na organização do evento um tempo bastante considerável de organização do evento (algo em torno de seis meses de preparação), o qual foi necessário para o planejamento da programação das atividades com os convidados com a devida antecedência pela Comissão Científica; para a elaboração de materiais para campanhas de divulgação *online* (pela comissão de divulgação); e, também, para a apropriação das tecnologias de informação necessárias para realizar o evento exclusivamente pela internet (a cargo da comissão de TI). Seguindo a perspectiva de anos anteriores, a programação foi pensada de modo a contemplar os principais eixos do evento: a afirmação da diversidade e a inclusão étnico-racial e de indivíduos PcD no ambiente escolar e na sociedade em geral, contando com seis mesas redondas, uma roda de conversa, um minicurso, uma oficina e atividades artístico-culturais na abertura e no encerramento. A culminância do evento *on-line* pode ser conferida na página do YouTube do IFRN *Campus Lajes*¹².

No tocante às ações do evento, durante o primeiro dia (18 de novembro de 2020), a mesa-redonda “Diálogo sobre as ações do NAPNE e do NEABI no âmbito do IFRN” buscou fazer um breve histórico da atuação dos núcleos que organizam o evento - o NEABI e o NAPNE - tanto em perspectiva sistêmica quanto local; enquanto isso, a mesa-redonda seguinte, “A literatura além das paredes: Carolina Maria de Jesus”, com participação dos professores André Magri (IFCE/Itapipoca), Jucely Regis (IFRN/Lajes) e Cássia Matos (IFRN/Lajes) e mediação da profa. Meire Celedônio (IFRN/Lajes) buscou compartilhar leituras, análises, debates e comentários acerca da vida e da obra da escritora de “Quarto de Despejo” (1960), uma das

¹² Endereço do canal do IFRN Campus Lajes no YouTube:

<https://www.youtube.com/channel/UCxbzHh8HeaCrZCSfdmsoC1Q>. Pode-se acessar as atividades relativas ao III SEDH buscando-se pelo termo “III Seminário de Direitos Humanos” e/ou “III SEDH”.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas maiores e mais potentes crônicas sobre as mazelas sociais e econômicas impostas pela desigualdade, pelo racismo e pela marginalização da pobreza no Brasil. Ainda no mesmo dia, foi realizada uma roda de conversa sobre TDAH, Dislexia e educação com três docentes do IFRN *Campus* Lajes acerca de suas experiências como alunos e professores portadores destes transtornos e dificuldades de aprendizagem.



Figura 13 Figura 2: print screen da mesa-redonda “A literatura além das paredes: Carolina Maria de Jesus”, parte da programação do III SEDH.

No segundo dia, do III SEDH, tiveram início os minicursos “Personalidade Autoritária *versus* Direitos Humanos”, ministrado pelo professor de filosofia do IFRN *Campus* Lajes”, que buscou discutir a (re)emergência do autoritarismo no Brasil recente, considerando o surgimento de um novo tipo de subjetividade autoritária e a incompatibilidade desta com políticas que promovem direitos civis, políticos e sociais de modo a promover uma sociedade mais justa. No mais, duas outras duas mesas redondas ocorreram neste dia. Na primeira, “Práticas

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Pedagógicas Para Uma Educação Inclusiva”, docentes ligados a diversos *campi* do IFRN fizeram relatos acerca de suas experiências de inclusão na educação básica, técnica e tecnológicas, seja no tocante à inclusão de alunos com deficiências, seja no que diz respeito a um ensino combativo ao racismo e às desigualdades que este ainda impõe no acesso e na permanência de alunos negros e indígenas. Já na mesa “Narrativas de (re)existência e AFRONTamento”, três docentes negros trouxeram diferentes reflexões sobre diferentes suas diferentes experiências tanto em sala de aula (com reflexões sobre a literatura infantil afrocentrada, o rap como instrumento pedagógico para alunos e alunas negros e periféricos, entre outros) e enquanto indivíduos negros em uma sociedade pautada pelo racismo estrutural. Ao fim do dia, Leônidas Araújo, intérprete de libras e coordenador da ASAPNE/LAJ, ministrou novamente uma oficina introdutória à Linguagem Brasileira de Sinais, chamando atenção para necessidade de inclusão de alunos e alunas surdos nas escolas e na sociedade em geral.

Por fim, no terceiro e último dia do evento, além da continuidade do minicurso mencionado no parágrafo acima, ocorreram mais duas mesas-redondas: “Tecnologia, acesso e barreiras às pessoas com deficiência”, na qual profissionais da área de educação discutiram as possibilidades oferecidas pelas novas tecnologias assistivas para o acesso e para a inclusão dos alunos PcDs no ambiente escolar e acadêmico; e, em seguida, tivemos a mesa “Saúde da População Negra”, na qual se discutia a relação histórica entre a pobreza, a desigualdade social e o acometimento de doenças no Brasil, uma cuja assimetria aponta para uma maior vulnerabilidade da população negra, especialmente no auge da pandemia de SarsCov-2. Ao fim do dia, o desfecho do evento foi realizado com uma apresentação cultural encabeçada pelo sarau “Vozes Mulheres”, com recitações de poemas de cunho artístico e literário que buscaram afirmar a pluralidade da vida e das formas de ser mulher – indígena, negra, PcD e outras – no mundo.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

O III SEDH foi avaliado pela própria organização como um sucesso, com participação bastante significativa do alunado e mesmo de membros do meio externo ao *campus*, resultado de um extenso trabalho de organização que refletiu, também, o tempo disponível pela preparação gerado pela suspensão das atividades letivas no *campus* Lajes nos momentos iniciais da pandemia: com maior tempo de planejamento, foi possível trazer convidados e convidadas de expressão no âmbito do Rio Grande do Norte e mesmo do Brasil. Ademais, sua realização de forma exclusiva e integrada destacou-se daquela realizada no ano anterior, atribuindo maior identidade ao evento e maior atenção às questões e debates que este visa levantar. No entanto, o contexto local exterior ao *campus* (Microrregião de Angicos) pouco foi contemplado no evento, em parte por conta da dificuldade de contato com as populações tradicionais da região em meio ao momento mais crítico da pandemia e do isolamento social por ele exigido.

A quarta edição do evento, realizada em novembro de 2021, também foi feita de forma remota por motivações de biossegurança, mas também logísticas e orçamentárias, aproveitando-se as experiências do ano anterior na organização de um evento inteiramente *online*. Desta vez, o evento foi dividido em duas partes: uma, realizada no dia 17 de novembro, correspondente às atividades programadas pelo NEABI/Sistêmico (ou seja, a coordenação geral dos NEABI no IFRN, composta pelo coordenador geral dos NEABI bem como pelos coordenadores dos núcleos locais) e retransmitida aos alunos de todos os *campi* da instituição; e outra, realizada nos dias 18 e 19 de novembro, foi composta em sua maioria de convidados residentes ou atuantes na microrregião de Angicos e proximidades, buscando-se uma maior atenção à comunidade local e suas questões. Assim como ocorreu no III SEDH, a grande maioria das atividades do evento foram



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas transmitidas no YouTube por meio do aplicativo *Streamyard* ou disponibilizada posteriormente nesta plataforma.¹³

Em decisão tomada pela nova coordenação geral do NEABI do IFRN, foi orientado aos núcleos locais que o evento realizado na semana da consciência negra fosse intitulado “Novembro Negro”, dedicando-se com exclusividade às questões da negritude e da afro-brasilidade. Contudo, por motivos que dizem respeito à própria organização do calendário do *campus*, bem como ao quadro reduzido de membros ativos do NEABI do Campus Lajes e ao próprio histórico de organização do evento “Seminário de Direitos Humanos” que começava a se construir, optou-se pela continuidade da realização do evento no em formato similar àquele adotado em anos anteriores. Contudo, neste ano, também em decisão de caráter coletivo, o NEABI/Sistêmico definiu pela realização do evento em dois momentos: o primeiro, com duração de um dia, destinado às atividades organizadas pelo NEABI/Sistêmico (ocorrido no dia 16 de novembro); e, outro, com duração de um a dois dias (17 e 18 de novembro), com foco maior nos contextos e realidades locais em que cada um dos *campi* se encontra. Trataremos aqui apenas deste segundo momento, de cuja organização se ocupou o NEABI Lajes.

Durante o primeiro dia da programação local do IV SEDH, foi realizada uma mesa-redonda, que contou com a mediação do prof. Felipe Cavalcanti (IFRN/Lajes) e a participação do prof. Geraldo Barboza (ANTROPOS Socioambiental) – há anos dedicado à pesquisa e à causa dos povos quilombolas no Rio Grande do Norte; e também com membros e

¹³ Endereço do canal do IFRN Campus Lajes no YouTube: <https://www.youtube.com/channel/UCxbzHh8HeaCrZCSfdmsoC1Q>. Pode-se acessar as atividades relativas ao IV SEDH buscando-se pelo termo “IV Seminário de Direitos Humanos” e/ou “IV SEDH”.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

lideranças das comunidades quilombolas da microrregião de Angicos, bem como as lideranças quilombolas Paulo e Roseane Silva (CRQ Aroeira – Pedro Avelino-RN) e Glendo Vitor Linhares (CRQ Curralinho – Afonso Bezerra-RN). A proposta foi que os convidados pudessem falar do passado, das memórias e da ancestralidade de suas respectivas comunidades; dos desafios atravessados por elas no presente; e, também, das expectativas de futuro de cada uma delas. Vale ressaltar que esta mesa-redonda serviu também como um meio de reiniciar o contato entre o NEABI/LAJ às comunidades quilombolas da região, interrompido pela pandemia, com vistas a formação de parcerias dentro do que compete à missão institucional do IFRN, como o oferecimento de cursos de extensão voltados às necessidades das comunidades, ações voltadas à pesquisa e ao ensino das relações étnico-raciais e ao rompimento da invisibilização histórica, social e política das mesmas, entre outras medidas.



Figura 14 print screen da mesa-redonda “Comunidades Quilombolas da Microrregião de Angicos: passado, presente e futuro”, parte da programação do IV SEDH.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

No mais, há que se notar a dificuldade para reunir convidados oriundos das comunidades quilombolas para este evento online por conta das dificuldades no acesso à internet banda larga pelas quais atravessam algumas das comunidades quilombolas da Microrregião de Angicos, o que nos obriga a pensar, também, em novas formas de exclusão social que atravessam estas comunidades, como é o caso da exclusão digital, possivelmente intensificada durante a pandemia de SarsCov-2. Ainda durante as atividades da manhã do primeiro dia da programação local, também foi realizada a roda de conversa “Ser aluno PNE no IFRN: experiências e desafios”, a qual visava debater as dificuldades e impasses no acesso à educação sob o ponto de vista de alunos PcD do IFRN *Campus* Lajes e de outros *campi* do IFRN.

As oficinas da quarta edição, realizadas na tarde do primeiro dia, também visaram contemplar questões caras ao evento, como gênero, etnia e inclusão de alunos PcD. A oficina “Mulheres do Barro”, ministrada pela profa. Itamara Almeida, doutoranda em Letras, oriunda da região do vale do Assú, tinha por proposta abordar a ancestralidade afro-indígena na região por meio da cultura material – em particular, por meio da prática da cerâmica artesanal, transmitida de geração em geração em sua família. Já a oficina “Empoderamento feminino, feminismo e discussões”, ministrada pela profa. Karina Souza, visava contextualizar historicamente a eleição de Alzira Soriano como prefeita da cidade de Lajes – a primeira prefeita mulher da América Latina – de modo a debater questões de gênero e representatividade feminina no passado e no presente da cidade, do estado e do país. Por fim, a oficina “Adequações curriculares para alunos PNE”, ministrada pela pedagoga Pollyana Brandão, visava discutir as diferentes possibilidades de readequação das bases científico-tecnológicas (conteúdos) e dos conteúdos programáticos para alunos portadores de necessidades especiais, considerando suas especificidades as singularidades de cada caso.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Ainda ao final da tarde, a profa. Vanessa Gosson, intitulada “Histórico da Educação Especial no Brasil”, que abordou o longo histórico de exclusão e de segregação de alunos com deficiência e os diversos estigmas que incidem sobre eles, comentando também sobre os avanços na legislação acerca da educação para alunos PcD desde então e ressaltando os desafios à educação especial que temos ainda hoje.

No segundo dia do IV SEDH, foi reservado um momento para apresentação do projeto de extensão “Educação e relações étnico-raciais: diálogos formativos nas escolas da microrregião de Angicos” e das palestras temáticas formativas que o compõem por parte dos professores participantes do IFRN *Campus* Lajes, o qual foi executado entre ago/2021 a março/2022 e cuja proposta será mais detalhada em tópico posterior deste mesmo artigo. Por fim, no encerramento deste evento, realizou-se a palestra de encerramento desta edição, feita pela profa. Jovelina Santos (UERN) e intitulada “Ensino de História e Cultura afro-brasileira e indígena na escola: um debate necessário”, na qual a autora apontou para a invisibilização dos povos indígenas no Rio Grande do Norte, tomando como exemplo o caso de Assú, em que presencia com frequência o espanto da comunidade local quando confrontada com a presença indígena no passado e no presente da região, uma vez que os debates acerca do ensino de História afro-brasileira e indígena ainda são bastante recentes e incipientes na rede municipal e estadual de educação. Além disso, a professora palestrante também procurou questionar alguns lugares comuns que foram durante muito tempo (e, em muitos lugares, ainda são) reproduzidos pelo ensino de História no Rio Grande do Norte e no Brasil, como a heroicização dos Bandeirantes, o escanteamento da Conjuração Baiana e de sua proposta de libertação dos escravos, entre outros, para reafirmar o apagamento histórico das etnias negra e indígena dos livros escolares do estado e da necessidade de reverter, no ambiente escolar, este ocultamento da história o qual, por



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas
sua vez, também foi construído historicamente no Rio Grande do Norte e no Brasil como um todo.

O PROJETO DE ENSINO “AFRICANIDADES EM QUADRINHOS”¹⁴

Durante o ano letivo de 2019, foi implementado o projeto de ensino “Africanidades em Quadrinhos” junto aos alunos do quarto ano do Ensino Médio Integrado em informática. Organizado pelos docentes Cássia de Fátima Matos dos Santos, Dannilo Martins Cunha, Felipe Alves Paulo Cavalcanti, o projeto buscou integrar diferentes áreas do conhecimento – em especial as áreas de Língua Portuguesa, História e Projeto e Desenvolvimento De Software (PDS) – em torno de um objetivo comum: o de que os alunos produzissem narrativas gráficas autorais sobre a negritude e a afro-brasilidade e as divulgassem por meio de sites que também fossem programados pelos próprios alunos, desenvolvendo as habilidades e competências necessárias para tanto ao longo do processo.

As ideias que viriam a embasar este projeto surgiram durante a Semana Pedagógica 2019, realizada no IFRN *campus* Lajes no início do ano letivo, cujo tema gerador era a *sustentabilidade*. Considerando que este tema possui múltiplas frentes de abordagem, os docentes envolvidos no projeto escolheram o eixo temático da *diversidade cultural*, de modo a integrar os conhecimentos atinentes às respectivas disciplinas que lecionariam neste ano letivo, seguindo assim os preceitos do currículo integrado ao aliar conteúdos das disciplinas propedêuticas a conhecimentos oriundos da área técnica em uma perspectiva interdisciplinar (IFRN, 2012). Além disso, vale

¹⁴ Apresentamos aqui uma versão resumida de capítulo de livro sobre o projeto que irá integrar a coletânea “*Projetos de ensino e educação transformadora: experiências de aprendizagem no campus avançado Lajes*”, a ser publicado em breve.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

ressaltar que este projeto se liga ao NEABI/LAJ na medida em que se ancora nas leis 10.639/03 e 11.645/08 e no imperativo do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena *em todo o currículo escolar* que por elas é estabelecida para a sua concretização.

Desta feita, o objetivo geral do projeto foi o de proporcionar novas possibilidades de aprendizagem por meio da integração dos conhecimentos trabalhados pelas três disciplinas, complementado por objetivos específicos das disciplinas envolvidas, a serem trabalhados de forma transversal, como o domínio do gênero discursivo “História em Quadrinhos” (HQ) e de suas especificidades; a literatura afro-brasileira e suas interfaces com a história, notadamente a compreensão da escravidão e do tráfico negreiro na formação das relações sociais e de trabalho no Brasil, bem como as mudanças e as permanências que estas instituições sociais promoveram nos contextos de vida do alunado; e, também, a compreensão de conceitos fundamentais ao projeto e desenvolvimento de *software*, como as etapas de planejamento de software (requisitos, análise, projetos, teste, estimativa de custos) e a implementação de projetos práticos, sobretudo na forma de sites.

O planejamento foi feito com o intuito de implementar o projeto ao longo de seis etapas. A primeira delas diz respeito à *própria elaboração do projeto* relatada acima e de *sua apresentação ao alunado*, realizada ao longo de duas aulas da disciplina de Língua Portuguesa, onde os discentes puderam opinar sobre a proposta.

Em seguida, na segunda etapa, foram realizadas as *leituras e discussões da HQ Cumbe*, de Marcelo D’Saete (2018), bem como a *redação de um relatório interdisciplinar*. A obra, a qual foi disponibilizada aos alunos em formato virtual, é organizada à maneira de um “livro de contos” em quadrinhos nos quais o autor procura representar gráfica, visual e narrativamente a escravidão no Brasil Colonial (em especial entre os séculos XVII e XVIII) e a desumanização que ela promove a partir do ponto de vista



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

dos sujeitos escravizados, que figuram como protagonistas da obra. Por fim, além da leitura da HQ em questão, também foram discutidas, nas aulas de Língua Portuguesa, entrevistas com autor sobre o processo de criação de *Cumbe* e sua repercussão e o conto “Pai Contra Mãe”, de Machado de Assis, o qual tece um forte comentário sobre a crueldade e a desumanização do sistema escravista.

A metodologia adotada nas disciplinas de Língua Portuguesa e História foram a realização de aulas expositivo-dialogadas e discussões de textos não-avaliativas acerca da escravidão, do tráfico negreiro, e da afro-brasilidade na formação da sociedade brasileira de forma conjugada a aspectos contemporâneos da sociedade brasileira, como as desigualdades econômica e social consequentes destas instituições sociais, a discriminação racial, a violência contra jovens negros em regiões periféricas e contra religiosidades de matriz afro-brasileira. Tais aspectos, trabalhados em sala em conjunto com a leitura da obra e de entrevistas com o autor, foram importantes tanto para o domínio dos aspectos mais elementares do gênero discursivo HQ como para que os alunos compreendessem as motivações do autor e a contemporaneidade do tema, permitindo que os alunos interligassem com mais facilidade os conteúdos ministrados na disciplina de História a seus contextos reais de vida, o que era fundamental para a elaboração do relatório e, futuramente, na elaboração autoral dos quadrinhos. Além disso, seguindo o mesmo objetivo, ainda na segunda etapa, procedeu-se a elaboração de um relatório de leitura de *Cumbe*, no qual o alunado deveria relacionar aspectos abordados em sala de aula acerca do regime escravista e da diáspora africana com passagens da HQ, a ser avaliado tanto em seu conteúdo (pela disciplina de História) quanto na estruturação textual e argumentativa (na disciplina de Língua Portuguesa)

Já na terceira etapa, procedeu-se com a *leitura e o debate em torno da obra “Becos da Memória”*, de Conceição Evaristo, trabalhado especialmente

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

pela disciplina de Língua Portuguesa. Uma vez que a maioria dos alunos não tinha o livro e a biblioteca contava exemplares insuficientes para atender a todo o alunado, a professora contatou a editora para realizar uma compra coletiva do livro junto aos alunos, com a qual obteve 50% de desconto no valor do livro. Agora, com o livro em mãos, os alunos foram divididos em trios, tendo cada um deles recebido orientações para realizar um seminário com debate a partir da leitura da obra, suas interpretações acerca do romance e de suas personagens, e também as relações possíveis entre a vida e a obra da autora. Por fim, esta etapa foi concluída com uma avaliação: uma redação dissertativo-argumentativa com o tema “O sistema de cotas contribui para a diminuição das desigualdades no Brasil?”, tomando-se como modelo o sistema do ENEM.

Na quarta etapa, duas atividades foram realizadas: de um lado, os alunos tiveram uma *oficina de produção de histórias em quadrinhos* ministrada por André Bezerra, professor de artes do IFRN *campus* Lajes, visando à aquisição de um embasamento técnico inicial sobre a linguagem das histórias em quadrinhos que os permitisse “enquadrar” as narrativas que viriam a conhecer na segunda atividade, que viria logo em seguida: a *coleta*, por meio de entrevistas, *de memórias, histórias de vida e experiências relacionadas à população negra da Microrregião de Angicos*, a serem realizadas em suas famílias e comunidades, que serviriam como base e inspiração para as narrativas elaboradas nas HQs produzidas pelos alunos.

A partir das histórias coletadas na etapa anterior, procedeu-se à quinta etapa, que diz respeito à *produção das HQs pelos alunos* propriamente dita. A partir dos relatos coletados, os alunos recontaram uma enorme diversidade de histórias e trajetórias de vida: de professores a vizinhos, de jovens que se tornaram lideranças de suas comunidades a mulheres negras de sucesso. O processo, que teve recepção bastante positiva pelos alunos,



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

que tiveram suas HQs revisadas segundo as normas da língua portuguesa, considerando as habilidades a serem trabalhadas que listamos há pouco.

Na sexta e última etapa, os alunos procederam com a *construção do site* em que divulgariam suas HQs e, também, com a *correção do relatório* feito na primeira etapa, a ser feita a partir das observações dos professores de Língua Portuguesa e História. Vale ressaltar que a etapa de construção do site, apesar de registrada apenas neste momento final, é a culminância de uma série de outros estágios que ocorreram na disciplina de PDS ao longo de todo o projeto, nomeadamente o planejamento, a implementação, os testes e a avaliação dos sites construídos pelos alunos. Neste componente curricular, os alunos foram avaliados de duas formas: de um lado, por meio da entrega de relatórios, avaliou-se o domínio dos conceitos e fundamentos básicos da disciplina, discutidos em sala de aula e em laboratório; de outro, no último bimestre, com a construção do site para divulgação das HQs, avaliou-se a capacidade dos alunos de implementar, na prática, os conhecimentos e as habilidades trabalhados ao longo da disciplina. Por fim, no componente curricular *História*, foi requerida como atividade avaliativa a correção do relatório (feitos a partir das correções e observações dos professores na segunda etapa), em que tiveram não apenas a oportunidade de aprimorar os relatórios que seriam colocados no site, mas de compreender os problemas apresentados em seus textos, tanto do ponto de vista da escrita – sobretudo na estruturação de seus argumentos – como do ponto de vista do conteúdo apresentado.

A recepção dos alunos ao projeto, no início, foi mista. A falta de contato de uma parte do alunado com o gênero Histórias em Quadrinhos, especialmente com HQs de maior complexidade narrativa (como é o caso de *Cumbe*), assim como a falta de conhecimentos acerca deste gênero discursivo – o que gerou, por exemplo, dificuldades iniciais na leitura de *Cumbe* – e dos princípios básicos acerca de sua produção gerou certa apreensão inicial. Foi



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

relatada, também, uma dificuldade inicial com os relatórios escritos, sobretudo por conta do tempo disponível (devido ao excesso de atividades); durante as correções, foi possível identificar problemas na escrita (tanto na estruturação argumentativa quanto no uso da norma padrão da língua), e mesmo casos de plágios parciais e totais de diferentes websites (em que os estudantes, que reconheceram o problema, foram devidamente penalizados).

Contudo, com a intervenção dos professores envolvidos, estas dificuldades foram sendo atenuadas à medida em que as etapas do projeto tinham andamento: as leituras tiveram grande repercussão entre os alunos, com um impacto bastante positivo; muitos alunos desenvolveram não apenas a compreensão acerca do tema da escravidão e do grande conjunto de problemas sociais que dela derivaram, mas também empatia e sensibilidade para com as personagens das leituras realizadas e seus dramas; alguns alunos chegaram a afirmar em aula, por exemplo, que *Cumbe* havia sido “a melhor leitura que haviam realizado durante o Ensino Médio”. Os debates ocorreram com bom embasamento histórico e literário dos alunos, que foram capazes de articular as leituras realizadas com o passado e o presente da sociedade brasileira. A ida a campo também foi outro momento-chave em que o alunado descobriu histórias de familiares, amigos e professores negros; trajetórias que foram evidenciadas nas HQs produzidas pelos estudantes, rompendo desta forma com a naturalização do racismo e com o encobrimento étnico acerca da negritude no Rio Grande do Norte ao colocar em evidência narrativas, experiências e trajetórias de homens e mulheres negros.



Figura 15 Aluno em apresentação de uma das atividades do projeto “Africanidades em Quadrinhos”

Por fim, quanto aos docentes, a primeira impressão acerca do projeto foi a do desenvolvimento das habilidades e competências do alunado: embora o início tenha sido marcado por um desempenho apenas mediano nos relatórios de leitura de *Cumbe* e *Pai Contra Mãe*, à medida em que o projeto foi caminhando, o engajamento dos estudantes cresceu consideravelmente: colocar os alunos como protagonistas de seu processo de ensino-aprendizagem e como criadores de suas próprias narrativas é, sem dúvidas, uma experiência transformadora também para os professores, uma que abre novas possibilidades de atuação no ensino básico, sobretudo no que diz respeito à integração de diferentes disciplinas propedêuticas e técnicas com o propósito de criar experiências significativas de ensino-aprendizagem para o alunado. Apesar de não ter sido possível realizar uma nova edição do projeto durante o período de ensino remoto que se iniciou



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas com a pandemia de SarsCov-2, a expectativa é retomá-lo à medida em que a instituição retorne à presencialidade.

Além disso, é possível afirmar igualmente que esta foi uma oportunidade para os docentes de conhecer melhor seus alunos e os diversos contextos de vida existentes na região onde lecionam; contextos esses muitas vezes tornados invisíveis por um racismo estrutural que, ainda hoje, se faz presente no Brasil, no Rio Grande do Norte e na Microrregião de Angicos. Neste sentido, vale a pena destacar a importância das leis 10.639/03 e 11.645/08 como ações afirmativas que não apenas visam corrigir distorções históricas nos currículos escolares brasileiras (o que por si só já é de extrema relevância), mas também como instrumentos preciosos para inserir e evidenciar as negritudes - do passado e do presente - em seus contextos reais de vida dentro das salas de aula.

O PROJETO DE EXTENSÃO “EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: DIÁLOGOS FORMATIVOS NAS ESCOLAS DA MICRORREGIÃO DE ANGICOS”

O projeto de extensão “Educação e relações étnico-raciais: diálogos formativos nas escolas da microrregião de Angicos” foi pensado para contribuir com a efetivação desta lei não somente dentro de nosso ambiente escolar, mas também em outras escolas da região. A partir da experiência do projeto “Africanidades em Quadrinhos”, foi possível perceber que o silenciamento e a invisibilização de trajetórias afro-brasileiras e indígenas, em muitos casos, ainda se faz presente no cotidiano de muitos alunos, de modo que o encobrimento da etnicidade é tão perene quanto preocupante no que concerne às relações étnico-raciais na Microrregião de Angicos.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Ao longo do século XX, determinadas narrativas históricas hoje consolidadas na memória coletiva relegaram indígenas e afrodescendentes ao segundo plano enquanto a elite local - e branca - que a escreve atribui a si mesma o protagonismo na história do estado e da nação, o que ocorre de diversas formas: seja constatando o desaparecimento das populações indígenas no estado após o século XVII e sua pretensa assimilação por meio da "mestiçagem"; ou, ainda, secundarizando a presença de homens e mulheres negros na região durante o período colonial e imperial¹⁵.

No entanto, este quadro de encobrimento étnico no Rio Grande do Norte vem mudando rápida e consideravelmente, e muito em conta da demanda destes próprios grupos que sofrem com esta invisibilização. É possível falar, por exemplo, em uma emergência étnica que vem acontecendo no estado desde os anos 1990, e que pode ser visto tanto no número crescente de indivíduos e comunidades autodeclaradas indígenas no Rio Grande do Norte e de suas crescentes demandas pela garantia de direitos aos povos originários por parte do Estado brasileiro, sobretudo em torno da posse coletiva de suas terras. Mas, para além da reivindicação territorial, outra demanda se faz presente nas falas e discursos do movimento indígena norte-rio-grandense e nacional: a demanda por novas narrativas em que os povos originários sejam vistos, de fato, como sujeitos e protagonistas da história do Brasil e de suas próprias histórias, e não apenas como coadjuvantes relegados ao segundo plano ou às "clareiras mais remotas" (para usar o termo de Ailton Krenak).

Da mesma forma, o Rio Grande do Norte vem assistindo à demanda de indivíduos, movimentos e comunidades negras por uma revisão das narrativas históricas que secundarizaram ou menosprezavam a presença negra em sua história. É sabido que a desigualdade entre brancos e negros é

¹⁵ A este respeito, ver, por exemplo: ALVEAL e SOUSA; DIAS, 2021.



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

reconhecida como um dos principais problemas de nosso país; no entanto, para além da desigualdade de renda, no acesso à educação, à saúde e a outros direitos constitucionais, como afirma Geraldo Barbosa de Oliveira Junior (2020), existe também um encobrimento étnico do negro na História do Rio Grande do Norte que ora colocam a negritude como coadjuvante, ora exotizam e folclorizam seus ritos religiosos e tradições ancestrais; um posicionamento que, até a década de 1990, era frequentemente reproduzida inclusive em meios acadêmicos e trabalhos antropológicos sobre as comunidades negras presentes no estado. Recentemente, não só as comunidades quilombolas, mas também homens e mulheres negras no exercício de sua cidadania, vem reivindicando protagonismo e direitos fundamentais – entre eles, o de narrar suas próprias histórias.

Se o passado e o presente de indígenas e negros evidenciam o racismo no Brasil, seja no tocante às desigualdades que hoje ainda se fazem presentes, seja no apagamento de suas presenças e de seus protagonismos nas narrativas históricas, estudos demonstram que a escola pode desempenhar papel relevante na transformação destas realidades. Seguindo a visão de Piletti e Praxedes (2014), é possível afirmar que a escola que promove debates sobre a desigualdade social entre negros e brancos, que garante, no currículo, o cumprimento da Lei 10.639/2003 – o ensino de História e cultura afro-brasileira, dentre outras medidas, contribui para melhor compreensão do tema e superação do racismo (PILETTI; PRAXEDES, 2014) e, adicionamos, do encobrimento étnico. Ademais, os mesmos autores chamam atenção para o espaço escolar enquanto um local privilegiado no combate ao preconceito:

O racismo e as outras formas de intolerância que observamos na sociedade e que repercutem na escola devem ser combatidos porque é no espaço escolar que

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

os cidadãos passam a maior parte de sua vida social, pública. Atualmente, o tempo que as pessoas passam com a família ou no seio da sua comunidade religiosa chega a ser menor do que o tempo de vida escolar, ainda mais porque as relações travadas no espaço escolar tendem a expandir para as outras instâncias da vida dos agentes (PILETTI; PRAXEDES, 2014:138).

É com este viés, portanto, que os professores que compõem o NEABI/LAJ idealizaram o Projeto de extensão “Educação e relações étnico-raciais: diálogos formativos nas escolas da microrregião de Angicos”¹⁶. Coordenado pela professora Cássia de Fátima Matos dos Santos, o projeto teve como objetivo geral atualizar o debate sobre a educação indígena e afro-brasileira na comunidade escolar da microrregião de Angicos, com base na efetivação da lei 11.645/2008, oferecendo aos professores da educação básica da Microrregião de Angicos oficinas e webinários acerca do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena em diferentes áreas do ensino básico em diferentes disciplinas.

O projeto chama a atenção para o passado e o presente de indígenas e afro-brasileiros dentro e fora dos livros didáticos, mostrando a necessidade de uma educação inclusiva que assegure e expanda os direitos conquistados por estes grupos sociais. A este sentido, pensando nos saberes além dos livros, as práticas de tradição oral são exímios exemplos de sobrevivência da cultura de povos afro-brasileiros e indígenas, o que se reflete também, e com muita força, no campo artístico-musical e que consistirá em importante fonte histórica e fonográfica, constituindo no projeto tanto mediação quanto troca. Nesta perspectiva de valorização do passado e presente destes

¹⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aBSP-JR70sA> . Acesso em: 01 abr. 2022.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

grupos sociais e de suas culturas, que se configuram no interesse de abordar temáticas que promovam reflexão voltadas às relações de pertencimento, reconhecimento e valorização de suas tradições e de suas narrativas, podendo ser vinculado por meio da interdisciplinaridade entre as linguagens, como a literatura, história, geografia, artes ou outras áreas correlatas.

Desse modo, este projeto assume, por um lado, a função de fortalecer institucionalmente os objetivos do NEABI, dando organicidade à sua estrutura e visibilidade às suas ações; e, por outro, de ampliar o debate e abranger políticas de ações afirmativas, inclusivas e de promoção da igualdade racial, visando tanto um diagnóstico da atual situação da educação afro-brasileira e indígena na microrregião de Angicos junto aos profissionais atuantes na educação básica destas escolas, como também procura oportunizar a estes mesmos educadores atividades diversas de aperfeiçoamento e formação continuada nesta área do conhecimento.

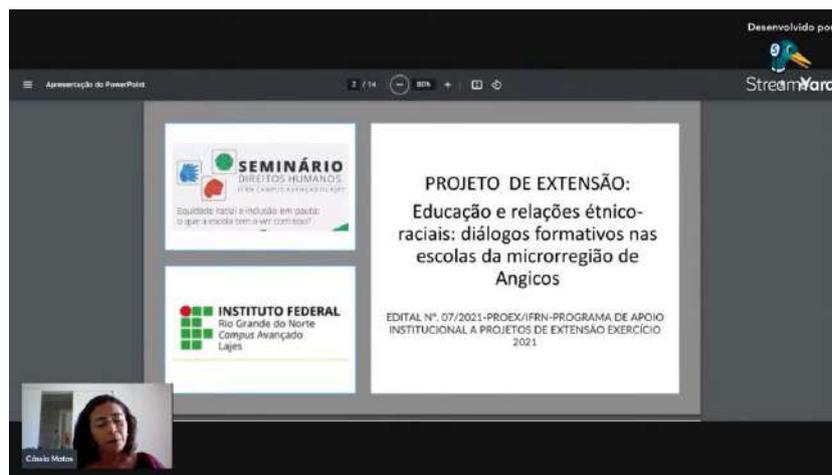


Figura 16 Apresentação do projeto de extensão “Educação e relações étnico-raciais: diálogos formativos na microrregião de Angicos”

O projeto, desenvolvido entre 05/08/2021 a 30/03/2022, adotou a metodologia de palestras e oficinas on-line, por meio da realização de webinários, a começar pelo seu momento inaugural, ocorrido na IV Semana de Direitos Humanos, com a live intitulada “Ensino de História e Cultura afro-brasileira e indígena na escola: um debate necessário”, proferida pela profa. Jovelina Santos (UERN), conforme já indicado acima na descrição das atividades do evento. A realização de webnários e/ou oficinas formativas, com os profissionais da educação sobre as temáticas do projeto, foi desenvolvida com a participação de vários docentes do IFRN e convidados das áreas de Literatura, Artes, História, Geografia, Línguas estrangeiras e foram transmitidas por meio do Google Meet, com ampla divulgação nas redes sociais e sites do Instituto. Como resultado reflexivo das ações do projeto, a sua última meta propõe a elaboração de relatos de experiência pelos docentes participantes, com vistas a apresentação em eventos e posterior publicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de seus quatro anos de existência, o NEABI/LAJ vem, por meio de ações diversas, buscando cumprir seus propósitos institucionais, sobretudo àquele de garantir o respeito e a inclusão da diversidade étnico-racial, rompendo com a marginalização social e política das populações negra e indígena e sua exclusão histórica dos ambientes escolares. Todas as ações citadas ao longo deste relato, sejam eventos, projetos de ensino, de pesquisa ou de extensão, concorrem para esta finalidade última, na qual acreditamos ter obtido algum grau de êxito.



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Contudo, ainda há muito por fazer. Os eventos destinados à discussão da temática étnico-racial podem e devem dialogar ainda mais com a população local e com a comunidade circundante. As ações de ensino que visam a trabalhar a história e a cultura afro-brasileira e indígena podem ser cada vez mais frequentes e, quem sabe, acompanhadas de uma revisão nos currículos que facilitem o diálogo entre as disciplinas. A parceria com as comunidades quilombolas na Microrregião de Angicos, por exemplo, vem sendo retomada e precisa ocorrer de forma mais constante e intensa, permitindo que estas comunidades ocupem os bancos escolares e outros espaços do IFRN e possam vê-la como uma instituição que também as pertence. Ademais, acreditamos que muitos destes pontos poderão ser aprofundados e reforçados com o retorno às atividades presenciais, o arrefecimento da pandemia de COVID-19, o qual impôs restrições significativas às possibilidades de atuação deste núcleo local.

Assim sendo, é nosso intuito que o NEABI/LAJ possa ser um instrumento para afirmar o IFRN como coisa pública, ou seja, como uma instituição *de todos e para todos*. No entanto, para sê-lo, é preciso que alunos *de todos* os estratos da população - sociais, econômicos, étnicos e culturais - estejam presentes nesta instituição, tanto nas salas de aula, como no currículo escolar. Neste sentido, o NEABI/LAJ e o IFRN como um todo possuem ainda um longo caminho pela frente.



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 9 de janeiro de 2003

_____. Lei n.º 11.645, de 10 março de 2008. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

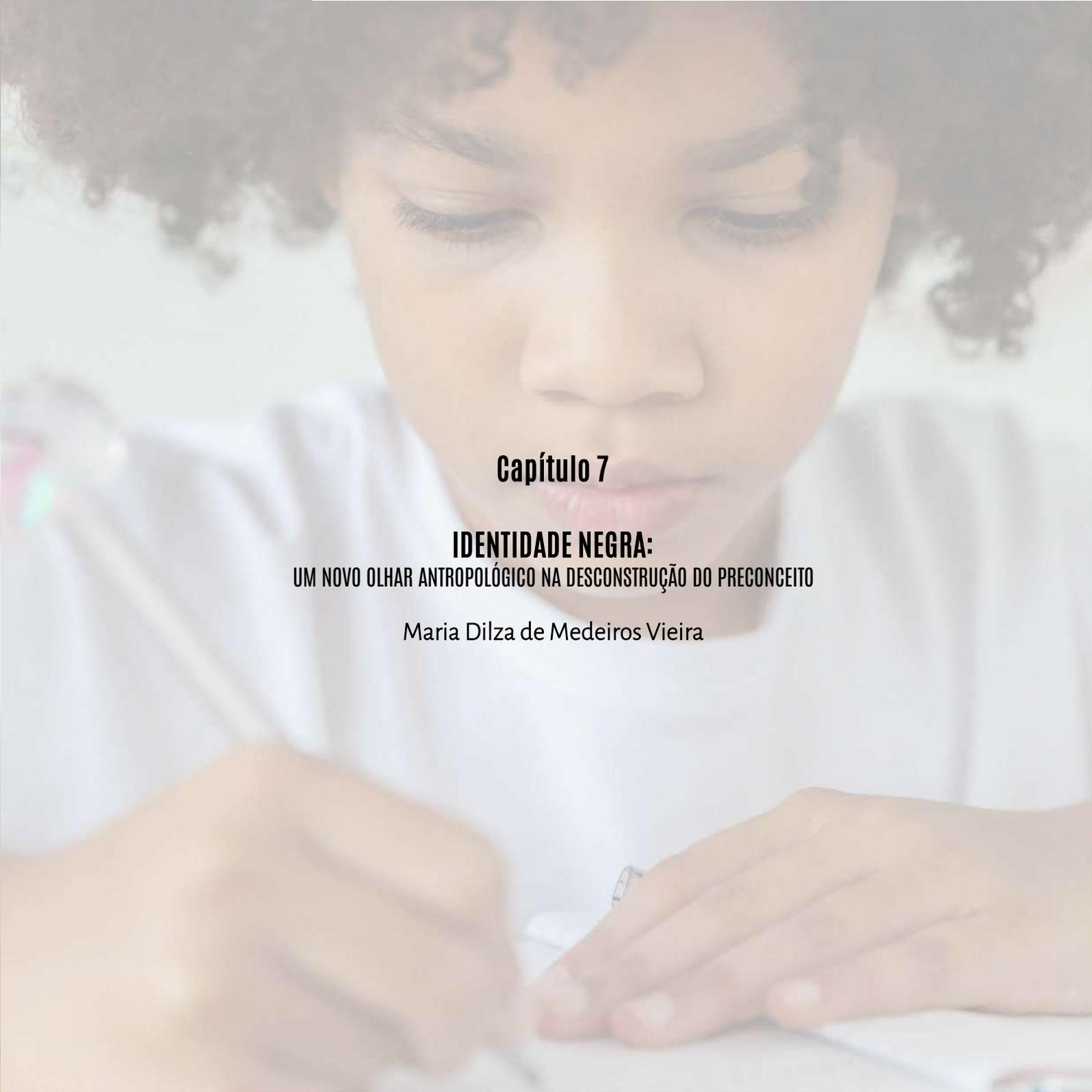
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE. *Deliberação n. 17/2011-CONSEPEX*, de 25 de novembro de 2011.

_____. *Projeto Político-Pedagógico do IFRN: uma construção coletiva*. Natal: Editora do IFRN, 2012

OLIVEIRA JUNIOR, Geraldo Barboza de. As Comunidades Negras no Rio Grande do Norte no Século XXI: invisibilidade social e econômica. *Kwanissa*, São Luís, n. 5, p. 65-84, jan/jun, 2020.

PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. *Sociologia da Educação: Do positivismo aos estudos culturais*. São Paulo: Ática, 2010.

SOUZA, Juliana; OLIVEIRA, Margarida Dias de (orgs). *Escravidão no Rio Grande do Norte*. Natal: UFRN, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/45029>
Acesso em: 13 fev. 2022

A young girl with curly hair is shown from the chest up, looking down and writing in a notebook. She is wearing a white t-shirt. The background is a soft, out-of-focus light color. The text is overlaid on the center of the image.

Capítulo 7

IDENTIDADE NEGRA: UM NOVO OLHAR ANTROPOLÓGICO NA DESCONSTRUÇÃO DO PRECONCEITO

Maria Dilza de Medeiros Vieira

IDENTIDADE NEGRA: UM NOVO OLHAR ANTROPOLÓGICO NA DESCONSTRUÇÃO DO PRECONCEITO¹⁷

Maria Dilza de Medeiros Vieira

INTRODUÇÃO

Vivemos num período designado de pós-modernidade, caracterizado por mudanças complexas e inesperadas. A pós-modernidade tem predomínio do instantâneo, eliminação das fronteiras que dão a impressão de que o mundo está cada vez menor através do avanço da tecnologia. O mundo se tornou virtual, imagens, sons e textos em uma velocidade instantânea. No campo urbano, a cidade é dominada pelo caos, a desordem. A publicidade manipula nossos desejos, promove a sedução do consumismo, cria novas imagens e signos, eventos como espetáculos, valorizando o que a mídia dá ao transitório da vida. As telecomunicações possibilitam imagens vistas em todas as partes do planeta, e a informatização, o computador, o caixa-rápido 24 horas, a internet e suas redes sociais são compulsivamente disseminadas. As lutas mudam: agora

¹⁷ Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade Relatório de Vivência Escolar, apresentado ao Curso de Especialização em História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ensino Superior do Seridó, Campus de Caicó, Departamento de História, como requisito para obtenção do grau de Especialista, sob orientação da Prof.^a Dr.^a. Juciene Batista Félix Andrade



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

não é contra o patrão, mas contra a falta deles. Os pobres só dizem presente nos acontecimentos de massa, lugar de deslocamento das energias de revolta. No campo educacional, no início do século XXI a aprendizagem para todos e por toda a vida tem se tornado um verdadeiro desafio na construção do futuro.

Paralelo a esses desafios a autora dessa monografia é educadora na Escola Municipal Cipriano Lopes Galvão. Essa instituição de ensino é situada na Fazenda Totoró, a 12 km da sede do município de Currais Novos. Funciona no turno vespertino com as modalidades de Ensino Infantil e Ensino Fundamental, do 1.º ao 9.º ano. No turno matutino funciona com o programa Mais Educação, totalizando 165 alunos. Atualmente a escola é administrada pelo professor Francisco Técio Matias.

Criada em 13 de maio de 1938 pelo decreto n.º 43 na administração do prefeito José Bezerra de Araújo, a mesma surgiu da necessidade de atender a comunidade local. Inicialmente funcionava com apenas uma sala de aula em uma residência particular. Depois foi construída uma sala de aula, e com o passar dos anos foi necessário construir novas salas tendo em vista o atendimento da clientela local e comunidades adjacentes.

O nome da escola é uma homenagem ao povoador do município de Currais Novos, Cipriano Lopes Galvão, que residiu durante muito tempo na fazenda Totoró. A ampliação de suas instalações físicas se deu sob a administração do prefeito Mozar Dias de Almeida e concluídas em setembro de 1992 sob a gestão da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, Maria Dalva Caldas Marinho da Silva.

Atualmente a escola possui uma clientela de 129 alunos no ensino fundamental, sendo 42 alunos no Ensino Fundamental I (1.º ao 5.º ano), 61 alunos no Ensino Fundamental II (6.º ao 9.º ano), e 26 alunos na Educação Infantil. A faixa etária varia entre 03 e 16 anos, funcionando no turno vespertino.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Em relação às instalações físicas a escola possui 09 salas de aula, 01 ginásio poliesportivo, 01 ampla área de fachada. 01 cozinha, 02 despensas, 04 banheiros, 01 direção, 01 secretaria, 01 sala de professores, 01 sala de AEE (o que é?) , 01 sala PROINFO (O que é?). Quanto aos recursos humanos a escola conta com 01 diretor, 02 coordenadores pedagógicos, 01 coordenador administrativo, 02 merendeiras, 02 auxiliares de serviços gerais, 01 porteiro e 14 professores (sendo 03 com formação de Ensino Médio, 08 com licenciatura plena e 03 especialistas).

A comunidade atendida pela escola possui aproximadamente 120 habitantes, onde a maioria não concluiu o ensino médio. A economia local está voltada para a agricultura, e os moradores já dispõem de serviços de energia elétrica, água encanada e rede de esgoto, água dessalinizada para abastecimento e 01 posto de saúde. 01 capela e 01 associação de moradores que frequentemente realiza eventos sociais.

Em relação à experiência docente da autora, a mesma leciona na referida escola em uma turma multisseriada composta por 20 alunos, sendo 14 do 4.º ano e 06 do 5.º ano. Dentre eles 04 são negros e 01 é remanescente de quilombolas.

Nas primeiras semanas de aula houve certa dificuldade no desenvolvimento das atividades cotidianas devido à existência de conflitos entre os alunos. Uns criticavam outros pela cor da pele, tipo de cabelo, ou mesmo por causa da distorção idade/série. Daí, pode ser observado que os alunos não tinham a mínima consciência do respeito pela diversidade, nem tampouco sabiam lidar com as diferenças étnico-raciais.

No livro *Sociedade, discriminação e educação*, Vera Candau (2012, p. 13) faz a seguinte afirmação:

Na sociedade brasileira, exclusão, preconceito e discriminação caminham juntos. A diferença se



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

transforma em desigualdade através de processos sutis e complexos presentes em nosso cotidiano, nos âmbitos privado e público, assim como nos diferentes espaços sociais.

Após refletir sobre a narrativa acima, somado aos conflitos dos alunos, percebemos que tínhamos diante de nós um compromisso de formação humana que oportunizasse a esses alunos a passagem de uma consciência ingênua para uma percepção crítica acerca de saberes oriundos dos afrodescendentes e da importância da presença do negro na nossa formação histórica. Obtivemos do postulado teórico de Candau uma lição de força e, conseqüentemente, uma posição firme para mudanças significativas na minha prática docente. Resolvemos investir em aulas diferentes onde os discursos moralistas fossem substituídos por tarefas afetuosas. Nesse espaço educativo surgiu uma aprendizagem harmoniosa com cores e saberes regados de competências, onde o crescimento intelectual tornou-se um elo fecundo na aprendizagem de todos.

Enfrentar esses desafios é condição essencial para atender às aspirações de quantos almejam a democratização da educação em nosso país, tendo em vista que a escola, neste século, deverá ter compromisso não somente com a produção e difusão do saber culturalmente construído, mas com a formação do cidadão crítico, participativo e criativo.

No campo de uma educação valorativa, Rubem Alves afirma que “a educação é sempre uma “aventura” coletiva de partilha: de afetos e sensibilidade, de conhecimentos e saberes, de expectativas e experiências, de atitudes e valores, de sentidos de vida” (ALVES, 2010, p.115). Depreende-se, assim, a importância da educação escolar no exercício da cidadania que implica a efetiva participação da pessoa na vida social, resguardada a sua dignidade, a igualdade de direitos, bem como a recusa de quaisquer formas de discriminação.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Levando em consideração a assertiva supracitada, somamos esforços e lançamos o projeto intitulado “Identidade negra: um novo olhar antropológico na desconstrução do preconceito”. Tendo em vista que o fator surpresa aflora sentimentos e diferentes emoções, foi guardada em segredo a data de lançamento do projeto. Minha intenção era proporcionar um momento lúdico, descontraído e envolvente.

Foi nesse clima de entusiasmo que sondamos os conhecimentos prévios dos alunos acerca do tema em estudo e fizemos o lançamento do projeto, cujo tema relacionado à identidade negra traria a adoção de muitos conteúdos inovadores e reflexivos para todos os envolvidos, inserindo o discente no universo de infinitas conquistas e gerando um crescimento do aluno tanto interior quanto exterior.

Conduzimos uma conversa com os alunos em sala de aula procurando sensibilizá-los sobre a importância de conviver bem com o outro, aceitando e respeitando as diferenças. Em seguida os alunos foram fotografados em pequenos grupos, para que eles desconstruíssem o preconceito racial entre si.



Figura 17 Atividade de conscientização da diversidade. Fonte – Acervo da autora

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

No dia seguinte os alunos do 4.º e 5.º anos foram levados para conhecer Dona Maria de Fátima Dionísio, uma negra muito feliz que se orgulha de sua cor, na Comunidade Namorados. Na ocasião ela relatou que conhece muitos negros, inclusive da família, como irmãos e primos, que não aceitam sua condição de cor. Foi um encontro proveitoso que transmitiu autoestima, simplicidade, alegria e a percepção de se tratar de uma negra convicta de seus princípios e valores. No retorno à sala de aula houve um momento de diálogo com os alunos, em que se observou seus encantamentos e aprendizagens acerca da desconstrução do racismo, o que proporcionou uma produção textual com a seguinte temática: *o que aprendemos com Dona Fátima*. Houve motivação para a construção dos textos, pois os alunos estavam radiantes de alegria com o que viram e ouviram de Maria de Fátima.



Figura 18 Visita à Casa de Dona Fátima Dionísio – Comunidade Namorados. Fonte – Acervo da autora

Este trabalho, portanto, abrange reflexões construídas a partir do estudo realizado em diferentes literaturas e interlocuções estabelecidas com vários autores, tudo isso no intuito de investigar o que pensam os profissionais, famílias e toda a comunidade escolar acerca das leis que norteiam os princípios de promoção da igualdade racial, além de despertar nos discentes um conjunto de ideias e valores nas relações interpessoais, no que concerne à diversidade.

Observou-se que, mesmo decorridos doze anos da promulgação da Lei n.º 10.639/2003, a maioria dos docentes não compreendeu a importância de uma prática pedagógica que desfaça estereótipos e crie nos alunos sentimentos de pertencimento e orgulho de suas origens afrodescendentes. Isso se deu porque a demanda da comunidade afro-brasileira por reconhecimento, valorização e afirmação de direitos, no que diz respeito à educação, passou a ser particularmente apoiada com a promulgação da referida lei, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Para isso se exige que os estabelecimentos de ensino formem professores competentes no domínio dos conteúdos de ensino, comprometidos com a educação de negros e brancos, no sentido de que venham a relacionar-se com o respeito, sendo capazes de corrigir posturas, atitudes e palavras que impliquem desrespeito e discriminação. No entanto, com esse papel da escola em eliminar as discriminações, seus professores não podem apenas improvisar ou usar o currículo pela metade ou a contragosto. É preciso desfazer a mentalidade racista e discriminadora secular, superando o etnocentrismo europeu, reestruturando relações étnico-raciais e sociais, desalienando processos pedagógicos.

Tratando-se de um projeto interdisciplinar, as aulas se transformaram num verdadeiro laboratório de descobertas, pois a meta prioritária era ampliar os saberes dos alunos nas diferentes áreas do



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

conhecimento. Na aplicabilidade desse trabalho nos surpreendemos com tantas fontes bibliográficas disponíveis para tornar esse projeto mais atraente e valioso.

Foi dada ênfase a informações curiosas de documentários fornecidos pelos professores do curso de especialização em História e Cultura Africana e Afro-brasileira, além de outros filmes adquiridos nos documentários “A cor da cultura”. Priorizamos ainda as fontes literárias fornecidas pelos professores do curso supracitado, como também outras fontes singulares de autores que fizeram reflexões interessantes nessa área do conhecimento étnico e racial.

No livro *Pedagogia da Autonomia*, Paulo Freire afirma que o compromisso político-pedagógico do ato de ensinar é garantir a aprendizagem significativa de todos. A fim de que o fosse desenvolvido pelos princípios de ações participativas, como sinaliza sabiamente o mestre Freire, transferiu-se para o campo da prática docente atividades que subsidiassem reflexões teórico-práticas a partir de palestras, pesquisas livres e direcionadas, seminários, dramatizações, confecção de um painel intitulado “herança de saberes compartilhados”, criação de joguinhos educativos, além de propiciar momentos lúdicos com um recital poético e confecção de um livro intitulado “Memória de palavras, poemas e canções”.

Para que os alunos e pais pudessem compreender melhor a importância dos africanos na constituição no nosso país e da nação, propicie uma palestra com o tema “A importância da cultura afrodescendente para a sociedade brasileira”. A meta prioritária desse evento foi facilitar aos expectadores não apenas valores étnicos, mas também conhecimentos capazes de proporcionar êxitos aos pais e alunos, tanto na trajetória escolar quanto na sua vida pessoal e cotidiana entre amigos e familiares.

Na aula seguinte instigamos com questionamentos os principais fatos que esse legado cultural registrou na história. Foi um momento ímpar.



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Sentimos emoção no discurso de todos e um caminho aberto na desconstrução dos preconceitos que tanto oprimiram com atitudes negativas esses seres aprendizes. Problematicamos com os alunos a relevância da educação para a vida deles, principalmente na “desconstrução do racismo”, como também demonstrando os novos caminhos nos quais as relações socioafetivas serão capazes de transformar os ranços maldosos em possibilidades de amor ao próximo.

Paulo Freire nos ensina que a visão do educador deve, necessariamente, respeitar o educando, isto é, “ensinar exige reconhecimento, assunção da identidade cultural”. A valorização do outro, seus desempenhos e suas limitações são, sem dúvida, atributo pioneiro do projeto supracitado. A intenção consiste em despertar o amor entre seus componentes porque esse sentimento gera entre os alunos a confiança, que é algo fundamental na relação educativa e na construção de uma aprendizagem solidária.

HERANÇA DE SABERES COMPARTILHADOS

Inspirada na euforia dos alunos no que concerne à aceitação do projeto, foram lançadas propostas de alguns temas envolvendo a literatura afrodescendente e, por consenso, unânime optou-se por poesias, jogos pedagógicos, leitura de imagens, cartografias, textos informativos, vídeos, documentários, acrósticos, cartazes entre outros. Dessa forma, foi iniciado um discurso com a seguinte proposta: - “Caríssimos, o repertório cultural ora apresentado será um dos eixos propulsores do nosso trabalho, e vem do autor Kabengele, cuja obra intitulada *Superando o Racismo na Escola*” foi o eixo inspirador.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

[...] alguns professores, por falta de preparo ou por preconceitos neles introjetados, não sabem lançar mão das situações flagrantes de discriminação no espaço escolar e na sala como momento pedagógico privilegiado a diversidade e conscientizar seus alunos sobre a importância e a riqueza que ela traz à nossa cultura e à nossa identidade nacional. (KABENGELE, 2005, p. 11).

O texto foi colocado na lousa destacando-se a palavra “diversidade”. Em seguida foi lido um trecho da página 71, que despertou comentários do tipo:

– “Tia, é mais um texto que fala da diversidade”.

O livro utilizado nesta atividade tinha como título Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais:

A escola que deseja pautar sua prática escolar no reconhecimento, aceitação e respeito à diversidade racial articula estratégias para o fortalecimento da autoestima e do orgulho ao pertencimento racial de seus alunos e alunas. É imprescindível banir de seu ambiente qualquer texto, referência, descrição, decoração, desenho, qualificativo ou visão que construir ou fortalecer imagens estereotipadas de negros e negras, ou de qualquer outro segmento étnico-racial diferenciado (BRASIL, 2010, p. 71)

A partir daquele momento a aula tornou-se estimuladora e todos ficaram atenciosos a tudo. Ficaram curiosos para manusear os livros e o folhearam por completo. Em seguida fez-se uma pequena exposição do rico



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas
acervo que seria nossa fonte bibliográfica, dando ênfase às coleções lançadas pelo MEC, intituladas “A cor da cultura”.

Houve grande interesse pelo livro “Memória das Palavras”, o qual foi escolhido para as próximas pesquisas. Buscou-se fazer com os alunos a releitura dos textos que estavam afixados na lousa, onde foi sublinhada a palavra “diversidade”. Finalmente, as inquietações se iniciaram e as possibilidades dialógicas fluíram, tais como:

- *“Tia, diversidade é o mesmo que direito?” (Ana, 10 anos, 4.º Ano).*

O outro colega respondeu:

- *“Claro que não, essa palavra que dizer coisas diversas” (Carlos, 9 anos, 4.º Ano).*

Duas colegas haviam pesquisado o significado do termo no dicionário. Tereza (10 anos, 5.º Ano) expressou bem alto: - “Diversidade!”, e Lúcia (10 anos, 5.º Ano) leu o que havia copiado: - “Qualidade ou condição do que é diverso, diferença”. Foram aplaudidas. Pedro (10 anos, 5.º Ano) fechou esse ciclo de conversas com uma fala bem pertinente: - “Olhe, gente! Eu entendi tudo. A sociedade é cheia de muita gente e todos são diferentes, mas também todo mundo tem direitos”.

Propondo um maior desafio acerca do tema “diversidade” foi entregue a cada aluno uma cópia do poema de Tatiana Belinky, intitulado “Diversidade”.

Um é feioso,
Outro é bonito
Um é certinho
Outro, esquisito

Um é magrelo
Outro é gordinho
Um é castanho
Outro é ruivinho

Um é tranquilo
Outro é nervoso
Um é birrento
Outro dengoso

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Um é ligeiro	Um é enfezado	Um é bem jovem
Outro é mais lento	Outro é pacato	Outro, de idade
Um é branquelo	Um é briguento	Nada é defeito
Outro sardento	Outro é cordato	Nem qualidade
Um é preguiçoso	De pele clara	Tudo é humano,
Outro, animado	De pele escura	Bem diferente
Um é falante	Um, fala branda	Assim, assado
Outro é calado	O outro, dura	Todos são gente
Um é molenga	Olho redondo	Cada um na sua
Outro forçudo	Olho puxado	E não faz mal
Um é gaiato	Nariz pontudo	Di-ver-si-da-de
Outro é sisudo	Ou arrebitado	É que é legal
Um é moroso	Cabelo crespo	Vamos, venhamos
Outro esperto	Cabelo liso	Isto é um fato:
Um é fechado	Dente de leite	Tudo igualzinho
Outro é aberto	Dente de siso	Ai, como é chato!
Um carrancudo	Um é menino	Tatiana Belinky
Outro, tristonho	Outro é menina	
Um divertido	(Pode ser grande	
Outro, enfadonho	ou pequenina)	

Observaram-se os olhares investigativos ao texto, por ter uma grande quantidade de versos e estrofes, e por ser um poema longo causou espanto a todos.

O texto poético é um terreno fértil para leituras dinâmicas e prazerosas. Primeiro definiu-se que o poema é uma obra em versos e a poesia é a voz do autor ou do leitor brincando ou vestindo as palavras de cada verso. Os alunos, portanto, vestiram-se desse poema e degustaram o



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

sabor de cada verso, e daí fluíram belas vozes e nobres sentimentos. O ritmo da leitura era cadenciado e um coral improvisado eclodiu na sala.

Esse texto poético serviu para conceituar a diversidade de forma lúdica, pois a autora foi perspicaz ao usar diferentes adjetivos para caracterizar as crianças que ilustram cada verso. Motivados pela magia do texto no que concerne ao tema “diversidade” discutiram-se novas propostas que enriquecessem ainda mais a temática em estudo. Júlio (11 anos, 5.º Ano) sugeriu que fizéssemos um acróstico com algumas palavras do texto poético. A ideia foi aplaudida.

O acróstico é uma composição poética em que as letras iniciais dos versos formam verticalmente uma palavra ou frase. Compartilhou-se nesse recurso uma tarefa coletiva e, dentre as palavras escolhidas, houve mais ênfase no título do poema de Tatiana Belinky. Enfim, foi uma atividade construída com largo prazer, uma vez que esse nome foi matéria-prima fascinante na desconstrução do preconceito que existia entre eles.

Após o registro da palavra na lousa, brotou a criatividade coletiva e teve-se como produto final um acróstico reflexivo. Abaixo segue o mesmo:

*Diga não ao preconceito
Identidade é direito
Viva com liberdade
Escravidão é maldade
Respeite a etnia racial
Ser negro é normal
Intolerância é ignorância
Discriminação dá punição
Africa, berço da humanidade
Desigualdade lá é realidade
Este acróstico reflete esperança
Sejamos caminhos de luz e voz da mudança.*

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

No dia seguinte houve a retomada do mesmo texto em uma aula de artes. A turma foi dividida em grupos para que o poema fosse reescrito em cartaz e exposto no mural. Lançaram-se propostas aos grupos para que surgisse uma criatividade artística e tivesse como produto final o embelezamento do mural. Dois grupos se uniram e transformaram a cartolina em pétalas de um girassol. Os grupos menores iam recebendo a pétala da flor e colocando as estrofes do poema que haviam recortado. Quando a obra de arte ficou pronta eles dramatizaram a poesia. A conclusão do trabalho resultou em uma grande flor de girassol amarela colada no chão da sala e recebeu um novo nome: Girassol da Diversidade.



Figura 19 Atividade Girassol da Diversidade. Fonte: Acervo da autora

Trabalhar com o livro *Memória das Palavras* surgiu de uma proposta dos próprios alunos. Foi uma declaração de amor suscitada por todos. É mais um veículo propulsor de reflexões e ricas aprendizagens do projeto em curso.

O sabor do desafio para esse compêndio ora iniciado deu-se com a leitura dos seguintes textos:

Memória das Palavras (por Rogério Andrade Barbosa)

O Brasil é a nação que tem a segunda maior população negra do planeta. País multicultural, traz a marca indelével dos africanos e de seus descendentes em sua formação. Em nosso vocabulário, muitas das palavras usadas no dia a dia têm origem nos falares herdados da mãe-África, procedentes de diferentes grupos étnico-linguísticos, como os iorubás e, especialmente, os povos bantos. Pois não existe apenas uma, mas várias Áfricas, espalhadas num vasto continente, composto, hoje, de 53 países. (Memória das palavras. Ana Paula Brandão (Coord.). Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.)

A Memória da Língua

*As palavras povoam nosso cotidiano, nossa história, nomeiam, significam a vida. Com o livro Memórias das Palavras vamos perceber o quanto falamos línguas africanas e o quanto sabíamos e não sabíamos da existência de palavras de origem africana no nosso cotidiano. Um dos nossos desejos é descobrir o que tem de africano em nós, na nossa família, na nossa história, que marcas afro-brasileiras existem em nós, no nosso entorno. Vamos à praia de **tanga** ou **sunga**, carregamos a **canga** na mochila, calçamos **tamanco**. Brincamos o carnaval da Bahia com **abada**, ou dançamos **samba** com muita **ginga**, embalados pela **cuíca**, **agogô** e **ganzá**. Comemos **caruru** e **mocotó**, botamos **dendê** no **acarajé** e no **vatapá**... Fumamos **cachimbo**, bebemos água de **moringa**, damos um **pito**, tomamos um gole de **cachaça**, usamos **carimbo** e não gostamos de **camundongo**. (A Cor da Cultura, Mojobá, Programa 5 – Literatura e Oralidade).*

A atividade teve início com uma leitura e, em seguida, foram feitos alguns questionamentos aos alunos. As palavras em negrito no texto foram os fios condutores de interpretações importantes. Os alunos refletiram que as palavras em destaque representavam sons, cores, cheiros, sabores, ritmos, gestos e movimentos. O calor do momento propiciou a apresentação do livro *Memória das Palavras*, que passou em todas as mãos. Bia (9 anos, 4.º Ano) é uma leitora em potencial. Ela falou: - “Tia, esse livro é tudo de bom! – Com a resposta pronta, Manoel (11 anos, 5.º Ano) falou: - “Com certeza!”

Foram entregues cópias da obra para cada aluno, o que tornou mais instigante decifrar o abecedário afrodescendente na sala de aula. Observou-se que as ilustrações são verdadeiras obras de arte, o que assegurou infinitas contribuições para o encantamento da pesquisa. Para os alunos não foi apenas uma mera decodificação de palavras ou frases, mas foi a compreensão cultural de um novo vocabulário brasileiro, como uma comenda especial aplaudida e felicitada por todos.



Figura 20 Trabalhando com o livro *Memória das Palavras*. Fonte: portaldoprofessor.mec.gov.br

Para descortinar outras informações importantes acerca do vocabulário afrodescendente, trabalhou-se o fragmento textual da obra de Kabengele, intitulado *Buscando Caminhos nas Tradições*, o qual diz:

[...] A pluralidade faz surgir um país feito a muitas mãos, onde todos juntos, vindos de tradições diversas, com distintas formas de arrumar o mundo, com inúmeras concepções do belo, conseguem criar uma comunidade plena da consciência da importância da participação de cada um na construção do bem comum. Todos podem ser diferentes, mas são absolutamente necessários. [...] A população afrodescendente no Brasil tem características culturais muito marcantes, que precisam ser mais estudadas e entendidas, uma vez que a contribuição dos inúmeros países africanos é muito significativa para todos os setores da vida brasileira, quer se relacione à linguagem, à vida familiar, ao sistema simbólico, à comunidade religiosa, à produção do saber (Ciência) ou à transmissão do saber (Educação). (THEODORO, 2005, p. 79-81)

A referida obra é muito rica em reflexões e considerações acerca da influência e contribuição da cultura negra para nossa sociedade atual. Essa contribuição se faz sentir na religião, música, dança, alimentação, língua, em tudo se vê a influência negra, e apesar da repressão que sofreram as suas manifestações culturais mais cotidianas, permanecem vivas até hoje. O texto abaixo foi utilizado com os alunos para demonstrar esse fato.

Linguagem e vida

As etnias trazidas para o Brasil, provenientes de diferentes regiões de África, com diversas línguas e culturas são:

Os nagôs – provenientes da Nigéria, do Benin e do Togo, de língua iorubá;

Os fons ou minas – provenientes do antigo Daomé, atual Benin, de língua jeje;

Os bantos – provenientes de vários países – Angola, Congo, Moçambique, Zimbábue etc. – de língua banta.

O português falado no Brasil tem a contribuição das culturas bantas, principalmente de suas línguas, entre elas o Quicongo, o Umbundo e o Quimbundo. Os termos de origem nagô estão mais restritos às práticas e utensílios ligados à tradição os orixás, como a música, a descrição dos trajés e a culinária afrobaiana.

Segundo Nei Lopes, no seu Dicionário Banto do Brasil (1996), para se constatar palavras de origem banta em nossa língua, basta buscar as seguintes características:

1) Presença de sílabas iniciais como BA, CA, CU, FU, MA, MO, UM, QUI etc. Exemplos: caçula, candango, cachimbo, curinga, cuca, fubá, fuleiro, fulo, macumba, maxixe, magé, mala, mafuá, quitanda, quizila, quitute, quilombo, quiabo.

2) Presença, no interior dos vocábulos, dos grupos consonantais MB, ND, NG etc. Exemplos: banda, samba, mambo, lambada, bunda, umbanda, dendê, macumba, quengo, camundongo, ginga, tanga, sunga.

3) Presença de terminações como AÇA, ILA, ITA, IXE, UTE, UCA etc. Exemplos: macaca, quizila, catita, maxixe, bazuca, muvuca.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Após a leitura criteriosa desse texto houve uma espécie de intercâmbio de pesquisa entre as palavras que eles haviam recebido com as outras registradas no texto, oriundas do Dicionário Banto do Brasil. Constatou-se que as palavras candango, curinga, fuleiro, magé, mala, quizila, banda e mambo não constavam no vocabulário do livro *Memória das Palavras*. Tentou-se reorganizar o ritmo da aula escolhendo uma dupla de alunos do 5.º Ano para investigar no dicionário as possíveis respostas para os oito nomes que estavam ausentes na lista que eles conheciam. Após a pesquisa dicionarizada faltou o significado das palavras “quizila, magé, e mambo”. No dia seguinte, Lúcia (10 anos, 5.º Ano) perguntou: - “E aí, tia, a senhora fez o resto da pesquisa?” Fiz um sinal positivo.

Retomou-se a atividade de organização do abecedário e, novamente, formaram-se os grupos. Era sexta-feira, uns escreviam as palavras, outros, as respectivas respostas. Cada grupo recebeu cinco letras. Os componentes do grupo 1 escolheram as quatro primeiras letras do alfabeto. O grupo 2 escolheu as quatro letras sequenciais, e os três últimos dividiram o restante. Essa pesquisa revelou o quanto é entusiástico desenvolver atividades práticas em sala de aula. Houve capricho na finalização do trabalho por parte de todos os componentes. O aluno Sávio (4.º Ano) comentou: - “Tia, foi cansativo, mas foi legal. Gostei dessa aula, pois acabei com as dúvidas que sentia na sequência do alfabeto”. Foi incrível ouvir essa afirmativa, pois a maioria dos colegas concordou com ele.



Figura 21 Confeção do Abecedário Afrodescendente. Fonte: Acervo da autora

Os alunos concluíram essa aula relaxados e extrovertidos. Alguns adotaram palavras que podiam brincar com elas e ao mesmo tempo se divertiram, como por exemplo, azoeira, banzé, cafofo, galau, ilê, jabaculê, mafuá, dentre outras.

O livro *Memória das Palavras* ofereceu um acervo de 206 palavras de origem africana. São nomes contagiantes, que têm ritmo, sonoridade e energia própria. Afinal, são memórias do modo de ser, interagir e viver de um povo.

Foi estudando o vocabulário dessa riqueza cultural que surgiram entre os alunos algumas brincadeiras com as palavras que pareciam mais curiosas e pertinentes com determinadas vivências entre eles no ambiente escolar. Cita-se como exemplo a palavra *jabaculê*, que significa *gorjeta*.

Já fazendo uso desse vocabulário em sala de aula, um aluno pedia uma borracha emprestada ao colega e este respondia que emprestava, mas, queria um jabaculê em troca. No final da aula alguns diziam que estavam saindo para seu *ilê* (casa). Quando a sala estava com carteiras ou mesinhas fora do lugar eles comentavam que a sala parecia mais um *mafuá* (lugar desorganizado). Após observarem o cardápio da merenda escolar o coral era um só: - “Hoje a comida é *lelê*” (comida feita com milho ou fubá). E um

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

cumprimento afetuoso que passou a ser utilizado entre eles foi o *Axé!* (saudação, força vital e espiritual).

Para coroar com êxito essa brincadeira cultural buscou-se uma nova estratégia de pesquisa de A a Z por outras palavras que somassem ao repertório citado outros nomes graciosos e que culminasse como produto final um jogo pedagógico.

Sobre a importância do uso de jogos na aprendizagem, encontramos no livro *Saberes e Fazeres* (BRANDÃO, 2006, p. 67), a seguinte assertiva “Em suas várias funções sociais, os jogos sempre foram instrumentos de ensino e aprendizado e, também, uma forma de linguagem usada para a transmissão das conquistas da sociedade em vários campos do conhecimento.” Com vistas ao que foi exposto, o jogo é mais uma atividade que ajuda a garantir a construção de uma consciência proativa acerca da linguagem afrodescendente.

O jogo educativo *Palavras Curiosas* foi aprimorado a partir da otimização dos alunos, exercitando uma leitura do livro *Memória das Palavras*. Após a decisão da organização do jogo houve outra releitura do acervo com mais intimidade. Este momento foi denominado de leitura investigativa.

Solicitou-se aos alunos que se organizassem em grupos de cinco componentes, pois cada equipe estava de posse de uma lista de 41 palavras retiradas do livro supracitado. Cada equipe pesquisaria doze palavras da relação. Os alunos já estavam familiarizados com a maioria dos nomes, o que trouxe rapidez para a escolha do vocabulário desejado. Atuamos apenas mediando os grupos, observando a interlocução de cada participante e assessorando nas poucas dúvidas que surgiram.

O progresso era visível. Quando o trabalho foi concluído eles socializaram suas escolhas. O aspecto lúdico das atividades somou-se ao



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

interesse dos participantes, o que tornou essa ação pragmática extremamente valiosa.

Sobre o aspecto de ludicidade aliada à aprendizagem, Friedman (1996, p. 41) considera que:

Os jogos lúdicos permitem uma situação educativa cooperativa e interacional, ou seja, quando alguém está jogando está executando regras o jogo e ao mesmo tempo, desenvolvendo ações de cooperação e interação que estimulam a convivência em grupo.

Portanto, os jogos lúdicos oferecem ao educando condições de vivenciar situações-problemas e estimular seu raciocínio a partir do desenvolvimento de jogos planejados e livres que permitam à criança desenvolver a lógica e a interatividade, permitindo atividades físicas e mentais que favorecem a sociabilidade e estimulando as reações afetivas, cognitivas, sociais, morais, culturais e linguísticas.

O jogo, que possibilitou aos alunos o desenvolvimento cognitivo supracitado, possui as seguintes características:

Participantes:

2 a 8 jogadores

Objetivo do jogo:

Socializar palavras do vocabulário afrodescendente que fazem parte da nossa cultura diária.

Composição:

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

1 tabuleiro, 8 pinos coloridos, 68 cartas (cada uma contendo uma pergunta, a respectiva resposta, e instruções de execução do jogo, e a pontuação que cada carta confere ao participante).

Instruções do jogo:

Cada jogador escolhe um pino e o coloca no início do tabuleiro;

Embaralhar as cartas e colocá-las empilhadas no tabuleiro, com o texto virado para baixo, no campo correspondente às cartas;

Sortear quem vai começar o jogo;

O primeiro jogador retira a primeira carta do monte e, sem que os outros jogadores vejam, lê em voz alta a palavra, diz quantos pontos a carta vale e, em seguida lê seus possíveis significados;

O resultado da aplicação desse jogo foi que o mesmo se tornou uma agradável brincadeira, tanto no brincar quanto no aprender, criando uma interação animada entre os alunos.



Figura 22 Confeccção do jogo Palavras Curiosas e Memória das Palavras. Fonte: Acervo da autora

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Segundo Zabala (1998, p.116) sobre o ambiente onde a aprendizagem lúdica se desenvolve,

[...] para aprender é indispensável que haja um clima e um ambiente adequados, constituídos por um marco de relações em que predominam a aceitação, a confiança, o respeito mútuo e a sinceridade. A aprendizagem é potencializada quando convergem as condições que estimulam o trabalho e o esforço. É preciso criar um ambiente seguro e ordenado, que ofereça a todos os alunos a oportunidade de interações que promovam cooperação e a coesão do grupo.

O jogo de cartas *Palavras Curiosas* se revelou um excelente instrumento pedagógico de aprendizagem, tendo em vista que possibilitou aos alunos a oportunidade de interações que realmente resultou na cooperação e coesão do grupo unido pelo desejo de aprender, em que o clima de competição saudável gerado pelo jogo os motivou a participar da atividade com bastante atenção, visando obter o maior número de pontos possível.

No último dia de aula da semana procurou-se quebrar a rotina diária e fomos a um passeio pelo leito do açude Totoró, pois além de fotografar as plantas nativas para nosso álbum de geografia, era também uma espécie de ensaio para verificação do nível de respeito entre os membros da turma. Nosso coordenador pedagógico, José Ferreira, também acompanhou nossa aula passeio.

Sobre as aulas de campo e aulas passeio, Fonseca e Caldeira (2008, p.71) afirmam:

Uma forma de realizar a apresentação de fenômenos naturais é utilizando, como recurso didático, aulas de campo em ambientes naturais principalmente

aqueles que encontrados espacialmente próximos aos alunos por sua facilidade e pela possibilidade dos alunos possuírem experiência prévia com o ambiente objeto de estudo.

Portanto, as aulas de campo são oportunidades para os alunos descobrirem novos ambientes fora da sala de aula, incluindo a observação e o registro de imagens que, por sua vez, poderão ser de grande valia. Estas aulas também oferecem a possibilidade de trabalhar de forma interdisciplinar, pois dependendo do conteúdo, podem-se abordar vários temas.

Sendo assim, essa modalidade de aula constitui uma excelente forma de levar os alunos a estudarem os ambientes naturais, ou mesmo artificiais, objetivando perceber e conhecer o ambiente que o cerca através dos diversos recursos visuais, ou seja, levá-los ao ambiente propriamente dito para estimular os sentidos de forma lúdica e interativa.

Para a aula passeio havíamos programado tudo às escondidas para que fosse um momento de surpresa. O tema foi genial: *Pegadas do Conhecimento*. Uma das metas propostas era proporcionar aos discentes a liberdade, cooperação, parceria e, acima de tudo, respeito. Percebeu-se que estava havendo diálogos entre os pares e, de modo especial, entre aqueles que não se entendiam e eram mentores de conflitos tais como xingamentos, aborrecimentos, desrespeito, ações preconceituosas, e uso de termos pejorativos.

A vastidão do campo, o vento suave, as corridas ao ar livre, a escalada nas pedras monumentais, a expectativa para as fotos, tudo isso liberou uma adrenalina entre eles e um sentimento de irmandade estava nascendo e, conseqüentemente, desarmando as ações preconceituosas impregnadas nesses pequenos cidadãos.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Percebeu-se entre eles a alegria e a emoção de estarem construindo um novo tempo. Ainda corriam livres e soltos, rompendo regras e preconceitos e aprendendo, na aridez do campo, um espaço de inclusão e de convivência cidadã. Outro objetivo desse momento era construir estratégias viáveis ao bom relacionamento entre eles e outros colegas da comunidade escolar.

O leito do açude Totoró, as plantas desnudas, o solo rachado, alguns cactos e grandes rochas lapidadas pela natureza, dentre elas a Pedra do Caju, um verdadeiro monumento natural, foi nesse contexto que surgiram as primeiras fotografias, e nelas, uma linguagem documentária registrando sorrisos ingênuos, algumas caras e bocas, mas livres de maldade e discriminação racista. Reconheceu-se nessa estratégia de ensino o fortalecimento e a união entre o grupo, um cuidando do outro para ninguém se machucar, como também para que todos fossem fotografados. Foi uma tarde extremamente proveitosa e feliz!

Na segunda-feira observaram-se os vestígios positivos da aula de campo, que se faziam presentes no clima amistoso da sala. Os alunos fizeram as seguintes indagações: “- Tia, vamos ter outras aulas como a de sexta-feira? (Paula, 9 anos, 4.º Ano). “- Tia, o Pedro nem está com agressão com o Lucas. Ele disse que não vai mais xingá-lo” (Sérgio, 10 anos, 4.º ano). Os alunos foram parabenizados pelo êxito do passeio e foi proposta uma tarefa escrita para registrar os principais momentos. A seguinte mensagem foi escrita na lousa: “Amigos, relembrem todos os locais por onde vocês deixaram suas pegadinhas. Em seguida ativem essas lembranças com toda a calma possível. Descrevam essas emoções de forma bem legível. Lembrem-se que “a escrita é a guardiã do pensamento humano” (Da Vinci).



Figura 23 Passeio no Totoró. Fonte: Acervo da autora

Os alunos pediram para escrever e desenhar sobre o passeio. Observou-se ali um espaço pedagógico mais humanizado. Após o fascínio dessa tarde buscou-se mais leituras para a fundamentação da prática docente da autora, pois o educador deve sempre primar por uma postura democrática, conciliatória, instigante, contribuindo para a solução de conflitos, tanto na comunidade escolar quanto nas famílias.

A IDENTIDADE PATRIMONIAL DE UMA HISTÓRIA DE VIDA

Foi criada mais uma oportunidade de passeio cultural, desta feita na residência do Sr. Benedito Dionizio da Silva, o morador mais antigo da comunidade Queimadas, também conhecida popularmente como *Negros dos Ludugero*.

O Sr. Benedito Dionizio da Silva, filho de Francisco Pereira de Maria e Dona Maria Sanches de Medeiros, casado com Maria Ferreira da Silva. Ele nasceu em outubro de 1928 no Sítio Queimadas, município de Currais Novos. O mesmo sempre relatava ser bisneto de caboclo bravo, descendente de afro-brasileiro. As terras onde criou sua família foi herança da sua avó materna, Maria Dionízia, a qual recebeu de dona Adriana, viúva de Cipriano Lopes Galvão, nessa época casada com o ricaço Félix Segundo, povoadores deste município desde o século XIX. Benedito faleceu na mesma localidade em que se criou, em 04 de maio de 2015.

A viagem programada à casa de Benedito gerou grande euforia entre os alunos, e a atmosfera da aula se transformou em prazer, a leitura e a escrita foram desenvolvidas com um entusiasmo contagiante. O tema da aula girou em torno do termo Quilombola, pois o passeio programado tinha tudo a ver com esse vocábulo, uma vez que Benedito era negro e havia rumores que ele era descendente de antigos quilombolas.

No campo da reflexão, no que destaca o termo *quilombo*, Nascimento (1994, p. 158) afirma que,

[...] o quilombo representa um instrumento vigoroso no processo de reconhecimento da identidade negra brasileira para uma maior autoafirmação étnica e nacional. O fato de ter existido como brecha no sistema em que os negros estavam moralmente submetidos projeta uma esperança de que instituições

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

semelhantes possam atuar no presente ao lado de várias outras manifestações de reforço a identidade cultural.

O quilombo é, portanto, uma espécie de referência para o reconhecimento da identidade negra, como também um reforço à identidade cultural. Este pensamento da autora lançou-se, portanto, como fonte esclarecedora das inquietações até então disseminadas na sala de aula.

Nesse contexto, criou-se um clima de expectativas acerca do tema no decorrer da aula, onde surgiram os mais diversos questionamentos:

- “Tia, nós vamos a esse tal de quilombo amanhã?”
(Aparecida, 09 anos, 4.º ano).

- “Tia, onde mora muito negro é sempre um quilombo?” (Bárbara, 10 anos, 4.º ano).

Verificou-se, nessas inquietações, a oportunidade de um trabalho formativo e sistematizado. Aproveitamos o ensejo para uma pesquisa direcionada que favorecesse as respostas almejadas pelos discentes. O trabalho em grupo obteve progresso e ultrapassou os limites da sala de aula, dando prosseguimento à pesquisa na sala de leitura.

Formaram-se quatro grupos e o desdobramento da pesquisa foi além das expectativas. No primeiro momento foi distribuído diferentes textos a cada grupo. Alguns abordavam o mesmo tema e os dois assuntos mais apreciados foram *O que é um Quilombo*, e *Estórias de Quilombos*. Nesse clima cooperativo escreveram o texto que melhor descrevia a definição do termo *quilombo*, que segue abaixo:

Mas o que é preciso para que uma comunidade seja considerada quilombola?

As comunidades quilombolas são grupos étnicos – predominantemente constituídos pela população negra rural ou urbana –, que se autodefinem a partir das relações com a terra, o parentesco, o território, a ancestralidade, as tradições e práticas culturais próprias. Estima-se que em todo o País existam mais de três mil comunidades quilombolas.

O Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o artigo 68, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. A partir do Decreto 4883/03 ficou transferida do Ministério da Cultura para o Incra a competência para a delimitação das terras dos remanescentes das comunidades dos quilombos, bem como a determinação de suas demarcações e titulações.

Conforme o artigo 2º do Decreto 4887/2003, “consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida”.

(Bahia de todos os santos e quilombos, 2012, p. 22)

Diante da apreciação pelo texto narrativo *Estórias de Quilombos*, veio também o interesse pelo tema *A Tocha de Fogo* (Brasil, 2010), cujo enredo despertou pensamentos fantasiosos do universo infantil, liberando a criatividade na leitura, escrita do texto e ornamentação com desenhos e pinturas.

A Tocha de Fogo

Naquele tempo havia muito gado na região de Pombal. Já era noite quando Bertino e Bernadinho vinham para o estábulo, tocando o gado que tinha ficado do outro lado da porteira, para se alimentar. Vinham contando estórias de assombração, quando uma tocha de fogo saiu do córrego e foi crescendo e se movimentando até ficar ao lado deles. Ficou parada perto de umas folhagens.

Os dois se assustaram, mas não demonstraram que estavam com medo. Continuaram a tocar o gado calmamente. Quando chegaram em casa, foram contar a estória para o pai, seu Benedito Rodrigues. Ele não acreditou e foi logo dizendo:

- Isso era nuvem de vaga-lumes!

Sem ter como comprovar, Bertino e Bernadinho deram a conversa por terminada.

Três dias depois, estavam os três no mesmo lugar, tocando o gado, quando a tocha de fogo apareceu novamente, parou no mesmo lugar e depois se apagou.

Dessa vez seu Benedito não pôde mais duvidar, pois aquilo não era nuvem de vaga-lumes, mas sim alguma coisa bem misteriosa que até hoje ninguém sabe explicar.

(Narrador: Bertino; Ano: Junho/2005; Pesquisadora: Juliane Mota)

Após as considerações sobre os textos supracitados, voltou-se a atenção para histórias locais, envolvendo um personagem real da região: Félix Gomes.

Félix Gomes era um fazendeiro muito rico, dono de muito gado e grandes extensões de terra na ribeira do Seridó. Contam os antepassados que ele construiu uma grande fortuna, entre dinheiro, ouro e joias. Contudo, era muito avarento. Naquela época não havia bancos para guardar toda essa



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

riqueza, assim ele arquitetou um plano sinistro e cruel para escondê-la, conforme conta a seguinte estória.

O Tesouro de Félix Gomes

Conta Sr. Chico Tomás que o coronel Félix Gomes era um fazendeiro muito rico da região do Totoró. Tinha fama de homem ruim. Ele possuía muitas moedas além de ouro, prata e bronze e tudo que tinha guardava com muito zelo num famoso baú que possuía. Era um homem muito orgulhoso e, como diz o povo da região, muito "sovina". Não querendo dividir sua riqueza com ninguém resolveu depositá-la na pedra do vento, no cume do Pico do Totoró. Dessa pedra desemboca uma caverna profunda. Conta-se que ninguém se atreve a olhar, de tão profunda e perigosa.

Certa noite o coronel chamou dois de seus criados e os levou, à meia noite, até o pico. Cegando lá pediu aos criados que jogassem o baú na gruta. Enquanto eles estavam distraídos o malvado coronel os empurrou para dentro da gruta, na qual caíram junto com o baú. Certo tempo após o falecimento de Félix Gomes começou-se a se falar pela comunidade que, em sonho, o fazendeiro aparecia e oferecia sua riqueza às pessoas. Entretanto, ninguém quer ficar com essa riqueza, pois para ficar com ela é preciso levar dois amigos, numa sexta-feira à meia noite, até o pico e praticar com eles a mesma crueldade, atirando-os dentro da gruta. Somente depois disso é que a botija fica desencantada.

(Adaptado de Jornal Online Cipriano, junho, 2011)

Todo povo tem uma cultura, seja ela antiga ou atual, oral ou escrita, porque todo povo pensa, age, cria e recria sua própria história de vida. O contato dos alunos com o texto *Estória de Quilombolas* despertou em suas memórias as lembranças de suas crenças, origens, costumes e casos contados pelos povos antigos, dentre eles seus avós. Lembraram-se das



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

histórias e lendas mais valorizadas que povoam as tradições do Totoró e adjacências, dentre elas *A Lenda da Cabra*, e *O Tesouro de Félix Gomes*.

Durante as pesquisas foi observada, nas conversas dos grupos, a citação das lendas supracitadas e, na maioria, via-se a preferência pela lenda de Félix Gomes. Alguns alunos diziam que já tinha ouvido falar, outros, que já fazia tempo que tinham escutado a estória. Um dos alunos (Mário, 10 anos, 4.º ano), pediu que eu contasse essa lenda para eles.

Fez-se um convite a dona Josefa, professora nascida e criada na comunidade Totoró e funcionária mais antiga da escola, para narrar essa estória. A sala se transformou numa espécie de palco onde a plateia, atenta, apenas ouvia. Houve ali um encontro cultural de duas gerações. O silêncio era total. Se há um fantasma no pico, ele continua dormindo na pedra, onde só o vento poderá acordá-lo. Sentiu-se naquele momento narrativo uma estreita relação entre a ação vivida em sala de aula inspirada em Vera Candau (2003, p.161) de que “abrir espaços para a diversidade, a diferença, e para o cruzamento de culturas constitui o grande desafio que a escola que está sendo chamada a enfrentar”. Lembrando que, no cotidiano, a escola sempre é palco de diferentes relações sociais, e por sua vez reflete a diversidade cultural da sociedade que a forma. Nesse palco é possível observar, diariamente, diferentes visões de mundo, crenças, estilos de vida, costumes, etnias e os demais aspectos constituintes da cultura evidenciada em sala de aula.

A empatia desse momento trouxe à tona visões de um mundo passado que iluminou olhares de uma sociedade futura. A memória desse passado trouxe um clima de nostalgia aos alunos que residem na comunidade Totoró.

Uma das alunas expressou-se:



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

- “Essa história se refere a esse pico que é próximo da nossa escola? Credo!”

Os demais colegas riram de sua espontaneidade, e Lúcia (10 anos, 5.º ano) respondeu:

- Sim! Mas, “lembre-se que muita gente subiu a trilha ecológica desse pico e nunca encontrou essa tal assombração!” Estava ela tão empolgada que não viu o colega ao lado puxar seu cabelo, fazendo-lhe um grande susto. Todos riram e tudo terminou em alegria e muita descontração.

Os alunos caminharam junto com dona Josefa até sua residência, que fica em frente ao pico. A calçada lateral da casa serviu de vitrine natural para uma atividade de desenho e pintura daquele monumento grandioso.

No dia seguinte, terça-feira, chegou o momento da viagem cultural à residência do Sr. Benedito. A princípio pensou-se numa entrevista, mas diante de sua alegre acolhida optou-se por escutá-lo, sem interrupções de perguntas, numa exposição oral de seu relato de vida, pois a história oral nos permite conhecer e aprofundar conhecimentos sobre padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, obtidos através de conversas com pessoas que, ao focalizarem suas lembranças pessoais, constroem também uma visão mais concreta da dinâmica de funcionamento e das várias etapas das trajetórias do grupo social ao qual pertencem, ponderando esses fatos pela importância em suas vidas.

As crianças sentaram-se no chão da sala, em um círculo, e, sob os olhares curiosos, Sr. Benedito abriu o livro de sua vida. Encontrou-se em suas palavras a potente força dos três elementos da natureza citadas com expressividade por Birago Diopo (2013):

*Acostume seus ouvidos
Mais com as coisas que com os Seres
Pode-se ouvir a voz do fogo
Ouvir a voz das Águas.
Ouvir através do Vento
A Savana a soluçar
É o Sopro dos ancestrais.*

(DIOP, Birago. O Sopro dos Ancestrais)

Foi no sopro dos ancestrais que o eco da voz do Sr. Benedito relatou sua história. Ele é um ser humano digno de ser conhecido, valorizado e, acima de tudo, respeitado, pois as peculiaridades de sua história fazem dele um patrimônio cultural vivo e imaterial da comunidade Queimadas.

A Constituição Federal define patrimônio como:

[...] o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no País e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico. Bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. (BRASIL, 1988, Art. 216).

No desenvolvimento deste projeto vivenciamos a cada dia uma lição de vida. Aprendemos com Sr. Benedito valores que irão fortalecer ainda mais a prática docente no nosso cotidiano escolar. No que concerne aos valores humanos e ao respeito, ele nos presenteou com uma lição de cidadania sem precedentes. Obteve-se nessa visita um fortalecimento da

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

identidade negra no nosso convívio escolar, uma vez que temos netos e bisnetos de negros fazendo parte de nossa história institucional.

Quanta aprendizagem obteve-se desse patrimônio cultural imaterial.



Figura 24 Visita ao Sr. Benedito Dionízio – descendente de quilombolas – Comunidade Queimadas. Fonte: Acervo da autora

Segundo o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) os bens tombados de natureza *material* podem ser imóveis como as cidades históricas, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; ou móveis, como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos. Os bens culturais de natureza *imaterial* dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas,



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas).

Cada pedacinho narrado da sua trajetória de vida o Sr. Benedito se transformava numa viagem pela antiga civilização da comunidade. Ele lembrou um mundo mais humano, sobretudo na sua infância, adolescência e juventude. Foi uma explanação feita com consciência, força, tenacidade, prazer e, acima de tudo, com muita felicidade.

Segundo Le Goff (1990, p. 476) a importância da memória para preservação da história é que:

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória.

Pode-se conferir nessa memória as mudanças ocorridas no tempo, nas relações sociais, nos costumes, crenças, cultura, trabalho do campo e na organização comunitária. Os fatos de vida do Sr. Benedito Dionízio receberam seus registros em versos, uma vez que a linguagem poética torna mais sonora cada palavra e cada frase que teceu o fio condutor de sua biografia (ver Anexo 1 – A identidade patrimonial de uma história de vida – Benedito Dionízio).

Sempre existiram, na sociedade brasileira, sérias desigualdades sociais e, principalmente, com as famílias negras. Observando os fatos da



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

vida de Sr. Benedito constata-se uma paridade real com o exposto pela UNESCO (2001, p. 2),

Estamos conscientes de que a história da humanidade está repleta de terríveis injustiças infligidas pela falta de respeito à igualdade entre seres humanos e observamos, alarmados, o aumento de tais práticas em várias partes do mundo, e instamos as pessoas, particularmente as que estão em situação de conflito, para que desistam do incitamento ao racismo, do linguajar pejorativo e dos estereótipos.

Nota-se, nos termos supracitados, que a situação vigente é o oposto do que está elucidado pela Declaração de Filadélfia, onde a mesma, em seu Art. II, Inciso “A”, defende que,

a) todos os seres humanos, qualquer que seja a sua raça, a sua crença ou o seu sexo, têm o direito de efetuar o seu progresso material e o seu desenvolvimento espiritual em liberdade e com dignidade, com segurança econômica e com oportunidades iguais (OIT, p. 24).

Comparando-se o que diz as declarações acima, e relendo os registros que ilustram em versos a vida do Sr. Benedito Dionízio, nota-se o conjunto de dificuldades proeminentes de suas experiências que confluem numa legítima realidade da narrativa exposta.

Através dessa visita os alunos tiveram ciência dos valores e princípios morais que nutrem aquela comunidade que visitaram. E a negritude ali existente, com orgulho de sua identidade, forma laços com os antepassados que são dignos de respeito, para que os remanescentes possam sobreviver com dignidade humana, presente em cada criança daquela comunidade,



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas
perpetuando a identidade negra em cada habitante da localidade, das crianças aos adultos.

Sobre a identidade como característica de um povo, Cuche (1999, p. 182) afirma que:

A identidade é uma construção que se elabora em uma relação que opõe um grupo aos outros grupos com os quais está em contato [...]. A identidade é um modo de categorização utilizado pelos grupos para organizar suas trocas. Também para definir a identidade de um grupo, o importante não é inventariar seus traços culturais distintivos, mas localizar aqueles que são utilizados pelos membros do grupo para afirmar e manter uma distinção cultural.

Portanto, o reconhecimento e valorização da própria identidade negra pelo Sr. Benedito enquadram-se no entendimento de que essa identidade surge como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Instigados pela receptividade do Sr. Benedito e pelo entusiasmo de sua acolhida os alunos resolveram escrever uma carta coletiva de agradecimento àquele nobre memorialista, não apenas pelo carinho de suas palavras, mas também pela aprendizagem adquirida no relato de sua vida. Essa experiência com certeza ficará marcada na vida desses pequenos aprendizes.

A COR DE UM PAÍS PLURAL

Uma das metas do projeto foi socializar o aluno com diferentes temáticas abordando o contexto étnico-racial e, de modo especial, as que



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

estimulassem bons ensinamentos e conhecimento de sua identidade, da origem de seus antepassados e de atitudes preconceituosas nos diferentes segmentos da sociedade. Seguindo-se esse portal de informações planejou-se a concretização de um novo trabalho cuja temática abordava histórias e práticas de preconceito.

No dia da aula em que o novo projeto seria iniciado, a turma toda já estava atenta e motivada, pois já tinham conhecimento de que a aula seria com cartazes, mas seria iniciada com a leitura de um texto reflexivo (ver anexo) escolhido por alunos curiosos que ficavam folheando os livros da professora. O tema era bem chamativo: *A cor de um país plural* (Saffioti, 1987, p. 51-52)

O texto abordava o preconceito racial a partir de alguns questionamentos tipo:

E aí, neguinho?"; "Ô, Pelé, pega aquela caixa!"; "Tudo bem, japa?"; "Então aí, alemão!"; "Me dá uma bala, meu: você parece turco!". Quem nunca ouviu no dia a dia frases como essas? O Brasil se diz um país sem preconceito racial, mas será que essas frases não ocultam algum tipo de preconceito?

A partir desses questionamentos, tão comuns no nosso dia a dia, o texto fazia uma análise do preconceito a partir de exemplos pejorativos. O excerto do texto abaixo (Saffioti, 1987, p. 51-52) fornece uma medida,

Diz-se, à boca miúda, que no Brasil há democracia racial. Nada seria mais inverídico do que esta afirmação. Basta examinar as estatísticas para se verificar que os negros estão nas ocupações menos prestigiadas e mais mal remuneradas, que apresentam graus baixos de escolaridade, que não

participam do poder político. Existem clubes que não aceitam servir negros, barrando-os na porta ou fazendo-os esperar indefinidamente à mesa. Alguns ditos populares expressam eloquentemente o preconceito de que é alvo o negro brasileiro: “Negro, quando não suja na entrada, suja na saída”; “A situação está negra”; “Ele é um negro de alma branca” [...]

Para justificar as discriminações praticadas contra negros e pardos, evocam-se, frequentemente, fatos do gênero “ negro é sujo”, “negro é pouco inteligente”, negro é supersticioso”. Rigorosamente, deve-se inverter o raciocínio, pois tais características, ao invés de terem sua origem na raça, são consequências da desigualdade social entre os brancos, que dominam os negros, que sofrem a dominação. Obviamente, se um grupo social tem menor número de oportunidades na vida, em função dos preconceitos que pesam sobre ele, encontram-se em seu interior maior número de miseráveis, grandes contingentes de analfabetos e de pessoas pouco escolarizadas, massas imensas de pessoas vivendo em condições de promiscuidade. Assim, se os negros forem, efetivamente, proporcionalmente mais sujos que os brancos, esse fenômeno deriva das condições sociais em que vivem. Tomar banho diariamente é fácil para aqueles que dispõem de água corrente em casa. Não encontram a mesma facilidade aqueles que residem em favelas, sem água encanada, sem energia elétrica. Assim, a higiene pessoal não é reflexo da raça, mas sim das condições sociais de existência.

Quando ao negro se oferecem boas condições de desenvolvimento, ele poderá revelar-se tão bom ou melhor que o branco. Na sociedade brasileira não são apenas os negros e mulatos que sofrem discriminações. Estas existem contra índios, contra

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

negros e mulatos, já que, somados, eles perfazem cerca de 45% da população nacional. (Heleieth, I.B. Saffioti. O poder do macho. São Paulo. Moderna. 1987, p. 51-2)

Explicações: à boca miúda: em voz baixa; eloquentemente: de modo convincente; democracia: governo do povo; discriminação: diferenciação, baseada no preconceito em que todos têm direitos iguais; obviamente: evidentemente; inverídico: falso, não verdadeiro; promiscuidade: mistura desordenada e confusa.

Para a concretização do trabalho houve a formação de grupos e todos receberam uma cópia do texto acima. Fez-se uma análise preliminar das gravuras, onde lembraram nas imagens das crianças o tema da diversidade. Essa descoberta foi muito importante, sentiram-se sábios, os olhinhos brilhavam. Descobriram também que o texto havia sido resumido pelo uso de colchetes e das reticências.

O aluno Gilberto (10 anos, 4.º ano) curioso, viu no pequeno texto *Brasil: poliedro de raças* dados perfeitos para elaboração de um gráfico, pois gosta muito de matemática. Na hora da leitura os alunos optaram pela “leitura de assalto”, onde um aluno inicia a leitura e, após a primeira pontuação outro colega assume a leitura. Essa técnica é bem divertida. Na discussão oral a grande reflexão girou em torno dos apelidos que caracterizavam as crianças. Tal postura foi criticada por todos. Em seguida examinaram com atenção os textos que continham depoimentos de adolescentes retratando a realidade brasileira do preconceito racial em ambientes públicos. Ficaram sensibilizados com a história de Izabel Santos (14 anos), surgindo muitos posicionamentos em torno dessa narrativa (ver anexo).

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

- *“Tia, eu sou negra, mas nunca sofri essa humilhação”*
(Tereza, 10 anos, 5.º ano).

- *“Ah, tia, se fosse comigo eu mandava prender quem tinha me humilhado. Eu sou branco, mas ninguém pode maltratar ninguém. Isso é ranço de maldade”*
(Júlio, 11 anos, 5.º ano).

- *“Tia, já me chamaram de negro fedorento”* (Sávio, 10 anos, 5.º ano).

Os colegas ficaram furiosos com a situação descrita pelo colega e saíram em sua defesa, perguntando: - “Quem foi? Diga!”.

Sérgio (10 anos, 4.º ano) foi mais prudente e falou calmamente: - “Gente, isso já passou”. Liana (10 anos, 4.º ano) disse: - “Gente, isso tudo é preconceito de gente sem cultura”. Todos concordaram.

Tereza voltou a falar: - “Olhe, tia, aconteceu uma coisa lá em casa essa semana que eu só me lembrei da senhora. Sabe, tia, meu pai discutiu com minha mãe e disse assim para ela: - “Você se cale logo, sua negra”. Ela bateu no peito e falou: - “Eu me orgulho de ser negra. O que você disse não me abala. Aprendi com minha filha o valor que eu tenho”.

Todos olharam em minha direção. Sabiam que era um fruto positivo do projeto que estava sendo desenvolvido. Recebi naquele momento o maior prêmio como educadora.

A autora do texto é enfática quando diz que no Brasil não há democracia racial e suas afirmações condizem com as mensagens dos textos lidos posteriormente. Embora eles apresentem informações antagônicas, mas tornaram-se mais desafiadores para os alunos, que inclusive usaram uma dinâmica interessante para as leituras. Dividiu-se a turma em dois grandes grupos. Os componentes do Grupo A seriam os acusadores, lendo o texto 1. Os alunos do Grupo B seriam os defensores, lendo o texto 2. Foi uma disputa saudável.

O texto 1 dizia:

O que a gente não aguenta mais ouvir:

- *Elogios aos negros dizendo que são de “alma branca”.*
- *Porteiro de prédio olhando feio e decidindo quem vai subir pelo elevador social e quem vai pelo de serviço.*
- *Garçom demorando a atender quando “acha” que o cliente não tem cacife para almoçar ali.*
- *Piadas de mau gosto, preconceituosas e desagradáveis.*
- *Qualquer nordestino sendo chamado de “baiano” ou “paraíba”.*
- *Suavizar a cor dos negros, chamando de “moreninho” ou “escurinho”.*

O texto 2 dizia:

O que a gente queria ouvir toda hora:

- *Que cada raça tivesse orgulho de suas tradições e que gostasse de compartilhar suas festas, músicas, danças e crenças com os outros.*
- *Que o item “boa aparência” nos anúncios de emprego fosse relativo ao astral de cada um e não tivesse nada a ver com a cor da pele ou raça.*
- *Que não fosse preciso existir grupos de ação para impedir que os racistas façam o que quiserem.*
- *Que a cor da pele não fosse critério para nada. Nem para escolher namorado, nem para conseguir trabalho, nem para ser suspeito aos olhos da polícia.*

(Revista Capricho, nov. 1996)

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

O primeiro texto elenca um conjunto de ideias preconceituosas, mas, em contrapartida, o segundo texto combate toda e qualquer forma de discriminação. Respeita e valoriza as diferenças uma vez que esses atributos são a maior riqueza da nossa cultura. Uma ligação emocional com os textos despertou nos alunos o interesse pela imagem da propaganda do protetor solar, que a ausência do preconceito se traduz na aproximação do abraço entre duas crianças, uma branca e outra negra, num gesto inocente de paz e amizade.



Figura 25 Foto publicitária. Fonte: <http://www.propagandaemrevista.com.br/propaganda/1161/>

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Outras imagens foram analisadas, pois cada uma tinha suas peculiaridades, isto é, um tema a ser debatido. Todas essas refletem pedacinhos de uma história, seja de crianças, jovens, adultos, todos carregam nas suas bases genéticas “a mistura racial” do Brasil.

Aproveitou-se essa ocasião para comemorar o sucesso das novas aprendizagens oriundas dos temas: *A Cor de um País Plural*, e *Retalho de Imagens*, com a recitação do rap *Ser Belo é Ser Diferente*, construído pela professora Maria Dilza como atividade final da disciplina do professor Rosenilson, no curso de especialização em História e Cultura Africana e Afro-brasileira no campus de Currais Novos-RN.

Ser Belo é Ser Diferente

É tempo, é tempo	É hora, é hora	Fora o preconceito
É hora, é hora	Fora o preconceito	Entre o branco e o preto
Fora o preconceito	Entre o branco e o preto	(bis)
Entre o branco e o preto	(bis)	E no século XX
(bis)	Vem herança genética	O estudo fluiu
A genética, amigo	Relevar ancestrais	Marcadores genéticos
Tá em grande expansão	Três pilares distintos	Explodiram a mil
É a nova ciência	Com raízes gerais	Até livro famoso
Mapeando a nação	Ameríndio nativo	Na pesquisa surgiu
Mas mistura de raça	Europeu com moral	E se chama Retrato
Tem pele e coração	E o negro africano	Molecular do Brasil
Se concordas, amigo	Componente final	De cabelo lisinho
Grite com emoção	São etnias diversas	Crespo ou cacheado
Branços, negros e índios	E um Brasil desigual	Olhos pretos ou verdes
Somos todos irmãos	Registrando na História	Redondinhos puxados
De coração!	A “mistura racial”	Pele preta ou branca
	É genial!	Deve ser respeitada,
	É tempo, é tempo	admirada!
	É hora, é hora	

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Afinal, meu amigo,	Gente quer liberdade	Fora o preconceito
Esse é nosso legado! De		Entre o branco e o preto
verdade!	É tempo, é tempo	(bis)
Fora o preconceito	É hora, é hora	

(Maria Dilza de Medeiros Vieira, Currais Novos-RN, 18/11/2015)

No que se refere ao aspecto lúdico da educação, o pensamento da criança está ligado à sua capacidade de representar e materializar seus pensamentos através das brincadeiras e também dos desenhos. Para que esse pensamento aconteça é preciso ter a capacidade de substituir coisas ausentes por meio de palavras e imagens.

Segundo Lowenfeld (1970, p.16) “o ato de desenhar envolve a atividade criadora; é através de atividades criadoras que a criança desenvolve sua própria liberdade e iniciativa e outros o que permitirá”. Portanto, a cada representação feita pela criança, o jogo simbólico e o desenho passam a ser uma necessidade, e é assim que elas vão se inserindo no processo de aprendizagem, onde o desenho interage com a escrita como se a mesma fosse um jogo que contém regras e, também o imaginário. Dessa forma a escrita deixa de ser uma representação mental e passa a ser uma representação gráfica, carregada de sentidos, assim como o desenho que, primeiro passa pelo plano da representação mental e só depois a criança passa a representá-lo graficamente.

Trazendo o pensamento acima para a realidade de aprendizagem que estava acontecendo em sala de aula, houve uma resposta positiva e imediata aos momentos lúdicos até então, e inspirado nas discussões das histórias e temas trabalhados, os alunos se expressaram através de tarefas diferenciadas. Como resultado surgiram histórias em quadrinhos, desenhos livres e direcionados, acrósticos e reescrita de poemas trabalhados em sala.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Cada aluno deu asas à imaginação e o produto final foi dos mais diversos. Fábio (10 anos, 4.º ano) desenhou o rosto com frases tipo “Negro é forte; Negro é cultura; Negro é potência; Negro quer paz; Negro não negue suas origens; Respeite sua pele escura”. Lúcia (10 anos, 5.º ano) fez um belo acróstico utilizando a palavra “desrespeito”.

*Deus não tem cor
Ele é paz e amor
Sempre o bem ensinar
Racismo dói
Egoísmo desconstrói
Seja você também
Pessoa do bem
Esqueça o mal
Igualdade é legal
Tente abraçar
O bem vencerá*



Figura 26 Criação de histórias em quadrinhos e desenhos livres. Fonte: Acervo da autora

Técio (10 anos, 4.º ano) também desenhou um rosto, no qual escreveu várias frases expressando o orgulho da identidade negra, tais

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

como: “Quero respeito, sou gente de valor, quero amor; Não ao preconceito, tenho direitos; Sou inteligente, competente; Tenho identidade, quero liberdade; Abra os olhos para a minha história”.

A história em quadrinho é uma mistura do texto ao desenho. Nela o aluno expressa, em definição bem simples, histórias diversificadas usando o gênero dos quadrinhos com o formato de sua preferência. Foi essa tipologia textual que influenciou a aluna Lúcia (10 anos, 5.º ano) a expressar seu pensamento sobre a desconstrução do preconceito usando, sua criatividade, os animais e a natureza criando a história em quadrinho intitulada *Desconstruindo o preconceito contra a formiga preta* (ver Anexo 2: História em quadrinhos).

No campo da poética foram analisados alguns poemas produzidos durante um projeto ministrado no ano de 2013. Como resultado, foram escolhidos para publicação neste trabalho os poemas de Damião e Patrícia Maria, netos do Sr. Benedito Dionizio, como forma de homenagear carinhosamente os membros de sua comunidade.

Damião criou um poema de declaração de amor à Comunidade Queimadas.

Queimadas – o chão de todos

*Aqui eu quero viver
Queimadas é o meu lugar
Aqui plantei minha história
Com os negros do lugar
São raízes da memória
Saudável como a aurora
Aqui eu quero morar*

*Com o vovô Benedito
Aprendi a trabalhar*

*A ser um homem do bem
E a todos respeitar
Queimadas é valiosa
É a história carinhosa
Do povo do meu lugar*

Patrícia Maria, através do seu poema, revelou a realidade do cotidiano da comunidade Queimadas.

Riqueza do meu Sertão

*No lugar onde moro
Tem sol brilhando
Pássaro cantando
E chão rachando*

*Tem beija-flor
Espalhando amor
Borboletas a voar
E cigarra a cantar*

*Sapo que come besouro
E rã feliz a pular
Tem nuvem se preparando
Pra nossa terra molhar*

*A lua desse sertão
Brilha com intensidade
Aqui no sítio Queimadas
Lua é felicidade*



Figura 27 Aluno Damião (à direita) recitando seu poema. Fonte: Acervo da autora

As leituras reflexivas acerca de atividades (pré)conceituosas foram de grande valor para promover mudança de atitudes na escola e, principalmente, manter uma convivência mais saudável na sala de aula. Cada texto proporcionou aos alunos uma nova visão de igualdade de direitos aos afrodescendentes, como também para outros que são vítimas de xingamentos preconceituosos ou que venham a sofrer qualquer tipo de ação discriminatória.

Essa mensagem foi compreendida por todos, pois a fala de Manoel (11 anos, 5.º ano) expressou isso: - “Tia, discriminação não é brincadeira, é coisa séria”. Tereza (10 anos, 5.º ano) confirmou: - “Com certeza, isso todo mundo já aprendeu”.

Sentimos que estamos no caminho certo de uma prática de 37 anos de docência, lembrando sempre do educador Paulo Freire (1994, p. 39), de que “Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas discriminação”, e é essa mentalidade que procuro inculcar também em meus alunos em relação à aprendizagem dos mesmos.

ATIVIDADES COM AS MÃES DOS ALUNOS

O projeto também abriu várias possibilidades de aulas práticas, tanto de passeios culturais quanto o uso das tecnologias. Três momentos singulares desse campo lúdico aconteceram em momentos distintos, porém, todos coroados com êxito.

Em 10 de outubro de 2015, numa terça-feira, foi organizada uma palestra para as mães de alunos da creche ao 5.º ano, com o apoio das professoras Eva e Marcela, que tinham como objetivo demonstrar os desafios enfrentados pelo negro em diferentes contextos sociais. Foi apresentado um filme que exibia ações preconceituosas manifestadas por gestos, comportamentos e palavras humilhantes que denegriam a personagem negra do documentário.



Figura 28 Palestra da professora Marcela com as mães dos alunos

Na ocasião da palestra foi servido um lanche especial em que a professora Eva ofereceu como presente um bolo personalizado com o tema *Desconstruindo o preconceito racial* em cuja cobertura havia o desenho de crianças personalizadas. A professora ofereceu o bolo com muita empolgação e contestou as ações negativas apresentadas no filme, dizendo: - “Gente, igualdade racial tem de ser pra valer, conto com vocês!” Houve uma aceitação expressiva pelo filme.

A professora Marcela foi a mediadora do evento, e observou-se uma grande reciprocidade entre ela e os pais. Muitas mães falaram da importância daquele momento. Andrea, mãe de um aluno do 5.º ano, expressou-se: - “Onde existe o respeito pelo outro existe a linguagem do amor”. As conversas nos corredores da escola comprovaram o respeito pela aula e pela identidade negra. Mães e alunos descobriram que a escola é um espaço social onde se aprende a conviver com o outro, independente da cor da pele, religião ou traços culturais que estão intrínsecos à vida de cada um.



Figura 29 Bolo temático na palestra com as mães - Diversidade

Após esse momento houve uma sequência de apresentações dos alunos do 4.º e 5.º anos, o que deu mais brilho e sentido ao evento. Os mesmos demonstraram suas aprendizagens através de recitação de poemas, desfile com faixas reflexivas e bandeiras dos países que falam a língua oficial portuguesa (PALOPS)¹⁸. Através de mapas os alunos haviam localizado esses países anteriormente. Em termos geográficos os PALOP localizam-se em diferentes regiões do continente africano: Angola e Moçambique na África Austral, Cabo Verde, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe na África Ocidental. Angola é o maior país da África enquanto o arquipélago de São Tomé e Príncipe é o 4.º menor. Após a exposição dessas informações pelos alunos houve uma pequena pausa para apreciação do lanche especial, foi um *show* à parte, sem comentários.



Figura 30 Recitação de poemas. Fonte: Acervo da autora

¹⁸ PALOP é uma expressão usada como referência aos países africanos que têm a língua portuguesa como oficial. São eles: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, além da Guiné Equatorial, que adotou o idioma recentemente.



Figura 31 Produção de cartazes, faixas e bandeiras. Fonte: Acervo da autora

De volta à sala de aula os alunos expressaram seus sentimentos em uma produção textual através da qual eles desvelaram seus pensamentos em frases simples, porém significativas. O encerramento da aula se deu com a leitura da frase de autoria de Maria Luiza de A. Ferreira, retirada do livro *A Primeira Escola*, que enfatizou essa significativa mensagem: “A escola é uma casa de cultura onde deve ser respeitada, valorizada e enriquecida a experiência que o aluno traz”.

No dia seguinte a aluna Mila, do 5.º ano, revelou o orgulho de sua mãe em ter participado do evento, de ser negra e de ter ido a Brasília participar da Marcha das Margaridas, representando, na ocasião, a Associação dos Produtores Rurais do Tringola – APROCAN. Esse acontecimento foi importante, trouxe orgulho a todo o Seridó. Os alunos ficaram ansiosos para ter mais informações sobre esse assunto.

Dois alunos do 4.º ano foram à sala do coordenador pedagógico – José Ferreira – que fez a pesquisa junto com os alunos, que voltaram para a sala e compartilharam cheios de entusiasmo as informações com os colegas.



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Após essa abordagem textual os discentes pediram para desenhar o evento. Alguns formaram grupos, outros fizeram a atividade individualmente. O trabalho foi bem criativo. O aluno Sávio (10 anos, 4.º ano) deu vida a muitas flores, com o título *O Jardim das Margaridas*.

ENCERRAMENTO DO PROJETO

No ensejo de refletir acerca do tema *consciência negra* de forma mais lúdica teve-se a ideia de levar os alunos ao Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES) – Campus de Currais Novos, onde estava sendo realizada uma exposição de esculturas afrodescendentes do acervo particular do professor Edrisi Fernandes, aberta tanto à comunidade acadêmica como ao público em geral. Essa visita iria conscientizá-los sobre a importância institucional da Universidade no crescimento intelectual daquela comunidade acadêmica, principalmente na formação profissional de cada um. A exposição foi muito apreciada por todos. Não havia um guia acompanhando os alunos, pois cada escultura tinha um pequeno registro com informações importantes sobre a obra.

Dentre os objetos expostos havia faca de madeira, quenga de coco em forma de máscara, faca de osso, boneco da fertilidade em madeira, escultura em madeira representando Santa Maria, arte católica do Gabão, entre outros.



Figura 32 Visita à UFRN-CERES - exposição de esculturas afrodescendentes. Fonte: Acervo da autora

Após esse momento os alunos foram conhecer a imensa biblioteca do campus. Foi uma felicidade enorme para todos, afinal eles nunca tinham visto um espaço bibliotecário, pois em nossa escola não temos o privilégio de usufruir desse espaço cultural. A bibliotecária achou surpreendente o interesse da maioria dos alunos por livros que representavam a história da África, inclusive os mais curiosos chegaram a sentar nas mesinhas e folhear alguns títulos.



Figura 33 Visita à biblioteca do campus. Fonte: Acervo da autora.



Figura 34 Visita à biblioteca do campus. Fonte: Acervo da autora.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

No percurso de volta à escola, pudemos refletir sobre a sábia frase do grande educador Paulo Freire: “Ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade”. (FREIRE, 1996, p. 102). Essa viagem mostrou, mais uma vez, a grande importância do Curso de Especialização em História e Cultura Africana e Afro-brasileira para a prática profissional da autora. Esta percepção é também de agradecimento a todos os grandes educadores que, numa entrega solidária, foram protagonistas de tantos conhecimentos importantes, o que resultou na construção de grandes revestimentos de significativos saberes que edificaram com segurança a nossa formação docente.

Chegando à escola houve uma saudável troca de informações, pois todos queriam desenhar as esculturas, e alguns foram mais além ao criarem textos, poemas e frases coletivas alusivas à exposição.

O aluno Carlos (9 anos, 4.º ano) fez este belo poema,

Respeite o outro

*Caro amigo
Nós somos diferentes
Mas somos gente
A cor não importa
O coração é a porta
Que Deus abre para o amor
E ninguém jamais fechará*

Fui convidada para mediar um grupo de alunos do 4.º ano que apresentavam dificuldades para a conclusão de uma frase simples, porém muito sábia, que dizia: “a consciência negra é para ser celebrada diariamente, afinal, o negro existe todos os dias”.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Na aula da segunda-feira foi utilizado um texto informativo intitulado *Dia Nacional da Consciência Negra*, e na ocasião houve um notável momento dialógico, inclusive uma parte lúdica especial. São valores culturais eternizados em fotografias. Na sala de aula projetou-se o vídeo e todos assistiram a exibição de um acervo fotográfico oriundo das aulas especiais da prática docente da autora, destacando-se a imagem de uma foto simulando a liberdade do jovem Damião e demonstrando a época em que os humanos eram escravizados com fortes correntes. O personagem supracitado é neto do Sr. Benedito Dionízio, patriarca venerado da comunidade Queimadas. O jovem Damião, na época da dramatização, era um aluno querido e estimado, muito educado, uma joia rara que passou, mas deixou marcas especiais na minha vida profissional.



Figura 35 Dramatização representando a liberdade da escravidão. Fonte: Acervo da autora.

Essa aula suscitou a necessidade de uma lição mais sistematizada sobre as leis que antecederam a chamada Lei Áurea. Para isso organizou-se uma pesquisa objetivando enriquecer os conhecimentos dos alunos acerca desse capítulo tão vergonhoso e desumano da história do nosso país, envolvendo a população negra e seus descendentes. A princípio entreguei a cada aluno um pequeno texto que aludia ao fim da escravidão. Sabe-se que até hoje o negro está submetido a ações preconceituosas e, com isso, ele muitas vezes faz a negação de sua própria identidade.

Acerca do assunto da negação do negro, sobre sua própria identidade tem-se o posicionamento dos educadores Maria de Fátima Garcia e Joel Andrade, ambos professores do curso de especialização no campus de Currais Novos-RN. Para os mesmos existe, até hoje, e é uma ação histórica, a violação do corpo da pessoa negra, extremada pela sua cor e por preconceitos que o tornam vulnerável ao desrespeito humano em todos os espaços da sociedade.

É realmente desafiadora a trajetória do negro na sociedade. Hoje ele é livre, mas prisioneiro do medo, pois são intensas as perseguições e discriminações que sofrem nas diferentes instâncias sociais. A seguinte experiência é um exemplo dessa situação. Um homem, em Natal-RN, foi visitar seu irmão à noite e ao descer do ônibus foi totalmente revistado por um policial que estava observando quem saía do ônibus. Até então ninguém havia sido revistado pelo policial e, embora várias pessoas tenham descido do ônibus, aquele homem foi o único a ser apalpado e revistado pelo policial. Ele é um cidadão de bem, honesto, trabalhador e de forte caráter. Mas, era negro. Este incidente mostra que, apesar do avanço social do povo brasileiro, a evolução no que concerne ao respeito humano continua nas trevas da mesma ignorância de 500 anos atrás. O episódio ocorrido com o homem



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

negro no ônibus vem reafirmar que a identidade negra continua sendo discriminada e desvalorizada, pois se trata de um problema secular.

O que o preconceito racial evidencia é o sentido histórico de inferioridade gerado a partir das relações de dominação entre senhores e escravos durante todo esse tempo em que durou a escravidão no Brasil, que por sua vez gerou a base da sociedade tal qual ela se configura atualmente. Essa visão de superioridade *versus inferioridade* tende a ser eliminada apenas com a conscientização coletiva, começando a partir da classe educadora. E dentre os vários desafios para se constituir programas e projetos, atividades culturais e políticas para a formação de professores dispostos a criar pedagogias que combatam o racismo e toda sorte de discriminação na sociedade brasileira está a discussão teórico-metodológica em torno da cultura e da História africana e afro-brasileira. Há algum tempo os negros só teriam chance de reconhecimento e ascensão social caso assimilassem a cultura branca. Desse modo, na perspectiva da democracia racial, passava-se a associar pertencimento étnico-racial de raiz europeia à obtenção de sucesso na sociedade brasileira. A construção das identidades negras passa, necessariamente, pela forma como os negros são representados e como representam a si próprios nos mais variados locais da cultura.

Na sala de aula, após a leitura do episódio do homem negro no ônibus, foi possível observar um nível de amadurecimento bem acentuado com a solidariedade humana, daí surgiram inúmeras soluções para resolver o problema. Ana (10 anos, 4.º ano) falou: – “Essa ação foi uma vergonha, ele foi humilhado”. Carlos (9 anos, 4.º ano) afirmou: - “Se esse senhor fosse da minha família eu tinha mandado ele procurar seus direitos”. Lúcia (10 anos, 5.º ano) rebateu: - “Para ele fazer isso, Carlos, ele tinha que fazer um boletim de ocorrência como o amigo do meu pai fez”. Tereza (10 anos, 5.º ano) defendeu: - “Gente, o negro é forte, nada abala sua moral”. Todos confirmaram com entusiasmo: - “Muito bem, Tereza!”.



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Atualmente, o nível de consciência desses alunos é acompanhado de atitudes anti-preconceituosas, afinal, tem-se um caminho percorrido e eles sabem que uma das maiores comunidades negras está no Brasil e viver com eles significa somar conhecimentos, dividir culturas e multiplicar felicidade. Afinal, o negro é receptivo, um ser de luz, um ser feliz.

Valorizar a identidade negra e combater ações de discriminação e preconceito é o início do processo para se alcançar uma sociedade racialmente justa. Um primeiro passo é valorizar os componentes de todas as etnias, apresentando bons modelos de representações afirmativas. Não se trata de sempre tratar o negro como vítima ou mocinho enquanto o branco seria o vilão. O papel da escola é apresentar essa identidade racial de maneira afirmativa, separando-as das imagens e estereótipos que predominam na mídia, tão comuns em materiais didáticos, que mostram negros escravizados em situações de constrangimento e humilhação, e as representações de filmes e novelas, em que negros ainda não assumem papéis de destaque, mas ficam relegados a papéis de empregados ou subalternos.

O professor consciente de seu papel deve valorizar personagens negros em diferentes funções sociais, incorporando artistas, escritores e cientistas africanos e afrodescendentes no planejamento das aulas. Por meio desse contato, os alunos de diferentes raças passarão ter uma melhor autoestima, orgulho de sua cor e etnia, considerando natural a presença de afro-brasileiros em cargos de chefia ou como importantes pensadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As dificuldades de implementação da prática diária docente em um ambiente de sala de aula harmonioso devido a existência de conflitos entre os alunos impulsionou a realização deste trabalho, tendo em vista que



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

alguns alunos criticavam outros pela cor da pele, tipo de cabelo, ou mesmo por causa da distorção idade/série. Os discentes não tinham nenhuma consciência do respeito pela diversidade, nem tampouco sabiam lidar com as diferenças étnicas e raciais. Daí a necessidade de reflexão sobre a importância da desconstrução do preconceito racial através de ações que despertassem o respeito e uma convivência harmoniosa entre os alunos e a comunidade escolar, bem como promover o respeito mútuo pela diversidade entre os colegas e adotando em sala de aula uma atitude respeitosa, reconhecendo o direito de todos. Esperava-se, como resultado, que o nível de consciência dos alunos melhorasse, e que as atitudes preconceituosas fossem eliminadas por completo, se não assim pelo menos minimizá-las pela conscientização da existência da diversidade étnica e racial.

A proposta pedagógica do projeto procurou socializar o aluno com diferentes temáticas abordando o contexto étnico-racial e, de modo especial, as que estimulassem bons ensinamentos e conhecimentos de sua identidade, da origem de seus antepassados e de atitudes preconceituosas nos diferentes segmentos da sociedade. Por isso, investiu-se em aulas diferentes onde os discursos moralistas fossem substituídos por tarefas afetuosas.

Como resultado, surgiu uma aprendizagem harmoniosa com cores e saberes regados de competências, em que o crescimento intelectual se tornou um elo fecundo na aprendizagem de todos. Observou-se a superação dos comportamentos depreciativos, dentre os alunos, os insultos e desrespeito aos discentes de pele negra. Deste então tem se observado entre os estudantes um relacionamento amistoso, aliado à superação da vergonha de assumir sua identidade negra no convívio escolar. As falas dos alunos durante as aulas demonstram o grau de conscientização que os mesmos alcançaram, revelando a aceitação de sua negritude e orgulho de sua etnia,



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

como também se evidencia na cordialidade com que tratam seus colegas. Vivenciamos um espaço de cumplicidade, de conquistas interpessoais e, acima de tudo, com respeito à diversidade. Todas as aulas teóricas e práticas tornaram-se pilares para a reflexão de que a escola precisa aprender a mover-se em outros espaços sem fazer da sala a única passarela em que desfila o conhecimento.

Através da ludicidade dos jogos, os educandos tiveram condições de vivenciar situações-problemas e estimular seu raciocínio a partir do desenvolvimento de jogos planejados e livres que ajudaram a desenvolver a lógica e a interatividade, permitindo atividades físicas e mentais que favorecem a sociabilidade e estimulando as reações afetivas, cognitivas, sociais, morais, culturais e linguísticas.

Por meio das aulas de campo foi oportunizado aos alunos descobrirem novos ambientes fora da sala de aula, incluindo a observação e o registro de imagens. Estas aulas também ofereceram a possibilidade de trabalhar de forma interdisciplinar, como também constituíram uma excelente forma de levar os alunos a estudarem os ambientes naturais, ou mesmo artificiais, percebendo e conhecendo o ambiente que os cercam através dos diversos recursos visuais, ou seja, levá-los ao ambiente propriamente dito para estimular os sentidos de forma lúdica e interativa.

Através da visita ao S. Benedito, descendente de quilombolas, os alunos tiveram ciência dos valores e princípios morais da identidade negra, motivo de orgulho e não de vergonha, onde se preservam os laços com os antepassados para que os remanescentes possam sobreviver com dignidade e respeito, presente em cada habitante daquela localidade, das crianças aos adultos.

As leituras reflexivas acerca de atividades preconceituosas foram de grande valor para promover mudança de atitudes na escola e, principalmente, manter uma convivência mais saudável na sala de aula.



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Cada texto proporcionou aos alunos uma nova visão de igualdade de direitos aos afrodescendentes, como também para outros que são vítimas de xingamentos preconceituosos ou que venham a sofrer qualquer tipo de ação discriminatória.

Conclui-se, portanto, que o projeto alcançou com êxito todos os seus objetivos, pois enfrentar esses desafios aqui descritos é condição essencial para atender às aspirações dos que almejam a democratização da educação em nosso país, tendo em vista que a escola, neste século, deverá ter compromisso não somente com a produção e difusão do saber culturalmente construído, mas com a formação do cidadão crítico, participativo e criativo. Educar para a cidadania respeitando as adversidades é, sim, uma missão possível.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. Uma história do negro no Brasil. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Palmares, 2006.

ALVES, Rubem. Educação dos sentidos e mais... 6a. ed. Campinas, SP: Verus Editora, 2010.

BARBOSA, Paulo Corrêa. Bahia de todos os santos(as) e Quilombos. Brasília: MEC/SECAD, 2012. 140 p.

BELINKY, Tatiana. Diversidade. Disponível em <<http://atividadesdatiaangelica.blogspot.com.br/2010/02/diversidade-autora-tatiana-belinky.html>> 2010. Acesso em 25 jan 2016, às 17h.

BRANDÃO, Ana Paula (Coord.). Saberes e Fazeres: modos de interagir. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006. V.3

BRANDÃO, Ana Paula (Coord.). Memória das palavras. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006

BRASIL. Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Brasília: MEC/SECAD, 2010.

BRASIL. Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: Ministério da Educação/SECADI, 2013.

BRASIL. Constituição Federal. Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. Brasília, 1988.

CANDAU, Vera Maria; MOREIRA, Antônio Flávio. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. Revista Brasileira de Educação, n.23, p.156 - 168, maio/ago. 2003.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. (Coord.). Somos Todos iguais. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2012.

CUCHE, Denys. A noção de cultura nas ciências sociais. Bauru: EDUSC, 1999.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

DA VINCI, Leonardo. O papel e a tinta. 31 jan 2014. Disponível em <<http://pensadosatinta.blogspot.com.br/2014/01/o-papel-e-tinta-por-da-vinci.html>>. Acesso em 25 jan 2016.

DIOP, Birago. O Sopro dos Ancestrais. Ibrabanga. 13 nov. 2013. Disponível em: <<https://ibrabamba.wordpress.com/2013/11/13/8/>>. Acesso em 05 mar. 2015.

Declaração de Durban. Relatório da Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata. Durban, 31 de agosto a 8 de setembro de 2001. Disponível em <http://www.comitepaz.org.br/Durban_2.htm>. Acesso em 05 mar 2015.

Estórias Quilombolas. Organizadora: Glória Moura; pesquisadores: Juliane Mota e Paulo Dias. Coleção caminho das pedras; v. 3. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2010.

FARIAS, Célia. In: Retomar uma nova noção de autoridade. Revista Na Ponta do Lápis, Ano VIII, n. 19, mar 2012. São Paulo: AGWM Editora e Produções Editoriais, 2012.

FONSECA, G.; CALDEIRA, A. M. A. Uma reflexão sobre o ensino aprendizagem de ecologia em aulas práticas e a construção de sociedades sustentáveis. Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia, v. 1, n. 3, p.70-92, set./dez. 2008.

FRIEDMANN, Adriana. Brincar, crescer e aprender: o resgate do jogo infantil. São Paulo: Moderna, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIAROLA, Flávio Raimundo. Racismo e teorias raciais no século XIX: principais noções e balanço historiográfico. ISSN 1807-1783. Disponível em www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=313#ftn1, 2010.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IPHAN. Patrimônio Cultural. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218>. Acesso em 26 fev. 2016, às 11h.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

LE GOFF, J. História e Memória. Campinas: Unicamp, 1990.

Lenda do Totoró: O tesouro de Félix Gomes. Blog. Jornal Online Cipriano. 11 jan. 2011. Disponível em: <<http://jornalon-lineecipriano.blogspot.com.br/2011/06/lenda-do-totoro-o-tesouro-de-felix.html>>. Acesso em 20 mar. 2015.

LOWENFELD, Viktor. Desenvolvimento da capacidade criadora. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

MORAIS, M. B.; PAIVA, M. H. Ciências: ensinar e aprender. Belo Horizonte: Dimensão, 2009.

MUNANGA, Kabengele. Superando o Racismo na escola. 2 ed. Brasília: MEC/SEC, 2005.

NASCIMENTO, Abdias do. Quilombismo: documentos da militância pan-americana. Petrópolis: Vozes, 1980

OIT. Declaração de Filadélfia. Declaração relativa aos fins e objetivos da Organização Internacional do Trabalho. Lisboa: Etigraf Ltda, 2007. Disponível em :http://www.oit.org.br/sites/all/forced_labour/legis_jur/sumario/Declara%C3%A7%C3%A3o%20de%20Filad%C3%A9lfia.pdf.

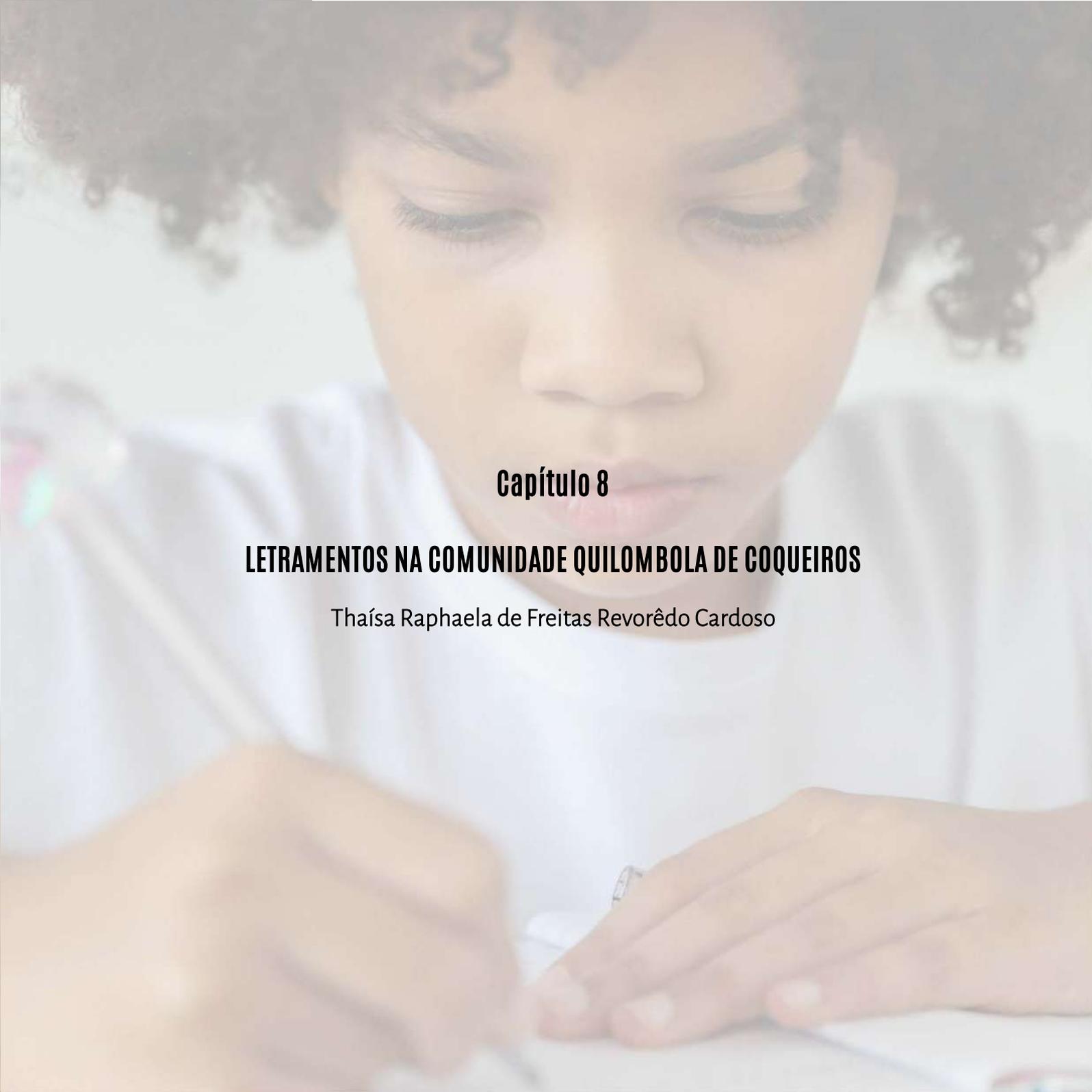
PAIXÃO, Fernando. Canção dos Povos Africanos. 1 ed. Fortaleza: Editora IMEHP, 2010.

SAFFIOTI, H. I. B. O poder do macho. São Paulo: Moderna, 1987. In: CEREJA, William Roberto. Português: Linguagens – Capítulo 3. A cor de um país plural. São Paulo: Atual, 1998.

SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker. Freinet - Evolução Histórica e Atualidades - Col. Pensamento e Ação na Sala de Aula. São Paulo: Scipione, 1994.

THEODORO, Helena. “Buscando caminhos nas tradições”. Superando o Racismo na Escola. 2ª edição revisada / MUNANGA, Kabengele (org.) [online]. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, p.85-99, 2005.

ZABALA, A. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.



Capítulo 8

LETRAMENTOS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE COQUEIROS

Tháisa Raphaela de Freitas Revorêdo Cardoso

LETRAMENTOS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE COQUEIROS

Tháisa Raphaela de Freitas Revorêdo Cardoso

INTRODUÇÃO

A leitura e a escrita são práticas fundamentais para as relações sociais, sobretudo em uma sociedade, em que a escrita é bastante utilizada, como a nossa, pois pressupõem a interação entre o texto e os interlocutores. Diante disso, é necessário destacar que, sobre a palavra “texto”, necessariamente, não estamos considerando a noção comumente privilegiada no livro didático exigido pela escola; assim, entendemos texto como a manifestação nas situações de práticas sociais vivenciadas pelos alunos em forma de gêneros no dia a dia, a saber: letreiros de ônibus, fachadas de lojas, panfletos distribuídos nas ruas e entre outros.

O quadro não é diferente com a população de uma comunidade quilombola, pois em todas as comunidades acontecem essas práticas, que ocorrem de acordo com a realidade vivenciada em cada uma, já que são socialmente construídas. Em outras palavras, por trás das nomeações de “comunidade rural”, “comunidade negra” ou “quilombola”, há variadas práticas de leitura e escrita, desde placas distribuídas pela comunidade, livro de orações, até faixas com frases políticas e religiosas.

Sendo assim, está claro que leitura e escrita vão além dos muros escolares, de modo que essas práticas sociais não devem ser tratadas pela



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

escola como se estivessem desvinculadas de situações reais de uso, como se fossem restritas apenas ao ambiente escolar. Lamentavelmente, muitas escolas ainda insistem em abordar a leitura e a escrita de maneira muito distante das práticas mais recorrentes para os alunos, contribuindo para que esses as tenham apenas como atividades escolares sem aplicação direta na vida, o que acaba por favorecer o desinteresse em relação às aulas de Língua Portuguesa.

Logo, considerando-a uma comunidade em que a escrita é recorrente, em que as crianças antes mesmo de entrarem na escola já possuem algum contato com a leitura, entendemos ser necessário refletir sobre a discriminação que há em relação às comunidades quilombolas e evidenciar as diversas práticas de leitura e escrita distribuídas na comunidade. Levando isso em consideração, em nosso Projeto de Letramento, segundo Kleiman (2000), as práticas de leitura e escrita dentro e fora da sala de aula, da comunidade quilombola de Coqueiros, serão analisadas. Nele, pois, nos propomos a valorizar as práticas orais, através de contos populares narrados pelos moradores da comunidade, a fim de valorizar a cultura local. Nesse sentido, propomos uma intervenção por meio de uma pesquisa de vertente etnografia (ANDRÉ, 2012). Nessa perspectiva, para um projeto de letramento, esse tipo de pesquisa torna-se importante à medida que o trabalho realizado em campo analisa a cultura, a vivência e a sociedade local, através da observação e interação com as pessoas da comunidade.

Dessa forma, para contribuir com a reflexão de que a escrita se encontra presente dentro e fora da sala de aula, este trabalho tem como objeto, práticas de letramento da comunidade quilombola de “Coqueiros”, desenvolvido através de uma pesquisa de vertente etnografia (ANDRÉ, 2012).

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Diante disso, apresentamos como objetivo geral deste trabalho: ressignificar as práticas de oralidade, leitura e escrita, na comunidade quilombola de Coqueiros, como atividades além da sala de aula, por meio de um projeto de letramento. Para atingir essa finalidade principal, traçamos quatro objetivos específicos: (i) identificar práticas de letramento mais recorrentes na comunidade juntamente com os alunos; (ii) conscientizar os alunos de que tais práticas ocorrem fora da sala de aula; (iii) ressignificar a prática de contação de histórias, por meio de atividades de geração de dados e retextualização de contos populares que marcam a história da comunidade, junto com os alunos de uma turma de Ensino Fundamental; (iv) divulgar as narrativas retextualizadas, na Rádio da comunidade, avançando para além dos muros escolares.

Para alcançarmos tais objetivos, discorreremos sobre a retextualização dos contos populares da modalidade oral para a escrita. Tal ação será desenvolvida com os estudantes do 9º ano A, do Ensino Fundamental II, do CERU, Escola Municipal Professor José Tito Júnior, localizada em Coqueiros, próxima à região litorânea do município de Ceará - Mirim. Nesse sentido, propomos a realização de quatro oficinas, intituladas de:

- Oficina 1 – Oficina sobre contos da comunidade;
- Oficina 2 – Oficina de apresentação do gênero conto;
- Oficina 3 – Oficina de retextualização;
- Oficina 4 – Oficina de interação da escola com a comunidade.

Tais oficinas serão realizadas no período estimado de vinte e cinco aulas, para o esclarecimento dos objetivos e das ações que serão desenvolvidas pela professora e os estudantes, dentro e fora da escola.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Para a elaboração do nosso projeto de intervenção, algumas perguntas foram fundamentais para o desenvolvimento dos nossos objetivos:

1. Quais são as práticas de letramento mais recorrentes na comunidade?
2. De que maneira poderíamos, professor e alunos, ressignificar práticas de oralidade, leitura e escrita por meio de um projeto de letramento?

Assim, o que justifica a elaboração deste trabalho é a necessidade de mostrar aos alunos que leitura e escrita são importantes para a formação crítica do cidadão, uma vez que são práticas indispensáveis à nossa atuação em instâncias públicas e privadas de participação social. Tal necessidade se revelou mediante resultados de algumas avaliações nas quais observamos que há um número significativo de alunos que não apresenta proficiência na leitura. Ou seja, dificuldades na compreensão e interpretação textual e ainda dificuldades de formular e desenvolver um argumento diante de algumas situações cotidianas nos levaram à proposição deste trabalho.

Nessa perspectiva, sabemos que a leitura é necessária em diversas áreas do saber, não só para a língua portuguesa, pois além de aprimorar o vocabulário, enriquece a interpretação e amplia a visão de mundo e nos insere em espaços de participação social. A partir disso, evidenciar para os estudantes que leitura e escrita existem além da sala de aula revela-se como uma proposta de ressignificação da aprendizagem. Para isso, partir da retextualização dos contos populares que marcam a história cultural da comunidade configura-se como uma oportunidade de valorização e construção identitária de grande relevância, já que não há registros escritos que singularizam as características culturais do lugar. Algumas pessoas até conhecem os contos que foram repassados oralmente de geração a geração,

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

mas não há registros escritos que garantam historicamente a manutenção da produção cultural da comunidade. Além da potencialização da valorização cultural dessa comunidade, que permanece marcada por histórias orais do passado, o resgate da oralidade também por meio das práticas de leitura e escrita se apresenta com significado relevante para esse povo que as realiza.

A partir dessas questões, este trabalho é ancorado nos estudos de letramento de vertente etnográfica (KLEIMAN, 1995, 2000, 2005; TINOCO, 2008; OLIVEIRA, TINOCO, SANTOS, 2014), no conceito de retextualização (MARCUSCHI, 2010; MATÊNCIO, 2002), na oralidade como base para a comunicação (ONG, 1998) nas práticas sociais de leitura e escrita (CHARTIER, 1996; FREIRE, 1991) e na perspectiva da história cultural de Cascudo (1995, 2004 e 2006).

Portanto, um dos resultados esperados neste trabalho é ressignificar as práticas de oralidade, leitura e escrita, na comunidade quilombola de Coqueiros, como atividades além da sala de aula, por meio de um projeto de letramento, contribuindo para a valorização da bagagem cultural diversificada dos alunos do professor pesquisador, do 9º ano A, que farão parte da pesquisa realizada dentro e fora da escola. E nesse sentido, tornar mais vivenciais e mais significativos os usos que eles fazem da Língua Portuguesa, seja lendo, escrevendo, a fim de que possam agir socialmente nas situações cotidianas, reconhecendo a leitura e a escrita para além de uma atividade escolar improdutiva.

Nesse ponto de vista, o presente trabalho está organizado em quatro partes. Na primeira, nos propomos a tratar sobre os procedimentos metodológicos que envolvem: o paradigma da pesquisa, a sua caracterização e o contexto da ação; na segunda, apresentamos os fundamentos teóricos que conduzem o nosso trabalho, segundo as contribuições de Kleiman (1995; 2000; 2005), Tinoco (2008), Oliveira, Tinoco e Santos (2014), bem como

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Marcuschi (2010), Matêncio (2002), Ong (1998), Chartier, (1996), Freire (1991), além de Cascudo (1995, 2004 e 2006). Em seguida, tratamos sobre o cronograma de atividades previstas e, por fim, os anexos dos contos populares que serão trabalhados em sala de aula, a partir da interação entre o professor e os alunos.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Paradigma da Pesquisa

O paradigma da pesquisa deste trabalho fundamenta-se, metodologicamente, na pesquisa qualitativa e na pesquisa-ação. Concordamos com as perspectivas de André (2012) e Thiollent ([1947] 1992) e, por isso, escolhemos abordar os aspectos principais desses dois tipos de pesquisa.

Uma das metodologias que pretendemos desenvolver, neste trabalho, é chamada de pesquisa qualitativa que visa a ação coletiva e participativa e sugere a investigação dos problemas sociais. Essa abordagem tornou-se popular entre os pesquisadores brasileiros nos anos 80. É, portanto, a concepção idealista-subjetivista ou fenomenológica que, conforme André (2012, p. 18), dá origem à pesquisa qualitativa.

Nessa perspectiva, a fenomenologia, segundo André (2012, p.17) afirma que é necessário entrar no universo de conceitos dos sujeitos para compreender que tipo de sentidos são atribuídos à interação social e eventos diários. Por esse motivo é que a realidade é construída através do sentido dado às experiências diárias, aos novos significados atribuídos aos conhecimentos desses sujeitos.

Segundo subsídios teóricos de André (2012, p.27), dentro de uma vertente qualitativa temos a etnográfica, que tem crescente aceitação na educação, principalmente na escola.

Segundo André (2012, p. 27) a parte de um esquema desenvolvido pelos antropólogos que estuda a cultura e a sociedade. A partir desse conceito temos procedimentos usados para os dados que são gerados, a partir da cultura e do comportamento de um dado grupo social.

Durante a pesquisa é importante perceber que o processo é mais importante do que o resultado. Assim, a pesquisa de campo é a parte mais importante neste projeto, visto que o contato com pessoas e lugares é constante, além de interagir com as pessoas, o objeto de pesquisa e os novos conhecimentos adquiridos. Isso dito, esse tipo de pesquisa está relacionado à observação do pesquisador, à entrevista e a análise dos dados pesquisados.

Além da preocupação com o processo, esse tipo de pesquisa é importante, pois o envolvimento do pesquisador com as pessoas, locais e eventos, no trabalho de campo, trará bons resultados. Segundo André (2012, p. 30) “a pesquisa etnográfica busca a formulação de hipóteses, conceitos, abstrações, teorias e não sua testagem. [...] faz o uso de trabalho aberto e flexível, em que os focos da investigação vão sendo revistos”. Assim, o que esse tipo de pesquisa pretende é a evidência de conhecimentos novos, novas relações entre as pessoas envolvidas e novas maneiras de entender a realidade em que estão inseridos.

A pesquisa do tipo etnográfica, conforme André (2012, p. 41) possibilita a construção do processo e a ligação que configuram a experiência escolar no dia a dia. É justamente através desse processo que se permite observar os participantes e entrevistá-los, desenvolver o que ainda não foi desenvolvido, descobrir as ações, as formas como se comunicam e os significados presentes no cotidiano. O objetivo dessa pesquisa é aproximar-se da escola, a fim de compreender como são desenvolvidas as atividades, métodos, relação entre a realidade e o mundo, valores e aspectos culturais. Essa aproximação com a escola possibilita o crescimento das atividades e



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

interações habituais, visto que é nesse ambiente que se constrói e reconstrói os conhecimentos, além de novos significados.

Portanto, o estudo da pesquisa de vertente qualitativa etnográfica proporciona uma visão ampla, aprofundada do que pode ser complexo. Em outras palavras, para esse tipo de pesquisa é necessário:

1. Trabalho de campo ativo;
2. O problema é apontado durante o trabalho de campo;
3. O pesquisador precisa participar ativamente;
4. Trabalho de interação com outras pessoas envolvidas na pesquisa;
5. Reconhecer várias formas de gerar dados: entrevista, gravação de voz, vídeos, questionários etc.

Assim, apresentamos alguns critérios apontados por André (2012), que servirão de base para a geração de dados do nosso trabalho.

Outro tipo de metodologia que pretendemos desenvolver, para a geração de dados deste trabalho é através da pesquisa-ação. Sobre esse tipo de pesquisa, na concepção de Thiollent ([1947] 1992, p. 9), “a proposta da pesquisa-ação dá ênfase à análise das diferentes formas de ação. Os aspectos estruturais da realidade social não podem ficar desconhecidos [...]” Diante dessa afirmação, as ações que serão desenvolvidas, já que não podem ser ocultas, acontecem nas relações sociais de formas diferentes, a partir de variados procedimentos metodológicos, de situações concretas até a orientação necessária da ação orientada em função da resolução de problemas.

A pesquisa-ação é social e cooperativa que objetiva a solução de problemas através do trabalho coletivo. Nesse tipo de pesquisa inclui alguns procedimentos centrais: o primeiro deles é o estabelecimento de conversas

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

na e fora da sala de aula, com diferentes participantes da comunidade, tais como: os estudantes do 9º ano A, do Ensino Fundamental II, a presidente da associação quilombola, os moradores das adjacências da escola, os pais, os avós, responsáveis dos estudantes da comunidade e a professora-pesquisadora.

Nessa concepção, segundo Thiollent ([1947] 1992, p. 14), a pesquisa-ação se desenvolve através da pesquisa social com base empírica. Essa concepção é baseada na experiência e na observação, através do processo de interação entre pesquisador e participantes, de modo que exista uma associação de uma ação com a solução de um problema coletivo.

A interação entre pesquisadores e membros da pesquisa é importante, conforme Thiollent ([1947] 1992) esse tipo de comunicação é importante para a geração de dados. Assim, os membros da pesquisa-ação sentirão segurança e confiança no momento em que precisarem fornecer dados para a colaboração do trabalho.

A pesquisa-ação, consoante Thiollent ([1947] 1992, p. 17) “é organizada para realizar objetivos práticos de um ator social homogêneo dispondo de suficiente autonomia para encomendar e controlar a pesquisa”. Dessa forma, um ator social se refere a um grupo ativo, que interage com os pesquisadores, os quais assumem o propósito do trabalho, além de orientar a investigação através dos meios disponíveis, seja em meio aberto, bairro popular ou comunidade quilombola.

Sobre a ação e o conhecimento, Thiollent ([1947] 1992, p. 39) “está no centro da problemática metodológica da pesquisa social voltada para a ação coletiva”. Essa ação coletiva constitui a ligação entre o conhecimento e a ação, no que se refere ao conhecimento para poder agir e o conhecer para fazer. São nessas ações que a pesquisa social e a ação se desenvolvem para obter informações e conhecimentos a partir de uma determinada ação planejada.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Assim, para atingir esses conhecimentos, na pesquisa-ação são necessários:

- ✓ Buscar informações sobre os atores sociais;
- ✓ Trabalhar os conhecimentos prévios, através da interação entre pesquisador e atores sociais;
- ✓ Desenvolver atividade empírica;
- ✓ Manter a comunicação com os participantes para buscar resultados;
- ✓ Realizar ações com objetivos práticos;
- ✓ Interagir com os participantes, orientando a investigação através dos meios disponíveis.

Por meio dessas ações, a pesquisa-ação pretende atingir objetivos, ações concretas, aprendizagens durante a intervenção e transformações no campo social. Tais ações são marcadas pelo caráter coletivo, mas, segundo Thiollent ([1947] 1992, p. 97) em algum momento da pesquisa, as técnicas individuais também poderão ser utilizadas: entrevistas, gravação de voz e questionários. Em todo caso, para que uma ação seja realizável, a ação precisa estar de acordo com a situação.

Diante disso, entendendo a importância de ressignificar as práticas de oralidade, leitura e escrita, na comunidade quilombola de Coqueiros, como atividades além da sala de aula, por meio de um projeto de letramento, a partir dessas ações surge a caracterização da pesquisa e da ação deste projeto.

Apresentado o paradigma do trabalho, faz-se necessário apresentarmos a caracterização da pesquisa, sobre a qual passaremos a tratar.

CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A caracterização deste trabalho apresenta o objetivo de investigar, através da pesquisa qualitativa etnográfica (ANDRÉ, 2012) e da pesquisa-ação Thiollent ([1947] 1992, p. 7), a relação entre oralidade, leitura e escrita presente na comunidade quilombola de Coqueiros.

Diante do exposto, iniciamos a caracterização da pesquisa citando a existência de pequenas comunidades quilombolas no interior do estado do Rio Grande do Norte, assim como em Macaíba, conhecida como Capoeiras, que tem aproximadamente, 325 famílias, compostas por descendentes de negros libertos, procedentes da Serra de Martin, segundo estudos de Miller (2017).

Ainda conforme essa caracterização, temos a comunidade de Coqueiros, foco deste projeto, também reconhecida como quilombola. Sobre esse conceito de comunidade quilombola, Miller (2017, p. 63) “a identidade “remanescente de quilombo” está relacionada à origem da comunidade e às relações de cooperação estabelecidas entre os moradores, que são todos aparentados”. Em outras palavras, a relação de parentescos entre as famílias tradicionais de Coqueiros, está sempre relacionada ao sentimento de pertencimento à comunidade.

Isto posto, destacamos ainda a existência do preconceito sobre o quilombola, já que algumas pessoas acreditam que a identidade está relacionada apenas aos negros, pobres e fugidos da escravidão, além de não existir leitura e escrita.

Diante dos expostos acima, o presente projeto de intervenção, que se configura na área dos estudos do letramento de vertente etnográfica (ANDRÉ, 2012), pretende romper preconceitos nos usos de leitura e escrita da cultura da comunidade quilombola Coqueiros, localizada em Ceará-

Mirim. Tal comunidade rural recebeu o nome de quilombola no início de 2017.

A pesquisa qualitativa de vertente etnográfica é muito desenvolvida no processo de ensino-aprendizagem e para estudar a cultura e a sociedade, sendo caracterizada pelo processo de investigação e interação entre o investigador e as pessoas envolvidas, não é voltada a dados numéricos, ou seja, aborda o trabalho descritivo, a ação e, até mesmo, estudos históricos. São usadas técnicas para gerar dados, a fim de descobrir as crenças e os hábitos de uma comunidade. É um trabalho de campo, em que o pesquisador precisa realizá-lo pessoalmente, a fim de interagir com as pessoas que contribuirão para a geração dos dados. Assim, André (2012) diz que o contato com o campo precisa ser constante, pois é necessário entender a vida desse grupo. Durante esse contato, o professor pesquisador pode usar alguns instrumentos de pesquisa como, por exemplo: gravação de voz e vídeo, questionários, entrevistas semiestruturadas e fotos.

Desse modo, nesse tipo de pesquisa, o professor investigador participa ativamente, pois ele não é um mero observador, se fazendo presente como um orientador da ação desenvolvida. Conforme André (2012), a técnica etnográfica consiste em uma interação entre o pesquisador e o objeto da pesquisa, assim, ele pode atuar como protagonista na geração e estudo dos dados. O professor investigador precisa interagir com o objeto da pesquisa, pois para obter dados, é necessário que exista confiança para que nenhuma informação seja omitida.

Durante a análise, apresentamos mais uma característica marcante nesse tipo de pesquisa, em que o professor pesquisador não ressalta somente os resultados, mas durante o processo. Deste modo, segundo André (2012, p. 29), “A pesquisa etnográfica tem a ênfase no processo, naquilo que está ocorrendo e não no produto ou nos resultados finais”. A ênfase é dada no processo da pesquisa porque é durante ele que se permite reformular os



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas
desenvolvimentos e as relações que caracterizam a experiência escolar diária.

Nesse tipo de pesquisa de vertente etnográfica, há também uma preocupação com os significados, ou seja, com o que as pessoas pensam sobre a pesquisa, como elas se sentem durante o processo, como são suas experiências e como analisam o mundo em que vivem.

Desse modo, temos a pesquisa-ação, que está dentro da pesquisa de vertente etnográfica que, segundo André (2012, p. 33) “envolve sempre um plano de ação, plano esse que se baseia em objetivos, em um processo de acompanhamento e controle da ação planejada e no relato concomitante desse processo”. E, por esse motivo, muitas vezes o nosso projeto de pesquisa-ação recebe o nome de intervenção, pois visa o planejamento das ações em busca dos objetivos pretendidos. Essas ações visam o desenvolvimento da pesquisa de campo, através da investigação e análise dos dados.

Com isso, temos os passos da metodologia da pesquisa-ação que, segundo Thiollent ([1947] 1992, p. 7), “[...] enquanto linha de pesquisa associada a diversas formas de ação coletiva é orientada em função da resolução de problemas ou de objetivos de transformação”. Em outros termos, “toda pesquisa-ação é participativa, além de transformar a realidade e apenas será assim caracterizada se, de fato, existir uma ação entre as pessoas envolvidas, a fim de solucionar um problema” (THIOLLENT, ([1947] 1992, p. 7). Diante disso, este projeto colaborativo, que conta com a ação coletiva do professor pesquisador e dos agentes colaboradores, como alunos e moradores da comunidade, pretende romper com o preconceito envolvendo leitura e escrita, na comunidade de Coqueiros, através de mapeamentos, pesquisa com moradores e estudantes, palestra de um professor conhecedor do assunto sobre quilombola, atividades desenvolvidas na escola e oficinas de oralidade, leitura e escrita. Tudo isso,



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

na pretensão de ressignificar a Língua Portuguesa, a partir da retextualização de contos populares da oralidade presentes na comunidade.

Este trabalho parte de uma problemática sobre leitura e escrita, ou seja, referente ao preconceito existente na comunidade de Coqueiros. O interesse em realizar esta pesquisa na comunidade, localizada na zona rural de Ceará-Mirim, é buscar ampliar o conhecimento cultural e linguístico, a partir dessa problemática de leitura e escrita. Tendo essa informação como base, surgiu, durante as aulas de língua portuguesa, já que o trabalho é realizado na escola CERU, localizada na comunidade, a partir de dificuldades na leitura e na escrita, presentes no desenvolvimento dos estudantes do Ensino Fundamental II. Diante disso, assumimos o papel de desenvolver o trabalho com a oralidade, leitura e escrita, por meio de contos populares, conhecidos ou não pelos discentes, através de ações que serão desenvolvidas, com o propósito da mudança da modalidade oral para a escrita, através de oficinas.

Para os estudantes dessa comunidade, a cultura assume um papel importante na dança e no reconhecimento como quilombola e, diante disso, a inserção dos contos pode exercer também a função cultural, já que valoriza as histórias locais.

Para a elaboração do objeto deste trabalho, as práticas de letramentos, inicialmente, foram desenvolvidas através de um mapeamento realizado pela comunidade, a fim de analisar as práticas de leitura e escrita existentes na comunidade. A partir disso, ao ouvir alguns moradores, descobrimos a presença da oralidade nos contos populares, embora não exista nada escrito. À vista disso, surge a necessidade de trabalhar esses contos, mudando-os de modalidades.

Sobre o conhecimento adquirido durante a pesquisa-ação é importante ressaltar que não existe apenas a ação no desenvolvimento do projeto, mas também a produção de conhecimentos. Sobre esse



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

conhecimento adquirido, Thiollent (1947] 1992, p. 22), “[...] diz que a pesquisa-ação é necessária para a produção de conhecimentos, adquirir experiências, contribuir para a discussão ou fazer avançar o debate acerca das questões abordadas”. Em outras palavras, o projeto apresenta grande importância na aquisição do conhecimento, já que é um trabalho colaborativo, visto que os agentes colaboradores irão adquirir saberes através das trocas de experiências entre eles, além de novas formas de entender a realidade.

Portanto, neste trabalho há uma ação colaborativa que está ressaltando o processo da pesquisa e não o produto, podendo existir alguma intervenção a qualquer etapa desenvolvida. Essa pesquisa de vertente etnográfica, apresenta como objeto pesquisado, o estudo dos contos populares orais existentes na comunidade quilombola de Coqueiros, que serão retextualizados com o objetivo de ressignificar práticas de oralidade, leitura e escrita na comunidade quilombola de Coqueiros, como atividades além da sala de aula, por meio de um projeto de letramento.

Contexto da Ação

Nesta seção, trataremos do contexto da ação. Como nesta pesquisa, os principais espaços de investigação são: a comunidade quilombola de Coqueiros e a escola Professor José Tito Júnior – CERU, apresentaremos características da comunidade e da escola. Somando-se a isso, apresentaremos os colaboradores da pesquisa, os contos populares e a proposta de intervenção.

❖ **A comunidade de Coqueiros**

O objetivo desta seção é apresentar o local da pesquisa. Para tanto, será dada uma definição breve sobre a comunidade de Coqueiros e os moradores desse local.

A comunidade de Coqueiros está localizada na zona rural de Ceará-Mirim, próxima à região litorânea da Costa leste do Rio Grande do Norte, perto das praias de Muriú, Porto Mirim e Jacumã. De acordo com o Censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, no ano 2015, sua população é de 72.878 habitantes. Área territorial de 740 km². Encontra-se localizada a 28 km da capital do estado, Natal.



Figura 36 Vista da comunidade quilombola de Coqueiros. Fonte: acervo da pesquisadora.

Para Firmiano (2009), “Coqueiros é conhecida como uma comunidade remanescente de quilombo. Nota-se que existe, na comunidade, uma certa resistência em aderir ao termo quilombola, pois a

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

categoria mais aceita pelos moradores seria de negros livres.” (FIRMIANO, p. 7, 2009). Tal resistência apontada pelo autor acontece pelo fato histórico da escravidão, ou seja, dos negros que fugiam dos engenhos e casarões para a zona rural.

Ainda conforme Firmiano (2009), as comunidades remanescentes apresentam características semelhantes como elementos culturais, traços biológicos distintos como a cor de pele, elementos linguísticos e religiosos. Sobre esse conceito de comunidades remanescentes, Firmiano (2009, p. 11) diz que “está relacionado à dimensão de quilombo utilizado no período do Brasil Colonial. Os remanescentes configuram como quilombos contemporâneos”. Assim, o que pode ser percebido sobre os que restaram é que se caracterizam como quilombos atuais.

Essa comunidade quilombola é composta por pessoas que vivem em comunidades rurais, suburbanas e urbanas caracterizadas pela agricultura de subsistência e por manifestações culturais que têm forte vínculo com o passado africano, como a dança do Maculelê. Nesse local, encontram-se granjas, sítios, bares, restaurantes, escolas, centros comunitários, mercadinhos, igrejas e pracinhas. A estrada também mostra os antigos casarões, engenhos e as praias do litoral norte do estado.

Segundo relatos da presidente do conselho quilombola, Coqueiros é citado na historiografia potiguar pela forte presença negra de descendentes de escravos. Segundo Firmiano (2009, p. 12):

No Rio Grande do Norte, a presença negra e seus remanescentes estão espalhados por todas as regiões do Estado, compondo várias comunidades negras rurais. Esses remanescentes, vivendo situações variadas e complexas, apresentam elementos comuns no que diz respeito à relação com a terra, ao passado histórico, sendo a questão da terra um bem

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

fundamental dessas comunidades, de onde retiram os produtos essenciais para sua sobrevivência.

O que pode ser percebido, a partir do trecho referido acima é que, em nosso estado, ainda existe a presença dos negros remanescentes, encontrados em variadas comunidades rurais e, dessa forma, ainda vivem em situações difíceis quanto ao esforço material, à sua história, além da importância de suas terras como meio de sobrevivência e, por esse motivo, ainda sobrevivem da agricultura de subsistência

A estrada que leva a Coqueiros, no sentido de quem sai de Ceará-Mirim, mostra uma paisagem em processo de mudança, já que seus antigos engenhos, casarões e a região canavieira dividem espaço com construções mais atuais.



Figura 37 Vista da estrada de Coqueiros. Fonte: <https://hattie.wordpress.com/>. Disponível em: <https://hattie.wordpress.com/2011/11/20/10-passeio-ciclistico-da-proclamacao-da-republica-ceara-mirim-rn/> Acesso em: 10/06/2019.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Até a chegada à comunidade é possível encontrar casarões dos donos dos engenhos, igrejas, o antigo banho das escravas e uma trilha ecológica.



Figura 38 Vista da comunidade quilombola de Coqueiros. Fonte: Blog Jota Maria – Ceará-Mirim. Disponível em: <http://jotamaria-cearamirim.blogspot.com/2010/04/barao-de-cearamirim.html>. Acesso em 9/11/2018.

O nome da comunidade Coqueiros, segundo relatos de moradores, surgiu a partir de um coqueiro existente no início da comunidade, onde os negros fugidos se escondiam, embora existam fatos históricos que marcam a identidade da comunidade. Consoante Firmiano (2019, p. 19):

As pesquisas genealógicas e documentais apontam que os primeiros moradores de Coqueiros chegaram por volta da metade do século XIX. É possível que o grupo tenha ocupado o espaço sem adquirir legalmente as terras. [...] A versão nativa aponta para negros fugidos ou libertos da região.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Sendo assim, a partir da análise com as histórias das famílias, sua linhagem, ascendência e documentos, os primórdios de Coqueiros são da metade do século XIX, e, ainda existe possibilidade da ocupação de terras, por esses moradores, ter sido realizada ilegalmente. Os moradores nascidos em Coqueiros relatam que os primeiros moradores eram negros fugidos ou aqueles que, de algum modo foi concedida a liberdade.

Desse modo, conforme citado, as comunidades quilombolas apresentam características de parentescos e, em Coqueiros, o destaque é para quatro famílias: Baracho, Belo, Cândido e Lúcio. Ainda consoante Firmiano (2019, p. 16-17):

As pessoas mais idosas se referem muitas vezes a um passado de pobreza, de escassez de alimentos. Havia apenas pequenas casas de taipas espalhas, espaçadas umas das outras. Organizados em tiras de terras como eram chamados localmente eram divididos entres as famílias desde o alagadiço até o risco.

Dentre os fatores que caracterizam a comunidade, segundo relatos dos próprios moradores, a falta de alimentos era constante, as casas eram distantes, pequenas e construídas de material de barro armado. Sobre os alimentos, os principais produtos produzidos, através da agricultura de subsistência eram batata, macaxeira, feijão e milho.

Coqueiros é uma comunidade que foi reconhecida como quilombola a partir de sua questão histórica, de origem dos primeiros moradores, por causa dos primeiros habitantes que trabalhavam como mão de obra escrava nos engenhos de Ceará-Mirim, vieram fugidos da cidade e permaneceram escondidos em Coqueiros.



Figura 39 Vista da praça da comunidade quilombola de Coqueiros. Fonte: Blog do Barão de Ceará-Mirim. Disponível em: <http://jotamaria-cearamirim.blogspot.com/2010/04/barao-de-ceara-mirim.html>. Acesso em 9/11/2018.

Na praça da comunidade quilombola Coqueiros, pode ser vista atrás das árvores, a associação da localidade, que funcionava, até meados de 2018, com algumas apresentações culturais, como dança do Maculelê e de capoeira. Essas apresentações contavam com a colaboração de moradores e do mestre de capoeira do local. No ano de 2019, a presidente da associação, dona Joana Baracho, contou que a comunidade passou a receber cestas básicas distribuídas pelo Governo Federal, devido ao seu reconhecimento quilombola. São quase 550 famílias beneficiadas. Todas essas cestas são distribuídas e, em seguida, listas são preparadas para a prestação de contas. Essa distribuição de cestas ajuda famílias carentes, sem renda, sem recurso financeiro próprio.

Para uma análise do contexto da ação, um mapeamento realizado na comunidade foi desenvolvido, a fim de observar práticas de leitura, com o foco de desmistificar o preconceito de que não se pratica a ação de escrever.



Figura 40 Fonte: acervo da pesquisadora

A faixa exposta em um dos sítios existentes na comunidade representa uma frase constantemente usada na campanha do presidente do Brasil, em 2018, que continua exposta na entrada da fazenda. O atual presidente Bolsonaro, em sua campanha presidencial, no ano de 2018, usou o bordão: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, que trata de uma apropriação de brado da Brigada de Infantaria Paraquedista do Exército, durante a ditadura militar, no final da década de 1960. A faixa mostra um exemplo de escrita presente na comunidade. Isso prova que leitura e escrita não são reclusos à sala de aula. Diante disso, os moradores da comunidade quilombola de Coqueiros estão cercados por práticas de leitura e escrita.



Figura 41 Exemplo de prática de escrita encontrado na comunidade quilombola de Coqueiros. Fonte: acervo da pesquisadora.

As faixas estão presentes na estrada de Coqueiros e, em frente a outro sítio, temos a demonstração de mais uma prática de escrita, por meio de um salmo, através do qual percebemos a religiosidade presente na comunidade. A faixa também mostra a relação entre leitura e escrita presente na comunidade, não apenas na sala de aula ou em livros e revistas. Assim, sobre os estudos de letramentos, segundo Kleiman (2000), “[...] as práticas de leitura e escrita dependem de algumas agilidades”. Como vimos, através das imagens, há inúmeras ações cotidianas que envolvem essas práticas, desde a leitura de um bilhete na geladeira, a conta de luz de uma residência e faixas distribuídas pela comunidade de Coqueiros.



Figura 42 Exemplo de prática de escrita encontrado na comunidade quilombola de Coqueiros. Fonte: acervo da pesquisadora.

Podemos perceber mais uma representação de uma prática de escrita encontrada na comunidade, na atividade de mapeamento de escrita. A faixa acima estava ao lado do posto de saúde da comunidade, no período em que a Secretaria de Saúde promovia um projeto de educação ambiental. Esse tipo de evento não ocorre com frequência. Os eventos, em sua maioria, são organizados pelo Centro de Referência de Assistência Social - CRAS e divulgados nas escolas. Diante disso, fica evidente que a escrita está presente em ambientes diversos dessa comunidade.

Apresentados os aspectos representativos da comunidade, faz-se necessário apresentarmos o *locus* propriamente dito da pesquisa, sobre o qual passaremos a tratar.

❖ **A Escola Municipal Professor José Tito Júnior**

A finalidade desta seção é apresentar o local da pesquisa, ou seja, a escola. Para tal, será realizada uma caracterização breve sobre a localização e o perfil geral da instituição.

Localizada em Coqueiros, a Escola Municipal de Ensino Fundamental II, Professor José Tito Júnior, mais conhecida como CERU, recebeu esse nome porque José Tito Júnior era o proprietário do terreno que foi concedido, através de doação, para a sua construção. Fundada em outubro de 1995, o colégio abrange também estudantes de alguns povoados: Boa Vista, Capim, Rio dos Índios, Alto do Sítio, Aningas, Imbiribeira, Capoeira Grande e Caiana.



Figura 43 Fachada externa do CERU. Fonte: Google Maps. Acesso em 05/10/2018.

A fachada externa da escola de Ensino Fundamental II, da referida comunidade quilombola, apresenta vasta área com um terreno extenso,

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas arborizado, com um local que serve de estacionamento para os professores. Perto da escola há mercadinho, uma lanchonete, o CRAS, borracharia, algumas casas, bar e, inaugurado em meados de 2018, um restaurante popular. Nesse local, será desenvolvido o projeto de vertente etnográfica com a pretensão de ressignificar as práticas de oralidade, leitura e escrita.

A escola apresenta uma biblioteca, entretanto tem um acervo constituído por poucos livros, em sua maioria, de literatura infanto-juvenil. Além disso, a escola dispõe dos seguintes equipamentos: 1 computador na secretaria; seis computadores para o uso dos alunos, 2 computadores para uso dos professores, 1 equipamento de som; 1 impressora e 2 projetores multimídia (Datashow).



Figura 44 Foto interna do Centro Educacional Rural Professor José Tito Júnior. Fonte: acervo da pesquisadora.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

A estrutura interna da escola apresenta um espaço suficiente para a quantidade de alunos nos dois turnos, salas de aula relativamente grandes e o refeitório abriga boa parte dos alunos. Atualmente, a escola tem uma estrutura de 5 salas de aula, uma diretoria, uma coordenação, banheiro de professores e alunos, biblioteca, cozinha, pátio, refeitório, uma quadra interna e uma externa. São três turmas de 6º, duas de 7º anos, duas de 8º, duas de EJA, e uma de 9º ano, nos turnos matutino e vespertino.

A escola funciona em dois turnos com cinco turmas em cada um. No matutino, são: duas de 6ºano, duas de 7º ano e uma de 8º ano. As salas têm, em média, cinquenta e cinco alunos. No turno vespertino, são: duas de EJA, uma de 6º ano, uma de 8º ano e uma de 9º ano. A escola tem um número de 545 alunos nos dois turnos.

Em 2018, a equipe gestora era formada por uma diretora e dois coordenadores, sendo um por turno. Quanto aos professores, são doze, distribuídos nos dois turnos. Em relação aos funcionários, são oito: quatro merendeiras, duas auxiliares de serviços gerais e dois porteiros. Em 2019, a equipe gestora é formada pela diretora e uma coordenadora para os dois turnos.

No ano de 2018, a internet chegou à escola, para uso dos computadores da secretaria, dos professores e para os estudantes. Esse serviço agilizou bastante o serviço da escola, sobretudo em relação às inscrições das olimpíadas de língua portuguesa e matemática, além de processos seletivos, como o Exame de Seleção do IFRN, para os alunos.

A escola também desenvolve eventos anuais, que são importantes para a instituição, pois marca a valorização cultural da comunidade como, por exemplo: a gincana cultural, a semana do meio ambiente e a apresentação do Maculelê na semana do município de Ceará-Mirim. A semana do município ocorre em Ceará-Mirim e apresenta trabalhos das escolas locais, que ocorre no mês de julho, a fim de expor trabalhos sobre a

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

cidade, com o auxílio dos professores. Durante a semana, os professores trabalham temas sobre a localidade, os alunos apresentam na escola para representantes que são enviados pela secretaria e, como culminância, no último dia, alguns estudantes são escolhidos para uma apresentação na cidade.

Na comunidade quilombola Coqueiros, o Maculelê é a apresentação cultural de grande relevância para os estudantes da escola CERU, visto que as letras das músicas contam um pouco da história dessa população. A dança é importante para os estudantes, pois a apresentação conta com o apoio do mestre de capoeira da comunidade. O Maculelê é uma dança característica dessa comunidade, visto que é associada à capoeira, representada por uma simulação de uma luta tribal, usando bastões como armas. Tal manifestação desenvolve o ritmo musical africano e culmina com a apresentação em Ceará-Mirim, evento que proporciona muita satisfação aos alunos.



Figura 45 Apresentação do Maculelê na Semana do Município de Ceará-Mirim.

Essa apresentação cultural do Maculelê representa a história cultural do povo da comunidade de Coqueiros, através do ritmo musical e da dança. Os



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

estudantes apresentam grande estima ao participarem desses eventos, pois representam a luta dos seus antepassados. E, para a caracterização da escola, é um aspecto importante, pois destaca a valorização cultural dos moradores dessa comunidade.

Feita a descrição da Escola, passemos à caracterização dos colaboradores de pesquisa.

Colaboradores da pesquisa

O propósito desta seção é apresentar os sujeitos colaboradores da pesquisa, tendo em vista que defendemos a relevância de considerar as especificidades dos sujeitos envolvidos por se tratar de um projeto de letramento. Para isso, tivemos a colaboração de moradores e alunos da comunidade nessa observação inicial. Diante disso, deixaremos claro que, conforme solicitação do Comitê de Ética, até o momento, não houve a geração de dados, haja vista que aguardamos o resultado do que foi solicitado, para concretizarmos a análise dos dados.

Os colaboradores da pesquisa são moradores da comunidade e mais 20 alunos da turma de 9º ano, anos finais do Ensino Fundamental, do turno vespertino, da escola apresentada anteriormente, os quais residem em lugares diferentes, conforme o quadro.

QUADRO 1 – Distribuição dos alunos do 9º ano de acordo com a localização

LOCALIZAÇÃO	QUANTIDADE DE ALUNOS
Coqueiros	5
Aningas	3
Rio dos Índios	2

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Capoeira Grande	1
Alto do Sítio	9

Fonte: Dados da pesquisadora (2019)

Os alunos participantes das oficinas residem em Coqueiros, Aningas, Rio dos índios, Capoeira Grande e Alto do Sítio. O modo como chegam à escola é no transporte escolar, a pé ou de bicicleta, principalmente, os que assistem em Aningas, são mais dependentes do ônibus disponibilizados pelo Município de Ceará-Mirim, já que o local se encontra a 11, 7 km de Coqueiros. Em virtude disso, propor atividades fora do horário regular de aulas fica inviabilizado para alguns. Quanto à faixa etária dos alunos envolvidos no projeto, são estudantes entre 13 e 16 anos, conforme o quadro 2.

QUADRO 2 – Distribuição dos alunos do 9º ano de acordo com a faixa etária

FAIXA ETÁRIA	QUANTIDADE DE ALUNOS
13 anos	1
14 anos	12
15 anos	4
16 anos	3

Fonte: Dados da pesquisadora (2019)

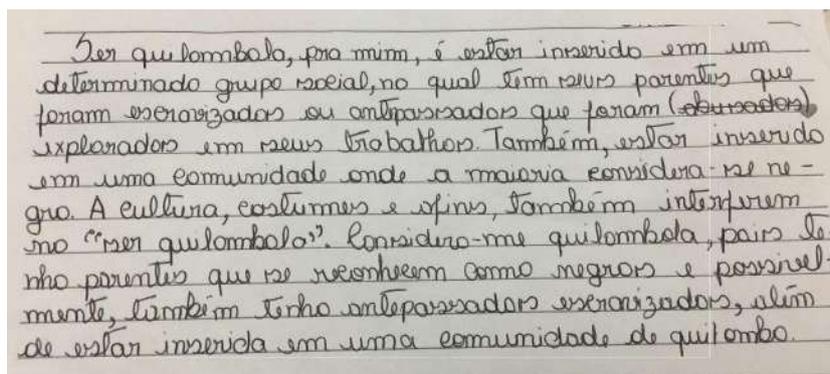
A pequena disparidade de idades não constitui um desafio para a nossa intervenção, sobretudo porque não há dificuldade no planejamento de atividades que atendam às especificidades de todos. Assim, tivemos o cuidado de observar os conteúdos trabalhados nas oficinas, sabendo que

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

haverá alguma divergência, tendo em vista que é na diversidade que potencializamos as aprendizagens.

Diante disso, traçamos um perfil identitário sobre três alunos de Coqueiros, que estavam presentes na sala de aula, no que diz respeito ao termo quilombola, conforme citado abaixo.

Vejamos o primeiro:



Ser quilombola, pra mim, é estar inserido em um determinado grupo social, no qual tem seus parentes que foram escravizados ou antepassados que foram (abusados) explorados em seus trabalhos. Também, estar inserido em uma comunidade onde a maioria considera-se negro. A cultura, costumes e afins, também interferem no "ser quilombola". Considero-me quilombola, pois tenho parentes que se reconhecem como negros e possivelmente, também tinha antepassados escravizados, além de estar inserida em uma comunidade de quilombo.

Figura 46 Perfil identitário 1. Fonte: Dados da pesquisadora (2019).

Quanto ao conteúdo, a aluna destacou o que é ser quilombola, em sua concepção, que remete ao passado das pessoas que foram escravizadas, a cultura e os costumes. Ela também afirma que se insere como quilombola, já que tem familiares negros com antepassados referentes ao processo de exploração de trabalho.

Transcrição do perfil identitário 1

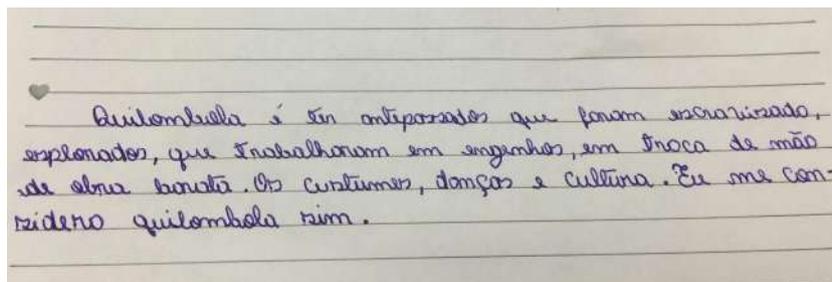
Ser quilombola, pra mim, é estar inserido em um determinado grupo social, no qual tem seus parentes que foram escravizados ou antepassados que foram (abusados) explorados em seus trabalhos. Também, estar inserido em uma

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

comunidade onde a maioria considera-se negro. A cultura, costumes e afins, também interferem no “ser quilombola”. Considero-me quilombola, pois tenho parentes que se reconhecem negros e possivelmente, também tenho antepassados escravizados, além de estar inserida em uma comunidade de quilombo.

A produção apresenta uma construção bem desenvolvida e com um reconhecimento quilombola, visto que o grupo social em que a estudante está inserida é composto por parentes que foram escravizados e, dessa forma, ela se insere também como quilombola. Quanto à organização de períodos, temos quatro em que não há dificuldades em sua compreensão, embora exista a ausência de alguns conectores no início deles. O texto é conduzido na perspectiva da autora, sobre seus conhecimentos sobre quilombolas “*é estar inserido em um determinado grupo social, no qual tem seus parentes que foram escravizados ou antepassados que foram (abusados) explorados em seus trabalhos.*” Há o momento de reconhecimento quilombola “*Considero-me quilombola, pois tenho parentes que se reconhecem negros e possivelmente, também tenho antepassados escravizados, além de estar inserida em uma comunidade de quilombo*”. A repetição da palavra “*também*” traz a ideia de acréscimo de informação.

Agora, passemos ao segundo perfil identitário:



Quilombola é um antepassado que foram escravizados, explorados, que trabalharam em engenhos, em troca de mão de obra barata. Os costumes, danças e cultura. E me considero quilombola sim.

Figura 47 Perfil identitário 2. Fonte: Dados da pesquisadora (2019).

Quanto ao conteúdo, observamos mais um destaque sobre o que é ser quilombola, visto que sempre remete às pessoas que tiveram antepassados e foram escravizadas, sobre a cultura, a dança e os costumes. Ela também afirma que se insere como quilombola.

Transcrição do perfil identitário 2

Quilombola é ter antepassados que foram escravizado, explorados, que trabalharam em engenhos, em troca de mão de obra barata. Os costumes, danças e cultura. Eu me considero quilombola sim.

Quanto à organização, na segunda transcrição, observamos uma construção com poucos períodos, apenas três, uns mais curtos que apresentam poucas palavras sobre o assunto. Outra questão para destacarmos é o desenvolvimento da caracterização do termo “quilombola”, já que uma melhor descrição poderia enriquecer o parágrafo e acrescentar um perfil mais desenvolvido. O texto é conduzido de acordo com os conhecimentos prévios da autora. Encontramos algumas palavras com problemas ortográficos “escravizado”, “explorado” e “costumes”, porém não interfere na coerência da resposta da aluna. Há também um problema de concordância “Quilombola é ter antepassados que foram escravizado” muito presente na fala. A ausência de elementos coesivos entre os períodos também está presente no texto. A forma como se dá o desfecho é repentina, sem explorar mais aspectos que caracterizam a estudante como quilombola.

Agora, passemos ao terceiro perfil identitário:

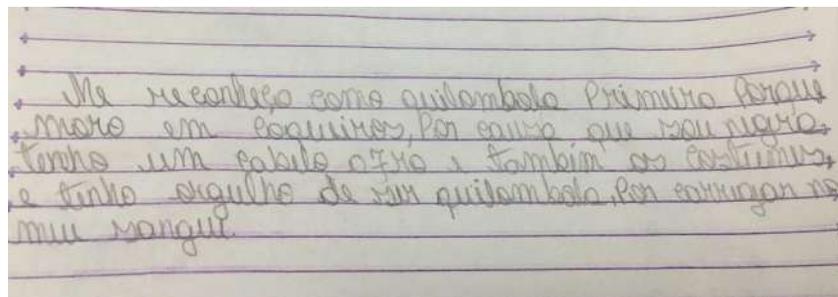


Figura 48 Perfil identitário 3. Fonte: Dados da pesquisadora (2019).

Sobre o perfil identitário 3, quanto ao conteúdo, notamos mais um destaque sobre o que é ser quilombola, remetendo, não ao passado das pessoas que foram escravizadas, mas pelo fato de ser negra, ter cabelo afro, ter os costumes da comunidade, além de ser moradora de Coqueiros. Ela também afirma que se insere como quilombola, pois carrega no sangue essa característica.

Transcrição do perfil identitário 2

Me reconheço como quilombola primeiro porque moro em coqueiros, por causa que sou negra tenho o cabelo afro e também os costumes e tenho orgulho de ser quilombola, por carregar no me sangue.

A produção apresenta uma construção pouco desenvolvida, simples e rápida. E, mais uma vez, com um reconhecimento quilombola, através de características físicas e culturais. Quanto à organização de períodos, temos um período em que não há dificuldades em sua compreensão, embora exista a falta de pontuação. O texto é conduzido na perspectiva da autora, sobre seus conhecimentos sobre quilombolas “primeiro porque moro em coqueiros, por causa que sou negra tenho o cabelo afro e também os costumes.” Há o

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

momento de reconhecimento quilombola *“tenho orgulho deser quilombola, por carregar no me sangue”*. Podemos destacar também o uso do adjetivo *“orgulho”*, quando a aluna faz a descrição do que é ser quilombola. A ausência da pontuação também é perceptível, além da repetição de alguns conectivos *“e”* e *“por”*. O desfecho também se apresenta de forma clara e curta, quando se refere ao mesmo grau de parentesco *“por carregar no me sangue”*.

Diante desse perfil identitário, surgiu o interesse de trabalhar a comunidade quilombola de Coqueiros, através dos seus traços culturais e sociais que vão agregar valores ao processo de ressignificar práticas de oralidade, leitura e escrita nessa comunidade, como atividades além da sala de aula, por meio de um projeto de letramento. Por meio desse perfil, realizamos um diagnóstico sobre os contos populares contados pela comunidade. Em uma roda de conversa com os alunos envolvidos, na necessidade de resgatar o valor cultural dos contos, houve pouco conhecimento sobre a cultura popular dessas narrativas. Poucos alunos apresentavam conhecimento prévio sobre os contos da comunidade e, por esse motivo, surgiu o interesse de trabalhar com as oficinas de contos populares, no intuito de valorizar esse aspecto na comunidade, além de ressignificar as práticas de leitura, escrita e oralidade.

Dessa forma, para o desenvolvimento deste trabalho, inicialmente, contamos com a participação de algumas pessoas da comunidade, apenas para uma conversa sobre leitura e escrita. Para a efetivação dessa atividade, contaremos com a participação dos estudantes, que estão cursando o 9º ano do Ensino Fundamental II, do CERU, totalizando 20 alunos. A quantidade de alunos não é considerada um obstáculo ao desenvolvimento das atividades do projeto, embora algumas atividades tenham a necessidade de serem desenvolvidas no horário de aula, devido à necessidade do transporte público cedido pelo município.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Além dos alunos, os agentes externos à escola também serão importantes para a contribuição do desenvolvimento da nossa pesquisa: moradores da comunidade (uma dona de casa e seu esposo, a presidente da associação quilombola, a filha da presidente da associação e seu cunhado, um professor de história que está no mestrado de antropologia, também morador da comunidade, um morador que conhece os contos antigos da comunidade.)



Figura 49 Agentes colaboradores do processo. Fonte: acervo da pesquisadora.

A partir disso, inicialmente, realizamos uma pesquisa de vertente etnográfica pela comunidade, para mapear práticas de leitura e escrita individualizadas. Após a saída da escola, em dias alternados, entrevistas semiestruturadas foram realizadas com dois moradores da comunidade. A



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

primeira entrevistada foi dona Lucimar Praxedes, que, quando questionada sobre práticas de escrita, apresentou alguns materiais com leituras. Ela fez a exposição de uma cestinha, que estava guardada na estante da sala de sua casa, com textos de igreja: bíblia infantil, livros de oração, cartas de igreja, marca página com imagens de santos, santinhos e textos lidos em eventos da igreja. Diante disso, percebemos que a leitura de gêneros textuais de circulação na igreja é muito comum na comunidade, mostrando que as religiões exercem forte influência nas práticas de leitura e escrita permanecem firmes na comunidade. Sendo assim, a moradora contribuiu com a nossa pesquisa e, por isso, é considerada agente colaboradora.

Ainda durante o mapeamento na comunidade para descobrir o que os moradores liam e escreviam, entrevistamos um morador, que apresentou o documento de reconhecimento quilombola. Durante a entrevista, a partir de questionamentos sobre a comunidade e sobre quilombolas, ele afirmou que participou de discussões sobre quilombola, que sempre realizou leituras sobre a sua etnia e praticava a leitura de livros de antropologia apenas pelo fascínio de ler sobre seu passado e suas crenças. O morador, conhecido como Júnior Cândido, frisou também que, inicialmente, as pessoas não gostavam do título de “quilombola” por causa do seu passado. E, em 2017, a comunidade ganhou seu título. Em 2019, o Governo Federal iniciou a distribuição de cestas básicas para cada família dessa comunidade.

Proposta de intervenção

A finalidade desta seção é apresentar a proposta de intervenção considerada nesta pesquisa, bem como a realização de quatro oficinas, no período estimado de 25 aulas, que serão propostas a partir do gênero contos populares como textos motivadores.



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

O intuito de trabalhar com oficinas é a formação coletiva dos estudantes, através da interação e trocas de saberes entre os grupos, com o objetivo da construção de novos saberes. A escolha das oficinas tem o objetivo de refletir sobre as práticas de leitura e escrita, através da utilização de um gênero escolhido, compartilhando conhecimentos prévios e novos saberes, valorizando a cultura do local e incentivando a divulgação de um texto na rádio comunitária. Os contos populares locais serão analisados, como o gênero escolhido. A seguir, apresentaremos os nomes desses contos populares:

- O fiel Dom José;
- Maria de Oliveira;
- O filho feito sem pecado.

Diante da apresentação dos contos populares, a seguir, apresentaremos as 4 oficinas:

- Oficina 1 – Oficina sobre contos da comunidade;
- Oficina 2 – Oficina de apresentação do gênero conto;
- Oficina 3 – Oficina de retextualização;
- Oficina 4 – Oficina de interação da escola com a comunidade.

Oficina 1 – Oficina sobre contos da comunidade.

OBJETIVO	AÇÕES
Compartilhar conhecimentos culturais prévios sobre os contos locais.	Roda de conversa para buscar os conhecimentos prévios dos alunos sobre os contos populares.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Resgatar histórias antigas para ampliar os conhecimentos	Entrevista dos representantes dos alunos com os moradores antigos, sobre histórias populares da comunidade.
Valorizar a identidade cultural local.	Apresentação da entrevista para os outros estudantes da sala e discussão das características culturais representativas da comunidade.

Na primeira oficina, a avaliação será a interação entre os estudantes, a partir da troca de conhecimentos prévios sobre contos populares, o planejamento da entrevista com os moradores antigos para a apresentação em sala de aula, de forma que o trabalho colaborativo seja desenvolvido. Como resultado final, pretendemos estimular o estudo dos contos populares da comunidade.

Oficina 2 – Oficina de apresentação do gênero conto.

OBJETIVO	AÇÕES
Desenvolver uma leitura participativa e reflexiva.	Leitura dos três contos populares de Cascudo que se passam em Ceará-Mirim.
Compartilhar as percepções do grupo em relação ao texto.	Socialização da leitura dos contos entre os grupos.
Conhecer as características do gênero conto, com a valorização dos contos locais.	Produção coletiva de quadro comparativo dos textos, a partir da orientação da professora.

Na segunda oficina, a avaliação será realizada a partir da discussão sobre os contos populares narrados pela professora. A seguir, os estudantes desenvolverão comparações sobre a temática abordada nos contos: fantásticos, de exemplo, religiosos ou de adivinhação. Como resultado final,

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

o reconhecimento das características desses contos será de suma importância para a oficina.

Oficina 3 – Oficina de retextualização.

OBJETIVO	AÇÕES
Consolidar os conhecimentos culturais locais, bem como sobre o gênero conto.	Apresentação da entrevista da professora, através de áudios dos contos populares narrados por um morador.
Perceber os diferentes recursos disponíveis para amudança da modalidade oral para a escrita.	Orientação da professora, sobre o processo de retextualização dos contos.
Empregar, satisfatoriamente, os recursos necessários para amudança da oralidade oral para a escrita.	Retextualização colaborativa dos contos populares.
Avaliar o processo de escrita e realizar a alterações necessárias, para a adequação à modalidade escrita.	Revisão e reescrita dos contos.
Compartilhar as aprendizagens construídas com a comunidade escolar.	Apresentação dos contos retextualizados para outras turmas.

Os métodos avaliativos, na terceira oficina, ocorrerão de maneira interativa, entre alunos, a partir da discussão dos áudios apresentados sobre os contos populares, a retextualização desses contos e a apresentação para

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

outras turmas. Como resultado, pretendemos desenvolver a aprendizagem da retextualização da modalidade oral para a escrita, de modo que os estudantes apresentem segurança na transmissão dos contos para os outros colegas.

Oficina 4 – Interação da escola com a comunidade.

OBJETIVO	AÇÕES
Avaliar a escrita dos contos para a divulgação na rádio da comunidade.	Escolha de uma produção para a leitura na rádio da comunidade.
Valorizar os recursos expressivos de texto, através da leitura.	Ensaio da leitura expressiva do conto na rádio.
Promover a interação entre a escola e a comunidade.	Leitura na rádio da comunidade.

O processo avaliativo, na oficina 4, será realizado a partir da preparação da leitura expressiva dos alunos, que tiveram a produção textual escolhida para a apresentação na rádio da comunidade, como trabalho colaborativo entre professora e estudantes.

Para a realização das oficinas, alguns instrumentos foram utilizados:

Na oficina 1: questionário para a entrevista com os moradores antigos do local e um gravador de áudio;

Na oficina 2: um livro de contos populares de Luís da Câmara Cascudo, nos quais as histórias se passam em Ceará-Mirim.

Na oficina 3: texto falando sobre o processo de retextualização, quadro, piloto, papel ofício, lápis, borracha, caneta, apagador e materiais de multimídia.



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Na oficina 4: papel para a produção textual, lápis, borracha, caneta, microfone e caixa de som.

Como culminância das oficinas, a leitura de um conto popular será realizada na rádio local. Para organizar esse momento, a leitura desse conto produzido pelos alunos será organizada através de um ensaio expressivo, desenvolvido pela professora, para a apresentação na rádio.

REFERENCIAL TEÓRICO

As bases teóricas que fundamentam este projeto são majoritariamente: os estudos de letramento de vertente etnográfica (KLEIMAN, 1995, 2000, 2005; TINOCO, 2008; OLIVEIRA, TINOCO, SANTOS, 2014), no conceito de retextualização (MARCUSCHI, 2010, MATÊNCIO, 2002), a importância da oralidade como base para a comunicação (ONG, 1998), nas práticas sociais de leitura e escrita (CHARTIER, 1996; FREIRE, 1991) e na perspectiva da história cultural de Cascudo (1995, 2004 e 2006).

Letramento

A palavra letramento foi usada pela primeira vez na década de 80, por Mary A. Kato. A partir desse período, muitos estudos têm sido desenvolvidos na perspectiva de remanejar o trabalho com leitura e escrita.

Estamos nos situando no conceito de letramento no plural, já que ocorrem em situações de atividades diversas: escola, rua, ônibus, hospitais etc. Esses estudos sobre o letramento reúnem o domínio da leitura e da escrita no dia a dia. A escrita está em todos os ambientes, em contextos diferentes.

Sobre o conceito de letramento, Kleiman (2005, p. 5), “É um conceito criado para referir-se aos usos da língua escrita não somente na escola, mas



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas em todo lugar”. Conforme citado, a escrita se encontra em diferentes esferas de atividades humanas, ou seja, está no comércio, na farmácia, nos letreiros nas ruas, no mercado ou, até mesmo em igrejas. Percebemos, diante desses estudos, que ele está bem relacionado com a escrita usada em sociedade. O uso dessa escrita no meio social traz um impacto para a vida moderna, principalmente àqueles que acreditam haver escrita apenas em sala de aula.

Segundo os estudos sobre letramento, existem definições que não podem ser aplicadas ao termo. Dessa forma, letramento não pode ser definido como método, alfabetização, nem habilidade, pois conforme as ideias de Kleiman (2005, p. 8) o letramento não é método, pois não trata de criar uma sequência de procedimentos técnicos a fim de que a criança aprenda a escrever por escrever. Ele não pode ser apenas um meio de apresentar técnicas de aprendizagem de escrita, pois assim a criança aprenderia a escrever apenas por obrigação escolar e sem intenção nenhuma. O letramento não é alfabetização, pois consoante Kleiman (2005, p. 8-9) seria uma das muitas práticas de letramento e englobaria somente o ato mecânico de ler e escrever, não dando conta, ainda, do uso social da escrita. O letramento não é habilidade, pois Kleiman (2005, p. 9) afirma ser mais complexo e exige uma série de conhecimentos para incentivar as capacidades dos estudantes.

Posto isto, o letramento tem a sua definição voltada aos usos da escrita em sociedade. E, quando falamos na escrita em sociedade, não estamos nos referindo àquela que se aprende a escrever e a ler sem intenções, mas de um modelo de escrita situada, isto é, que a escrita promova o contato dos alunos com textos, desenvolvendo perguntas, reflexões e observações sobre seu uso em sociedade.

Acerca dos textos que circulam na sociedade, a escola aparece, segundo Kleiman (2012, p.20) “Como a mais importante agência de letramento, mas ocupa-se, em geral, com práticas voltadas para o processo



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas de aquisição de códigos”. A escola preocupa-se com um modelo de ensinar o código linguístico apenas para o desenvolvimento escolar. Ou seja, ela não se preocupa com o letramento como uma prática social, pois está voltada apenas para a alfabetização, que é o processo de aquisição de códigos alfabéticos e se desenvolve, geralmente, através de uma competência individual fundamental para a ascensão escolar. A escola é apenas uma das agências de letramento e podemos encontrar outras: farmácia, hospitais, igreja, família etc.

Nesse sentido, a escrita está presente em diversas ações que desenvolvemos. Sendo assim, ao falarmos do uso da escrita em situações diversas, podemos afirmar que estamos tratando de letramento.

Diante do esclarecimento sobre letramento, temos o projeto de letramento que, segundo Kleiman (2000, p. 238):

Prática social em que a escrita é utilizada para atingir algum fim, que vai além da mera aprendizagem da escrita (a aprendizagem dos aspectos formais apenas), transformando objetivos circulares como ‘escrever para aprender a escrever’ e ‘ler para aprender a ler’ em ler e escrever para compreender e aprender aquilo que for relevante para o desenvolvimento e a realização do projeto.

O projeto de letramento é sempre uma prática social, ou seja, participantes também denominados de agentes, se envolvem em uma ação colaborativa para atingir alguma finalidade. O objetivo não é apenas aprender a escrever como uma prática exigida pela escola, mas para agir socialmente. Realizar leitura no contexto escolar é algo cobrado pelos professores, às vezes, forçado, já que há um planejamento a ser cumprido e, muitas vezes, torna-se um exercício exaustivo para o aluno. A leitura



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

extraescolar, às vezes, apresenta-se até mais apreciativa, quando é exercida a partir de textos que despertem o interesse. É a partir dessas situações reais que surgirão as práticas sociais cotidianas para agir no mundo.

Essas práticas sociais afirmam que as pessoas envolvidas constroem relações colaborativas e coletivas, as quais mudam de acordo com as atividades de uso da língua escrita. O letramento permite entender o sentido do texto, a partir de uma determinada situação.

A partir do conceito de letramento e projeto de letramento, partiremos para as práticas de letramento que, segundo Kleiman (2005) são atividades que utilizam a escrita, em alguma situação, para atingir um objetivo. Isto é, são ações pensadas com a finalidade de prover as necessidades de determinados grupos. A leitura e a escrita são usadas culturalmente, ou seja, são produções sociais. usadas de forma situada. Exemplos comuns dessas práticas concretas que envolvem a língua escrita são as ações de assistir aula e enviar cartas, pois há intenções ao assistir uma aula e o envio de cartas. São produções sociais do uso da leitura e da escrita.

Sobre o conceito de prática de letramento, Kleiman (2005, p. 12),

Diz que se trata de um conjunto de atividades envolvendo a língua escrita para alcançar um determinado objetivo, numa determinada situação, associadas aos saberes, às tecnologias e às competências necessárias para a sua realização.

Por serem atividades colaborativas, as práticas de letramento existem em diferentes esferas de atividades humanas. Na escola, elas são desenvolvidas através das experiências que os alunos já trazem do seu cotidiano. Fora da escola, essas práticas apresentam-se de maneiras mais particulares, sendo sempre colaborativas. Sobre isso, Kleiman (2005, p. 40), “[...] se o foco está na prática de letramento, corre-se menos risco de engajar



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

o aluno em atividades de faz-de-conta”. Diante disso, a escrita seria mais proveitosa, se a escola aproveitasse as experiências de vida dos alunos, pois o nível de interação entre eles seria maior em relação à escrita.

A partir disso, há um outro conceito importante, que se refere ao letramento: eventos de letramentos. Conforme Kleiman (2005), o evento de letramento envolve a compreensão de textos, através da organização da fala em torno de textos escritos. Ou seja, fala e escrita se organizam nesse evento em que envolva uma ou mais pessoas que construam e compreendam a função da escrita e cada um apresente conhecimentos diversos. São situações reais e se inserem nas práticas de letramento. Para Kleiman (2005, p. 23):

Um evento de letramento inclui atividades que têm características de outras atividades da vida social: envolve mais de um participante e os envolvidos têm diferentes saberes, que são mobilizados na medida adequada, intenções e objetivos individuais e de metas comuns. Daí ser um evento essencialmente colaborativo.

No que se refere ao evento de letramento, os participantes assumem um papel importante, pois os envolvidos desenvolvem um papel colaborativo que integra todos do grupo, a partir dos diversos conhecimentos.

Diante disso, existem pessoas que estão envolvidas nessas ações de uso da escrita, através de práticas que são usadas dependendo da situação e que mudam com o contexto da escrita. O agente de letramento, definidas por Kleiman (2005, p. 52): *Agente social que desenvolve ações fundamentadas no conhecimento, na descoberta de que saberes, técnicas, estratégias, tradições e*



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas
representações sobre a escrita do outro (o aluno e a sua família) mobiliza o dia a dia para realizar a atividade.

O agente de letramento promove novas ações, intenções, mobilizando os alunos. E, a respeito disso, é papel do professor mobilizar os alunos. É necessário conhecer o queo grupo é capaz de fazer e desenvolver um trabalho colaborativo. Nessa perspectiva sobre agente de letramento, o professor é o incentivador dos estudantes e sobre esse conceito, temos uma melhor definição por Kleiman (2006, p.8), “[...] um promotor das capacidades e recursos de seus alunos e suas redes comunicativas para que participem das práticas sociais de letramento, as práticas de uso da escrita situadas, das diversas instituições”. O professor, a partir do cenário escolar, insere os estudantes nessas práticas sociais de letramento.

Assim, percebe -se que o trabalho com projeto de letramento é uma prática social,que envolve alunos e professores, a partir de uma determinada situação real de interesse dos estudantes.Tinoco (2008, p. 162) propõe uma ampliação do conceito: *Os projetos de letramento são vinculados a práticas em que a leitura e a escrita são ferramentas para agir socialmente, favorecendo a aprendizagem significativa por meio dacolaboração mútua.*

Sobre esse tipo de projeto, a escrita se desenvolve de forma situada, isto é, ele surge através de uma necessidade real do grupo, com o objetivo de solucionar algum problema em que a leitura e a escrita sejam métodos para agir socialmente, por isso é um trabalho colaborativo. A partir da resolução desses problemas é possível perceber um processo de mudanças positivas no que se refere à escrita, já que esse é o objetivo do projeto de letramento. Sobre esse conceito, Tinoco (2008, p. 176) ressalta:

[...] defendemos serem os projetos de letramento um modelo didático promissor para o almejado processo de resignificação do ensino de escrita. Vinculados a

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

práticas em que a leitura e a escrita são ferramentas para agir socialmente, eles favorecem a aprendizagem significativa por meio da colaboração mútua, da negociação de responsabilidade e do conseqüente reposicionamento identitário de estudantes, professores e demais participantes.

A importância dos projetos de letramentos é devido ao processo de promover um novo sentido ao ensino da escrita, como práticas sociais e não apenas para a função escolar. As práticas de leitura e a escrita são meios de contribuir para a aprendizagem significativa, através do trabalho colaborativo das pessoas envolvidas, agindo socialmente.

As práticas de leitura e escrita distribuídas pela comunidade apresentam o papel social, pois as leituras que realizam sobre textos bíblicos, placas e faixas possibilitam a aprendizagem significativa que, segundo Ausubel (1982) os conhecimentos prévios devem ser valorizados. Diante disso, essa aprendizagem torna-se significativa para atingir um objetivo, descobrir novos conhecimentos de forma prática e prazerosa, a partir do que já sabem. O próprio ambiente, nessa perspectiva, favorece uma aprendizagem satisfatória, pois o aluno/morador da comunidade integra-se a esses conhecimentos, já que é familiarizado com o local.

Retextualização

O propósito de trabalhar o processo de retextualização, na visão de Marcuschi (2010), é para o trabalho com os contos populares orais, que nos levou ao processo de retextualização como suporte teórico-metodológico, para desenvolver as etapas da escrita dos contos. Partimos também do princípio de retextualização, do ponto de vista de Matêncio (2002).



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Discorreremos sobre a importância da oralidade como base para a comunicação, segundo Ong (1998).

O processo de retextualização dos contos populares é uma ação que será desenvolvida neste projeto, com isso as contribuições de Marcuschi (2010) trazem conceitos relevantes para o desenvolvimento dessa atividade.

Retextualizar não é simplesmente transcrever, pois o autor deixa claro que no processo de retextualização a interferência é maior e há mudanças no texto. Dessa forma, compreende-se que o processo de retextualizar é de suma importância para o nosso projeto. Sobre a retextualização, Marcuschi (2010, p. 47) diz:

[...] O texto oral está em ordem na sua formulação e no geral não apresenta problemas para a compreensão. Sua passagem para a escrita vai receber interferências mais ou menos acentuadas a depender do que se tem em vista, mas não por ser a fala insuficientemente organizada. Portanto, a passagem da fala para a escrita não é a passagem do caos para a ordem: é a passagem de uma ordem para outra ordem.

Diante disso, no processo de retextualização da modalidade oral para a escrita, as alterações são necessárias para adequar-se ao texto. Assim, temos o conceito de retextualização como a mudança de uma modalidade para outra, ou seja, a oral para a escrita. Nesse sentido, Marcuschi (2010, p.46) descreve a atividade de retextualização como uma ação diária, constante, entre as pessoas. Dito isto, temos como exemplo o fato de reproduzir a fala de alguém, recriando assim uma nova fala, uma nova realização linguística. Assim, temos um conceito de reescrita, que se difere da retextualização, pois nesse processo de reescrever, não há mudança nas modalidades linguísticas.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Nesse sentido, diferenciamos o sentido entre as palavras “reescrita” e “retextualização”. Sobre reescrever é a ação de atuar sobre o mesmo texto, enquanto na retextualização, passa-se de uma modalidade para outra, ou seja, oralidade e escrita. O processo da reescrever pode ser fundamental para a reescrita, embora atue no mesmo texto, torna-se importante, pois ajuda no processo de compreensão e ação na sociedade, no desenvolvimento e nas possibilidades da língua. Assim, reescrever é escrever novamente ou de outra forma, sem mudar a modalidade.

Desse modo, o texto oral não tem sua compreensão prejudicada, apenas o processo de transformar texto oral em escrito receberá algumas intervenções, pois o processo de escrever requer cuidado, análise da correção gramatical, acentuação, pontuação e paragrafação. Não há uma classificação de fala ser caótica e a escrita ser organizada.

Conforme as ideias propostas por Marcuschi (2010, p. 46), “[...] a retextualização não é um processo mecânico, já que não se dá naturalmente no plano dos processos de reescrita e nem se trata da passagem de um texto supostamente “descontrolado e caótico”. Em outras palavras, é importante manter a relação entre coesão e coerência textual, pois a compreensão desses textos pode ser comprometida, sabendo que a passagem de um texto de uma modalidade para outra, não se dá de forma automática.

Para Marcuschi (2010), o uso que fazemos da língua escrita ou falada não está relacionado com a capacidade de adequação com as normas da língua, mas usá-la de uma maneira que produza sentido em uma determinada situação. Usar a língua de maneira clara, simples e dinâmica atribuindo sentido em determinadas situações é mais importante do que ficar preso à norma padrão.

Em se tratando de oralidade e letramento não temos uma dicotomia. Consoante as ideias propostas por Marcuschi (2010), a relação entre oralidade e letramento se dá pelo fato de serem atividades que

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

interagem e que se complementam nas práticas sociais e culturais. Atualmente, essa visão de dicotomia entre oralidade e letramento não se aplica mais, visto que enquanto práticas sociais, as línguas se organizam em usos. Conforme citado anteriormente, as regras da língua não são tratadas como prioridades, mas seus usos, suas formas e as adequações a depender de determinadas situações.

Sobre a escrita, Marcuschi (2001, p. 16) afirma:

Numa sociedade como a nossa, a escrita, enquanto manifestação formal dos diversos tipos de letramento, é mais que uma tecnologia. Ela se tornou num bem social indispensável para enfrentar o dia a dia, seja nos centros urbanos ou na zona rural.

Nesse sentido, a escrita enquanto prática social, sendo mais que uma tecnologia, apresenta aspectos importantes à sobrevivência humana. A escrita não se encontra apenas nas salas de aula, visto que vai além das esferas educacionais. Ela se encontra longe da sala de aula.

A escrita é uma prática social importante, entretanto muitas pessoas não a possuem de forma proficiente. Ela não reproduz os fenômenos inerentes à fala e como os gestos, a expressão facial ou o tom de voz. Nas próprias ideias propostas por Marcuschi (2001), é possível notar que a escrita se difere da fala porque apresenta traços relevantes próprios, os quais não aparecem na fala, assim como os tipos e os formatos das letras. Diferentemente da oralidade em que é possível observar certos fenômenos, a escrita apresenta seus elementos próprios.

Sobre a relação entre oralidade e escrita, Marcuschi (2001, p. 17) ressalta:

Ambas permitem a construção de textos coesos e coerentes, ambas permitem a elaboração de



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

raciocínios abstratos e exposições formais e informais, variações estilísticas, sociais, dialetais e assim por diante.

Leitura e escrita possibilitam o meio de desenvolver textos a partir da relação entre sentido e uso dos elementos coesivos, admite aspectos cultos e informais da língua, além das mudanças ocorridas por meio das variações de uma língua.

A escrita está presente em quase todas as práticas sociais. Sobre a construção textual, oralidade e escrita contribuem na elaboração dos aspectos necessários para o desenvolvimento dos textos: coesão, coerência, normas e variações.

Sobre a manifestação da prática oral, temos a fala, que segundo Marcuschi (2001), acontece naturalmente, independente de situações formais do cotidiano, assim como nas interações sociais. A fala acontece no dia a dia, através do convívio social, ou seja, uma forma de inserção na sociedade. Escrita e oralidade estão presentes no cotidiano, seja de maneira formal ou informal, embora algumas pessoas não façam o uso da escrita com a mesma intensidade ou nas mesmas condições. O importante é não confundir seus contextos de usos e ter cuidado para não discriminar os falantes da língua.

Assim, é possível notar que a fala não se refere ao concreto e a escrita, ao abstrato. Percebemos que essa relação entre concreto e abstrato é apenas um mito. A fala e a escrita têm algumas combinações. E, diante dos estudos fica claro que o processo de retextualização não é algo mecânico.

Para Marcuschi (2001, p. 48), “[...] toda vez que repetimos ou relatamos o que alguém disse, até mesmo quando produzimos supostas citações *ipsis verbis*, estamos transformando, reformulando, recriando e modificando uma fala em outra”. é o que acontece, em nosso dia a dia,



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

quando uma pessoa conta a outra o que leu no jornal; quando o aluno faz anotações escritas da exposição oral do professor; o relato de alguém, em uma carta, o que ouviu no dia anterior; e, até mesmo, quando uma pessoa conta uma fofoca a alguém e o outro posta em redes sociais. Nos processos de produção e repetição da fala, transformamos o texto, mudamos e criamos outras falas, além de outros enunciados.

Além dos conceitos pertinentes ao processo de retextualização, apresentamos a importância da oralidade. Para Ong (1998) a oralidade exerce um papel importante, pois ela é a base para todas as formas de comunicação. Em outras palavras, a oralidade é a comunicação que possibilita partilhar, participar ou discutir diferentes informações entre si. É a forma de transmitir os conhecimentos desenvolvidos em sociedade. Antes mesmo da escola, os conhecimentos eram disseminados através da oralidade, dessa forma, ela foi importante no processo de comunicação entre os povos.

Sobre isso, para Ong (1998, p. 10) “A sociedade humana primeiramente se formou com a ajuda do discurso oral, tornando-se letrada muito mais tarde em sua história e, inicialmente apenas em certos grupos”. A oralidade já existiu antes mesmo da escrita, a sociedade iniciou o processo de comunicação por meio da oralidade e, com o tempo, surgiu a escrita, em diferentes lugares e em alguns grupos. Hoje, nos encontramos imersos na cultura escrita, muito embora existam pessoas que não se encontram imbuídas nessa cultura.

Nessa perspectiva, segundo Ong (1998) toda oralidade está destinada a produzir escrita. A partir da oralidade, da necessidade da comunicação mais rápida e dinâmica, a escrita surge, juntamente com a importância da sociabilidade.

Dessa forma, Ong (1998, p.16) “Todos os textos escritos devem, de algum modo, estar direta ou indiretamente relacionado ao mundo sonoro,

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

habitat natural da linguagem, para comunicar seus significados”. Realizar a leitura de um texto em voz alta, ou somente na imaginação está relacionado à mudança dele ao som, ou seja, à oralidade.

Desse modo, Ong (1998) apresenta a fala como algo peculiar da nossa consciência e tem fascinado diversos povos. A fala traz reflexões relevantes sobre nós mesmos, desde muito tempo antes da escrita surgir. A partir disso, nossa perspectiva de trabalhar a oralidade por intermédio dos contos populares é apresentar a importância da oralidade e as reflexões que surgirão no decorrer do trabalho.

Partindo do princípio de retextualização, do ponto de vista de Matêncio (2002), retextualizar é produzir um novo texto a partir de um texto-base, partindo da conjectura de que essa ação envolve uma combinação entre gêneros e textos. A partir disso, o texto-base serve de apoio para a produção do novo texto, nesse processo de retextualização, o que envolve a materialidade dos textos e o conhecimento dos variados gêneros.

Para Matêncio (2002) o foco da retextualização parte de algumas bases linguísticas:

1. Organização da informação – acréscimo dos tópicos, da relação entre informações dadas e novas;
2. Formulação do texto – as maneiras de escrever;
3. Progressão referencial – de retomada de referentes e de remissão a referentes, explícitos ou não.

Sobre isso é necessário deixar claro que o estudo da retextualização apresenta características de produção linguística, partindo das ações de topicalizar, relacionar as informações dadas e as que serão recebidas, observar os modos da escrita e a questão da coesão lexical, que parte da



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas
explicação sobre o uso dos referentes anafóricos ou catafóricos implícitos ou explícitos no texto.

Já o foco da retextualização, em se tratando de bases textuais, temos, segundo Matêncio (2002):

1. Tipos textuais: narrativo, dissertativo, argumentativo, injuntivo ou dialogal;
2. Gêneros textuais: esquema global.

Dito isto, o reconhecimento dos tipos e gêneros textuais são importantes no processo de retextualização, no que se refere às bases do texto, pois cada tipo e cada gênero apresenta sua especificidade, não podendo ser retextualizados sem a noção das características de cada um.

Sobre as bases discursivas, para esse processo, Matêncio (2002):

1. Construção do quadro interlocutivo;
2. Mecanismos enunciativos.

Sobre as bases discursivas, no processo de retextualização, a construção do quadro interlocutivo refere-se à interação dos sujeitos que se comunicam para que o texto surja, a partir de situações sociais reais em que se encontram, a intenção comunicativa, o lugar e o tempo da interação. Quanto aos mecanismos enunciativos, a retextualização mantém o foco na presença de um texto dentro de outro, mais de uma voz presente no texto e a relação com o conteúdo assumido pelo falante.

Além dessas bases apresentadas para o processo de retextualização, observamos algumas mudanças no texto escrito que, segundo Matêncio (2002, p. 112-113):



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Ora, se retextualizar é produzir um novo texto, então se pode dizer que toda e qualquer atividade propriamente de retextualização irá implicar, necessariamente, mudança de propósito, porque não se trata mais de operar sobre o mesmo texto, para transformá-lo – o que seria o caso na reescrita –, mas de produzir novo.

Tomando isso como pressuposto, o processo de construção de um novo texto requer, principalmente, o aperfeiçoamento da escrita, de modo a adaptá-lo ao propósito, à intenção comunicativa, ao gênero e à modalidade solicitados.

Diante disso, a partir do processo de construção de um novo texto, é necessário esclarecer a disparidade existente entre retextualização e reescrita. Segundo conceitos de Matêncio (2002), a reescrita é apenas uma atividade que serve de norte para a produção original, concretizando-se em uma nova versão do texto. Dessa forma, reescrever é realizar uma atividade reflexiva sobre o ato de escrever, ou seja, retoma o texto apenas para torná-lo mais perfeito. Sobre retextualização, Matêncio (2002, p. 113):

Já na retextualização, tal como entendida aqui, opera-se, fundamentalmente, com novos parâmetros de ação da linguagem, porque se produz novo texto: trata-se, além de redimensionar as projeções de imagem dos interlocutores, de seus papéis sociais e comunicativos, dos conhecimentos partilhados, assim como de motivações e intenções, de espaço e tempo de produção/recepção, de atribuir novo propósito à produção linguageira.

Nesse sentido, o processo de retextualização apresenta um propósito maior em sua produção, isto é, de tornar o texto adequado aos

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

parâmetros vigentes de avaliação: a modalidade, a escolha do gênero, a intenção comunicativa, a adequação ao propósito comunicativo, os conhecimentos divididos, ao processo de produção de recepção de informações dadas e recebidas, dando um outro significado ao novo texto.

As práticas sociais de leitura e escrita

A finalidade desta seção é realizar alguns apontamos sobre a leitura e a escrita como práticas sociais, diante da concepção de Chartier (1996) e de algumas contribuições de Freire (1991).

As práticas de leitura e escrita são atividades essenciais ao processo de desenvolvimento das pessoas. Essas ações não se encontram apenas na escola, mas em um diversas esferas de circulação. E, sabemos que, no meio social essas atividades de ler e escrever se concretizam de maneira mais positiva, já que se desenvolvem no coletivo.

Os estudos de Chartier (1996) relatam que a leitura feita entre os séculos XVI e XVII não se baseava em uma prática individual. Nesse sentido, temos as práticas sociais de leitura e escrita que são desenvolvidas nos vários espaços de circulação de um texto. Neste trabalho, analisaremos essas práticas sociais, através de mapeamentos, na comunidade quilombola.

Sobre essas práticas sociais, nos respaldamos também na concepção de Paulo Freire, filósofo, educador e pensador da educação no século XX, afirmava que ler não é apenas caminhar sobre as letras, mas interpretar o mundo. Antes mesmo de ir à escola e aprender a ler e a escrever, a criança lê o mundo a sua volta e já reconhece a sociedade letrada em que está inserida, através da leitura de placas, nomes de ruas etc. Assim, as práticas de leitura e escrita fazem parte das situações comunicativas que Paulo Freire participava, desse modo, já concebia essas atividades como práticas sociais,



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

visto que a leitura do mundo é o ponto de partida para a experiência de vida, precedida da palavra.

Nesse sentido, a escrita possibilita, para Freire (1991, p. 68):

Na medida em que possibilita uma leitura crítica da realidade, se constitui como um importante instrumento de resgate da cidadania e que reforça o engajamento do cidadão nos movimentos sociais que lutam pela melhoria da qualidade de vida e pela transformação social.

Essa concepção de escrita possibilita uma leitura dos aspectos mais relevantes do texto, permitindo ao leitor a capacidade de discernir as ideias mais importantes, das secundárias. É praticar uma reflexão do meio para recuperar a cidadania, a inserção da sociedade em prol de melhorias de vida, buscando sempre a transformação social do indivíduo, articulando respeitosamente a cultura e a trajetória do aluno. E, diante disso, sabemos que é por meio da educação que ocorre a transformação social, a fim de realizar todos os direitos das pessoas. Oportunizar o processo de leitura e escrita aos alunos precisa ser uma prática diária e constantemente organizada pelos professores.

Em consonância com a concepção de Paulo Freire, Chartier (1996) afirma que a escrita não se reduz apenas ao livro, mas também existem outros suportes textuais disseminados pela comunidade. Esses leitores, os alunos ou até mesmo os próprios moradores da comunidade, se apropriam da escrita através de textos do cotidiano, mais informais, rápidos e mais curtos que são de seu interesse.

Diante disso, a produção impressa de textos não se reduz à edição do livro. Sobre a leitura de textos para leitores mais humildes, Chartier (1996) explica que para eles, a leitura pode decifrar materiais impressos, de gêneros



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

discursivos diversos, sejam eles religiosos ou profanos. Ou seja, a leitura vai além do livro, sendo reconhecida em gêneros diferentes, como a carta, a conta de luz, o endereço de alguém, o nome de uma escola, o bilhete na geladeira ou, até mesmo o calendário encontrado na parede de uma casa. Tudo isso permite uma realização da leitura.

A leitura apresenta significados diferentes que precisam ser construídos pelo leitor. Esses conceitos não estão apenas nas palavras escritas, mas nas suas interpretações. Cada leitor realiza suas compreensões de maneiras distintas, assim como pode existir uma faixa falando sobre política, em que um leitor pode achar positivo e, no entanto, outro leitor pode entender de maneira negativa.

Dessa forma, são atribuídos sentidos diferentes do autor e do leitor, conforme as ideias propostas por Chartier (1996), as diversas obras apresentam variadas formas de interpretação, independente do suporte textual, do tempo que está sendo lido ou até mesmo da comunidade em que circula.

O autor deixa claro que existe uma relação de dependência das ideias do autor com as do leitor. Sobre o texto, percebemos que ele só existe por causa do modo como é disseminado e, por isso, não é uma simples abstração.

Contribuições de Cascudo para os contos populares

As contribuições de Cascudo para este trabalho têm como objetivo apresentar as características do gênero conto, a especificidade dos contos populares e a importância da comunidade quilombola de Coqueiros. Tudo isso baseado nas concepções de Cascudo (1955, 2004 e 2006).

Luís da Câmara Cascudo, pesquisador das manifestações culturais brasileiras, teve grande contribuição para a nossa pesquisa. Ele apontou a

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

importância da comunidade quilombola Coqueiros, por ter como referência ao Rio Grande do Norte, a sua forte presença negra de descendentes de escravos.

Sobre a comunidade quilombola, as referências de Cascudo (1955) assinalam a comunidade de Coqueiros como grupo social do estado do Rio Grande do Norte apontado na historiografia potiguar pela forte presença negra de pessoas que foram escravizadas.

Cascudo (1955), cita os moradores de Coqueiros como notáveis limpadores de canais dos rios que passam pelos engenhos e recebiam a denominação de “cambiteiros”. Esses moradores de Coqueiros guardam as histórias dos antepassados de seus familiares que trabalharam nos engenhos e nas casas dos senhores de engenho, muitas vezes, em troca de alimentação, segundo relatos dos colaborardes da pesquisa.

Dentro da contribuição de Cascudo na cultura na comunidade quilombola, a pesquisa aborda, principalmente, o conhecimento popular dessa comunidade. Para a efetivação deste projeto, escolhemos o gênero conto, para retextualizar a modalidade oral para a escrita.

Nessa perspectiva, o conto não é apreciado apenas de forma emocional ou social, mas reflete uma viagem de regresso à infância. Para Cascudo (2004, p. 12):

O conto é um vértice de ângulo dessa memória e dessa imaginação. A memória conserva os traços gerais, esquematizadores, o arcabouço do edifício. A imaginação modifica, ampliando pela assimilação, enxertias ou abandonos de pormenores, certos aspectos da narrativa. O princípio e o fim das histórias são as partes mais deformadas na literatura oral.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

O conto, nesse ponto de vista, faz o resgate da memória e da imaginação. A oralidade torna-se importante nesse ponto, pois os traços gerais, as imagens, a ilusão vão sendo construídas através da contação dessas histórias, assim como o início e o fim dessas narrativas vão sendo tecidos de acordo com esse aspecto oral.

Já o conto popular, para Cascudo (2004) aponta informação histórica, etnográfica, social. Conduz a ideia de um documento vivo, manifestando costumes, ideias, mentalidades, decisões e julgamentos. Assim, para o conto popular, a história de cada narrativa e a pesquisa etnográfica apontam aspectos importantes para a sua narração. É considerado documento vivo porque é passado de geração a geração, denunciando crenças, valores e ideias pertencentes ao gênero.

Assim, Cascudo (2004, p. 12), aponta:

O conto popular é o primeiro leite intelectual. Os primeiros heróis, os primeiros sonhos, as primeiras cismas, os movimentos de solidariedade, amor, ódio, compaixão vêm com as histórias fabulosas ouvidas na infância.

Os contos populares são narrativas passadas de geração em geração, são textos denominados cultos. As primeiras manifestações dessas narrativas foram marcadas por assuntos variados: heróis, amor, saudade, infância etc. E é possível perceber que o conto ainda é característico da cultura popular e existe na tradição oral da comunidade quilombola de Coqueiros, pois são passados dos mais antigos para os mais novos, permanecendo vivo como patrimônio cultura dessa comunidade.

Ainda nesse ponto de vista, as características dos contos populares surgem e, segundo Cascudo (2004, p. 13) são:

1. – Antiguidade;
2. – Anonimato;
3. – Divulgação;
4. – Persistência.

Essas características apontam os principais temas a serem trabalhados nos contos populares, pois assim, eles precisam permanecer na memória do povo, embora seja de autora anônima, existentes a partir de um conhecimento de mundo e permanente na coleção oral. Diante dessas ideias, fica claro que na comunidade também é possível encontrar contos com essas características, principalmente, anônimas e de antiguidade, que apresentam costumes relatados pelos próprios moradores da comunidade, através de uma pesquisa etnográfica. Por isso a importância desse tipo de trabalho colaborativo, pois através da interação entre o pesquisador e as pessoas envolvidas é possível identificar os costumes dessa comunidade. As riquezas culturais encontradas na comunidade singularizam a característica simples do lugar e a receptividade dos moradores.

Ainda sobre a oralidade, para Cascudo (2006) a literatura oral se habita através da inserção de elementos locais no enredo do conto. A finalidade de inserir elementos locais no desenvolvimento dos contos não é distrair o interlocutor, mas manter operante a cultura de um povo que, muitas vezes, é disseminada de pai para filho, avô para o neto.

Ainda conforme a concepção de Cascudo (2006, p. 189) “Tanto mais universal um conto mais será popular num dado país. O típico será sempre o regional”. Os contos evidenciam uma amplidão cultural e universal e, quanto mais publicado em diversos lugares, maior notoriedade ele ganhará. A narrativa oral desses contos regionais apresenta-se típica porque é comum a contação de histórias que variam de região para região, a partir de conhecimentos adquiridos dos antepassados de um povo.



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Vale ressaltar que, para Cascudo (2006, p. 263) “O conto popular-tradicional quase sempre é apresentado sob um disfarce literário”. Sobre isso, quem escuta o conto popular aproveita o tema para reconstruir sua história, utilizando uma nova narrativa literária oral e apreciativa aos olhos dos interlocutores.

O conto popular, para Cascudo (2006) era estudado apenas fazendo-se a disputa entre ele e os outros, de localidades próximas ou distantes. O colecionador dessas coletâneas quase nunca dispensava a ação de abrilhantar a narrativa com suas memórias e imaginações que despertassem o interesse dos ouvintes.

Nessa perspectiva, os contos populares enquanto narrativas passadas de geração a geração permanecem vivos, embora apresentem autores anônimos, cada história é modificada à medida em que é contada. Esses contos abordam vários aspectos da vida: alegria, tristeza, encantamento, fantasia, heróis e vilões, podendo servir de entretenimento para os interlocutores ou explicar a cultura de um determinado grupo social.

Diante disso, as contribuições de Cascudo (1955, 2004 e 2006) mostram-se importantes ao projeto, visto que ele aponta a comunidade Coqueiros como um forte grupo social marcada pela existência de negros, cultura, preservação da historicidade, além de sua caracterização. Também é importante destacar que os contos são, muitas vezes, desconhecidos pelos estudantes, o que torna esse estudo interessante para a valorização cultural da comunidade.

CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

AÇÕES	PERÍODO	AÇÕES	PERÍODO
Primeiro contato e conversa com colaboradora deste projeto, a presidente da associação quilombola e moradores	Agosto 2018	Retorno da pesquisa de campo pela comunidade Entrevista com os colaboradores deste projeto	Fevereiro 2019
Gerar informações sobre o contexto histórico da comunidade quilombola Coqueiros, contada por moradores Conversa com mais colaboradores do projeto, a filha da presidente da associação do conselho e o seu cunhado, professor de capoeira Abertura da associação para uma apresentação	Setembro 2018	Pesquisa sobre leitura e escrita com os alunos. O que eles leem? Para quê? Para quem? Por quê? Pesquisa sobre contos da comunidade com os colaboradores da pesquisa, os alunos	Março 2019
Estudos sobre mapeamento de alguns artefatos de escrita presentes na comunidade quilombola, apenas para ter uma base e depois pesquisar	Outubro 2018	1ª conversa com o colaborador Thiago, membro da comunidade, que conhece os contos narrados pelos antigos moradores de Coqueiros	Abril 2019
Apresentação do contexto histórico da escola, através de dados apresentados pela diretora da escola Apresentação do pré-projeto à banca examinadora	Novembro 2018	Leitura dos textos para a apresentação do projeto Apresentação do projeto à banca de qualificação	Mai 2019

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Leitura dos textos propostos pela banca Conversa com os alunos sobre o projeto	Dezembro 2018	Continuação do projeto Ajustes sugeridos pela banca de qualificação Pesquisa com os alunos envolvidos para a geração do perfil identitário Planejamento das oficinas Divulgação da proposta para os alunos	Junho 2019
Leitura dos textos e estudos para o projeto Mapeamento de artefatos de escrita pela comunidade	Janeiro 2019	Apresentação à banca de qualificação Trabalho sobre contos com os alunos do projeto	Julho 2019
Início das oficinas Entrevista com as pessoas idosas da comunidade, a fim de descobrir algumas narrativas.	Agosto 2019	2ª conversa com o colaborador da comunidade, Thiago, para o início da geração de dados. Os contos serão contados, a partir do que foi passado de geração a geração. A partir das histórias narradas por sua avó, já falecida Trabalho com gênero Contos, a partir da narrativa de Câmara Cascudo	
Finalização das oficinas Trabalho de retextualização dos contos com os alunos	Setembro 2019		
Preparação dos textos e dos alunos para apresentar na rádio da cidade	Outubro 2019		
Ajustes ao projeto	Novembro 2019		



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Ajustes	Dezembro 2019		
Ajustes ao projeto	Janeiro 2020		
Ajustes finais ao projeto	Fevereiro 2020		
Defesa do projeto	Março 2020		

REFERÊNCIAS

AFONSO, Ana Paula. Comunidades de aprendizagem: um modelo para a gestão da aprendizagem. In: DIAS, Paulo; FREITAS, Cândido Varela de. Atas da 2ª. Conferência Internacional Desafios 2001. Braga: Centro de Competência da Universidade do Minho do Projecto Nónio, 2001. p. 427-432.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Etnografia da prática escolar/Marli André Dalmazo Afonso de André. – 18ª ed. – Campinas, SP: Papyrus, 2012. – (Série Prática Pedagógica)

AUSUBEL, D. P. A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel. São Paulo: Moraes, 1982.

BLOG DO BARÃO DE CEARÁ MIRIM Disponível em:
<http://cearamirimturismo.blogspot.com>. Acesso em 05.10.2018.

CAPOEIRA DO BRASIL Disponível em: <http://www.capoeiradobrasil.com.br/maculele.htm>. Acesso em: 05.11.2018.

CASCUDO, Luís da Câmara. História do Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional, MEC, 1955.

_____. Contos tradicionais do Brasil/ [Compilado por] Luís da Câmara Cascudo. – 13. ed. – São Paulo: Global, 2004.

_____. Contos tradicionais do Brasil para jovens/ [Compilado por] Luís da Câmara Cascudo; [ilustrações de] Jô Oliveira]. – São Paulo: Global, 2006.

_____. Literatura oral no Brasil./ Luís da Câmara Cascudo. – 2. ed. – São Paulo: Global, 2006.

CERTEAU, Michel de. A cultura no plural/ Michel de Certeau; tradução Enid Abreu Dobránszky. – Campinas, SP: Papyrus, 1995. – (Coleção Travessia do Século)

CHARTIER, Roger (Org.) Práticas de leitura. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Ed. Liberdade, 1996.

FIRMIANO, JR., Fco. Cândido. Negros quilombolas: a trajetória dos negros em coqueiros (1857-1888). Monografia. 2009.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

KATO, M. A. No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística. 7 ed. São Paulo: Ática, 2009.

KLEIMAN, Ângela B. (Org.). Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas/SP: Mercado das Letras, 1995.

_____. O processo de aculturação pela escrita: ensino da forma ou aprendizagem da função? In: Kleiman, Ângela B; SIGNORINI, I. O ensino e a formação do professor: alfabetização de jovens e adultos: Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____. Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever? São Paulo: Cefiel/Unicamp & MEC, 2005.

_____. Processos identitários na formação profissional - O professor como agente de Letramento. In: CORRÊA, M.; BOCH, F. Ensino de língua: representação e letramento. Campinas, SP. Mercado das Letras, 2006.

_____. (Org.) Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das letras, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

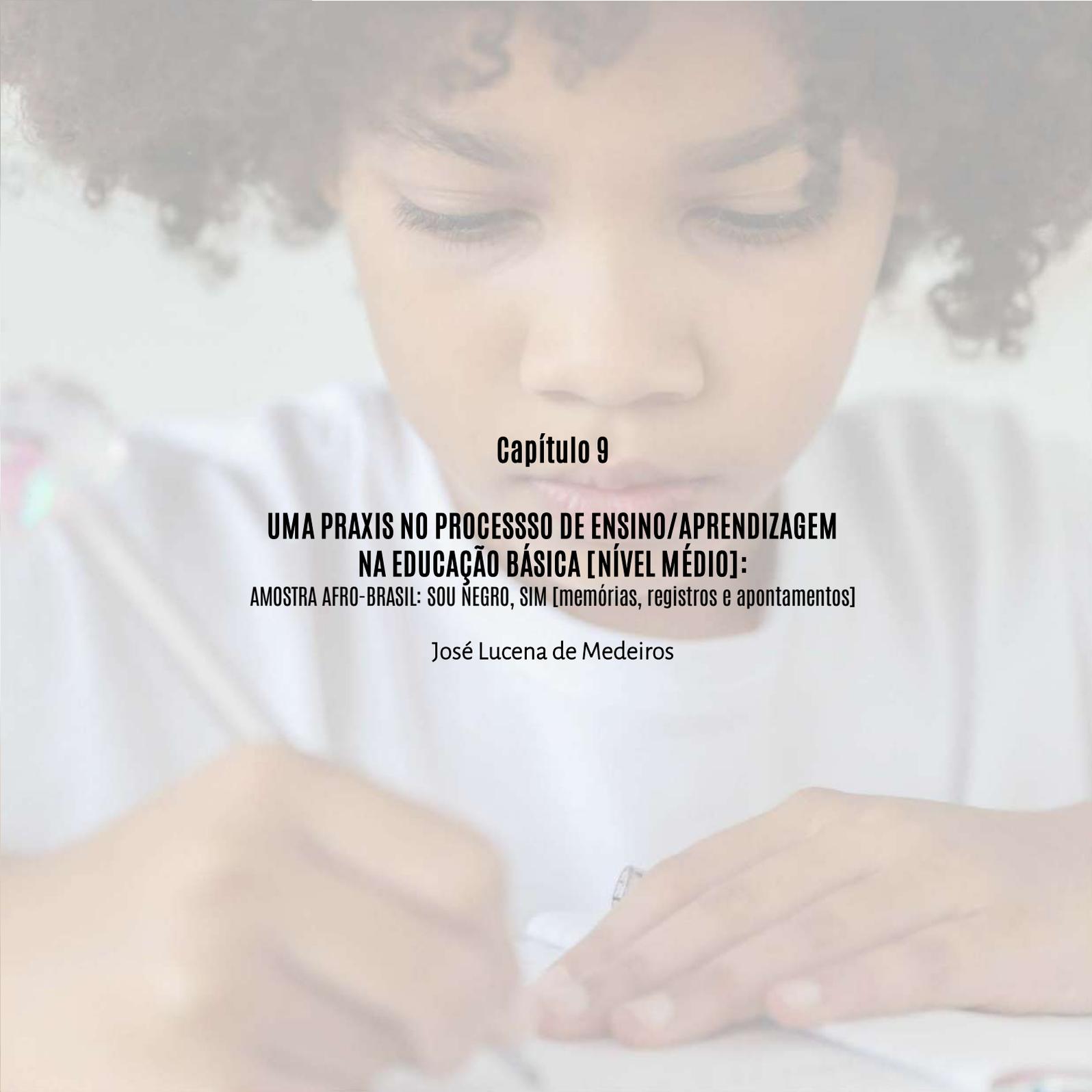
MATÊNCIO, M. L. M. Atividades de (re) textualização em práticas acadêmicas: um estudo do resumo. Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 109-122, 2º sem. SCRIPTA, 2002.

MILLER, Francisca. Quilombolas de Capoeiras [recurso eletrônico]: resistência, território e identidade / Francisca Miller. – Natal, RN: EDUFRRN, 2017.

ONG, Walter. Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra escrita. Campinas, São Paulo: Papirus, 1998.

TINOCO, G.M.A.M. Projetos de Letramento: ação e formação de professores de língua materna. Campinas, SP, 2008: Unicamp.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação / Michel Thiollent – 5 ed. – São Paulo: Cortez: Autores associados, 1992. (Coleção temas básicos de pesquisa-ação).



Capítulo 9

UMA PRAXIS NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO BÁSICA [NÍVEL MÉDIO]: AMOSTRA AFRO-BRASIL: SOU NEGRO, SIM [memórias, registros e apontamentos]

José Lucena de Medeiros

UMA PRAXIS¹⁹ NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO BÁSICA [NÍVEL MÉDIO]: AMOSTRA AFRO-BRASIL: SOU NEGRO, SIM [memórias, registros e apontamentos]

José Lucena de Medeiros²⁰

UMA PALAVRA DE ENTRADA

Em obra denominada *O tecelão dos tempos*, o professor Durval Muniz de Albuquerque Júnior²¹ alimenta, com alguns ensaios dedicados à educação, possibilidades de desfazer, a partir da escola, a ordem estabelecida pelos sistemas que compõem a educação brasileira. De acordo com ele, o professor necessita fazer usos de sua liberdade; mas, para tanto, só o fará pelo desejo e pela quebra das normas, por atos de indisciplina que invertam o olhar convencional e tradicional na educação e crie um olhar

19 Práxis, nesse texto, se refere ao sentido freiriano, a saber: remete a ideia de um conjunto de práticas construídas intencionando transformação de uma determinada realidade. (para saber mais sobre *práxis* em Paulo Freire ver: FREIRE, 2018)

20 José Lucena de Medeiros é professor efetivo do Estado do Rio grande do Norte; Bacharel em História [UFRN], e Mestre em Ciências Sociais [UFRN].

21 Para saber mais sobre o pensamento e abordagem de ALBUQUERQUE JÚNIOR (2019) no tocante a educação ver capítulos 12 Por um ensino que deforme: o futuro da prática docente no campo da história, e 13 Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a escrita da história [do livro *O tecelão os tempos*, 2019.]



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

[quase] vesgo em sua prática [práxis]; intencionando uma sala de aula mais dinâmica, dialética, dialógica (o que nem sempre é possível ser feito pela vida corrida que tem o professor, mas é boa possibilidade). Pensando próximo a Albuquerque Júnior, este texto deseja mostrar memórias, apontamentos e registros capazes de criar reboiço na vida do aluno, ofertando e oportunizando reflexão sobre os sentidos de sua vida escolar. Sendo assim, no retorno às aulas presenciais, ainda no período do surto da Covid 19, no segundo semestre do ano letivo de 2021. Em uma tentativa de levar, de fato, o alunado de volta à escola, elaboramos uma proposta de amostra cultural com o tema *Afro-Brasil: sou negro, sim*. O objetivo era envolver o aluno com pesquisa para ele voltar literalmente de corpo e alma à escola, pois o período pandêmico fez um estrago avassalador na vida escolar do jovem estudante da educação básica da Escola Estadual Professor Antônio Aladim de Araújo, Caicó/RN. Em nossos encontros pedagógicos, a experiência de professores traduzida em falas sobre as aulas não presenciais do ano letivo de 2020 e o primeiro semestre de 2021, apontava para um verdadeiro desmantelo na vida estudantil. Os resultados dos conteúdos dados por vias digitais, revelados nas avaliações não presenciais e com consulta, nos deram resultados quantitativos e qualitativos abaixo da média para a maioria dos alunos. As questões chamadas objetivas [de nível fácil] pareciam ser respondidas, como regra, sem o conhecimento do conteúdo aplicado; as questões subjetivas [também de nível fácil] de respostas curtas, seguiam o mesmo nível de resposta das questões objetivas: a impressão era que não havia conteúdo dado e muito menos um tempo necessário de estudo para a realização das avaliações.



Figura 50 Painel de entrada da Amostra Afro-Brasil: sou negro, sim! Fonte: acervo da Escola Estadual Professor Antônio Aladim de Araújo.

Após os primeiros resultados avaliativos, professores investiram em equipamentos mais modernos, como *notebooks*, fones de ouvido sem fio e com *bluetooth*, microfone capaz de diminuir a captação do som ambiente e melhorar a exposição da aula para o aluno etc. Além disso, a escola preparou ambientes para que o professor que desejasse e sentisse necessidade de ir até lá ministrar suas aulas, pudesse fazê-lo. Essa sala fora equipada com câmeras e sistema de som apropriado. Vale dizer que a sala de aula passou a ser, via de regra, na casa do professor que separou um cômodo [um quarto] para ministrar o conteúdo para o aluno. Mesmo assim, os resultados continuaram em níveis não aceitáveis. Não bastasse as notas baixas, no geral, havia uma sensação de que o aluno estava alheio nas chamadas aulas não presenciais. A escola [gestão, coordenação e apoio pedagógicos] elaborou estratégias para descobrir porque o porquê que os resultados eram



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

tão insatisfatórios. A partir da criação de grupos de *WhatsApp*, descobrimos que: a) nem todos os alunos tinham acesso à *internet* em casa; b) parte considerável deles não tinha aparelho celular, *tablet*, *notebook* ou computador de mesa [usava do pai, da mãe ou de outro parente quando havia disponibilidade]; c) havia ausência considerável de pais ou responsáveis no acompanhamento da vida escolar no período pandêmico. Um outro ponto que corrobora com os três acima citados para o trágico período da pandemia da Covid 19 à educação, foi o tempo que o corpo docente levou para se refazer, se reinventar, se reconstruir para ser capaz de ministrar aulas capazes de produzir efeitos positivos no processo de ensino\aprendizagem.

Figura 51 Fonte: acervo da escola Antônio Aladim. Obra feita pelo grupo Escravidão na África. Retrata, principalmente, captura de pessoas para o comércio escravista da Era Moderna.

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

Vale notar que a 10ª Diretoria Regional de Educação [DIREC] tão foi capaz de construir uma proposta educacional alternativa para o período em questão; tão pouco a Secretaria de Estado de Educação do Rio Grande do Norte ofertou às escolas um projeto a ser implementado durante o tempo em que as aulas foram ministradas da casa do professor para a casa do aluno. Na verdade, o sentimento que ficou foi de omissão política e de incapacidade técnica do Governo Potiguar em planejar algo específico para a educação durante a pandemia da Covid 19.



Figura 52 Acervo da Escola Antônio Aladim. Painel mostra elementos da travessia do navio negreiro.

A IDEIA MATUTADA

De volta às aulas na escola, o aluno trouxe com ele “na mochila escolar” todos os problemas causados na educação pelo período pandêmico em sua fase mais aguda. Tais problemas não foram apenas na esfera do aprendizado escolar. Parte dos alunos perdeu entes queridos e teve seus



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

pilares de sustentação, afetiva e familiar, abalados devido a dor trazida pela morte; agravando ainda mais os problemas na vida escolar do aluno. Em virtude de todos os problemas apontados, resolvemos mexer, remexer, bulir, provocar e sacudir intelectualmente o aluno. Não havia certeza alguma que daria certo. Contudo, como se aproximava o *Dia da Consciência Negra*, decidimos botar a ideia da pesquisa e seus resultados em prática com o tema Afro-Brasil. A materialização da ideia não foi fácil, tivemos dificuldades já esperadas a serem superadas, a saber: 1) Não tinha logística para envolver todas as turmas da escola na atividade de pesquisa; 2) Nem todos os professores estavam interessados na proposta em questão, por motivos diversos; 3) Havia um custo financeiro que a escola não tinha como bancar integralmente; 4) De onde seria alocado os recursos financeiros e 5) Como mobilizar o aluno a pesquisar e expor os resultados de seu esforço ainda dentro de uma pandemia tão cruel com todos. Não tínhamos ideia de como resolver os problemas, mas encaramos fazer algo na escola que pudesse “acordar” o aluno daquele “sono” que o deixava alheio à sua vida escolar.

Figura 53 Acervo da escola Antônio Aladim. Elementos da resistência escrava no Brasil.

Assim, escolhemos os segundos anos do turno matutino, por ser no segundo ano que está boa parte do conteúdo que aborda a História da África e a História do Brasil. Nesta série do Ensino Médio, a história da África se inicia no século XV [com a chegada dos portugueses naquele continente] e termina nos fins do século XIX [com o fim da escravidão no Brasil Império]. Como tínhamos cinco segundos anos, separamos cinco temas [com subtemas], que foram: 1) Escravidão na África; 2) Travessia atlântica no navio negreiro; 3) Dominação e resistência; 4) Manifestação religiosa e 5) Culinária. Por fim, denominamos a atividade de **Amostra Afro-Brasil: sou negro, sim!** Foi necessário um bimestre inteiro [o terceiro] intercalando conteúdo curricular e trabalho de pesquisa; orientação e confecção dos relatórios em forma de painéis; utilizando material impresso [imagens e textos]; papel madeira, cartolina, papel peso quarenta; tinta para papel, cola para papel, tesoura, lápis coloridos e giz de cera usados por aqueles alunos que desenharam e pintaram cenas dos temas pesquisados. Quanto ao custo financeiro do material utilizado no trabalho, a escola colaborou com as impressões e parte do resto do material; os alunos compraram uma outra parte do material da amostra cultural e o professor da disciplina junto com a turma que trabalhou a culinária afro-Brasil [2º ano D], dividiram as despesas para feitoria das receitas gastronômicas.



Figura 54 Acervo da escola Antônio Aladim. Elementos religiosos da cultura afro-Brasileira.

A INVENÇÃO DE UMA PRÁXIS

Do início do mês de outubro até o dia 9 de novembro do ano de 2021, as turmas dos segundos anos, da Escola Antônio Aladim dedicaram parte de sua vida escolar na invenção da **Amostra Afro-Brasil: sou negro, sim!** Além de uma das duas aulas da semana ser dedicada à pesquisa e construção dos painéis-relatórios, os alunos se reuniram em casa para à produção do material a ser exposto. Na aula da semana dedicada ao trabalho de pesquisa e construção dos painéis, os alunos traziam dúvidas e resultados da pesquisa feita no período; cada turma foi dividida em grupos com subtemas e, na sala de aula, o trabalho ia ganhando forma, corpo, conteúdo e, ao mesmo tempo, o aluno começava a dar sinal de que a “sonolência” escolar, surgida durante



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

às aulas não presenciais [na pandemia], estava começando a desaparecer. A cada texto escrito ou transcrito que os alunos traziam de casa [prontos ou em construção], a cada ideia apresentada ao professor sobre como exibir um ou outro elemento, a cada imagem escolhida era indicativo de que a vida escolar poderia novamente seduzir os alunos à atividade estudantil. De imagens e textos pesquisados e impressos a partir do *Google*, de aquarelas surpreendentes feitas [ou reproduzidas] a partir das informações encontradas na pesquisa, de elementos da cultura material e imaterial afro-brasílica a amostra foi ganhando “vida” ou melhor: foi sendo criada, construída, inventada literalmente. Mesmo com um e outro tropeço, sempre superado numa conversa franca entre o professor e os alunos que formavam os grupos, os segundos anos do turno matutino, com um sopro de coragem e uma pitada de atrevimento atçaram, mexeram, balançaram a escola no dia 9 de novembro do ano de 2021. Se não foi possível mobilizar a toda a escola diretamente com a pesquisa e a invenção da mostra Afro-Brasil, por questões já citadas, por outro lado, a comunidade escolar participou do trabalho visitando os corredores da escola onde a atividade foi exposta durante os três turnos por cinco dias [tempo que o material produzido ficou exposto nas paredes internas da escola.



Figura 55 Acervo da escola Antônio Aladim. Gastronomia afro-brasileira.

UMA E OUTRA PALAVRA DE SAÍDA A CONSIDERAR

O que ficou da experiência pode, com poucas dúvidas, ser considerado muito bom. Quando questionados sobre a importância e o resultado da atividade escolar em questão, alunos envolvidos diretamente e visitantes, professores das demais unidades curriculares, área pedagógica e gestão, além do setor de apoio [pessoal da limpeza, cozinha, vigilância e inspeção de corredor] apontaram que o trabalho tinha “sacudido” a escola de modo positivo. Além dos bons comentários destinados aos resultados apresentados nos painéis [em todos havia alunos para apresentá-los e tirar dúvidas]; a amostra recebeu críticas positivas por ter um aluno da escola, filho de santo, para apresentar as questões da representação das religiões

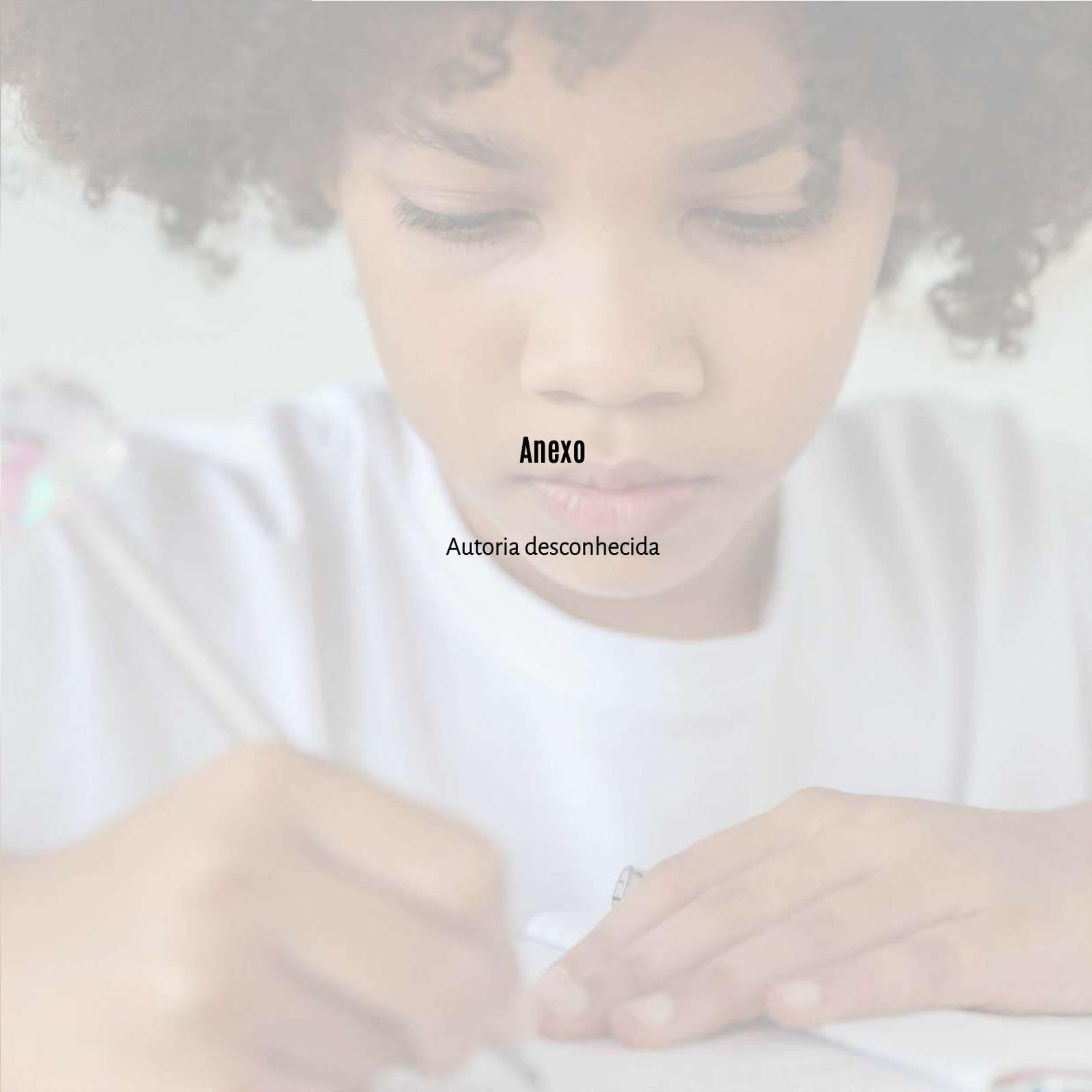


NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas afro-brasileiras. Também esteve presente nesse dia uma pequena roda de capoeira composta de alunos, ex-alunos e amigos de alunos que animou parte da manhã do dia 9 de novembro de 2021 na escola Antônio Aladim. Mais um ponto positivo difícil de esquecer, é a memória da degustação de comidas típicas da cultura afro-Brasileira; a comunidade escolar não esquece a feijoada [preta], o vatapá, o bobo de camarão e o caruru servidos na manhã daquele dia em pleno sertão do Seridó. Com exceção do chouriço, as receitas foram feitas por nós [professor de História dos segundos anos, e pelos alunos dos anos em questão]. Vale lembrar que foi servido, ainda, guloseimas de Cosme e Damião como cocada, balas e chouriço do sertão. Aqui é justo fazer uma anotação sobre os colegas professores: todos do turno matutino cederam, muito gentilmente, suas terceiras e quartas aulas; só assim foi possível um tempo suficiente para postar o material da amostra e, também, um período maior para que a escola pudesse visitar os temas distribuídos pelos painéis e provar da gastronomia ofertada. Uma última palavra de gratidão²² aos alunos dos segundos anos e suas famílias que abraçaram a atividade com carinho e afinho. Como esquecer, ainda, o apoio da gestão e setor pedagógico da escola que, mesmo com recursos ralos e incipientes, contribuíram de maneira muito generosa para que a **Amostra Afro-Brasil: sou negro, sim!** saísse da mente e se materializasse. Na escola, ainda hoje, sentimos as causas daquele momento pandêmico que tirou a educação do eixo; mas a atividade aqui exposta serviu para tirarmos um norte firmarmos um norte e redescobrir a vida escolar [a partir da unidade curricular História]. Apesar das lacunas que a amostra apresentou, a comunidade escolar avaliou a ação como algo positivo à retomada da vida escolar dentro da escola, efetivamente.

22 Também letras de gratidão à professora [e esposa] Janiclé Dionísia, pela generosa colaboração dada durante todo o processo de invenção da amostra, com dicas e confecção do painel de entrada.



Figura 56 Acervo da Escola Antônio Aladim. Painel registra elementos de Navio Negroiro.



Anexo

Autoria desconhecida

ANEXO

Autoria desconhecida

A HISTÓRIA DE THÉO E SUA MÃE

Essa é a História de um garoto chamado Theo que acordou um dia e perguntou a sua mãe: “Mãe, o que aconteceria se não existissem pessoas negras no mundo?”.

Sua mãe pensou por um momento e então falou: “Filho, siga-me hoje e vamos ver como seria se não houvesse pessoas negras no mundo”. E, então, disse: “Agora vá se vestir e nós começaremos”.

Theo correu para seu quarto e colocou suas roupas e sapatos. Sua mãe deu uma olhada nele e disse: “Theo, onde estão seus sapatos? E suas roupas estão amassadas, filho, preciso passá-las”. Mas quando ela procurou pela tábua de passar, ela não estava mais lá. Veja, Sarah Boone, uma mulher negra, inventou a tábua de passar roupa. E Jan E. Matzeling, um homem negro, inventou a máquina de colocar solas nos sapatos. “Então...- ela falou – Por favor vá e faça algo em seu cabelo. “ Theo decidiu apenas escovar seu cabelo, mas a escova havia desaparecido. Veja, Lydia O. Newman, uma mulher negra, inventou a escova. Ora, essa foi a visão...nada de sapatos, roupas amassadas, cabelos desarrumados. Mesmo o cabelo da mãe, sem as

NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

invenções para cuidar do cabelo feitas por Madame C. J. Walker... Bem, vocês podem vislumbrar...

A mãe disse a Theo: “Vamos fazer nossos trabalhos domésticos e, então, iremos ao mercado”. A tarefa de Theo era varrer o chão. Ele varreu, varreu e varreu. Quando ele procurou pela pá de lixo, ela não estava lá. Lloyd P. Ray, um homem negro, inventou a pá de lixo. Ele decidiu, então, esfregar o chão, mas o esfregão tinha desaparecido. Thomas W. Stewart, um homem negro, inventou o esfregão.

Theo gritou para a mãe; “Não estou tendo nenhuma sorte!” Ela responde: “Bem, filho, deixe-me terminar de lavar estas roupas e preparemos a lista do mercado”. Quando a lavagem estava finalizada, ela foi colocar as roupas na secadora, mas ela não estava lá. Acontece que George T. Samon, um homem negro, inventou a secadora de roupas.

A mãe pediu a Theo que pegasse papel e lápis para fazerem à lista do mercado. Theo correu buscá-los, mas percebeu que a ponta do lápis estava quebrada. Bem... ele estava sem sorte, porque John Love, um homem negro, inventou o apontador de lápis. A mãe procurou por uma caneta, mas ela não estava lá, porque William Purvis, um homem negro, inventou a caneta-tinteiro. Além disso, Lee Burridge inventou a máquina de datilografia e W. A. Lovette, a prensa de impressão avançada.

Theo e sua mãe decidiram, então, ir direto para o mercado. Ao abrir a porta, Theo percebeu que a grama estava muito alta. De fato a máquina de cortar grama foi inventada por um homem negro, John Burr.

Eles se dirigiram para o carro, mas notaram que ele simplesmente não sairia do lugar. Isso porque Richard Spikes, um homem negro, inventou a mudança automática de marchas e Joseph Gammel inventou o sistema de super carga para os motores de combustão interna. Eles perceberam que os poucos carros que estavam circulando, batiam uns contra os outros, pois não



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

havia sinais de trânsito. Garret A. Morgan, um homem negro, foi o inventor do semáforo.

Estava ficando tarde e eles, então, caminharam para o mercado, pegaram suas compras e voltaram para casa. Quando eles iriam guardar o leite, os ovos e a manteiga, eles notaram que a geladeira havia desaparecido. É que John Standard, um homem negro, inventou a geladeira.

Colocaram, assim, as compras sobre o balcão. A essa hora Theo começou a sentir bastante frio. Sua mãe foi ligar o aquecimento. Acontece que Alice Parker, uma mulher negra, inventou a fôrnalha de aquecimento. Mesmo no verão eles não teriam sorte, pois Frederick Jones, um homem negro, inventou o ar-condicionado.

Já era quase a hora em que o pai de Theo costumava chegar em casa. Ele normalmente voltava de ônibus. Não havia, porém, nenhum ônibus, pois seu precursor, o bonde elétrico, foi inventado por outro homem negro, Elbert R. Robinson. Ele usualmente pegava o elevador para descer de seu escritório, no vigésimo andar do prédio, mas não havia nenhum elevador, porque um homem negro, Alexander Miles, foi o inventor do elevador.

Ele costumava deixar a correspondência do escritório em uma caixa de correio próximo ao seu trabalho, mas ela não estava mais lá, uma vez que foi Philip Downing, um homem negro, o inventor da caixa de correio para a colocação de cartas e William Berry inventou a máquina de carimbo e de cancelamento postal.

Theo e sua mãe sentaram-se na mesa da cozinha com as mãos na cabeça. Quando o pai chegou, perguntou-lhes: “Por que vocês estão sentados no escuro?”. A razão disso? Pois Lewis Howard Latimer, um homem negro, inventou o filamento de dentro da lâmpada elétrica.

Theo havia aprendido rapidamente como seria o mundo se não existissem as pessoas negras. Isso para não mencionar o caso de que pudesse ficar doente e se necessitar de sangue. Charles Drew, um cientista



NEGRITUDE POTIGUAR _educação antirracista - textos, experiências & cartilhas pedagógicas

negro, encontrou uma forma para preservar e estocar o sangue, o que o levou a implantar o primeiro banco de sangue do mundo. E se um membro da família precisasse de uma cirurgia cardíaca? Isso não seria possível sem o Dr. Daniel Hale Williams, um médico negro, que executou a primeira cirurgia aberta de coração.

Então, se você um dia imaginar como Theo, onde estaríamos agora sem os Negros? Bem, é relativamente fácil de ver.

Nós ainda estaríamos na ESCURIDÃO!



EDITORA OITICICA

Selo editorial ANTROPOS CULTURAL

www.editoraoitica.com.br | [@editoraoitica](https://www.instagram.com/editoraoitica)